

Larissa Silva Guimarães Arruda

**PERFIL E TRAJETÓRIA DE RECREADORES:**

uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2018

Larissa Silva Guimarães Arruda

**PERFIL E TRAJETÓRIA DE RECREADORES:**

uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos do Lazer do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2018

A779 Arruda, Larissa Silva Guimarães  
2018 Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho. [manuscrito] / Larissa Silva Guimarães Arruda – 2018.  
184 f., enc.: il.

Orientador: Hélder Ferreira Isayama

Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 158-171

1. Lazer - Teses. 2. Trabalho – Teses. 3. Recreação – Teses. I. Isayama, Helder Ferreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

**Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB: n° 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.**

Dedico esta dissertação à minha família em especial a Reni Júnior, meu amor, companheiro e amigo de todas as horas. À minha mãe Geralda (*in memoriam*), que nos deixou um ano antes de eu iniciar a minha trajetória no campo do Lazer. Ao meu pai, Vicente; aos meus irmãos Risério e Danielle; e à minha madrinha Dina, que me apoiaram a todo momento. A Tufi, minha melhor companhia nas horas de estudo. E a todos os demais familiares, amigos, amigas, pacientes, que me incentivaram ao longo desse percurso. Aos recreadores e recreadoras que fizeram parte dessa pesquisa, toda dedicatória.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que vem conduzindo meu caminho e transformando as dificuldades em grandes oportunidades de crescimento pessoal e profissional durante todo este processo.

À minha família, minha essência, agradeço todo carinho e apoio. Amo muito todos vocês. Ao meu marido Reni Júnior, agradeço pelo companheirismo, paciência, amizade e amor no decorrer deste período. A minha eterna gratidão por você ter sido a pessoa responsável por me incentivar a trilhar o caminho até então desconhecido do Lazer. O seu incentivo foi primordial para (re)viver objetivos que andavam adormecidos. Obrigada por ouvir minhas angústias e, principalmente, por acreditar em meu potencial. Agradeço cada abraço, cada palavra de apoio: *“Aproveita, o momento é seu”, “Chegar onde você chegou, não é para qualquer um, saboreie essa vitória”, “Calma, estou aqui, olha tudo o que já passamos e onde estamos agora”, “Vai dá tudo certo, sabíamos que não seria fácil”* - elas fizeram toda a diferença para que eu chegasse até aqui.

À minha mãe Geraldinha (*sempre presente*), agradeço por todo amor e dedicação nos vinte e nove anos que Deus me presentou com a oportunidade de ser sua filha. Mãe, obrigada por acreditar em minha capacidade quando eu mesma não conseguia acreditar, divido com você essa conquista, sei que está feliz e tenho certeza que hoje o céu está em festa.

Ao meu pai Vicente, por se fazer presente mesmo estando a alguns quilômetros de distância, obrigada por juntos (re)construirmos nossa história.

Ao meu irmão Risério, pelo carinho, torcida e incentivo sempre.

À minha irmã Danielle, por acreditar que eu iria dar conta, mesmo em meio a tantas dificuldades; não esqueço suas palavras *“Sabe porque você está passando por isso? Porque fazer mestrado não é pra qualquer um, calma, dará tudo certo”*.

À tia Dina, minha madrinha, obrigada pelo amor incondicional.

À minha amiga-irmã Valéria, pelo apoio, carinho e companheirismo nessa jornada. E claro, muito obrigada pela tradução do resumo.

À minha prima irmã Gabriele, por acreditar em mim e por me ter como referência em sua vida acadêmica, sinto-me lisonjeada.

Aos meus sogros Reni e Graça e à minha cunhada Renata, pelo suporte, apoio e confiança. À minha sobrinha Maria Tereza, por conseguir me arrancar os mais sinceros sorrisos, mesmo quando a tristeza e as incertezas tomavam conta de mim.

Às minhas amigas e amigos: André, Claudinho, Camila, Josi, Laura, Lorena, Luiza, Marlene, que torceram por mim mesmo sabendo da minha ausência e compreendo o

meu afastamento temporário. O meu obrigada especial a você, Claudinho, que partiu antes de eu concluir essa jornada. Consigo ouvir a sua voz me dizendo: *parabéns esponjinha*.

À Tati, pelo incentivo e torcida. Não esqueço de você me dizendo “*A mestre da família*”.

Aos meus pacientes/clientes, agradeço a compreensão da minha ausência em alguns momentos deste meu percurso formativo. Obrigada pela confiança depositada em meu trabalho, pelo apoio e momentos de escuta - guardo cada um de vocês em meu coração.

Agradeço à minha psicóloga Eunice Gomes pelo auxílio na construção desta nova trajetória formativa, por me fazer compreender que seguimos em frente, “apesar de...” Obrigada por fazer a minha trajetória de vida mais leve.

À minha nutricionista, Dra. Patrícia Alves Soares, por toda dedicação, carinho e cuidados para além da minha alimentação. Obrigada pelos sorrisos, abraços e momentos de conversa, saiba que sou eternamente grata por tudo que faz por mim.

À minha fisioterapeuta, Andressa, pelo cuidado e dedicação no tratamento das lesões e dores que apresentei durante o mestrado, o seu atendimento foi primordial para que eu conseguisse manter as “intermináveis” horas de estudo.

Aos colegas de sala, que compartilharam comigo todas as etapas e com os quais espero continuar tendo contato. Destaco aqui a amizade da Renata e do Igor, que acompanharam todas as minhas conquistas, alegrias, tristezas e inquietações durante esses dois anos. Obrigada pelos momentos de escuta e também por compartilharem comigo suas histórias, que sigamos em frente com essa amizade coma qual o mestrado nos presenteou.

Aos amigos do grupo de pesquisa Oricolé, em especial ao Bruno, Carla, Hilton, Karine, Marcília e Marie, pelas contribuições na construção dessa dissertação. Vocês foram determinantes para eu continuar a enveredar pelos estudos do Lazer. Com vocês, aprendi o significado e o sentido de orientação coletiva, de grupo e acolhimento.

A todos os recreadores e recreadoras que se disponibilizaram a participar desta pesquisa, fazendo com que este trabalho se tornasse realidade.

Ao Cleber, da empresa Clube dos Recreados, pelo grande auxílio na divulgação dos questionários *online*. À empresa Ciranda de Roda, em especial a Babita e a Tatá, por acreditarem nesse estudo. Agradeço as trocas de experiências e o aprendizado.

A todos e todas que se disponibilizaram a divulgar a minha pesquisa por meio das redes sociais, em especial o meu amigo Everton Ataíde. Obrigada pelo auxílio e hospedagem em sua casa durante o ENAREL 2017.

Aos membros da banca, pelas contribuições presentes desde o processo de qualificação do trabalho. É uma honra compartilhar esse momento com vocês.

Em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama. Obrigada pela credibilidade depositada, pelo esforço e colaboração significativa no desenvolvimento deste trabalho e, principalmente, por compreender meus limites e dificuldades. Seu cuidado e atenção foram primordiais para que eu continuasse a caminhada no âmbito do Lazer.

A todos (as) os (as) professores (as) do mestrado, agradeço pelos ensinamentos, conversas e trocas de experiências.

Às pessoas que, porventura, não foram aqui citadas, mas que contribuíram de alguma forma para a conclusão deste trabalho.

A todos vocês, o meu muito obrigada!

*Eu posso compartilhar com você o segredo do sucesso em três palavras – UM POUCO MAIS. Eu sempre tentei fazer tudo o que eu idealizei e um pouco mais. Essa três palavras realmente fizeram a diferença no meu sucesso (Mary Kay Ash).*

*O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam (Guimarães Rosa).*



## RESUMO

Pesquisas sobre a atuação profissional e mercado de trabalho têm sido foco de diferentes áreas preocupadas com a qualidade da ação exercida por seus profissionais. No campo da recreação e do lazer, poucos estudos têm sido propostos acerca da temática, a partir da visão dos recreadores. Assim, o objetivo do presente estudo é descrever e analisar o perfil, a trajetória e a construção de saberes de recreadores, identificando as relações no âmbito da formação e da atuação profissional no lazer no mercado de trabalho. A metodologia utilizada baseou-se numa combinação entre as pesquisas bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo concretizou-se por meio do emprego das técnicas de aplicação de questionário *online* e realização de entrevistas semiestruturadas. O uso do questionário *online* teve a pretensão de abranger recreadores em âmbito nacional, englobando as questões relacionadas ao perfil e ao mercado de trabalho e foi respondido por quarenta e quatro recreadores. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com cinco recreadores atuantes em uma empresa de recreação de Belo Horizonte e permitiram a análise das questões referentes à trajetória e à construção de saberes desses recreadores. Para a interpretação dos dados, foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS IBM), na versão 20 e o *software* Nvivo, versão 10, juntamente com a análise de conteúdo. A partir da análise das respostas ao questionário e das reflexões estabelecidas, foi possível identificar que a maioria dos recreadores possuem formação em nível superior completa, com prevalência no curso de Educação Física e sua atuação se dá, principalmente, no setor privado. Os profissionais afirmam que o perfil para atuar com a recreação e com o lazer envolve características como: ser comunicativo, dinâmico, alegre, educado, ter amor pelo que faz e possuir conhecimentos teóricos sobre recreação e lazer. As potencialidades do mercado de trabalho, no âmbito do lazer e da recreação, estão relacionadas à possibilidade de inserção de profissionais oriundos de diferentes áreas de formação, podendo o profissional atuar tanto no setor público, privado e/ou terceiro setor e exercer uma multiplicidade de funções e/ou cargos. Com relação aos limites presentes neste mercado, esta pesquisa aponta que eles estão relacionados com a insatisfação dos profissionais quanto à remuneração recebida e com a desvalorização da profissão, que se dá considerando dois aspectos: o primeiro relaciona-se com a falta de valorização do profissional pela sociedade e o segundo, está relacionado com a presença de mão de obra não qualificada no mercado. Os recreadores entrevistados possuem ensino superior incompleto em Teatro, Comunicação e Direito, atuam no setor privado e os saberes que mobilizam em sua atuação têm relação com a construção de suas trajetórias de vida acadêmica e profissional; bem como com a experiência na realidade, que ocorre por meio do brincar, de jogos, do lazer e da vivência com outras manifestações culturais, como o teatro e a dança. Portanto, os seus saberes são oriundos dos saberes curriculares e disciplinares, mas, principalmente, das experiências pessoais e dos saberes da experiência adquiridos ao longo de sua atuação profissional.

**Palavras-Chave:** Lazer. Atuação Profissional. Mercado de Trabalho. Construção de Saberes. Recreadores.

## ABSTRACT

Research on professional performance and labor market have been focus of different areas concerned with the quality of the action exercised by their professionals. In the field of recreation and leisure, few studies have been proposed about the thematic from the view of the recreation entertainers. Therefore, the objective of the present study is to describe and analyze the profile, the trajectory and construction of recreation knowledge, identifying relationships within the training and professional performance at leisure int the labor market. The methodology used was based on a combination of bibliographic and field research. The field research has been implemented through the use of online questionnaire and semi-structured interviews. The use of online questionnaire was intended to cover recreation entertainers nationwide encompassing issues related to the profile and the labor market and was answered by forty-fours professionals. The semi-structured interviews were conducted with five professionals working in a recreation company of Belo Horizonte and allowed the analysis of the questions related to the trajectory and the construction of recreation knowledge of these recreation entertainers. For the interpretation of the data, we used the program "Statistical Package for Social Sciences" (SPSS IBM) in version 20 and the software Nvivo, version 10, along with content analysis. From the analysis of the answers to the questionnaire and the established reflections, it was possible to identify that most of the recreation entertainers have completed higher education, with prevalence in the Physical Education course and its action is mainly in the private sector. The professionals affirm that the profile to act with the recreation and with the leisure involves characteristics like: to be communicative, dynamic, cheerful, educated, to have love for what it does and to possess theoretical knowledge on recreation and leisure. The potential of the labor market, in the context of leisure and recreation, are related to the possibility of insertion of professionals from different training areas, are related to the possibility of insertion of professionals from different areas of training, the professional being able to act both in the public sector, private and/or third sector and to exercise a multitude of functions and/or positions. With regard to the limits present in this market, this research points out that they are related to the dissatisfaction of professionals regarding the remuneration received and the devaluation of the profession, which occurs considering two aspects: the first one relates to the lack of appreciation of the professional by society and the second is related to the presence of unskilled labor in the market. The recreation entertainers interviewed have incomplete higher education in Theater, Communication and Law, work in the private sector and the knowledge they mobilize in their work are related to the construction of their careers of academic and professional life; as well as with experience in reality, which occurs through play, games, leisure and living with other cultural manifestations such as theater and dance. Therefore, their knowledge comes from the curricular and disciplinary knowledge, but mainly from the personal experiences and the knowledge of the experience acquired throughout their professional performance.

**Keywords:** Leisure. Recreation. Professional performance. Labor market. Construction Knowledge. Recreation entertainers.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1- Setores de atuação profissional dos recreadores que responderam o questionário da pesquisa.....	44
GRÁFICO 2 - Locais de atuação profissional dos recreadores que responderam o questionário da pesquisa.....	46
GRÁFICO 3 - Funções desenvolvidas pelos recreadores que responderam o questionário da pesquisa.....	48
GRÁFICO 4 - Cargo ou ocupação exercida pelos recreadores nos locais em que atuam..	54
GRÁFICO 5 - Vínculo de trabalho dos profissionais pesquisados.....	57
GRÁFICO 6 - Principal fonte de renda dos profissionais pesquisados.....	59
GRÁFICO 7 - Renda mensal dos profissionais pesquisados.....	60
GRÁFICO 8 - Pontos positivos do trabalho com recreação/lazer a partir das respostas dos profissionais.....	64
GRÁFICO 9 - Pontos negativos do trabalho com recreação/lazer a partir das respostas dos profissionais.....	66
GRÁFICO 10 - Expectativa/preensão em permanecer atuando no campo da recreação e do lazer segundo os respondentes da pesquisa.....	69
GRÁFICO 11 - Faixa etária dos respondentes da pesquisa.....	72
GRÁFICO 12 - Raça ou cor declarada pelos profissionais que respondera a pesquisa.....	74
GRÁFICO 13 - Representação dos estados dos profissionais que responderam à pesquisa.....	76
GRÁFICO 14 - Grau de instrução dos profissionais que responderam ao questionário....	77
GRÁFICO 15 - Tempo de atuação por grau de instrução dos respondentes.....	78
GRÁFICO 16 - Cursos técnicos realizados pelos profissionais que responderam à pesquisa.....	79
GRÁFICO 17 - Cursos realizados pelos profissionais que responderam à pesquisa com ensino superior completo e incompleto.....	81
GRÁFICO 18 - Áreas da pós <i>lato sensu</i> realizadas pelos respondentes da pesquisa.....	82
GRÁFICO 19 - Áreas da pós <i>stricto sensu</i> realizadas pelos respondentes da pesquisa.....	83
GRÁFICO 20 - Tempo de atuação dos profissionais que responderam à pesquisa.....	84
GRÁFICO 21 - Média de idade por tempo de atuação dos profissionais que	

responderam à pesquisa.....	84
GRÁFICO 22 - Influências para atuar no campo da recreação e do lazer segundo os respondentes da pesquisa.....	86
GRÁFICO 23 - Influência dos percursos formativos na carreira dos profissionais que responderam à pesquisa.....	88
GRÁFICO 24 - Características necessárias ao profissional do lazer e da recreação.....	89
GRÁFICO 25 - Saberes necessários ao profissional que atua com a recreação e o lazer..	93
GRÁFICO 26 - Competências necessárias ao profissional que atua com a recreação e o lazer.....	95
GRÁFICO 27 - Conhecimentos buscados pelos respondentes da pesquisa para atuarem com a recreação e o lazer.....	98
GRÁFICO 28 - Frequência em cursos de extensão, congressos/eventos acadêmicos dos respondentes da pesquisa.....	101
GRÁFICO 29 - Frequência de leitura dos respondentes da pesquisa.....	104
GRÁFICO 30 - Práticas de lazer presentes na vida dos profissionais.....	106

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRE - Associação Brasileira de Recreadores  
ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
CAAEE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CBEL - Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer  
CBO - Classificação Brasileira de Ocupações  
CFP - Conselho Federal de Psicologia  
CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas  
CNES - Cadastro Nacional de Saúde  
COEP - Comitê de Ética em Pesquisa  
COFFITO - Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
CONBRACE - Congresso do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte  
CONFED - Conselho Federal de Educação Física  
DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos  
EEFFTO - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer  
FNEPAS - Fórum Nacional de Educação das Profissões na Área da Saúde  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
LEAFRO - Laboratório de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas  
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros  
MEI - Microempreendedor Individual  
NPG - Núcleo de Planejamento e Gestão  
ONG - Organização Não Governamental  
ORICOLÉ - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional  
PB - Paraíba  
PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego  
PELC - Programa de Esporte e Lazer da Cidade  
PL - Projeto de Lei  
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas  
RPG - Reeducação Postural Global

SESC - Serviço Social do Comércio

SESI - Serviço Social da Indústria

SPSS IBM - Statistical Package for Social Sciences International Business Machines

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TU - Teatro Universitário

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNESP/RC - Universidade Estadual Paulista / Rio Claro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1 Percurso Metodológico .....	29
<b>2 LAZER E RECREAÇÃO: UM CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL</b> .....	<b>37</b>
2.1 Conceito de Recreação e Lazer .....	37
2.2 Campo de Atuação Profissional – potencialidades, limites e reflexões .....	41
2.2.1 Atuação Profissional e suas relações com o mercado de trabalho .....	43
2.2.2 Caminhos Possíveis de Atuação Profissional .....	55
2.2.3 Potencialidades e Limites no Campo de Atuação Profissional da Recreação e do Lazer. .....	63
<b>3 PERFIL DOS RECREADORES E SUAS RELAÇÕES COM A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL</b> .....	<b>71</b>
3.1 Sujeitos da Pesquisa e suas Formações .....	71
3.1.1 Formação dos Sujeitos .....	76
3.1.2 Atuação Profissional – tempo e influência na atuação .....	83
3.2 Perfil, características, conhecimentos, saberes e competências necessários ao recreador	88
3.2.1 Conhecimentos e o campo de atuação .....	97
3.3 Práticas e experiências de lazer e suas contribuições na formação e atuação profissional .....	105
<b>4 TRAJETÓRIA DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE SABERES: O CASO DE RECREADORES QUE ATUAM EM BELO HORIZONTE</b> .....	<b>109</b>
4.1 Reflexão sobre trajetória e construção de saberes .....	110
4.2 Manifestações culturais: vivências no decorrer da vida e os saberes sobre lazer.....	117
4.3 Formação inicial e os saberes sobre lazer .....	124
4.4 Percurso Profissional: experiências e saberes mobilizados na trajetória de recreadores	128

4.5 Conhecimento e Habilidades requeridas ao profissional que atua com recreação .....	140
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>152</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>158</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>171</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O desejo de estudar a trajetória, a construção de saberes e o perfil dos recreadores que atuam na área do lazer e da recreação tem vínculos com o percurso que trilhei nos âmbitos familiar, pessoal, profissional e acadêmico, que me despertaram dúvidas e questionamentos para a sistematização desse debate.

Em minha infância, pude experimentar diversas possibilidades de experiências de lazer, como jogos, brincadeiras, construção de brinquedos e práticas esportivas de natação e handebol, atividades que foram incentivadas por meus pais que eram formados em Educação Física. Meu pai, especificamente, atuou como recreador em clubes e ruas de lazer, além de ministrar cursos sobre recreação, jogos e brincadeiras.

Com relação a essas experiências, a prática da natação, num primeiro momento, era ligada apenas ao aprender a nadar, como forma de brincar, divertir, reunir a família e os amigos nos finais de semana, sendo o meu lazer preferido. Até que, a partir dos 7 e até os 11 anos de idade, passei a praticar natação com o objetivo de competição, no Montes Claros Tênis Clube (Praça de Esportes), situado em minha cidade natal, Montes Claros - Minas Gerais (MG). Apesar de ter sido por um curto período, pude vivenciar competições municipais e estaduais, realizar viagens e aprender a ganhar e a perder, assim o esporte me ajudou a vencer barreiras, interferindo em minha qualidade de vida. Não quero aqui idolatrar o esporte, pois tenho consciência de seus limites e potencialidades, mas deixo claro a minha percepção enquanto praticante, num período importante de minha vida.

Após este período, me mantive ligada à prática esportiva até os 14 anos de idade, dedicando-me ao handebol, mas afastei-me dessa atividade durante o ensino médio, devido aos estudos para o vestibular e à mudança para a cidade de Poços de Caldas – MG.

Após essa trajetória no esporte, que perpassou a minha infância e parte da juventude, resolvi estudar Fisioterapia, área cuja formação me propiciaria atuar, até então, com o esporte, mediante a reabilitação de atletas. Em 2005, iniciei o curso de Fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) - Campus Poços de Caldas. Em minha formação inicial, estive ligada à proposta de monitorias de disciplinas do ciclo básico (genética), de temáticas específicas do curso (fisioterapia aplicada à neurologia e fisioterapia respiratória) e de atividades extracurriculares (atendimento com caráter preventivo para as atletas da ginástica rítmica da cidade). Outro ponto importante em minha trajetória acadêmica foi a participação como colaboradora em um Projeto de Pesquisa de Doutorado que discutia a efetividade do Método de Reeducação Postural Global (RPG) e da Cinesioterapia

Convencional no tratamento das dores crônicas da coluna vertebral: ensaio clínico controlado e randomizado. Além de estar envolvida com a pesquisa, realizei cursos e minicursos na área da Fisioterapia; participei de eventos acadêmicos: simpósios realizados pelo curso (como membro da equipe organizadora nos anos de 2008 e 2009); de fóruns, como o Fórum Nacional de Educação das Profissões na Área da Saúde (FNEPAS); das Olimpíadas Escolares e da Copa Petrobrás de Handebol, atuando como estagiária/acadêmica de Fisioterapia no atendimento aos atletas durante o evento.

Ao concluir o curso de Fisioterapia, em julho de 2010, comecei a atuar como professora de pilates, realizando atendimentos domiciliares a pacientes com quadro ortopédico e/ou neurológico; e atuando em academias, sendo responsável pela avaliação fisioterapêutica e reabilitação. Na avaliação fisioterápica, o sujeito relatava os seus objetivos ao praticar tal modalidade. Dentre os objetivos listados na avaliação estavam a perda de peso, busca por melhor saúde, condicionamento físico, hipertrofia, indicação médica, alívio de dor, lazer, dentre outros. Ouvir que os sujeitos apontavam o lazer como objetivo da prática de atividade física, despertou-me curiosidade porque os demais objetivos eu compreendia, entendia e sabia como direcionar e orientar o aluno para que pudessem ser alcançados. Porém, o que era lazer, como compreender o que o cliente buscava e como auxiliá-lo, eram questões que não conseguia responder. Senti falta, em minha formação acadêmica, de conhecimentos teórico-práticos sobre os estudos do lazer, afinal essa temática não foi aprofundada na graduação que cursei, que tinha como ênfase a reabilitação clínica. Ressalto que nenhuma formação acadêmica dá conta de ensinar todos os conteúdos, até mesmo porque eles estão ligados a um processo histórico de formação da profissão, a um currículo que não é neutro e está permeado de interesses que determinam e selecionam os saberes a serem ensinados.

Contudo, minha prática profissional e as experiências de lazer vividas por mim levaram-me a perceber que haveria proximidade entre os campos da saúde e do lazer sem prejuízo das especificidades de cada um. Dessa forma, busquei na especialização *lato sensu* em Lazer, ofertada na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a formação almejada para investigar as aproximações possíveis entre essas áreas. Nesta trajetória acadêmica, tive a oportunidade de participar do grupo de pesquisa Oricolé (Laboratório de pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer) da UFMG, que discute temas como a formação e a atuação dos profissionais de lazer; currículo e lazer; estudos culturais; políticas públicas de lazer e esporte; políticas públicas de formação profissional em lazer. Dessa forma, o vínculo

com o Oricolé, juntamente com a especialização, tornaram-se fios condutores do meu processo de formação profissional no campo do lazer.

Nesse processo, construí conhecimento sobre a temática lazer e isso me despertou para as questões da formação e atuação profissional. Neste sentido, desenvolvi uma investigação sobre currículo na especialização, na qual busquei analisar os processos formativos do profissional de fisioterapia no curso de graduação da UFMG e as relações com o campo do lazer. Este processo refletiu em minha atuação profissional, pois comecei a desenvolver, junto com a equipe da academia *Red Fitness*, na cidade de Contagem - MG, atividades de lazer para os clientes, por meio de conteúdos da recreação (jogos, brincadeiras e gincanas), além de começar a (re) pensar os treinos, para que eles se tornassem mais lúdicos. Tais propostas apoiaram-se no intuito de des (construir) a academia apenas como um local de cuidado e “culto” ao corpo, e sim um ambiente que pode propiciar a socialização, o bem estar e o lazer. Além disso, promovemos passeios e trilhas de bicicletas; caminhadas a parques da cidade de Belo Horizonte, como forma de despertar os clientes não somente para outras práticas físico esportivas, mas também como proposta de formação cultural e de (re)conhecer e apropriar-se dos espaços públicos e das potencialidades que eles oferecem.

Esta trajetória ampliou meu olhar para as questões do processo de formação, não apenas por meio da construção acadêmica, mas também mediante as experiências vividas por mim. Assim, penso a formação como uma trajetória construída pelas relações pessoais, acadêmicas e profissionais que entrecruzam fases da vida e da profissão. Por isso, considero necessário compreender que o profissional que atua com o lazer, em sua trajetória, constrói e reconstrói seus saberes conforme as suas experiências, a necessidade de sua utilização e de seus percursos formativos e profissionais. É no âmbito do debate da relação entre trajetória, construção de saberes e lazer que este estudo se insere e busca compreender como os recreadores constroem seus saberes para atuarem com a recreação e o lazer.

Neste sentido, compreender o contexto em que este profissional está inserido promoverá reflexões necessárias sobre os processos de formação e atuação profissional, na tentativa de entender como as habilidades e competências profissionais têm sido abordadas e, conseqüentemente, qual perfil profissional tem sido proposto e as suas relações com o mercado de trabalho.

Para introduzir a discussão e contextualizar o estudo, opto por apresentar três reflexões iniciais, a primeira sobre a trajetória, a segunda sobre o saber e a última sobre perfil e mercado.

Ao compreender a trajetória como um caminho que influencia e é influenciado pelas experiências vivenciadas pelo profissional, faz-se necessário esclarecer que dimensões da vida desse sujeito se constituíram como referência nesse percurso. Para Borges (1998), a trajetória, compreendida como o caminho percorrido por uma pessoa até que ela assuma o lugar que ocupa atualmente, tem conexão com escolhas e situações relacionadas a um conjunto de fatores externos a sua profissão que, aliados às suas condições subjetivas, constituem as circunstâncias de vida nas quais se desenrolam os momentos de escolha.

Spindola e Santos (2003, p. 121) afirmam que “o estudo sobre a vida das pessoas possibilita penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelecem ao longo de sua existência”. Para isso, as autoras descrevem que é necessário integrar a história de vida ao contexto em que ela se desenvolve, avaliando todo o conjunto de significações que formam a vida cotidiana.

Explicitando o tema, Betti e Mizukami (1997) estudaram a trajetória de vida de uma professora de Educação Física e apontaram que existem pontos intrínsecos e extrínsecos à pessoa que interferem na vida profissional. Como fatores intrínsecos, os autores apontaram a escolha vocativa da profissão, o interesse em continuar estudando, o prazer em dar aula e a influência da família; como pontos extrínsecos, por outro lado, foram apontados o reconhecimento de outros profissionais pelo seu trabalho, a interdisciplinaridade e as condições de infraestrutura escolar.

Outro exemplo a esse respeito foi o estudo de Burnier *et al.* (2007), que investigou a história de vida dos professores da educação profissional, focalizando os sujeitos e as diversas dimensões de suas trajetórias de vida (lazer, família, lugar de trabalho, grupos de referência etc.), ao mesmo tempo em que indaga sobre os projetos e valores que orientaram suas escolhas ao longo dos percursos profissionais. Estes autores concluíram que os processos identitários desses docentes resultam não apenas das experiências no campo do magistério, mas também das relações a partir de outros espaços sociais para além dos muros da escola, numa teia de significados, hábitos e valores oriundos dessa diversidade de experiências.

Por fim, o trabalho de Ceregatto e Neto (2012) retrata os aspectos da trajetória de vida para a formação dos discentes do curso de licenciatura em Educação Física e os diferentes aspectos que compõem o saber da experiência na prática desses estudantes. Os autores concluem que a escolha profissional foi apontada como um aspecto atrelado à trajetória de vida, cujas motivações perpassaram desde a facilidade de acesso ao mercado de trabalho até o interesse pela área, as vivências esportivas e a maior proximidade com o

professor de Educação Física dos tempos escolares. Em relação aos saberes da experiência, observou-se que estes são compostos por diferentes aspectos que perpassam tanto a socialização primária (pré-profissional), por intermédio das vivências esportivas, da recreação, da dança, das brincadeiras de infância e da experiência do aluno, quanto os anos de formação posteriores a ela.

Percebo que estes estudos chegam a conclusões similares, apontando que a trajetória de vida deixa traços e marcas que carregamos conosco, estando presente em nossas ações e sendo composta por vários elementos que são peculiares, conforme as experiências de cada pessoa, podendo caracterizar a prática social de um grupo.

Nesse sentido, Tardif e Raymond (2000) tratam dos saberes profissionais dos professores e de como se dá essa relação com os fenômenos da história de vida, da aprendizagem pré profissional do trabalho e da carreira docente. Para estes autores, a trajetória pré-profissional relaciona-se com as situações vivenciadas nas dimensões pessoal, social, familiar, escolar, religiosa, do lazer e cultural, com a história de vida e a socialização das pessoas na escola, em períodos anteriores a sua formação profissional. Desse modo, tais fatores definem boa parte daquilo que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis dessa profissão e sobre o como ensinar.

Com relação ao campo do lazer, cito a pesquisa de França (2003), que retrata como os professores(as) e pesquisadores(as) do lazer situam e incorporam o saber da experiência cultural em seu processo de formação e intervenção profissional; de Lima (2009), que investigou a trajetória de formação e atuação profissional de Ethel Bauzer Medeiros, estudiosa do lazer com produção significativa entre as décadas de 1940 a 1970; de Silva (2010), que buscou compreender como os professores universitários do campo do Lazer constroem seu saber docente e de Capi (2016), que analisou a trajetória profissional do grupo de formadores atuantes no Programa de Esporte e lazer da Cidade (PELC) e procurou entender como os saberes pessoais e da formação profissional foram construídos e articulados com a trajetória na atuação dos sujeitos como formadores do PELC. Essas pesquisas demonstraram que a construção dos saberes se diversifica, desenvolvendo-se em diferentes ambientes e fases da vida, e o que os indivíduos experimentaram em sua trajetória refletiu, de alguma maneira, em seu modo de ser, agir e de conduzir sua prática profissional.

Ademais, os estudos realizados na perspectiva de trajetória de vida, de formação e atuação profissional normalmente são estruturados para a construção de saberes de professores, tanto na área da educação, da educação física, quanto no campo do lazer (FILHO e RAMOS, 2010; FOLLE *et al.*, 2009; BURNIER *et al.*, 2007; BETTI e MIZUKAMI, 1997;

SILVA, 2010). Tais pesquisas apontam a importância de estudar a trajetória de vida, bem como a construção de saberes, e seu reflexo no processo de formação e atuação profissional, porém o fazem mediante do olhar da história de vida dos professores.

Outros trabalhos pesquisados que discutem a formação e/ou atuação dos profissionais de lazer foram o de Bernabé e Natali (2014), que estudaram a formação e atuação dos recreadores de uma equipe de recreação de Maringá e o de Célio (2014), que analisou o conhecimento acerca da temática recreação e lazer dos profissionais que possuem curso superior em educação física e dos profissionais não formados, mas que também atuam na área de recreação e lazer. Entretanto, estes estudos não levaram em conta a trajetória e a construção de saberes destes profissionais. Ressalvo, entretanto, que outros estudos podem ser encontrados em outras fontes de pesquisa.

Contudo, percebo que o trabalho por mim proposto é diferente dos demais, por pesquisar o próprio recreador, que atua dia a dia com a vivência do lazer e que, mesmo com um longo tempo de atuação no mercado, ainda faz parte de uma realidade profissional pouco reconhecida. Por isso, acho relevante questionar como os recreadores articulam seus saberes, uma vez que, nos dias de hoje, conforme aponta Isayama (2010), persiste a ideia de que profissional vem pronto e que não é necessário aprender conhecimentos técnicos, científicos e pedagógicos para atuar como profissional em lazer.

Neste contexto, entendo a trajetória como um caminho em que transitam as situações vivenciadas nas experiências pessoal e profissional e que marcam a construção dos saberes dos indivíduos. Apoiada em tal entendimento, a reflexão sobre o saber se torna imprescindível para a compreensão da construção de saberes sobre a recreação e o lazer na visão dos recreadores. Percebo que a noção do que vem a ser saber é polissêmica, pois, muitas vezes, essa palavra é utilizada como sinônimo ou antagônico da palavra conhecimento. No dicionário, Ferreira (2004), estes dois vocábulos apresentam significados diferentes. A palavra “saber” refere-se à obtenção de conhecimentos, sabedoria, erudição, prudência, sensatez, enquanto “conhecimento” está associada à ideia, noção de alguma coisa, informação, discernimento, ciência.

Para explicar a diferença entre saber e conhecimento recorro a Mrech (1999), que apresenta o saber como uma elaboração pessoal do sujeito, levando em conta a subjetividade, enquanto conhecimento seria seu contexto inicial, instituído a partir da informação, possibilitando, assim, um tratamento do tipo: “Eu sei que...”, “Eu não sei que...”. Freitas, Pierson e Franzoni (2000), compreendem como conhecimento

um conjunto de ideias, conceitos, representações e informações, que permitem, em princípio, fazer uma leitura orientada da realidade. Na sua forma objetiva ele está armazenado nos livros e computadores ou em outros meios, podendo ser acessado a qualquer momento. Ele pode ser transmitido de maneira clara, comunicado explicitamente, sobretudo com fórmulas ou palavras precisas. Entretanto, o sujeito pode manter relações distintas com o conhecimento que adquire, apresentando, nos extremos, um conhecimento de tipo alienado, que é obtido sem o seu comprometimento, e um conhecimento de tipo autônomo, em que o sujeito estabelece relações e com elas uma marca correspondente. É possível uma transposição do conhecimento alienado se aproximando do autônomo, via diferentes formas de investimento do sujeito, por exemplo, quando determinadas representações entram em ressonância com “significantes” inconscientes, ou quando, o sujeito tem uma participação efetiva e um alto grau de implicação na elaboração e no desenvolvimento de seus significados (FREITAS, PIERSON E FRANZONI, 2000, p. 1).

Os autores supracitados compreendem o saber como uma mistura de representações inconscientes e implícitas, com implicação subjetiva e envolvimento da libido. Para eles, o

Saber é o que nos orienta e, às vezes, nos amarra de maneira implícita nas escolhas do dia a dia. Paralelamente ao conhecimento, o saber também pode ser entendido como um *continuum* entre dois extremos: de um lado um saber bruto, caracterizado pela ausência do sujeito enquanto desejo de mudar e de buscar novos conhecimentos ou de estabelecer conexões entre os mesmos; do lado oposto um saber lapidado, caracterizado pela presença do sujeito enquanto desejo de ultrapassar os limites da relação com os conhecimentos adquiridos (FREITAS, PIERSON E FRANZONI, 2000, p. 1)

Para Altet (2001), o saber situa-se “entre dois polos”, na interface entre o conhecimento (integrado ao sujeito e de ordem pessoal) e a informação (exterior ao sujeito e de ordem social). Nesta perspectiva, o saber constrói-se na interação entre conhecimento e informação, entre sujeito e ambiente, na mediação e por meio dela.

Segundo Gauthier *et al.* (2006), o saber é um termo definido a partir de três concepções diferentes: a subjetividade, o juízo e a argumentação. O saber definido a partir da subjetividade é produzido pelo diálogo interior do homem, marcado pelo pensamento racional, sendo diferente da fé e das ideias preconcebidas, opondo-se à dúvida e à imaginação. O saber associado ao juízo procede de uma atividade intelectual, distanciando-se da representação subjetiva e da intuição, sendo entendido como o saber presente nos discursos que apresentam um saber verdadeiro sobre os fatos. Enquanto a argumentação é considerada como o saber do lugar e, nesse sentido, o sujeito busca validar uma ação por meio da lógica, da dialética, da atividade discursiva, baseada na racionalidade da natureza argumentativa.

Segundo Fidalgo e Machado (2000), os saberes estão relacionados à dimensão do contexto social em que os sujeitos se inserem. Assim, eles podem estar relacionados ao

processo de escolarização, à atividade de pesquisa, ao conjunto de saberes que constituem a ciência, a um saber adquirido por intermédio das experiências de situações de vida e ao processo de aprendizagem no ambiente de trabalho, com vistas a garantir produtividade e eficiência, dentre outros.

Foucault (1972) compreende como saber um conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva e que são indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar.

Trata-se de elementos que devem ter sido formados por uma prática discursiva para que eventualmente um discurso científico se constitua, especificado não por sua forma e seu rigor, mas também pelos objetos de que se ocupa, os tipos de enunciação que põe em jogo, os conceitos que manipula e as estratégias que utiliza (FOUCAULT, 1972, p. 220).

Segundo Foucault (1972), um saber é aquele de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra especificada como o domínio constituído pelos diferentes objetos que adquirirão ou não um estatuto científico. Um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso, de modo que há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido), mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode-se definir pelo saber que ela forma.

Considerando a existência da diversidade de saberes, entendo que também é viável explicitar os termos experiência e saber da experiência. Para isso, recorro a Bondía (2002), que aponta que a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar), e que a experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O autor, então, denomina a experiência como sendo “aquilo o que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou o que nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma” (p. 26). Dessa forma, o autor retrata o saber da experiência, considerando que ele se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, por isso “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (BONDÍA, 2002, p. 27).

O saber não é aqui entendido como um conceito diferente de conhecimento, mas como algo amplo que integra o que é compreendido por alguns autores como conhecimento e considera também a elaboração, a aquisição e a representação deste pelos sujeitos. O saber que interessa neste estudo é o saber que tem sido elaborado sobre o lazer e a recreação; as reflexões, argumentos, experiências que vêm sendo desenvolvidos pelos profissionais atuantes nesse campo. Assim, acredito que a prática dos profissionais de lazer, aqui tratados como



recreadores, pode ser um espaço formativo de aprendizagem que possibilita a produção de saberes por meio de vivências que contribuam para a atuação profissional.

Contudo, acho importante relacionar os saberes oriundos da prática profissional com os saberes acadêmicos e científicos, pois os mesmos podem extrapolar a atuação centrada no senso comum, pois, uma vez fundamentado, é possível encontrar brechas para intervir no campo do lazer e da recreação, quebrando a ideia de que o profissional é um mero executor de tarefas ou de uma programação pré estabelecida, além de romper com o discurso de que para atuar nessa área não é preciso formação, apenas ter o dom. Nesse sentido, a formação torna-se dispensável, pois outras características são mais valorizadas, como destacado por Stoppa (2000), ao refletir sobre o perfil profissional almejado:

A questão de aceitação da filosofia de trabalho do local, a questão da estética pessoal do candidato (delimitação de um determinado “padrão” de beleza), além de a pessoa ou gostar de crianças ou ser extrovertida, causando, muitas vezes, uma grande confusão em que o bom profissional é associado à pessoa mais palhaça, engraçada, que procura em tudo fazer “graça” e a todos fazer cair na gargalhada (STOPPA, 2000, p.177).

Tendo em vista o mercado de trabalho, atuam no âmbito do lazer os seguintes perfis: pessoas sem formação acadêmica, profissionais com formação acadêmica específica em lazer e profissionais com formação acadêmica em diferentes cursos. Pensando no perfil do profissional de lazer, Pina (2012) sugere que ele deve apresentar, em maior ou menor grau, independente da função exercida, algumas características básicas. Assim, a formação superior é desejável, mas não imprescindível, podendo ser realizada em diferentes cursos superiores; o profissional deve ser uma pessoa bem informada, tanto em conhecimentos gerais como específicos, mantendo-se atualizada social e culturalmente. Outras características importantes para esse profissional, de acordo com Pina (2012), são: comportamento e atitude; imaginação e intuição; criatividade; cooperativismo; dedicação; comunicação e auto formação permanente. Ressalto que esse autor apresenta ideias interessantes sobre o perfil dos profissionais de lazer, entretanto, Dias e Isayama (2014) consideram que ele parece direcionar o seu entendimento para a noção de empregabilidade, pois enfatiza as características profissionais como uma questão individual, sem levar em consideração os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que constituem nossa realidade, colocando no profissional a responsabilidade de estar disponível e preparado para todas as mudanças requeridas pelo mercado.

Autores como Melo e Alves Júnior (2012) também apontam características específicas, que também posso chamar de competências e habilidades, relacionadas à postura profissional e ao domínio de conteúdos, que devem ser buscadas pelos profissionais que atuam no campo do lazer. Em relação à postura profissional, os autores destacam a formação, liderança, comunicação, criatividade, organização, atualização e senso crítico. Quanto ao domínio de conteúdos, ressaltam: linguagens – a partir da compreensão das diferentes manifestações culturais como fenômenos culturais; lazer – entendendo a atuação profissional de maneira ampla, com uma intervenção pedagógica no âmbito da cultura, que pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos; e cultura – compreendendo-a como um conjunto de valores, com suas peculiaridades, importância e diferentes formas de apresentação em nossa sociedade.

Explicitando a temática, Pinheiro (2005) estudou o perfil dos profissionais de lazer e recreação de Florianópolis e evidenciou que a maioria era do sexo feminino, jovens e estudantes do ensino superior em Educação Física, com experiência entre um e três anos neste mercado e leitores de, em média, dois ou três livros por ano relacionados com a área. A maioria atuava na área da recreação e do lazer como forma de obter uma renda secundária, embora estivessem satisfeitos com a função que desempenhavam e pretendessem progredir na empresa em que trabalhavam. O estudo ainda demonstrou que os profissionais têm buscado uma maior capacitação profissional, porém apontam que a baixa remuneração, a sazonalidade do mercado e a concentração de trabalho nos finais de semana e férias contribuem para o abandono do mercado de trabalho.

Gomes (2012) analisou o perfil dos profissionais que atuam com lazer na unidade do Serviço Social do Comércio (SESC) de Minas Gerais da cidade de Bom Despacho, tendo em vista sua formação, locais de atuação, funções assumidas, concepções de lazer, entre outros. Os resultados demonstraram a presença de três perfis profissionais bem distintos no mesmo local de atuação devido ao processo de terceirização de serviços em lazer e recreação no SESC de Minas Gerais. O autor ainda apontou o despreparo de alguns profissionais entrevistados e a necessidade de melhoria nos processos de busca por formação continuada destes indivíduos.

O estudo de Vitória *et al.* (2012) teve como objetivo identificar o perfil dos profissionais atuantes na área de recreação e lazer na rede hoteleira do município de Foz do Iguaçu. Entre os principais resultados, observou que 95% dos participantes possuem nível superior concluído ou em curso. Desse grupo, 70% optaram pelo curso de Educação Física, outros profissionais são formados em Turismo, Pedagogia, Hotelaria e outros apresentam o

ensino médio. Somente 50% dos profissionais possuem algum curso de especialização ou atualização na área de recreação. Quanto à remuneração, a maioria dos entrevistados informou que os valores recebidos se diferenciam principalmente pelo tempo de experiência na área, de modo que a formação acadêmica não é o principal fator para definir os valores dos salários.

Sales (2016), procurou identificar o perfil dos gestores das empresas de Recreação e Lazer de Florianópolis e constatou que os gestores das empresas de Recreação e Lazer analisadas conhecem e utilizam frequentemente as funções de um gestor, porém alguns fatores precisam de mais atenção, como a distribuição das funções dos recreadores, a oferta de treinamentos periódicos a eles, e uma maior ênfase no controle financeiro. O estudo ainda demonstrou que 40% dos gestores são formados em Educação Física, 20% em Arquitetura e Urbanismo, 20% em Ciência da Computação e, por fim, 20% que não possui formação acadêmica. Além disso, foi possível verificar que todos possuem conhecimento detalhado de todos os serviços oferecidos pela empresa que atuam.

Os trabalhos supracitados demonstram que a maioria dos profissionais possui formação acadêmica concluída ou em andamento, principalmente na área da Educação Física, e que os profissionais possuem mais de uma função e atribuição. Entretanto, os estudos não apresentam propostas ou fundamentos que possam orientar a intervenção desse profissional na área. Outra questão a ser pensada diz respeito à multiplicidade de funções exercidas por esses profissionais que, apesar de interessante, também é complicada, pois envolve um domínio amplo de fundamentos, competências e habilidades nem sempre trabalhados de modo adequado na formação profissional (DIAS; ISAYAMA, 2014; ISAYAMA, 2009).

Portando, calcar a formação somente pelo viés prático torna-se um equívoco, uma vez que os campos de atuação profissional são dinâmicos e que uma sólida formação teórica permite identificar as configurações do exercício da profissão, permitindo a revisão e construção de saberes. Por outro lado, fundamentar o processo formativo apenas em questões teóricas e técnicas acaba tornando os saberes profissionais abstratos, distantes da realidade do mercado.

Assim, conhecer a trajetória dos recreadores significa identificar o caminho percorrido por eles até assumir o lugar profissional que ocupam atualmente. Para isso, entendo que esse processo deve constituir-se em conexão com os saberes desse profissional, pois conhecer quem é esse profissional, sua formação e como se desenvolve sua trajetória pode contribuir para a reflexão sobre a construção do saber, sobretudo, no campo dos Estudos do Lazer. Além disso, compreender o perfil destes profissionais pode nos trazer considerações

em relação aos saberes e competências que alicerçam sua ação profissional, bem como reflexões quanto as condições do mercado de trabalho e as possibilidades na intervenção profissional no campo do lazer e da recreação.

Diante desses apontamentos, a problemática deste estudo constitui-se em investigar a trajetória de recreadores em relação as suas experiências pessoais de lazer, à atuação profissional e à possível construção de saberes na área do lazer, bem como seu perfil e às possibilidades do mercado de trabalho. Assim, foram traçados os seguintes questionamentos:

- Quem são os sujeitos que atuam com a recreação e o lazer?
- Quais experiências pessoais e profissionais dos recreadores tiveram influência para a construção do saber sobre lazer e recreação?
- Qual o significado que esses profissionais atribuem às experiências obtidas durante sua trajetória pessoal e profissional?
- Quais as experiências e pessoas foram significativas no processo de construção de saber de recreadores?
- Como se dá a atuação desses profissionais e sua aproximação com o campo do lazer e da recreação?
- Quais características, habilidades e conhecimentos eles julgam necessários para a atuação nesses campos?
- Quais os objetivos e perspectivas desses profissionais em relação ao mercado de trabalho?

Desse modo, o objetivo deste estudo descrever e analisar o perfil, a trajetória e a construção de saberes de recreadores, identificando as relações no âmbito da formação e da atuação profissional no lazer, na recreação e no mercado de trabalho. Para tal, foi necessário: analisar a trajetória profissional dos recreadores; compreender como os saberes pessoais e profissionais são construídos e articulados com a sua trajetória de atuação como recreador; analisar as experiências e pessoas que influenciaram a construção de saber dos recreadores; discutir e analisar os limites e as possibilidades na intervenção profissional no campo da recreação e do lazer; descrever o perfil dos recreadores e analisar as condições do mercado de trabalho, tendo em vista a atuação profissional.

Desta maneira, estudar a trajetória de vida e a atuação dos recreadores se justifica porque o fenômeno lazer e a construção dos saberes podem apresentar diferentes concepções e apropriações pelos sujeitos envolvidos, além de poder estreitar os vínculos entre a

universidade e os demais profissionais atuantes no campo da recreação e do lazer. Dessa forma, o presente estudo pretende incentivar o diálogo entre pesquisadores e profissionais que atuam com a recreação e o lazer, a fim de qualificar o fomento de discussões que considerem a relação entre teoria e prática, buscando alternativas para aproximar essas dimensões.

Outro aspecto relevante é que não encontrei estudos que tratam essa temática a partir da visão destes profissionais. De acordo com Ferreira e Silva (2012), a realidade do profissional de lazer é pouco conhecida, mesmo com um longo tempo de atuação no mercado, demonstrando, assim, que se fazem necessários trabalhos que focalizem tal realidade, a identifiquem e promovam discussões quanto ao seu processo de atuação, reconhecimento e valorização profissional. Nesse sentido, Isayama (2010) aponta a carência de pesquisas sobre o tema e alerta que a formação de profissionais para atuar no campo do lazer necessita de estudos sob múltiplos olhares, principalmente pelo fato de que a pesquisa sobre essa temática revela escassa produção no Brasil.

Portanto, considero necessário compreender que os recreadores, em sua trajetória, constroem e reconstróem seus conhecimentos. Conhecer quem são esses profissionais e como desenvolvem sua trajetória pode contribuir para a reflexão do processo de formação e atuação profissional no campo do lazer.

### 1.1 Percurso Metodológico

O percurso metodológico utilizado nessa pesquisa é centrado numa abordagem qualitativa e quantitativa com característica exploratória, sendo realizado uma combinação entre as pesquisas bibliográfica e de campo.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, sendo caracterizada pela interpretação de significados não podendo ser reduzidos em dados numéricos, pois descrevem comportamentos, ações, percepções e características da realidade estudada (MINAYO, 2013). Esse tipo de pesquisa possibilita a proximidade entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, no sentido de fazer comunicar e compreender a complexidade do fenômeno estudado.

A pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo emprego da quantificação, por meio de técnicas ou programas estatísticos que possibilitam uma margem de segurança quanto aos resultados devido a sua precisão (GOMES; AMARAL, 2005). Pensar na pesquisa quantitativa com característica exploratória é considerar o fato de que a mesma possui um caráter mais

descritivo e “consiste em buscar elementos que visam a uma compreensão geral das características apresentadas pelo objeto de estudo” (GOMES; AMARAL, 2005, p. 66).

A pesquisa bibliográfica foi realizada em todas as etapas de elaboração deste estudo e teve como norte os termos lazer, recreação, formação e atuação profissional, trajetória de vida, construção do saber, perfil e mercado de trabalho. Para ampliar a busca de informações também articulei esses termos entre si, o que promoveu o estudo aprofundado destas temáticas e o exame crítico a partir de diferentes olhares sobre os temas e de possibilidades de construção de novas abordagens. Assim, corroboro as ideias de Marconi e Lakatos (2008, p. 57), que consideram que a pesquisa bibliográfica tem como “finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. E ainda, conforme Bianchetti e Machado (2006), o referencial teórico é um dos principais meios de irmos além da mera descrição, pois possibilita a atribuição de significados aos dados observados, além de orientar a construção do objeto.

O levantamento bibliográfico foi feito no acervo bibliográfico das bibliotecas integradas da Universidade Federal de Minas Gerais e Biblioteca de Teses e Dissertações, da biblioteca digital da Universidade Estadual de Campinas; no acervo do grupo de pesquisa Oricolé; nos sites de busca *Scielo*; na Revista Brasileira de Estudos do Lazer e Licere; bem como no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A pesquisa de campo concretizou-se por meio do emprego das técnicas de questionário *online* e entrevistas semiestruturadas, estas realizadas presencialmente. A utilização do questionário *online* teve a pretensão de abranger um maior número de recreadores no âmbito nacional, englobando as questões principalmente relacionadas ao perfil e mercado de trabalho. Já as entrevistas semiestruturadas, permitiram a análise das questões relacionadas à trajetória e construção de saberes dos recreadores.

Segundo Lüdke e André (1986), a utilização de diferentes procedimentos de investigação demonstra que a pesquisa busca identificar informações factuais nos documentos, a partir de questões e proposições de interesse, como também, a possível retirada de evidências que possam fundamentar as afirmações e declarações do pesquisador.

Para a pesquisa de campo, a primeira tentativa foi pesquisar uma associação de recreadores, porém a proposta não se concretizou. Diante desse fato, pesquisei por recreadores, empresas de recreação, grupos de recreação/recreadores em todo o Brasil, a partir de sites de buscas como o *Google* e em redes sociais como o *Facebook*. Nestas buscas

encontrei a empresa Clube dos Recreadores que, por meio de contatos via *Facebook* e *e-mail*, aceitou o convite em auxiliar na divulgação da pesquisa.

A escolha pelo Clube dos Recreadores<sup>1</sup> se deu, por ser uma empresa com a finalidade de elaborar, organizar, orientar e executar serviços nas mais diversas áreas do lazer, recreação e entretenimento para os diferentes nichos de mercado. A mesma tem como base buscar qualidade na realização dos serviços prestados e, para isso, conta com profissionais especializados que realizam qualificações e atuações profissionais, oferecidas pelo Clube dos Recreadores e/ou instituições parceiras de formação específica. Uma outra abordagem do clube é ser um canal de informação de diferentes campos de formação, disponibilizando, em sua página, uma área específica denominada “SOU RECREADOR”, em que é possível encontrar diversas informações que visam colaborar com o direcionamento para a formação dos recreadores no Brasil. No ano de 2014, a empresa iniciou publicações no canal do *Youtube*, chamado Sou Recreador, cuja proposta foi publicar diversas informações referentes à área da recreação. Em 2016, foi criada uma loja virtual para os recreadores, disponibilizando vestuário e matérias pedagógicas. Em 2017, foi lançado o Clube dos Recreadores Editora, especializada em publicação no segmento da recreação, com publicações voltadas para recreadores e professores da educação básica ou superior. No mesmo ano, foi estruturado o Grupo de Estudos em Recreação, cujo objetivo é desenvolver pesquisa para publicar em eventos da área, além de troca de conhecimento e vivência em atividades práticas.

Após o aceite do Clube dos Recreadores, por meio do Termo de Anuência (Apêndice A), os convites para participar da pesquisa foram enviados por meio do serviço de *mailing* e da página no *Facebook* – Clube’s Dos Recreadores. Neste convite, era encontrado o link<sup>2</sup> de acesso ao questionário *online*. Na primeira página de acesso estava disponível o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido <sup>3</sup>(TCLE) (Apêndice B), de forma que os participantes só avançavam para a etapa de responder ao questionário, caso concordassem em participar da pesquisa, tendo sido esclarecidos sobre os objetivos, critérios e procedimentos do estudo, garantindo o seu anonimato.

O questionário foi divulgado pelo Clube dos Recreadores no dia 11 de dezembro de 2017, sendo novamente disparado no dia 28 de dezembro de 2017 e ficou disponível até o

<sup>1</sup> As informações sobre o Clube dos Recreadores foram consultadas no site <<http://www.clubedosrecreadores.com/empresa.php>>. Acesso em 15 de dezembro de 2016.

<sup>2</sup> Nota - (<https://www.survio.com/survey/d/B6N1L5A4E9E8A7Y8A>)

<sup>3</sup> O TCLE é um documento exigido pelo COEP/UFMG para ser assinado por todos os sujeitos que participam de pesquisas envolvendo humanos. O objetivo desse termo é garantir o respeito devido à dignidade humana. Para a UFMG, a coleta de dados pode ocorrer somente após o termo de consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos, por si e/ou por seus representantes legais, ser assinado, comprovando a anuência à participação na pesquisa.

dia 23 de fevereiro de 2018. Devido ao baixo número de respondentes, a partir da data do dia 13 de março de 2018, o questionário *online* foi disponibilizado via *Facebook*, na página pessoal da pesquisadora; na página do grupo de pesquisa Oricolé; e para grupos tanto de caráter público quanto privado, presentes nesta rede social, que discutem a temática recreação e lazer. A data final da coleta dos questionários foi o dia 06 de abril de 2018, totalizando 46 (quarenta e seis) questionários recebidos. Destes, 2 questionários foram descartados, por não terem respondido às questões abertas de maneira adequada, colocando apenas uma letra ou pontuação para continuarem a responder o mesmo, ou seja, foram totalizados 44 (quarenta e quatro) questionários válidos. Ressalto que a divulgação do questionário nos grupos foi realizada após autorização dos administradores da página, mediante contato prévio por meio da mesma rede social. Os grupos<sup>4</sup> que aceitaram a divulgação da pesquisa foram: Recreação e Lazer, (Recreação e Lazer) Batatinha \*Alegriiiiiiaaaaaaa\*, 100% Recreação, Recreação, Recreação e Lazer/Educação Física/Saúde e Bem-Estar, Estudos do Lazer e da Recreação, Trabalhando com recreação, Lazer e Recreação no Paraná, Tio Piruquinha Recreação & Lazer, Recreação de Festas - Espírito Santo e Recreação e Eventos RJ.

Para a coleta dos dados, foi utilizado o questionário *online* gerado pelo software *Survio*. A empresa *Survio* é uma das principais prestadores de soluções de questionários pela *web* no mundo, utilizada por empresas, instituições acadêmicas e organizações diversas. O questionário utilizado foi desenvolvido pelos próprios pesquisadores, baseado em formulários semelhantes já utilizados em outras pesquisas. O questionário apresentou um total de 37 questões mescladas entre abertas e fechadas, todas obrigatórias, que contemplaram dados pessoais, relativos à formação acadêmica, dados profissionais e a relação entre formação profissional e atuação profissional (Apêndice C).

A utilização do questionário *online* é a escolha considerada viável em relação ao alcance geográfico e de amostragem que a pesquisa tentou atingir, uma vez que existente seguidores e apoiadores do Clube dos Recreadores e dos demais grupos, oriundos de diferentes estados brasileiros.

O questionário *online* foi pensado levando em conta o que Flick (2009) relata sobre a entrevista *online*, técnica considerada uma forma de adaptação da entrevista convencional para a internet, em que o informante responde quando lhe convier e não é necessário que o pesquisador e o pesquisado estejam conectados ao mesmo tempo, além de permitir o acesso a diferentes participantes, de diferentes lugares. Outra questão destacada

---

<sup>4</sup> Nota – os nomes de cada grupo estão escritos da mesma maneira em que se encontram em suas páginas na rede social.



pelo autor é que em pesquisas realizadas pela internet é preciso confiar nas informações fornecidas pelos informantes.

Em relação às pesquisas realizadas via internet, nota-se que ainda é um ambiente novo de exploração, porém, de acordo com Felix,

Nos últimos anos, a internet vem sendo utilizada como objeto, local e instrumento de pesquisas nas mais diversas áreas de conhecimento. Por tratar-se de algo de certo modo recente, a utilização da internet no âmbito das pesquisas traz muitas potencialidades, mas também vários desafios e limites, e nos coloca diante de questões éticas novas e específicas (FELIX, 2014, p. 135).

A entrevista semiestruturada é um procedimento de coleta de dados que pode combinar perguntas abertas e fechadas possibilitando ao participante da pesquisa discorrer sobre o tema proposto. De acordo com Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista “pode fazer emergir informação de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas”. Boni e Quaresma (2005) apontam que esse tipo de entrevista também se assemelha ao contexto de uma conversa informal, porém, exige do entrevistador atenção para direcionar a discussão sempre que achar oportuno, por meio de perguntas adicionais, para elucidar questões que não ficaram claras ou para recompor o contexto, caso o entrevistado fuja do tema. Assim, o roteiro das entrevistas foi baseado no modelo proposto por Capi (2016) e finalizado após correções do orientador (Apêndice D).

Para a realização da entrevista semiestruturada, convidei a empresa Ciranda de Roda. O primeiro contato para o convite foi feito via telefone, com uma das gestoras da empresa, e se formalizou após o aceite da proprietária por meio do Termo de Anuência (Apêndice E). A escolha da empresa se deu devido à proximidade da pesquisadora com uma das gestoras da empresa e por essa localizar-se na cidade de Belo Horizonte - MG. Outros fatores que contribuíram para a escolha desta empresa é o fato de buscarem qualidade, diversidade e troca sincera nos trabalhos recreativos e atrações artísticas, além da visão e dos valores que possuem, buscando ser um grupo qualificado e brincante de recreação de festas e eventos infantis em Belo Horizonte e região, além de promover a valorização do trabalho de recreação infantil, o brincar livre, a parceria, a simplicidade, o trabalho em equipe e a experiência.

Atualmente, a Ciranda de Rodas conta com 10 (dez) recreadores, todos *freelancer*. Todos os recreadores foram convidados pela proprietária a participar da pesquisa, sendo que 5 (cinco) deles aceitaram o convite. A partir desse aceite, foi disponibilizado o número de telefone de cada recreador (a), para que se realizasse o agendamento das entrevistas. As

entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada recreador (a), e ocorreram no período de 23 de março de 2018 ao dia 06 de abril de 2018, na própria empresa ou na casa dos recreadores. Cada entrevista teve um tempo de duração diferenciado, variando entre 54 e 80 minutos. Foi utilizado para gravação das entrevistas um minigravador digital da marca *Roland*, modelo R-05, e a transcrição foi feita manualmente, com suporte do *API Web Speech<sup>5</sup> Demonstration* da *Google*. Todos os recreadores foram esclarecidos sobre os objetivos, critérios e procedimentos do estudo, garantindo o seu anonimato na pesquisa, por meio do TCLE (Apêndice F).

Para garantir a lisura da pesquisa e a segurança dos sujeitos envolvidos, uma via do TCLE foi arquivada com o pesquisador e a outra cópia ficou com o recreador que aceitou participar do estudo.

A pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG e destaca que o parecer favorável do COEP concretizou-se pelo CAAE nº 72622917.5.0000.5149.

Para a interpretação dos dados coletados foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Sciences (SPSS IBM)*, na versão 20, e o *software* Nvivo, versão 10. O programa SPSS foi usado para a análise quantitativa referente às questões presentes no questionário *online*, por possibilitar diversos cálculos e cruzamentos de dados, simplificando o processo de análise dos mesmos. A distribuição de frequência para definir o perfil dos recreadores que participaram da pesquisa, considerada por Bisquerra *et al.* (2004, p. 40) como o primeiro passo para a análise de dados, apresentou-se como uma descrição geral das variáveis, levando em conta que “uma distribuição de frequências é um instrumento útil para resumir grandes quantidades de dados”.

A análise qualitativa dos dados foi realizada através do NVivo e a análise de conteúdo, no processo de discussão dos dados. Em relação à análise de conteúdo, Bardin (2010) aponta que esse procedimento consiste numa técnica de tratamento de dados para pesquisas qualitativas que pode ser aplicada em diversos materiais e comunicações, permitindo identificar atitudes, valores, representações e ideologias que ali se manifestam.

Bardin (2010) propõe três fases distintas da análise: a organização; a codificação e a categorização. A organização da análise é a fase da organização propriamente dita, que corresponde a um período de intuições, sistematização das ideias iniciais e construção de um

---

<sup>5</sup> *API Web Speech Demonstration da Google* é uma interface de programação de aplicação, na versão de demonstração, em que os desenvolvedores convertem áudio em texto. É possível transcrever a voz de usuários, por meio do microfone em um aplicativo, ativar o controle e comando de voz ou transcrever arquivos de áudio, entre outros casos de uso.

plano de análise. A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos agregados em unidades, que permitem uma análise pertinente do conteúdo. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto de diferenciação; as categorias são rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos, que possui um título genérico e que são agrupadas de acordo com as características comuns que estes elementos possuem.

O NVivo<sup>6</sup> é um software que suporta métodos de pesquisa qualitativos e mistos, permitindo ao pesquisador reunir, organizar e analisar conteúdos de entrevistas, discussões em grupo, pesquisas, áudio, mídia social e páginas da *web*. O programa consiste de uma ferramenta de busca, consulta e visualização que propicia a identificação das palavras mais citadas nas entrevistas, a relação entre elas, a criação de nós (palavras significativas) e o respectivo armazenamento dos trechos, frases e termos de todos os documentos e fontes selecionadas que se referem às palavras significativas, a relação entre elas, e os demais recursos de codificação.

Para tornar as informações coletadas por intermédio do Nvivo representativas e significativas, realizei o processo de exploração do material de modo articulado com as fases da análise de conteúdo propostos por Bardin (2010). A utilização articulada desses procedimentos permitiu o armazenamento dos dados brutos e dos resultados das análises no programa, assim como a transformação dos dados em gráficos, tabelas e quadros, sua publicação no formato *word* e pdf, para serem incorporados ao texto do trabalho ou ainda para a impressão do material.

A definição das categorias desta pesquisa foram pensadas a partir dos objetivos propostos inicialmente, de modo que as questões presentes no questionário *online* e nas entrevistas semiestruturadas estão intimamente ligadas a esses objetivos. Tais categorias serão descritas e analisadas nos capítulos seguintes, que propõem a análise dos dados, juntamente com a discussão do referencial teórico adotado.

Para alcançar o que está proposto organizei a dissertação em cinco capítulos.

O primeiro apresenta a trajetória que me trouxe para esta investigação. Nele esclareço o tema abordado, as concepções que embasam o debate sobre o objeto, o problema, os objetivos da pesquisa e a metodologia do trabalho, apontando os caminhos percorridos e a busca de possibilidades de investigação no campo do lazer e da recreação.

---

<sup>6</sup> Texto retirado do *site* do programa. Disponível em: [http://www.qsrinternational.com/other-languages\\_portuguese.aspx](http://www.qsrinternational.com/other-languages_portuguese.aspx). Acesso em 09 de abril de 2018.

No segundo capítulo, contextualizo o lazer e a recreação, seus conceitos, significados, as discussões entre teoria e prática que envolvem a temática e apresento as perspectivas quanto ao campo de atuação profissional e suas relações com o mercado de trabalho, relacionando-as e discutindo-as com os dados coletados por meio do questionários *online*.

O terceiro capítulo engloba as questões sobre perfil e suas relações com a formação e atuação profissional, nele apresento e discuto os dados coletados do questionário *online*, relacionando-os com o referencial teórico adotado. Já no quarto capítulo, trago, de forma mais sistematizada, os estudos sobre trajetória e construção de saberes, a partir da compreensão de que pelas trajetórias pessoais e profissionais pode-se passar à elaboração de novas propostas de formação e atuação não somente dos recreadores, mas dos profissionais que atuam no campo do lazer e da recreação. Ainda neste capítulo, apresento a análise e a discussão das entrevistas semiestruturadas.

Por fim, no quinto capítulo apresento as percepções sobre o estudo, retornando os objetivos propostos para tecer considerações e refletir os resultados da pesquisa.

## 2 LAZER E RECREAÇÃO: UM CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Início este capítulo contextualizando os conceitos e significados acerca do lazer e da recreação, termos que possuem relações historicamente constituídas em nossa realidade. O termo lazer surge a partir da influência dos estudos europeus, enquanto a recreação tem influência na perspectiva norte-americana, sendo que essa dupla denominação está presente em nossos dias atuais, em que geralmente utiliza-se o lazer para tratar o fenômeno cultural e a recreação para determinar um conjunto de atividades (GOMES, 2003).

Após contextualizar a construção de tais conceitos, sistematizo uma discussão em relação a este campo de atuação profissional, que ainda apresenta desafios a serem enfrentados, por meio de uma aproximação dialética entre teoria e prática, como também em seu processo de formação profissional e do mercado de trabalho, correlacionando-os com os dados encontrados por essa pesquisa.

### 2.1 Conceitos de Recreação e Lazer

É possível identificar várias interpretações para esses termos, sendo empregados com significados distintos, compartilhando o mesmo significado ou compreendendo a recreação como uma função do lazer. Gomes (2003), ao propor compreender os significados de recreação e lazer, no período de 1926-1964, identificou momentos em que as trajetórias percorridas pela recreação e pelo lazer coexistiram; quando foram distintas; e períodos e circunstâncias em que se sobrepuseram nos estudos da época.

Ao pensar na origem etimológica do termo recreação, é possível perceber que ele pode ser ressaltado a partir de duas posições diferentes. A primeira, aponta que a palavra recreação foi proveniente do latim *recreatio* (que representa recreio, divertimento), sendo derivada do vocábulo *recreare*, com o sentido de reproduzir, restabelecer, recuperar (MARINHO *et al.*, 1952) e destaca-se a ideia de que o objetivo da recreação era a recuperação/renovação para o trabalho. A segunda posição, proposta por Marcellino (1990) e Brêtas (1997) e expressa pelo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, relaciona o termo recreação com *recreare* - que significa recreio, divertimento, porém com o sentido ligado à possibilidade de “recriar, criar de novo, dar novo vigor”. Ou seja, enquanto a primeira posição encaminha o significado de recreação para o divertimento, com finalidades específicas de reprodução e de restabelecimento; a segunda é tomada na perspectiva da recriação que, de qualquer maneira, não deixa de considerar a questão do divertimento.

A origem etimológica da palavra lazer, está relacionado ao termo latino *licere*, que significa lícito, permitido. Na língua inglesa, relaciona-se ao termo *leisure* e, na francesa, *loisir*. De acordo com Maffei Junior (2004), o francês *loisir* origina a expressão inglesa *leisure* que, tecnicamente, é utilizada para designar tempo livre. Segundo Gomes (2003, p. 58), os sentidos do verbete *loisir* está relacionado com “o *tempo* disponível após as ocupações, e também como *distrações* e *livre ocupações* desenvolvidas depois de cumpridos os afazeres profissionais, entre outras tarefas cotidianas”.

Deste modo, as diferenças que aparecem nas raízes etimológicas das palavras recreação e lazer dizem respeito a construções inter-relacionadas com o mundo do trabalho, porém diferenciam-se de seu sentido original. O lazer diz respeito, primeiramente, às práticas culturais consideradas “lícitas”, sendo, depois, estabelecido como um “tempo livre” reivindicado pelos trabalhadores; a recreação “direciona-se para o prazer, para o divertimento, para a ocupação saudável e útil desse tempo de ociosidade, tendo em vista a própria recuperação da força das massas produtivas” (WERNECK, 2000, p. 45).

Especificamente sobre a recreação, Gomes (2003) observa que a produção de conhecimento quanto ao tema possui dois encaminhamentos distintos, tendo de um lado uma intensa publicação de “manuais práticos”, com “receitas” de atividades e, por outro lado, uma associação entre recreação e lazer, quando são empreendidas reflexões sistematizadas. Neste segundo encaminhamento, as palavras recreação e lazer estão intimamente ligadas, de modo que fica difícil entender se são a mesma coisa, ou, em caso de diferença, onde que ela reside.

Para Prado (1988), a recreação é como um conjunto de atividades culturais que se dá por meio de um engajamento voluntário, visando ao descanso, ao divertimento ou ao desenvolvimento em um determinado tempo livre. Além disso, caracteriza o lazer como um tempo humano (livre), como um comportamento humano (jogo), como uma atividade humana (recreação) e como um espaço ou equipamento (centros de atividades). Dessa forma, seu entendimento de lazer inclui o elemento recreação, porém não demonstra clareza em relação aos conceitos e aos vínculos estabelecidos entre a recreação e o lazer.

Por sua vez, Pinto (1992) apresenta a expressão recreação/lazer, de maneira associada, justificando essa associação pelo fato da recreação e/ou lazer constituírem espaços privilegiados para a vivência do lúdico. Nessa perspectiva, a autora destaca a importância da recreação/lazer no resgate da qualidade de vida e compreende sua contribuição no projeto de autorrealização do ser humano e ser cultural histórico, embora, sozinha, não dê conta da globalidade de toda a problemática sociocultural.

Entretanto, para Bruhns (1997) e Bramante (1998), a recreação e o lazer não são a mesma coisa. Bruhns (1997) defende a concepção de recreação como um conjunto de atividades desenvolvidas no lazer, enquanto o lazer pode ser compreendido como a expressão da cultura, constituindo um elemento de conformismo ou de resistência à ordem social estabelecida. Bramante (1998) descreve que o lazer, ao longo do tempo, vem sendo conceitualmente confundido com outros termos, como a recreação, e que estes termos são distintos em sua gênese. Para este autor, o movimento a favor da recreação data do início do século XX, enquanto o conceito de lazer começa a ocupar espaço no meio acadêmico internacional por volta dos anos cinquenta. Assim, o lazer é compreendido como um amplo e interdisciplinar campo de estudos, dado os mais diversos enfoques profissionais; ao passo que a recreação está atrelada ao conceito de atividade, como, por exemplo, um programa de atividades recreativas para pré-escolares.

Segundo Gomes (2003), a recreação esteve inicialmente direcionada para a educação e para a educação física e, aos poucos, foi sendo conduzida para o trabalho produtivo, tendo como propostas organizar e preencher as horas de lazer dos segmentos operários, possibilitando a eles a vivência de atividades consideradas educativas e saudáveis. Não se pode negar que o acesso da população às atividades recreativas não atendeu apenas aos interesses dominantes, pois permitiu às pessoas contato com uma série de manifestações culturais que antes era privilégio da burguesia (GOMES, 2003). Esta característica foi associada ao conceito de lazer elaborado por Dumazedier, na década de 1970, segundo o qual o lazer representaria um conjunto de ocupações as quais o indivíduo poderia se entregar após as suas obrigações de diversas naturezas. Assim, este conceito de lazer o restringe a determinadas atividades e é semelhante ao significado de recreação construído no Brasil e presente, mesmo nos dias de hoje.

Respaldados por essa ideia, Marcellino (1987) e Brêtas (1997) têm expressado o entendimento de que a recreação não pode mais ser pensada apenas como uma atividade acrítica, ela deve ser compreendida num sentido mais amplo, como uma das possibilidades de lazer.

Para Marcellino (1987), há a necessidade de recuperarmos o sentido de recreação como *recreate*, que significa criar de novo, dar vida nova, com novo vigor. Para Brêtas (1997), recreação pode ser entendida como o criar, o recrear e o recriar-se, que está intimamente atrelado à ação do homem sobre o mundo. Nesse sentido, a recreação constitui-se um espaço privilegiado para a construção coletiva de novos conhecimentos, com

possibilidade de influenciar educadores comprometidos com as mudanças necessárias para o surgimento de uma sociedade pautada em valores mais humanos (SILVA *et al.*, 2011).

Corroboro o pensamento de Werneck (2004), quando coloca que os sentidos de um termo podem ser transformados ao longo do tempo, e isso não deve ser negligenciado. A autora aborda que a recreação e o lazer passaram a apresentar sentidos diferenciados. Isso porque a recreação preservou um invólucro educativo (muitas vezes diluído na própria prática irrefletida, que tratou de concebê-la como sinônimo de atividades), em que as atividades recreativas não ocorrem exclusivamente nos momentos de lazer, sendo possíveis de serem vivenciadas em outros tempos/espços sociais (trabalho, família, escola, religião, instituição política). Já o lazer, deixou de ser visto como um tempo ocioso, passando a ser entendido como uma multiplicidade de experiências vivenciadas no tempo/espço fora do trabalho e, atualmente, sua concepção e desdobramentos vêm sendo repensados em diferentes perspectivas, evocando a necessidade de novas reflexões.

De acordo com Werneck (2004), a recreação deve ser vista como vivência social e culturalmente construída, buscando aprofundar o conhecimento teórico prático sobre as manifestações culturais como os jogos, brincadeiras e brinquedos, substituindo a estratégia de “reprodução cultural” pela de “produção cultural”, sistematizando, assim, novas ações e pesquisas sobre o assunto. Nesse sentido, é possível construir um caminho para refletir sobre como se dá o processo de construção das linguagens culturais vivenciadas na recreação e se as pessoas incorporam essas práticas num viés passivo ou ativo, em contraposição aos interesses hegemônicos que buscam a manutenção do *status quo*.

Atualmente, a compreensão de lazer vai além da realização de atividades, sendo um campo autônomo, com características próprias, que ocorre em um tempo/espço específico. Assim, compartilho das ideias de Gomes (2011b; 2014), que conceitua lazer como uma necessidade humana e como dimensão da cultura, fenômeno caracterizado pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo e espço social, uma vez que constitui relações dialógicas com o trabalho, a educação, a saúde, a política. É, portanto, uma prática social complexa, que pode estimular as pessoas a refletirem sobre os limites e as possibilidades que marcam a existência, por intervenção de iniciativas voltadas para a mobilização e o engajamento social e político.

Desta maneira, o lazer pode ser vivenciado pelo sujeito de forma autônoma, a partir de buscas desencadeadas em suas próprias ações, pela família ou grupo social (quando alguém opta por uma viagem, por assistir a um jogo ou participar dele) ou quando estimulado por meio de ações profissionais (através de projetos e ações de lazer desenvolvidas pelo setor



público, privado, terceiro setor ou comunidades, por intermédio da participação de profissionais responsáveis por auxiliar, ou mesmo “promover” programas de lazer para outras pessoas).

Portanto, os profissionais do lazer podem contribuir de maneira sistemática para romper com o conformismo e o consumo alienado, a partir de ações desenvolvidas que devem estar embasadas nos estudos da área, com participação efetiva de todos os envolvidos nas vivências e experiências a serem desenvolvidas em todos os setores.

## 2.2 Campo de Atuação Profissional: reflexões

Na busca de compreender a atuação do profissional no âmbito do lazer, faz-se necessário entendê-lo como um campo multidisciplinar, que possibilita a concretização de propostas interdisciplinares, por meio da participação de profissionais com diferentes formações (ISAYAMA, 2009). Desse modo, a ação do profissional requer a compreensão sobre uma série de questões gerais acerca da temática e de um mapeamento sobre como cada uma das áreas poderá contribuir com os seus saberes específicos para intervir nesse campo, como citado por Isayama (2009). Além disso, destaco a necessidade de promover um debate aprofundado e ampliado do lazer como campo de pesquisa, uma vez que existe pouca discussão empírica sobre o tema.

Tratando especificamente dos estudos relacionados aos profissionais que atuam na área do lazer e da recreação, a maior parte deles é de ensaio e apresenta uma abrangência local, com poucos dados que demonstrem o universo de profissionais de lazer e/ou recreação atuantes no Brasil. Além de procurar estudos que pudessem demonstrar o número de profissionais atuando no mercado brasileiro, procurei por informações no site da Associação Brasileira de Recriadores (ABRE), mas o site encontra-se inativo<sup>7</sup>.

Também realizei buscas no *site* do portal do empreendedor do governo federal, procurando a quantidade de Microempreendedores Individuais (MEI)<sup>8</sup> inscritos na

---

<sup>7</sup> Busca realizada no site < <http://www.abrerecreadores.com/>>. Acesso em 29 de maio de 2018.

<sup>8</sup> MEI é o pequeno empresário individual que atende as seguintes condições: a) tenha faturamento limitado a R\$ 81.000,00 por ano; b) Que não participe como sócio, administrador ou titular de outra empresa; c) Contrate no máximo um empregado; d) Exerça uma das atividades econômicas previstas no Anexo XIII, da Resolução do Comitê Gestor do Simples Nacional de nº 94/2011, o qual relaciona todas as atividades permitidas ao MEI. Ao se formalizar, o MEI passa a ter cobertura previdenciária para si e seus dependentes. O empreendedor tem o direito à aposentadoria por idade, auxílio doença e aposentadoria por invalidez e salário maternidade; e seus dependentes possuem o direito à pensão por morte e auxílio reclusão (BRASIL). Essas informações estão disponíveis no site <<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/duvidas-frequentes>>. Acesso em 24 de abril de 2018.

Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)<sup>9</sup>, na subclasse de número 9329-8/99, que engloba as atividades de recreação e lazer, como os animadores e recreadores de festas e eventos. Atualmente, existe sete mil e quinhentos e sessenta e três (7.563) empresas neste molde, o que pode servir como uma possibilidade de referência do número de profissionais legalizados no país.

A dificuldade em encontrar os dados referentes ao número de recreadores no Brasil pode estar relacionada com a própria atuação no âmbito do lazer, que “ainda não constitui uma categoria profissional plenamente consolidada no mercado de trabalho e no sistema social de maneira geral” (DIAS; ISAYAMA, 2014, p.10). Entendo quem isso, talvez nem seja possível, de modo rígido ou institucionalizado, em função das peculiaridades de cada forma de atuação. Pimentel (2002) diz que a identidade profissional está ligada ao campo empírico e que não há uma unidade como categoria profissional:

Percebe-se uma identidade profissional ligado ao campo empírico, sem perspectivas de efetivar o lazer enquanto produção de conhecimento. Não há uma unidade como categoria profissional, pois muitos não se veem como sujeitos do lazer. Mas, sobretudo, há reforço de imagens distorcidas que acabam distanciando competência e carisma, forma e conteúdo, formação e intuição (p. 49).

Desde modo, acredito que os profissionais de lazer poderiam se organizar quanto uma categoria, se assim que podemos chamar, por meio de associações profissionais.

De acordo com o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO)<sup>10</sup>, há duzentos e quarenta e três mil e seiscentos e quarenta e quatro (243.644) fisioterapeutas e dezoito mil e oitocentos e cinquenta e dois (18.852) terapeutas ocupacionais registrados no Brasil. O estudo de Tavares *et al.* (2016) pesquisou a distribuição territorial de fisioterapeutas no Brasil, a partir da análise do Cadastro Nacional de Saúde (CNES) e Censo Demográfico 2010, e identificou cinquenta e três mil e cento e oitenta e um (53.181) cadastros de fisioterapeutas, sendo 50% no Sudeste, 21% no Nordeste, 18% no Sul, 7% no Centro-Oeste e 4% na região Norte.

---

<sup>9</sup> CNAE é o instrumento de padronização nacional dos códigos de atividade econômica e dos critérios de enquadramento utilizados pelos diversos órgãos da Administração Tributária do país. É aplicada a todos os agentes econômicos que estão engajados na produção de bens e serviços, podendo compreender estabelecimentos de empresas privadas ou públicas, estabelecimentos agrícolas, organismos públicos e privados, instituições sem fins lucrativos e agentes autônomos (pessoa física). A CNAE resulta de um trabalho conjunto das três esferas de governo, elaborada sob a coordenação da Secretaria da Receita Federal e orientação técnica do IBGE, com representantes da União, dos Estados e dos Municípios, na Subcomissão Técnica da CNAE, que atua em caráter permanente no âmbito da Comissão Nacional de Classificação - CONCLA. Dados disponíveis no site < <http://idg.receita.fazenda.gov.br/orientacao/tributaria/cadastros/cadastro-nacional-de-pessoas-juridicas-cnpj/classificacao-nacional-de-atividades-economicas-2013-cnae/apresentacao>>. Acesso em 29 de maio de 2018.

<sup>10</sup> Dados disponíveis no site <[https://www.coffito.gov.br/nsite/?page\\_id=3657](https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3657)>. Acesso em 14 de abril de 2018.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP)<sup>11</sup>, há trezentos e nove mil e setecentos e trinta e seis (309.736) psicólogos registrados no país. Em contrapartida, não encontrei o número de profissionais de Educação Física registrados no Conselho Federal de Educação Física (CONFEF).

Diante destes fatos, questiono: quantos profissionais trabalham com o lazer e a recreação, atuando como recreador no nosso país? Ao analisar essa questão, deixei o questionário *online* dessa pesquisa disponível para o máximo de profissionais encontrados na rede social *Facebook*, na tentativa de ampliar o número de respondentes e ter um panorama geral dos profissionais, em âmbito nacional. O número de respondentes válidos do questionário foi quarenta e quatro (44), e entendo que esse número demonstra a dificuldade de análise do campo de atuação bem como de mercado, em relação ao número de recreadores no país.

Assim, verifiquei a necessidade de pesquisas que pudessem realizar um mapeamento do número de recreadores atuando, para que pudéssemos ter uma noção mais clara sobre as especificidades desses profissionais, já que, nos últimos anos tem crescido a demanda de prestação de serviços de lazer, o que leva a um aumento no número de ofertas para pessoas que desejam atuar nesta área (ISAYAMA, 2009).

Desde modo, apresento e discuto, neste capítulo, os dados coletados no questionário *online* relacionadas ao campo de atuação profissional. Para tanto, foram elencadas três categorias de análise: atuação profissional e suas relações com o mercado; caminhos possíveis da atuação profissional; potencialidades e limites do campo de atuação profissional da recreação e do lazer. Essas categorias foram construídas de acordo com os objetivos desse estudo e com as respostas dadas ao questionário, a fim de ampliar o conhecimento da realidade estudada.

### 2.2.1 Atuação Profissional e suas relações com o mercado de trabalho

A expansão do mercado de trabalho em lazer tem resultado na inserção do profissional em diferentes setores, como em instituições públicas (prefeituras, universidades, museus, entre outras), privadas (clubes, academias, hotéis, acampamentos, colônias de férias, empresas de eventos, dentre outras) e do terceiro setor (organizações não-governamentais, associações de bairros, de classes e cooperativas e também sindicatos), possibilitando uma

---

<sup>11</sup> Dados disponíveis no site < <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>>. Acesso em 14 de abril de 2018.

perspectiva de mercado de trabalho para profissionais ligados às mais diferentes áreas de atuação profissional. Esses setores detêm dispositivos particulares para desenvolver o lazer e atribuir planejamentos de ações, políticas próprias e intencionalidade no mercado. É necessário entender que cada setor econômico apresenta diferentes possibilidades de atuação e fomento das ações de lazer.

Os dados dessa pesquisa demonstram a presença de profissionais nestes três setores, tendo uma prevalência no setor privado, com 39 respostas, 13 para o setor público e 12 para o terceiro setor. A distribuição dos setores está representada no gráfico 1, é preciso destacar que alguns participantes citaram mais de um setor de atuação, fazendo com que a soma dos setores mencionados apresente resultado maior que o número de questionários respondidos.

**GRÁFICO 1** – Setores de atuação profissional dos recreadores que responderam o questionário da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Não encontrei estudos que descrevessem a prevalência destes profissionais, de acordo com o setor de atuação, uma vez que os trabalhos encontrados, como os de: Sales (2016), Bernabé e Natali (2014), Célio (2014), Gomes (2012), Vitória *et al.* (2012), Pinheiro (2005) e Delgado (2003), foram realizados em um setor específico. O fato de encontrar uma prevalência de atuação no setor privado pode estar relacionado aos sujeitos que foram buscados pela pesquisa, os recreadores. Isso significa dizer que a atuação no setor privado pode ser considerada uma característica da atuação do profissional da recreação.

Entendo que os profissionais de lazer e da recreação devem promover discussões sobre a compreensão do lazer em todos os setores de atuação, para que ocorram mudanças nas

formas de vivenciá-lo. O profissional deve estar atento, não só às transformações cotidianas, mas também ao que o sujeito deseja e necessita, o que pode tornar a vivência do lazer mais significativa.

A busca por essa reflexão é algo importante, tendo em vista a existência de um processo antagônico no desenvolvimento de ações que podem estar presentes nos três setores (público, privado e terceiro setor), como citado por Marcellino (2001). Para o autor, existe uma corrente que enfatiza o lazer como mercadoria, simples entretenimento, fato que ocorre devido à crescente possibilidade de consumo de bens de serviço, que torna as pessoas apenas consumidoras, acentuando as injustiças sociais. Outra corrente compreende o lazer como um fenômeno social, que possibilita o desenvolvimento de valores questionadores da ordem estabelecida, colaborando com a formação de indivíduos críticos e participativos da sociedade, ato que é estimulado principalmente pelo poder público e por parte da sociedade civil, que entendem o lazer como direito de cidadania.

Bramante (2002) descreve que, no setor privado, também existe uma combinação perversa; por um lado, há o otimismo exagerado de um segmento da sociedade que considera a indústria do entretenimento a “galinha dos ovos de ouro” para o desenvolvimento da economia do país, capaz de gerar lucros constantes; por outro, este otimismo convive com lacunas no campo da administração desses “negócios de ócio” e, além de ver nascer lampejos de responsabilidade social em muitas destas empresas. Pinto (2000) aponta que vivemos tempos de lazer 24 horas, com a valorização do lazer como mercadoria que gera diversas demandas do mercado, sustentadas pelo capital e apresentando crescentes investimentos por parte do setor privado, mercadorizando corpos, desejos e conteúdos culturais e, ao mesmo tempo, definindo novos problemas sociais.

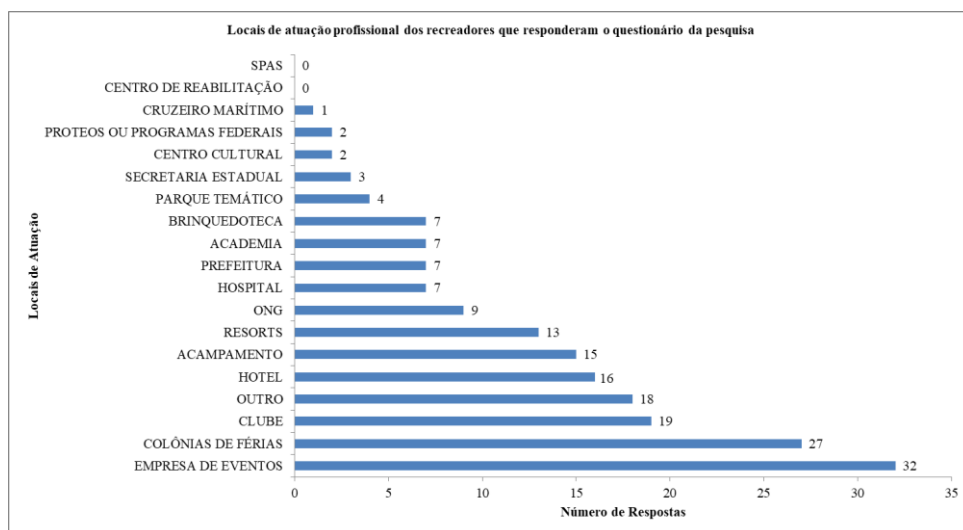
Em relação à atuação do profissional, foi possível verificar que o setor privado foi o setor de atuação mais citado pelos respondentes dessa pesquisa, compreendo que os profissionais atuantes nesse setor não devem restringir sua atuação a conteúdos fragmentados do lazer e disseminados pela indústria cultural. É importante que o profissional do lazer e da recreação construa uma concepção de lazer ampliada para diferentes espaços e grupos, promovendo a formação de sujeitos críticos e participativos, e não atue como mero consumidor de atividades pré-estabelecidas.

Além dos setores de atuação, buscamos identificar os locais de atuação destes profissionais. Os dados da pesquisa demonstram um maior número de atuantes em empresas de eventos, com trinta e duas (32) respostas; seguido de colônias férias, com vinte e sete (27) respostas e clubes, com dezenove (19). Outro número significativo de respostas foi a opção

*outros*, em que os respondentes descreveram os demais locais de atuação não contemplados nas opções de respostas. Dentre eles, tivemos: escola, com cinco (5) respostas; festa infantil e festa de aniversário, com duas (2) respostas cada e com uma (1) resposta apenas (condomínios, hotel fazenda, cliente particular, curso de guia de turismo, praças públicas, viagens escolares, programas de atividades físicas nas praças, treinamento empresarial, eventos particulares, faculdades, universidades e SESC).

Um dado relevante é que nenhum dos respondentes atuam em museus, centros de reabilitação e *spas*, e apenas uma pessoa trabalha em cruzeiros marítimos, o que nos faz pensar que esses locais ainda são pouco explorados pelos profissionais de lazer brasileiros e que podem tornar-se espaços em potencial para atuação. Os dados podem ser analisados no gráfico 2, e é importante ressaltar que alguns participantes citaram mais de um local de atuação, fazendo com que a soma dos locais, no gráfico, apresentasse um resultado maior que o número de questionários respondidos.

**GRÁFICO 2** – Locais de atuação profissional dos recreadores que responderam o questionário da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

O trabalho de Célio (2014) corrobora, em parte, com os achados dessa pesquisa, em que os locais de atuação mais citados foram: festas infantis, 15%; seguido de colônia de férias, eventos em clubes e escola, acampamentos e acantonamentos – cada um 14%; viagens, gincanas empresariais e formaturas, com 12% cada e a opção outros, com 7%; porém essa não foi descrita pelo autor. O estudo de Vitória *et al.* (2012) identificou os outros locais em que os recreadores já atuaram antes de iniciarem sua atuação na rede hoteleira de Foz do Iguaçu,

sendo que 30% deles já atuaram como recreadores em escolas, 25% trabalharam somente em hotéis e outros 15%, em empresas, festas particulares e eventos.

Estas proximidades e diferenças encontradas nos dados da pesquisa demonstram o quanto são variadas e dinâmicas as possibilidades de atuação no âmbito do lazer e da recreação, em que o profissional pode atuar em mais de um setor e/ou local ao mesmo tempo. Porém, é preciso ter clareza sobre os aspectos referentes às especificidades e a abrangência dessa ação, visto que o profissional pode assumir inúmeras funções: planejamento, organização, execução e avaliação de vivências de lazer; gerenciamento, coordenação, supervisão e avaliação de projetos e ações de lazer; viabilização de projetos e recursos para o desenvolvimento das ações; realização, registro e divulgação de pesquisas; docência, entre outras (DIAS; ISAYAMA, 2014).

Dias e Isayama (2014) ainda descrevem que, se por um lado essa diversidade é interessante, por outro ela é complicada, pois requer um domínio amplo de fundamentos, competências e habilidades, nem sempre trabalhados de maneira apropriada na formação profissional.

Para a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)<sup>12</sup>, tais profissionais estão inseridos na categoria de recreadores, no código 3714-10, e cabe a eles as funções de: promover atividades recreativas visando o entretenimento, a integração social e o desenvolvimento pessoal dos clientes; elaborar e executar projetos de atividades recreativas, promovendo o lúdico e estimulando a participação; atender clientes e coordenar setores de recreação; administrar equipamentos e materiais para recreação. Cabe ressaltar que, para assumir tais funções, a CBO sinaliza que é preciso escolaridade mínima de ensino médio.

Pensando nessa multiplicidade de funções, perguntamos qual função ou funções os recreadores desenvolviam em seus setores/locais de atuação e como se sentiam em relação a função desempenhada. Os dados demonstram que a maior parte dos respondentes, ou seja, quarenta deles, exerce mais de uma função, fato que faz com que a soma das funções representadas no gráfico 3 apresente um resultado maior que o número de questionários respondidos.

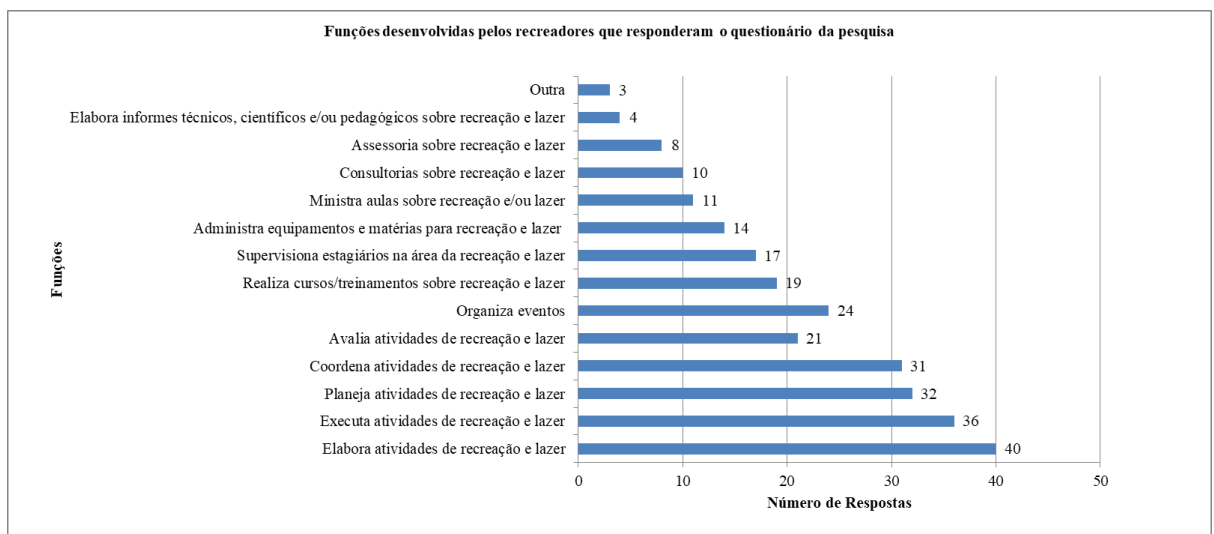
A maior frequência de respostas foi para a elaboração de atividades de recreação e lazer, com 40 respostas; seguida de execução de atividades de recreação e lazer, com 36; planejamento de atividades de recreação e lazer, com 32; e coordenação de atividades de

---

<sup>12</sup> A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. Informação retirada do *site*: <[www.mtecbo.gov.br](http://www.mtecbo.gov.br)>. Acesso em 06 de janeiro de 2017.

recreação e lazer, com 31 respostas. A menor frequência de respostas foi para a elaboração de informes técnicos, científicos e/ou pedagógicos sobre recreação e lazer. Outras funções foram descritas pelos sujeitos, como a organização de projetos e aulas no ensino superior. Um fato interessante é que apenas quatro (4) respondentes relataram que exercem uma única função, sendo que dois elaboram atividades de recreação e lazer e, dos outros dois, um executa e o outro coordena atividades de recreação e lazer.

**GRÁFICO 3** - Funções desenvolvidas pelos recreadores que responderam o questionário da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

O fato de terem sido citados um maior número de respostas para a elaboração, execução, planejamento e coordenação de atividades de recreação e lazer pode estar relacionado ao processo de formação destes profissionais, visto que citam fundamentos, competências e habilidades que privilegiam o domínio de conteúdos técnicos e de procedimentos e metodologias específicas.

Outro dado a ser discutido é o número de respostas para a avaliação das atividades de recreação e lazer, dado que deveria ter apresentado uma frequência de respostas igual e/ou próxima as demais funções supracitadas. Dessa forma, questiono: avaliar não é um processo comum no trabalho do recreador? Gomes (2012) verificou, em seu estudo, que os profissionais de lazer e recreação não realizam, de forma sistematizada, processos de avaliação relativos as suas ações de lazer, ou seja, não apresentam procedimentos ou formas quantitativas/qualitativas para reflexões posteriores e melhora de suas ações. O autor apresenta, ainda, que foi possível identificar apenas autorreflexões que, de forma pontual, são significativas, porém, em uma perspectiva instrucional, não contemplam avanços nas



discussões que podem propiciar o amadurecimento de atendimentos, ações e atuações profissionais.

Neste caso, acho necessário que estes profissionais desenvolvam um processo avaliativo baseado na ação/reflexão/ação, o que seria um encaminhamento fundamental para que o recreador torne-se pesquisador de sua prática e que ainda permite ao profissional aprender a partir da análise crítica de sua própria ação. Isso reforçará o compromisso e o avanço do conhecimento, a compreensão da realidade, promovendo uma interação entre teoria e prática (DIAS; ISAYAMA, 2014).

Outros dois dados que chamam atenção é o fato de ter apenas 19 respostas para as funções de realização de cursos/treinamentos sobre recreação e lazer; e 17, para a supervisão de estágios na área da recreação e do lazer. Assim, questiono: será que essas funções não são tão importantes para o recreador? Esses dados podem reforçar a ideia de que, para atuar neste campo, não é necessário a realização de processos formativos, ou seja, não é preciso uma formação específica e aprofundada sobre o tema, vinculando a atuação profissional apenas pelo viés prático. Desse modo, percebo que o recreador ainda tem dificuldades de se ver como formador e pesquisador do seu exercício profissional, talvez porque essa ação ainda seja vista como um bico e não como profissão.

Não encontrei estudos que descrevessem ou detalhassem as funções exercidas pelos profissionais em seus setores ou locais de atuação. Entretanto, Pinheiro (2005) apurou o grau de satisfação em relação a função que os profissionais desempenhavam, sendo que 96% desses declararam estar satisfeitos ou muito satisfeitos e 4% se declararam indiferentes a esta questão, não sendo encontrados registros de insatisfação com a função desempenhada.

Estes dados corroboram, em parte, os encontrados no presente estudo, uma vez que quarenta e um (41) sujeitos relatam que estão satisfeitos com suas funções, fato representado pelo uso dos termos (ótima, privilegiado, realizado, satisfeita, muito bem, feliz, bem sucedido), presentes em algumas falas. A principal diferença entre os estudos foi o formato da pergunta. No presente estudo, os sujeitos ainda precisaram responder por que se sentiam da maneira como descreveram. Nesse quesito, a maior parte das respostas, 27 (vinte e sete), representam sujeitos que estão satisfeitos por fazerem ou trabalharem com o que gostam.

Realizada profissionalmente. Trabalho no que gosto (Sujeito 4).

Me sinto realizada, pois é uma função que busco aplicar os conhecimentos adquiridos durante meu percurso acadêmico, mesmo com algumas impossibilidades em alguns momentos. Porque acredito que busco planejar atividades inclusivas e

sociais para o público que trabalho, sendo assim, me sinto realizada em proporcionar ações sociais em minha área de atuação (Sujeito 25).

Eu me sinto muito satisfeita com as minhas funções pois estou na área da recreação por amor ao que faço. Por estar sempre procurando o melhor para os meus clientes e crianças e gostar do que faço (Sujeito 43).

As falas fazem sobressair a concepção de amor à profissão. Isto remete à profissão como sacerdócio, que deve ser realizada sobretudo por amor e vocação. Essa concepção coloca a atuação profissional em lugar de destaque, tornando-se mais importante do que interesses materiais como: ter uma remuneração justa, carga horária de trabalho adequada, boas condições de trabalho e de formação. Nesse aspecto, concordo com Pinto (1995), que salienta que, até hoje, as pessoas acreditam que, para atuar com recreação, é necessário que o indivíduo possua um “dom”, ou seja, mesmo que possua formação em nível superior, o indivíduo necessita, basicamente, de animação, tolerância e prazer pelo trabalho. Desse modo, a formação profissional se baseia na cooperação e no amor ao trabalho assistencialista e o futuro profissional não precisa se dedicar à aprendizagem técnica, científica e pedagógica que envolve a atuação com o lazer (ISAYAMA, 2010).

Como exemplo, cito o caso dos monitores de acampamentos de férias, analisado por Stoppa e Isayama (1999). Os autores demonstram que, muitas vezes, esses profissionais são adolescentes, ex-acampantes, que acabam por ser contratados porque gostam desse tipo de atividade, conhecem a sistemática de funcionamento e estão disponíveis para executar o trabalho, recebendo em troca até mesmo uma pequena remuneração por seu trabalho.

A fala do sujeito 25 retrata a função social da atividade do recreador, apontando a sua preocupação em planejar atividades inclusivas e sociais para o seu público, promovendo, assim, a ruptura de barreiras presentes na prática do lazer. Assim, a fala dessa recreadora vai ao encontro do pensamento de Stoppa e Isayama (2001, p. 99) sobre a importância da atuação profissional no âmbito do lazer, principalmente por dois motivos:

Primeiramente, por ter esse profissional acesso aos conhecimentos sobre o lazer, considera o papel de desenvolvimento pessoal e social como um dos seus pilares básicos. Segundo, por estar relacionado ao conjunto de barreiras presentes na prática do lazer, que tem como pano de fundo o fator econômico alicerçado nos preconceitos elaborados por uma grande parte da população (mulheres, crianças, idosos, portadores de deficiências, negros, índios, homossexuais, entre outros).

Desse modo, os profissionais comprometidos com esta visão precisam compreender a diversidade cultural, por meio da ampliação e reflexão do seu potencial crítico e criativo, tendo em vista a complexidade e o processo dinâmico da sociedade. Assim, torna-

se possível descobrir novas maneiras de enfrentar as barreiras socioeconômicas que dificultam a participação cultural no lazer (WERNECK, 1997).

Neste sentido, o lazer pode colaborar com a construção de uma nova realidade, desde que seja considerado um fenômeno que estabelece relações com as demais dimensões da vida humana (trabalho, família, religião, saúde, educação, política, dentre outras), passando a ser promissor não pela lógica de mercado, mas por ter origem numa experiência cidadã, ampliando as chances de que as práticas de lazer constituam canais de resistência, mobilização e engajamento político (WERNECK; ISAYAMA, 2001).

Outros três (3) sujeitos descreveram estar preocupados com suas funções, conforme os depoimentos abaixo:

Valorizada em eventos que minha empresa é contratada, porque eu posso cobrar o meu valor! desvalorizada quando contratada por terceiros. Quando meu cliente pede um orçamento, eu mando um valor justo em relação ao meu trabalho, se ele concordar contrata, se não concordar contrata um mais barato, ok quanto a isso! no setor privado, você tem que se submeter aos valores que eles oferecem! (Sujeito 3).

Preocupada. Porque compreendo que as pessoas devem explorar as possibilidades e ampliar suas vivências no âmbito do lazer. Eu como professora me preocupo em como posso contribuir para que meus alunos sintam isso de fato (Sujeito 27).

Gosto das ações que desenvolvo, pois elas têm relação com minha história na atuação e formação profissional em lazer. Todavia, em alguns momentos, sinto-me desmotivado, pois percebo a prevalência de interesses meramente instrumentais em relação à atuação do profissional de lazer e/ou recreação. Então, é uma luta diária para explicar aos alunos que há outras questões/possibilidades para serem problematizadas, discutidas, pensadas nesses campos de atuação. Talvez por idealizar uma forma de compreender essas áreas que seja mais questionadora. Não almejo, com isso, desqualificar as ações práticas relacionadas à atuação desses profissionais, ao qual me incluo. Mas, historicamente, teoria e prática têm demonstrado pouco inter-relacionamento nos campos do lazer e da recreação. Creio que isso decorre da falta de estudos mais aprofundados sobre formação e atuação do profissional em lazer/recreação (Sujeito 38).

A fala do sujeito 3 retrata questões relacionadas à desvalorização da atividade profissional. A expressão “contrata um mais barato”, utilizada pelo sujeito 3, enfatiza essa prática, principalmente no setor privado. Werneck (2001), ao discutir as relações entre lazer e mercado na realidade brasileira e contextualizar sobre a prestação de serviços no lazer, aponta que:

Se, por um lado, esse crescimento se vincula com os novos hábitos de vida colocados atualmente (com evidente valorização do lazer e de seus componentes), por outro relaciona-se com a substituição, em larga escala, de antigos empregos formais pela contratação de serviços terceirizados. Alegando que esta medida é uma à pressão do mercado, empresas argumentam que a inevitável saída é comprar por

um menor preço, no mercado concorrencial, muitos produtos e serviços disponíveis (WERNECK, 2001, p. 42).

Desse modo, é preciso pensar também na própria qualidade do trabalho desempenhado pelos profissionais imersos no mercado do lazer e da recreação, uma vez que foi possível perceber, mediante as falas dos sujeitos pesquisados, uma desmotivação ligada à qualificação profissional. Esse fato está relacionado com a presença de mão de obra não qualificada existente no mercado de trabalho e isso pode depreciar a imagem dos profissionais. Nesse contexto, Marcellino (2000) pondera que muitas equipes são compostas por profissionais despreparados e desqualificados para atuar nesta área, apresentando um comportamento estereotipado, como forma de camuflar a falta de qualidade dos trabalhos executados e reforçar o significado do lazer como uma prática alienada.

Os sujeitos 27 e 38 apontam uma preocupação relativa aos processos de formação de seus alunos, os quais poderão ser futuros profissionais do lazer e da recreação, a partir de diferentes perspectivas.

O indivíduo 27 preocupa-se em ampliar as possibilidades e vivências dos seus alunos no âmbito do lazer. Desse modo, compreendo que o profissional deve despertar as pessoas a ampliarem suas experiências e vivências de lazer, por meio do contato com diferentes práticas culturais, de forma crítica e consciente, permitindo a elas a autogestão de suas práticas.

Já o sujeito 38 destaca as problemáticas no campo de formação e atuação profissional relativas à teoria e à prática, que ainda são vistas por meio de uma relação dicotômica. Marcellino (2010) diz que essa dicotomia é atribuída, em parte, ao “senso comum”, que coloca a teoria como um discurso vazio, desvinculado da realidade vivida no concreto e a prática como o uso da experiência, desvinculada da teoria, o que a transforma, quase sempre, em tarefa, ou seja, a ação desprovida de sentido.

Ainda, de acordo com Marcellino (2010), se procurássemos entender a teoria como um conjunto de conhecimentos não tão simples e descontextualizados, com graus diversos de sistematização, como algo que se propõe explicar, elucidar, interpretar e unificar um determinado conhecimento; e a prática como algo vinculado à experiência e, ao mesmo tempo, associá-la à teoria, teríamos uma relação dialética, estabelecida entre ação-reflexão-ação, uma vez que se articulam o tempo todo.

Desse modo, concordo com Isayama (2010), que afirma que teoria e prática devem andar juntas e ser consideradas o núcleo articulador da formação de profissionais no campo do lazer, em que o referencial teórico é tão fundamental quanto o prático. Segundo o

autor, “um sólido referencial teórico possibilita a compreensão da prática por meio de novos olhares, permitindo a consolidação da *práxis*<sup>13</sup>” (ISAYAMA, 2010, p. 12).

Moreno (2005) afirma que o profissional do lazer deve se tornar um pesquisador de sua prática, avançar seus conhecimentos e promover a interação entre teoria e prática, além de considerar a prática reflexiva como um processo privilegiado que permite ao profissional aprender a partir da análise crítica de sua própria ação.

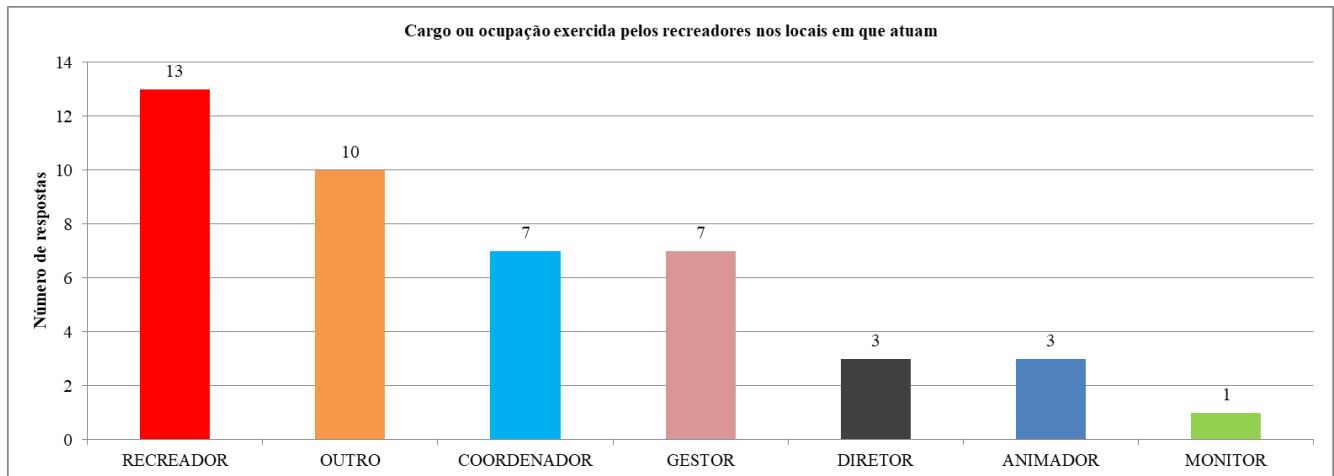
Neste contexto, entendo que os sujeitos 27 e 38 possuem uma visão reflexiva de suas atuações profissionais, uma vez que buscam promover uma interação e troca de conhecimentos entre seus alunos, conscientizando-os quanto profissionais e indivíduos capazes de problematizar e mobilizar discussões acerca da formação e da atuação profissional no campo do lazer e da recreação, bem como de suas próprias vivências de lazer.

Tendo em vista a diversidade de funções a serem desenvolvidas pelos profissionais que atuam no âmbito do lazer e da recreação, várias são as denominações encontradas para designá-los, tais como: recreador, monitor infantil, de lazer, de entretenimentos, de recreação, de esportes e lazer, gentil organizador, professor, consultores de lazer, agente cultural, animadores, recreacionista, entre outras. Existe, também, a possibilidade dos profissionais ocuparem cargos diversos como: diretores, coordenadores ou gestores de lazer e recreação.

Diante de tais possibilidades, perguntamos qual o cargo ou ocupação exercido pelos profissionais. As respostas apontam que treze (13) deles têm a ocupação de recreadores; sete (7) possuem o cargo de coordenador; outros sete (7), cargo de gestor; três (3), cargo de diretor; três possuem a ocupação de animador; e um, a ocupação de monitor. A opção *outro* foi respondida por 10 sujeitos, devido ao fato de exercerem mais de um cargo e/ou ocupação, o que pode ser decorrente do profissional atuar em mais de um setor e/ou local, além de descrevem cargos e ocupações não contemplados nas opções listadas, sendo citados: professor (a); instrutor de atividades recreativas; profissional de educação física e *coach* de musculação. Os resultados estão demonstrados no gráfico 4, abaixo.

---

<sup>13</sup> A *práxis* é aqui entendida como a dialética entre teoria e prática, sem que se sobressaia uma sobre a outra, como sugere Sánchez Vázquez: “Não há *práxis* como atividade puramente material, isto é, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracterizam a atividade teórica” (VÁZQUEZ, 1977, p. 208).

**GRÁFICO 4** - Cargo ou ocupação exercida pelos recreadores nos locais em que atuam

Fonte: Dados da Pesquisa

Tratando especificamente das possibilidades de denominações, os estudos encontrados já direcionam uma denominação específica a estes profissionais. Tahara e Schwartz, (2003) apresentam os trabalhadores que atuam nas áreas recreativas dos hotéis como monitores, enquanto Vitória *et al.* (2011) usam a denominação recreador. Pinheiro (2005) não faz distinção de denominação e nem de cargos, apresentando os sujeitos de sua pesquisa como profissionais do lazer e da recreação.

Isayama (2002, p. 94) afirma que essa “multiplicidade de denominações encontradas no mercado de trabalho, são escolhidas a partir do tipo de ação que se quer retratar, e algumas delas nem sempre requerem formação profissional específica”. O autor aponta que, em muitos espaços, a pessoa que irá atuar com o lazer apenas toma conhecimento das atividades que serão desenvolvidas, bem como dos procedimentos relacionados com o funcionamento do local, havendo pouca liberdade de decisão e escolha por parte dos profissionais, uma vez que as propostas são apresentadas aos supervisores como “pacotes de lazer”, os quais visam o simples consumo, o prazer e o descanso, não envolvendo a participação efetiva de todos os sujeitos.

Em relação aos cargos desenvolvidos, Delgado (2003) apontou que dos seus nove (9) entrevistados, seis (6) possuem o cargo de coordenadores de lazer e três (3), de gestores de lazer. Enquanto no estudo de Silva (2016), os cargos exercidos pelos cinco profissionais entrevistados que atuam em acampamentos são: dois (2) ocupavam o cargo de diretor geral; um (1), o de coordenador geral de recreação e eventos; um (1), de gerente geral de unidade e gerente do departamento de monitoria, e o último, ocupava o cargo de psicólogo.

Desse modo, os achados destes estudos são similares aos encontrados pela presente pesquisa, demonstrando, assim, algumas das possibilidades de denominações e cargos que podem ser encontrados e exercidos pelos profissionais do lazer e da recreação.

Assim, compreendo que os profissionais devem pautar a sua atuação na educação para e pelo lazer, como aponta Stoppa (2000):

o trabalho deve passar por uma ação onde o profissional tenha uma profunda consciência das necessidades das pessoas, de acordo com a cultura vivida por ela, oferecendo a maior quantidade possível de informações (tanto em relação aos conteúdos quanto nos gêneros), de modo que os envolvidos possa fazer uma opção naquilo que querem desenvolver, buscando, sem a imposição, gerar atitudes críticas e criativas, para o desenvolvimento pessoal e social dos participantes (p. 179).

Dessa maneira, o animador sociocultural é apontado como profissional capacitado para atuar no lazer e recreação, segundo Marcellino (2003), por dominarem um conteúdo cultural e dividirem esse domínio com outras pessoas, por meio da reflexão e valoração de suas próprias ações, reconhecendo-se como educador.

Assim, é importante pensar a atuação profissional a partir de uma noção da animação cultural, como definido por Melo (2007, p.14):

uma tecnologia educacional (uma proposta de intervenção pedagógica), pautada na ideia radical de mediação (que nunca deve significar imposição), que busca contribuir para permitir compreensões mais aprofundadas acerca dos sentidos e significados culturais que concedem concretude a nossa existência cotidiana (considerando as tensões que nesse âmbito se estabelecem), construída a partir do princípio de estímulo às organizações comunitárias (que pressupõe a ideia de contribuir para a formação de indivíduos fortes, para que tenhamos realmente uma construção democrática), sempre tendo em vista provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a superação do *status quo* e para a construção de uma sociedade mais justa.

Para Melo (2007), a animação cultural é uma proposta de pedagogia social que não se restringe a um campo único de intervenção, podendo ser implementada em diferentes âmbitos, seja no lazer, escola, família ou em qualquer espaço possível de educação; tampouco pode ser compreendida e estar circunscrita a apenas uma área de conhecimento. Assim, o autor descreve que a animação cultural é fundamentalmente

um processo de intervenção que se constitui “favor”, não necessariamente “contra” algo. É pensar uma iniciativa de “alfabetização cultural em várias vias. Não é só para a escrita que somos educados cotidianamente como também para os sons, olhares, paladares, sensações em geral. Potencializar e ampliar tais importantes dimensões humanas para ser um apontamento necessário. Não se trata de substituir uma coisa por outra, mas pensar que

tudo pode ser acessado desde que os indivíduos sejam educados para exercer conscientemente seu direito de escolha (MELO, 2004, p. 96).

Portanto, essa responsabilidade deve ser assumida por todos os profissionais que atuam na área do lazer e da recreação, independente do termo pelo qual são denominados ou do cargo que exercem, pois assumir este compromisso fará com que o indivíduo passe a entender, respeitar e a criticar as diferentes manifestações culturais presentes no lazer, podendo promover uma conscientização quanto às questões políticas, sociais e culturais que se manifestam nessas atividades.

A missão do animador cultural seria a de despertar nos sujeitos novas formas de compreender a realidade, estimulando sua reflexão e possibilitando o questionamento do contexto no qual está inserido. Para isso, o animador deve basear-se no processo da mediação, ou seja, deve ser capaz de facilitar e de possibilitar a aquisição do conhecimento, sem ter que, obrigatoriamente, transmiti-lo de forma unilateral. Melo (2006) alerta que esta atuação deve ser cautelosa, para que o profissional não caia na armadilha de julgar o que deveria ou não ser estimulado.

### 2.2.2 Caminhos Possíveis de Atuação Profissional

Pensando nos caminhos possíveis de atuação profissional, Stoppa (2000) aponta pelo menos três possibilidades diferentes, considerando que a contratação desse profissional pode ser feita das seguintes formas: trabalhar como *freelance*, modalidade em que o profissional atua à medida que há disponibilidade de tempo para a realização do trabalho, sem que haja vínculo empregatício e tendo a remuneração efetivada por dia de trabalho realizado. Há também o trabalho autônomo, realizado mediante a prestação de serviço, em que há desvinculação trabalhista e a remuneração é feita de acordo com um contrato de trabalho, que fixa os valores a serem recebidos. Por fim, o trabalho pode ser realizado por meio de uma empresa terceirizada, onde o profissional é funcionário e a empresa é responsável por qualquer problema que envolva o profissional de lazer.

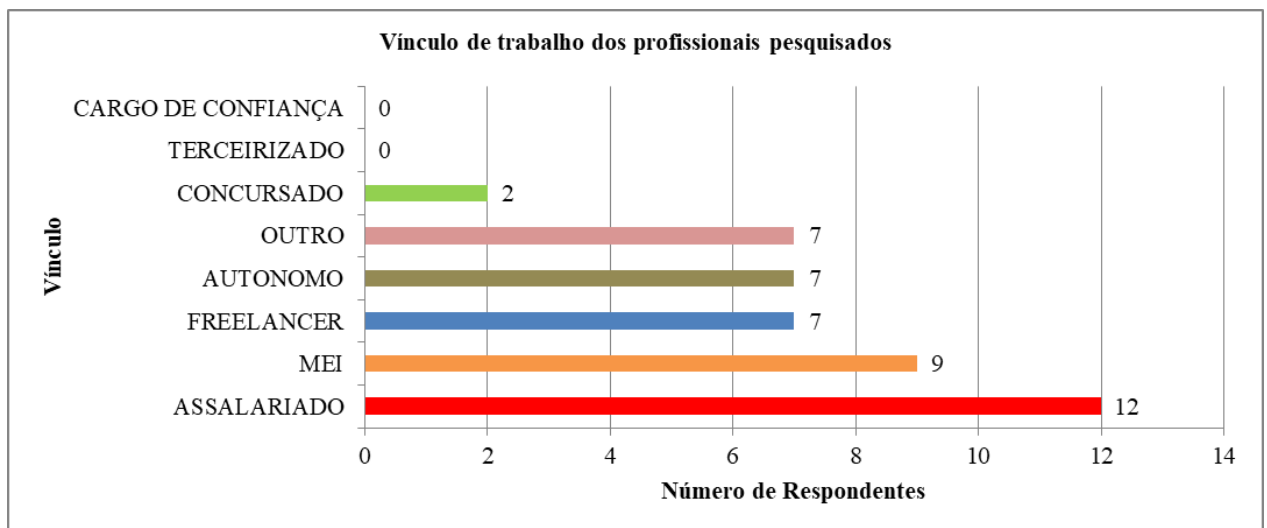
Nesse sentido, questionei qual o vínculo de trabalho que os profissionais possuíam, colocando como opção de respostas: assalariados (com vínculo empregatício), *freelancer* (contratação esporádica, sem vínculo empregatício), autônomos (prestador de serviço, sem vínculo empregatício), terceirizado (composição do quadro de prestadores de



serviço possuindo ou não vínculo empregatício), Micro Empreendedor Individual (MEI), concursado (cargo público), cargo de confiança (setor público) e outros.

Os dados demonstram que doze (12) respondentes são assalariados; nove (9), são microempreendedores individuais; sete (7), são *freelancer* e outros sete (7), são autônomos. A opção *outro* tipo de vínculo de trabalho foi apontada por sete (7) indivíduos, pois listaram opções não contempladas como (apresentar contrato no setor público, possuir microempresa ou ser microempreendedor pelo simples nacional) ou por possuir mais de um tipo de vínculo mencionado (autônomo e *freelancer*). Apenas dois (2) sujeitos são concursados e não houve respostas para as opções terceirizado e cargo de confiança no setor público. Os dados estão apresentados no gráfico 5.

**GRÁFICO 5** – Vínculo de trabalho dos profissionais pesquisados



Fonte: Dados da Pesquisa

Werneck (2001) aponta que o setor de prestação de serviços é o que mais cresce em todo mundo e o que engloba o mercado de trabalho no campo do lazer, sendo uma das marcas registradas desse campo. A prestação de serviços visualizada por esse estudo está relacionada com os profissionais que possuem registros como MEI. Nesse sentido, indago: porque os recreadores tem buscado esse tipo de vínculo de trabalho? Seria uma forma de legalizarem-se no mercado de trabalho? Seria pelos benefícios previdenciários para si e para os seus dependentes<sup>14</sup>? Penso, que esses questionamentos são plausíveis, contudo, não posso

<sup>14</sup> Ao se formalizar, o MEI passa a ter cobertura previdenciária para si e seus dependentes, com os seguintes benefícios: cobertura previdenciária, aposentadoria por idade, auxílio doença, aposentadoria por invalidez, salário maternidade, pensão por morte e auxílio reclusão. Essas informações estão disponíveis no site: <<http://www.portaldomeendedor.gov.br/duvidas-frequentes>>. Acesso em 24 de abril de 2018. Observação: ao

deixar de refletir que ser um MEI, é ser um prestador de serviços; e, a prestação de serviços tem seu trabalho pautado mais no montante de serviços prestados do que pelo tempo de trabalho, e nesse sentido, os profissionais de lazer tendem a trabalhar mais, procurando ganhar o suficiente para manter um padrão mínimo e desejável de vida (DIAS; ISAYAMA, 014).

Esse aprofundamento da temática é importante, pois, no atual momento, existem perspectivas relacionadas à prestação de serviço que irão impactar no mercado, como a aprovação do Projeto de Lei (PL) nº 4.302/1998 no congresso nacional, que dispõe sobre as relações de trabalho na empresa de trabalho temporário e na empresa de prestação de serviços a terceiros, sendo conhecida como lei da terceirização. Tal lei poderá gerar reflexos e perdas significativas quanto aos direitos dos trabalhadores, em geral, e, conseqüentemente, para os profissionais do lazer, pois os mesmos poderão ter jornadas de trabalho mais longas e intensas do que já enfrentam, sem condições dignas de trabalho, gerando uma precariedade em relação à qualidade do serviço prestado.

Deste modo, estamos vivenciando um novo modelo de mercado de trabalho, margeado por questões tecnológicas e econômicas que acabam por reorganizar os sistemas de produção e a forma dos sujeitos se relacionarem com o tempo e com o espaço de trabalho. No entanto, é preciso pensar em como se estabelecem os modelos de produção e as relações trabalhistas dos profissionais que atuam no âmbito do lazer.

Quanto aos vínculos que podem ser estabelecidos no setor público, Lopes (2009) aponta que a forma de ingresso no serviço público pode acontecer de diferentes maneiras, como: concurso público – cargo efetivo; ofertas de estágio; e parcerias com entidades como ONG's. A autora problematiza que estas entidades atuam como meros contratantes e, muitas vezes, não definem critérios qualitativos para a contratação, abrindo brechas para que as mais variadas formas de indicação continuem constituindo o principal critério de acesso a tais cargos públicos.

O trabalho de Moreno (2005) questiona a situação funcional dos seus entrevistados, em que dez (10) deles possuíam contratos pela consolidação das leis de trabalho (CLT); um (1) contrato por temporada; dois eram estagiários e nenhum manifestou vincular-se profissionalmente por meio de contratos de prestação de serviços ou outras opções a serem indicadas. Em contrapartida, Delgado (2003) descreveu que dos nove profissionais por ela entrevistados, coordenadores ou gerentes da área de lazer nos hotéis, trinta e três por cento (33%) possuíam empresas de lazer e, portanto, terceirizavam esse serviço. Os dados

---

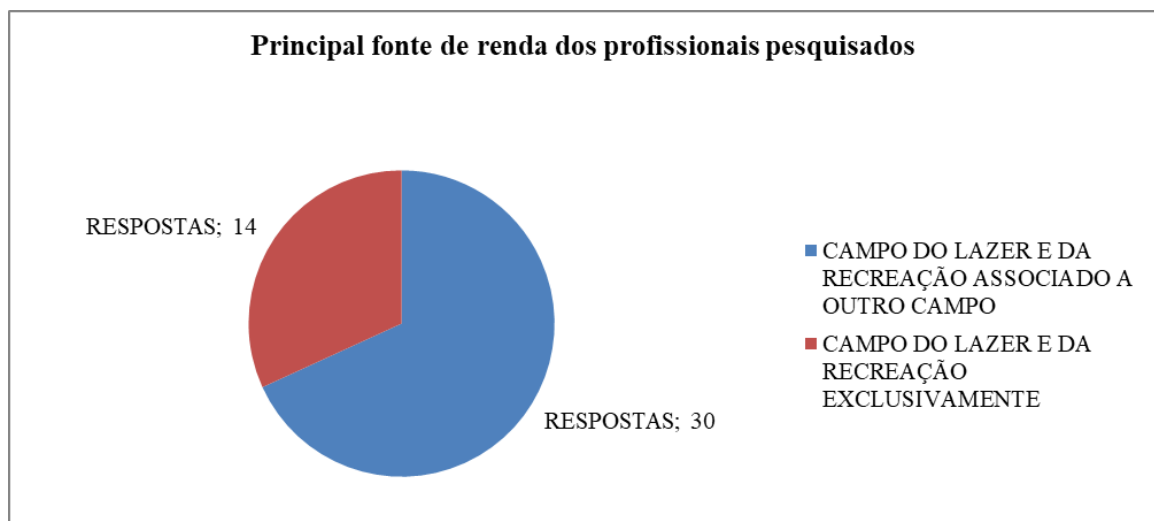
serem vinculados como MEI, os profissionais não possuem, por exemplo, o direito a férias remunerada e a licenças (por doença e/ou maternidade).

encontrados por Moreno (2005) demonstram uma similaridade com a presente pesquisa, uma vez que, em ambas, a maioria dos profissionais possui vínculos empregatícios. Entretanto, são diferentes aos citados por Delgado (2003), que apontam que os vínculos de trabalho são realizados por meio de serviços terceirizados.

Ao retratar o vínculo de trabalho, pensamos nas perguntas relacionadas com a fonte de renda, lançando mão de duas questões: qual a sua principal fonte de renda e qual a renda salarial mensal adquirida apenas por meio do trabalho no campo da recreação e do lazer.

Em relação à principal fonte de renda, trinta (30) dos respondentes declararam possuir renda que associa o campo da recreação a outro campo de atuação. Foram listados os seguintes campos e/ou áreas: educação, escolas; professor (a) de Educação Física, de recreação em escola, de natação, de hidroginástica, de ginástica e de matemática; locutor; execução de projetos; técnica esportiva; na área da saúde; cuidadora de idosos; estagiária como inspetora; atividades circenses na área escola; *personal trainer*; empresária; papelaria personalizada; funcionalismo público; psicólogo em um centro de equoterapia e possuir outras atribuições na universidade. Enquanto quatorze (14) profissionais atuam exclusivamente no campo da recreação e do lazer, como pode ser visto no gráfico 6.

**GRÁFICO 6** – Principal fonte de renda dos profissionais pesquisados



Fonte: Dados da Pesquisa

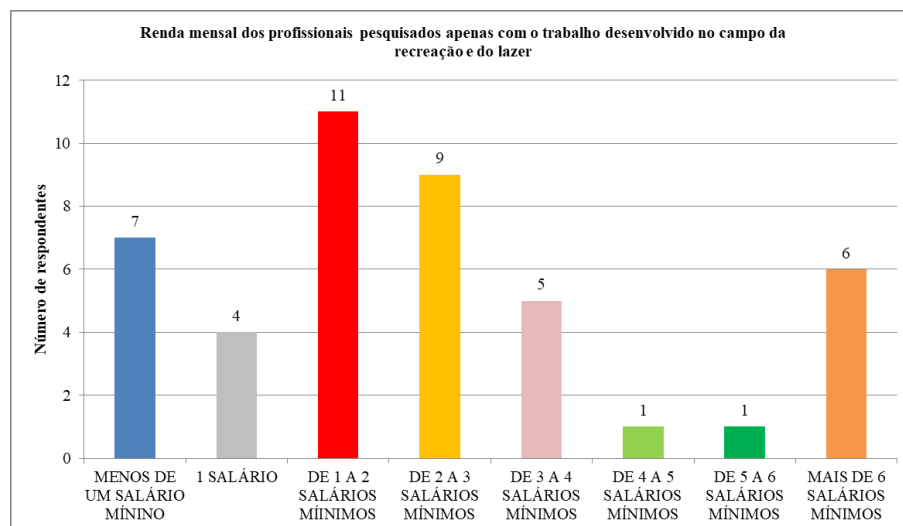
Os dados descritos vão ao encontro com a pesquisa de Pinheiro (2005), que apontou que 56% dos profissionais têm o trabalho em lazer e recreação como fonte de renda

secundária; 28% têm o lazer e a recreação como fonte de renda principal e apenas 16% têm o lazer e a recreação como sua única fonte de renda.

Este dado pode trazer duas considerações: a primeira, de que é preciso complementar a fonte de renda recebida com o trabalho da recreação e do lazer, e a segunda, que o trabalho com a recreação e o lazer pode ser visto apenas com uma possibilidade de complementação de renda. Isso pode ser verificado no estudo de Costa *et al* (2011), em que 17,5% dos entrevistados relataram que o motivo que os levaram a atuar como monitores recreacionistas em hotéis de lazer foi a possibilidade de uma fonte de renda extra, uma vez que o trabalho exige dedicação principalmente aos finais de semana, feriados e temporadas. Vitória *et al.* (2011) também apontaram que 30% dos recreadores entrevistados foram atuar na área por possibilidade melhora da questão financeira (atividade extra somente).

Tratando da renda mensal recebida apenas com o trabalho desenvolvido no campo da recreação e do lazer, onze (11) respondentes recebem de 1 a 2 salários mínimos; nove (9), de 2 a 3 salários mínimos; sete (7), menos de um salário mínimo; seis (6), recebem mais que 6 salários mínimos; cinco (5), de 3 a 4 salários mínimos; um, recebe de 4 a 5 salários; e outro, de 5 a 6 salários, como descrito no gráfico 7.

**GRÁFICO 7** – Renda mensal dos profissionais pesquisados apenas com o trabalho desenvolvido no campo da recreação e do lazer



Fonte: Dados da pesquisa

Os achados dessa pesquisa são diferentes daqueles encontrados no trabalho de Vitória *et al.* (2012), no que diz respeito ao número de profissionais que recebem menos de um salário mínimo. Enquanto, apenas 7 dos profissionais que responderam a essa pesquisa

recebem menos de um salário mínimo; 17 dos entrevistados pelos autores acima recebem menos que um salário mínimo.

Perguntei, ainda, como eles se sentiam em relação à remuneração recebida pelo seu trabalho e porque se sentiam da maneira como descreveram. Vinte e quatro (24) respondentes sentem-se insatisfeitos, fato que pode ser identificado pelo uso dos seguintes termos em suas respostas: desvalorizado, pouco valorizado, ainda não é merecido, é razoável, decepcionante, poderia ser melhor. Tais percepções podem ser apreendidas pelas falas de alguns sujeitos, abaixo:

Pouco desvalorizado por ser formada. Por não receber muito (Sujeito 2).

Pouco valorizada. Por atuar em horários alternativos, e não ter o devido reconhecimento, sendo considerado apenas um momento de alegria e não um trabalho (Sujeito 8).

Poderia estar melhor devido à falta de preparo de profissionais da área que trabalham por pouco e apresentam serviço de péssima qualidade (as pessoas que trabalham com Recreação e Lazer, necessitam estudar e se profissionalizar. Brincar não é passatempo e exige responsabilidade de quem está conduzindo). A crise financeira do país atrapalhou bastante o faturamento anual da empresa. Sinto uma desvalorização dos gestores que necessitam dos Recreatores para desenvolver as atividades. Pagar de cachê para um Recreador por 4h de serviço, o valor referente a R\$70,00 variando até R\$90,00 é uma vergonha. Vale ressaltar que grande parte dos Recreatores possuem uma formação superior e necessitam de uma maior valorização. Precisamos nos unir para valorizar o profissional RECREADOR” (Sujeito 11).

Me sinto lesada. A remuneração é muito baixa em relação ao trabalho que desenvolvemos (Sujeito 12).

As falas dos sujeitos descrevem as suas insatisfações com a renda recebida, relacionando-as com as seguintes questões: desvalorização da profissão; muitas horas de trabalho dedicadas; desempenho do trabalho em horários e dias alternativos; investimento em formação e retorno desproporcional.

Com relação à desvalorização da profissão, é possível afirmar que a mesma está relacionada com dois fatores: a presença de mão de obra não qualificada no mercado e o fato da sociedade, em geral, ainda carregar os resquícios da estigmatização associada às atividades de lazer e de recreação, considerando-as como de segunda categoria em relação às atividades produtivas e laborais. Ou seja, a visão de senso comum acaba por marginalizar a ação do profissional de lazer, ocasionando uma desvalorização que ocorre tanto em termos de reconhecimento, quanto em relação à questão financeira e, conseqüentemente, uma atuação calcada em estereótipos (SANTOS, 2011).

Tratando do pouco valor recebido pelo profissional que possui curso superior, entendo que isso pode estar atrelado à ideia de que para atuar na área não é necessário ter formação específica e aprofundada do tema (ISAYAMA, 2010). Isso permite a inserção de profissionais sem nenhum tipo de formação, não havendo, assim, distinção dos valores a serem pagos aos profissionais. Esse fato corrobora as pesquisas de Ribeiro (2006; 2007; 2011), que mostraram que as empresas não valorizam os profissionais do lazer com formação universitária, nem na atuação nem para a ascensão a outros cargos dentro na animação. O estudo de Vitória *et al.* (2011) apontou que, na maioria das situações, a valorização do profissional em relação ao valor recebido se dá pelo tempo de experiência na área e não pela formação acadêmica.

As questões relativas à jornada de trabalho e à dedicação em horários alternativos serão discutidas, com mais profundidade, no próximo tópico, que apresenta os pontos negativos do trabalho com a recreação e o lazer. Contudo, o que se pode constatar é que a maioria dos profissionais de lazer são submetidos a extensas jornadas de trabalho, com horário de descanso reduzido e ainda enfrentam uma sobrecarga advinda do número insuficiente de profissionais nas equipes de trabalho, acarretando desgaste físico, intelectual e emocional (SANTOS, 2011).

Ainda sobre a remuneração recebida, dezoito (18) respondentes declaram estar satisfeitos, fato que pode ser percebido mediante o uso dos termos (bem, feliz, satisfeito, grato, compatível), como pode ser visualizado em algumas das falas:

Bem. Porque estou satisfeita (Sujeito 1).

“Satisfeita”. “Eu realmente valorizo meu trabalho como recriadora” (Sujeito 18).

Bem. Consigo viver bem com esse salário (Sujeito 34).

Fico feliz com minha remuneração. Considero que consigo viver com dignidade com a remuneração que recebo (Sujeito 38).

Outros dois (2) respondentes não deixaram claro o seu grau de satisfação em relação à remuneração recebida, dando a entender que possuem uma satisfação pessoal e com o campo de atuação, como pode ser visto abaixo:

Acredito que estou em fase de ganhar confiança e credibilidade. Pois deixei 10 anos de uma outra função para só agora achar a minha vocação (Sujeito 42).

Por mais que o trabalho seja muito cansativo e desgastante, pois é feito quando as pessoas estão em seus momentos de lazer eu me sinto bem por poder proporcionar

alegria a outras pessoas. Por saber que posso fazer o bem a uma pessoa que simplesmente precisava de um sorriso (Sujeito 43).

A fala do sujeito 42 menciona uma satisfação pessoal por ter se encontrado profissionalmente, relacionando uma vocação para atuar como recreador. Já o sujeito 43, demonstra uma satisfação com a sua atuação profissional, enfatizando que, apesar de trabalhar no momento de lazer das pessoas, ele se sente bem por proporcionar alegria. Esses fatos estão relacionados com o pensamento de que o profissional precisa amar o que faz e/ou que já possui um dom para desempenhar esse trabalho; e, ainda, o entendimento restrito sobre lazer e recreação, entendendo-os apenas como uma forma de levar alegria e divertimento às pessoas.

Pinheiro (2005) também questionou a satisfação do profissional de lazer e recreação com a remuneração recebida por seu trabalho e apurou que 64% dos profissionais entrevistados declararam estar “satisfeitos ou muito satisfeitos” com as remunerações recebidas; 20% declararam-se “insatisfeitos ou muito insatisfeitos” e 16% declararam-se “indiferentes” com as remunerações recebidas. Assim, os achados do presente estudo são divergentes dos encontrados por este autor, pois a maioria dos sujeitos apresentou insatisfação quanto à remuneração recebida.

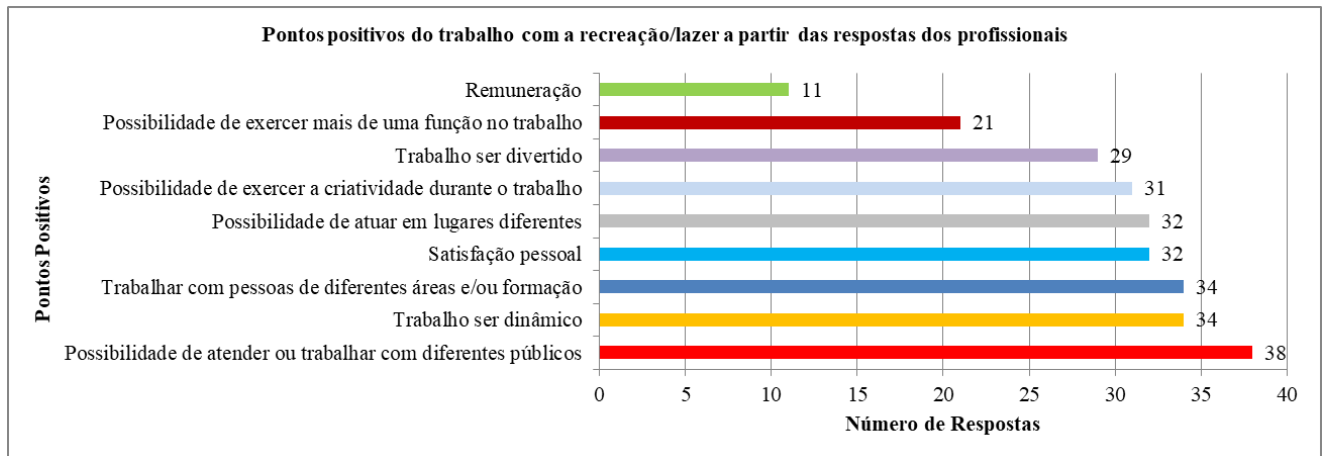
### 2.2.3 Potencialidades e Limites do Campo de Atuação Profissional da Recreação e do Lazer

Diante deste contexto, é possível perceber que o campo de atuação no âmbito do lazer e da recreação é diversificado e apresenta potencialidades, mas também limites a serem superados. Tais potencialidades e/ou limites podem ser configurados por meio dos pontos positivos e negativos do trabalho com a recreação e o lazer, podendo trazer informações em relação à expectativa de permanência/abandono dos profissionais deste campo de atuação.

Desse modo, perguntei qual(is) os pontos positivos e negativos do trabalho com a recreação e o lazer. Com relação aos pontos positivos, o maior número de respostas (38 respostas) considerou a possibilidade de atender ou trabalhar com diferentes públicos (crianças, jovens, adultos e idosos); seguido de 34 respostas cada, o fato do trabalho ser dinâmico e de poder trabalhar com pessoas de diferentes áreas e/ou formação. A satisfação pessoal e a possibilidade de atuar em lugares diferentes também tiveram uma frequência de resposta igual, com 32 cada. Já a possibilidade de exercer a criatividade durante o trabalho, teve 31 respostas; seguido do trabalho ser divertido, com 29; da possibilidade de exercer mais de uma função no trabalho, com 21 e, por fim, a remuneração, com 11 respostas. Ressalto, que os respondentes puderam assinalar mais de uma opção, fato que faz com que a soma dos

pontos positivos representados no gráfico 8 apresente um resultado maior que o número de questionários respondidos.

**GRÁFICO 8-** Pontos positivos do trabalho com a recreação/lazer a partir das respostas dos profissionais



Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando o ponto positivo com o maior número de respostas, - a possibilidade de atender ou trabalhar com diferentes públicos (crianças, jovens, adultos e idosos) - avaliamos que esse ponto está atrelado à possibilidade que o profissional possui de atuar com um público específico, de acordo com suas experiências e habilidades pessoais e/ou profissionais; ou ainda, promover a interação entre os públicos. Assim, apesar de ver esse ponto como positivo, entendo que os trabalhadores do campo lazer/recreação precisam promover reflexões acerca de cada tipo de público, pois são grupos complexos e heterogêneos. Isso porque ao mesmo tempo em que há uma singularidade e coesão entre os membros de cada um desses grupos, há também uma pluralidade das diferenças entre os sujeitos, que podem ou não, integrar um mesmo grupo etário e social (ISAYAMA; GOMES, 2008).

Desse modo, o recreador deve compreender os limites e potencialidades de cada grupo, uma vez que a fase da vida em que se encontra um indivíduo tende a afetar suas preferências e vivências de lazer. Essa compreensão irá refletir nas estratégias de intervenção a serem elaboradas, para que não sejam realizadas atividades que, por exemplo, infantilizam os adultos e os idosos; ou que o profissional só consiga chamar atenção das crianças quando estiver vestidos com uma fantasia (MARCELLINO, 2000). Um outro quesito a ser considerado é mudança que vem ocorrendo na pirâmide etária do Brasil. Certamente, a



diminuição do número de crianças e o aumento da população idosa trará consequências neste campo de atuação profissional (DIAS; ISAYAMA, 2014).

Outro ponto a ser analisado é a possibilidade de trabalhar com pessoas de diferentes áreas e/ou formação, o que nos leva a crer que os sujeitos da pesquisa compreendem o lazer e a recreação como um campo multidisciplinar. Destaco, também, os pontos relacionados ao trabalho ser visto como algo divertido, bem como à possibilidade de exercerem a criatividade durante o trabalho que desenvolvem.

O fato do trabalho com o lazer possuir componentes lúdicos e proporcionar prazer pode levar os profissionais a pensar que estão conseguindo um trabalho fácil, acreditando que o que fazem o dia todo é brincar e não trabalhar e que ainda contam com uma remuneração para o desempenho dessas funções (ISAYAMA, 2009). Essa visão traz à tona a ideia de que o lugar de trabalho não pode ser um espaço em que se vivência o lúdico, ou seja, o trabalho, em geral, não pode constituir-se por componentes lúdicos. Ressalto, entretanto, que esses componentes constituem a própria base de atuação profissional no lazer, possibilitando inter-relacionar lazer e trabalho (DIAS; ISAYAMA, 2014). Outro ponto, é que isto pode levar os profissionais a se esquecerem de que, apesar de contemplar aspectos mais agradáveis que outros trabalhos, em virtude da própria característica do lazer, a atuação na área continua a configurar-se como uma ação profissional, por isso, abriga, também, componentes de obrigação no seu desenvolvimento.

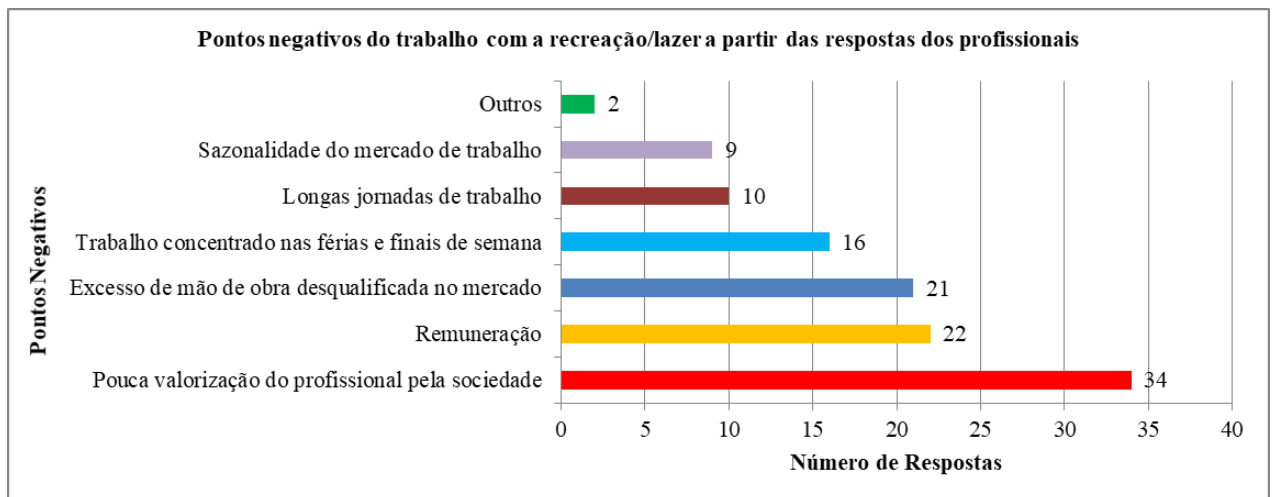
Para Moreno (2005), isto demonstra que a falta de componentes lúdicos no trabalho das pessoas, em geral, contribui para fazer com que o trabalho no âmbito do lazer seja confundido com o próprio lazer desses profissionais, de modo que as horas reservadas ao seu trabalho podem ser confundidas com o seu próprio lazer. Ainda de acordo com a autora, ignora-se que trabalhar com o lazer, assim como qualquer outro trabalho, exige elementos pedagógicos, técnicos, culturais e sociais que devem estar contextualizados politicamente, além de contar com os componentes de obrigação que permeiam os acordos dos quais qualquer tipo de trabalho depende.

Tais dados encontrados corroboram os estudos de Pinheiro (2005), em que os aspectos positivos mais citados, foram: satisfação pessoal (40%); trabalho ser divertido (36%); possibilidade de conhecer muitas pessoas (36%); o prazer de perceber a satisfação dos clientes com o serviço prestado (32%); a possibilidade de exercer a criatividade durante o trabalho (20%) e a possibilidade de conhecer vários lugares diferentes (12%).

Quanto aos pontos negativos, foi destacado, com um maior número de respostas, a pouca valorização do profissional pela sociedade, com trinta e quatro (34). A remuneração foi

o segundo ponto negativo mais citado, com vinte e duas (22) respostas; seguido do excesso de mão de obra desqualificada no mercado de trabalho, com vinte e uma (21); trabalho concentrado nas férias e nos finais de semana, com dezesseis (16); longas jornadas de trabalho, com dez (10); e, sazonalidade do mercado de trabalho (9). A opção *outros* foi listada por dois (2) recreadores, que destacaram a pouca valorização pela gestão da empresa que atuam. Ressalto, que os respondentes puderam assinalar mais de uma opção, fato que faz com que a soma dos pontos negativos representados no gráfico 9 apresente um resultado maior que o número de questionários respondidos.

**GRÁFICO 9** - Pontos negativos do trabalho com a recreação/lazer a partir das respostas dos profissionais



Fonte: Dados da Pesquisa

Avalie que a pouca valorização do profissional pela sociedade pode estar relacionada a fatores como o fato de a atuação no âmbito do lazer ainda não se constituir como uma categoria profissional consolidada no mercado de trabalho e no sistema social, de maneira geral; e o fato de que, apesar de atuarem com o público, os profissionais de lazer ainda não poucos conhecidos e, por isso, pouco valorizados (DIAS; ISAYAMA, 2014).

Stoppa e Isayama (1999) apontam que este tipo de ocupação nem sempre é reconhecida como uma ação profissional, ocorrendo insinuações frequentes sobre a atuação dos profissionais do lazer, como se este exercício não devesse ser caracterizado como trabalho, mas como lazer – e um lazer “cinco estrelas”, usufruído apenas por pessoas privilegiadas. Por esse motivo, muitas pessoas tendem a restringir o entendimento sobre a intervenção profissional no lazer, considerando-a, muitas vezes, como um trabalho “fácil” e “gostoso” de ser realizado, em comparação com aqueles que não apresentam nenhuma

possibilidade lúdica. Para além disso, ainda existe a associação da natureza do trabalho com o lazer, enfocando-o como um “simples” entretenimento, considerando as atividades de lazer como de segunda importância em relação às atividades produtivas e laborais (DIAS; ISAYAMA, 2014; TAHARA; SHWARTZ, 2003).

Bramante (1999), ao analisar a questão dos clubes sociorecreativos da região de Sorocaba, afirma que persiste a pouca valorização da função de animação, determinado, assim, um papel inferior para o profissional de lazer.

Este dado vai ao encontro do estudo de Tahara e Schwartz (2003), que apontou a pouca valorização profissional como a maior dificuldade no cotidiano dos recreadores atuantes em hotéis.

O segundo ponto mais destacado foi a remuneração, com 22 respostas, o que corrobora os sentimentos dos recreadores em relação ao valor recebido por seu trabalho, uma vez que a remuneração foi apontada como o último ponto positivo do trabalho com a recreação e o lazer.

Em relação às longas jornadas de trabalho e à atuação em horários e dias alternativos, é possível afirmar que fatores podem desencadear aos profissionais dificuldade para vivenciarem os seus momentos de lazer, pois trabalham justamente nos períodos institucionalizados “formalmente para o lazer”. Nesse sentido, Marcellino (2002b) apresenta este fato como um dos limites no processo de atuação destes profissionais:

Geralmente é nos seus períodos de trabalho (fins de semana e férias) que o leque de atividades socioculturais, nos centros urbanos, aumenta. Em consequência, esse profissional acaba sendo limitado na vivência de todas essas opções durante seu lazer. O segundo é que seu relacionamento familiar torna-se complicado, pois no momento em que os familiares estão disponíveis para o lazer, os profissionais estão trabalhando, podendo ocorrer o distanciamento e por fim o desgaste institucional provocado pela falta de divisão clara entre os momentos de trabalho e de lazer, no relacionamento com os demais amigos e colegas de trabalho, confundindo situações e espaços ora de trabalho, ora de lazer (p. 172).

Werneck (2001) descreve que as possibilidades de prestação de serviço no lazer são marcadas por longas e intensas jornadas, sem condições dignas de trabalho. A autora relata que profissionais contratados para atuar em hotéis em época de alta temporada nem sempre detêm o direito a um tempo mínimo de descanso ao longo do período. Ribeiro (2007) também identificou que a jornada de trabalho dos profissionais de lazer nos cruzeiros marítimos é bastante extensa, chegando a 12, 14 horas por dia, de modo que o pouco tempo livre que lhes sobram é utilizado para o descanso.

Essa concentração do trabalho pode acarretar dificuldade para o profissional em relação aos seus próprios momentos de lazer, não conseguindo, muitas vezes, vivenciar os seus momentos de trabalho e não-trabalho, como qualquer outro cidadão. Entretanto, o fato de estarem em contato com situações lúdicas e prazerosas em suas atividades laborais não faz do seu trabalho um momento de lazer próprio (STOPPA; ISAYAMA, 2001). É preciso entender o seu exercício como trabalho e não como lazer, como “algo não sério” ou como apenas um “bico”, pois se assim não o fizer, poderá acontecer uma inversão de valores, ressaltando que tais trabalhadores deveriam agradecer pela oportunidade de trabalho que lhes é oferecida pelas empresas (WERNECK, 2001).

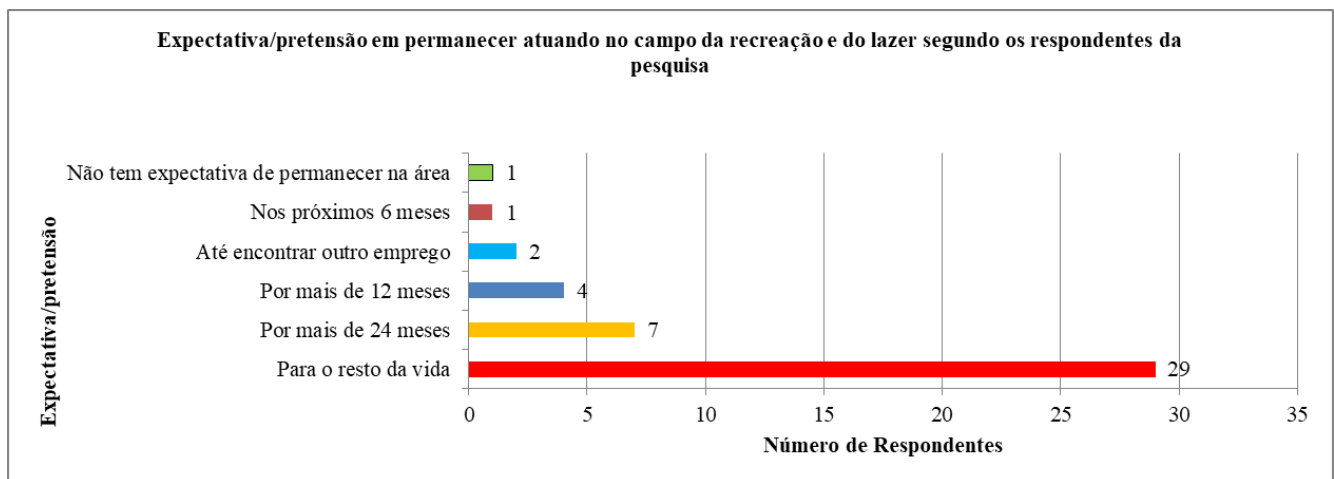
Diante de tais apontamentos, cabe ao profissional de lazer e recreação ter consciência do valor e da importância do seu trabalho, para conseguir romper com os paradigmas existentes e reivindicar as condições necessárias para sua atuação.

Assim, para superar estes e os demais problemas apresentados nesse capítulo, corroboro as ideias de Dias e Isayama (2014), que afirmam que é preciso que o profissional lute por melhores condições de trabalho e lazer, o que inclui a redução da jornada diária, procurando, inclusive, um revezamento entre os profissionais, para que todos possam satisfazer suas próprias necessidades de lazer. Os autores também colocam que é necessário um maior interesse, por parte dos profissionais da área, na busca dos conhecimentos que envolvem os estudos para além das questões técnicas, buscando um trabalho mais coeso com seus objetivos. Isso poderia minimizar a confusão existente entre a prática do lazer e a prática profissional que exige o lazer, já que se apresentam separadas, na nossa realidade.

Outro ponto destacado pelos recreadores foi a sazonalidade deste mercado, pois, normalmente, as oportunidades de trabalho acontecem na época de temporadas de férias; nos feriados prolongados; em datas comemorativas, como as confraternizações de final de ano; não existindo, muitas vezes, uma demanda regular para esse serviço. Pinheiro (2005) destaca que, em Florianópolis, há grande oferta de trabalho no mercado do lazer e da recreação durante o verão e em algumas datas comemorativas, tendo uma drástica redução da oferta de trabalho no restante do ano. O autor também analisou os aspectos negativos relacionados ao campo de atuação e destacou a baixa remuneração recebida (52%), seguido, respectivamente, dos seguintes itens: horário alternativo de trabalho (24%); excesso de mão de obra desqualificada e longas jornadas de trabalho, com (16%) cada; pouca valorização do profissional pela sociedade e a sazonalidade no mercado, com (12%) cada. Assim, os dados são similares em ambas as pesquisas.

Percebo que os aspectos negativos podem refletir sobre a expectativa de permanência de atuação nesse mercado de trabalho, porém é perceptível que os pontos positivos da profissão se sobressaem, pois vinte e nove (29) dos recreadores afirmaram que pretendem permanecer trabalhando na área da recreação e do lazer pelo resto de suas vidas, enquanto apenas um recreador relata não ter a expectativa de permanecer na área, e mais um possui o interesse de permanência por apenas mais seis meses, como pode ser verificado no gráfico 10.

**GRÁFICO 10** – Expectativa/pretensão em permanecer atuando no campo da recreação e do lazer segundo os respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Os dados corroboram, em parte, os estudos de Pinheiro (2005), que apontaram que 60% dos profissionais pretendem trabalhar por vários anos com lazer e recreação; 32%, para o resto da vida e apenas 8%, até encontrarem um outro emprego. A pretensão de permanecer atuando no campo da recreação e do lazer pode estar relacionada à satisfação pessoal e profissional apontada pelos recreadores nessa pesquisa, que envolve os aspectos relacionados à função exercida e os pontos considerados positivos em trabalhar com a área. Esses fatos tornam-se significativos, superando os limites e dificuldades encontradas no âmbito do lazer e da recreação.

Além das discussões relacionadas ao campo de atuação, proponho, nesse estudo, analisar o perfil dos profissionais inseridos neste mercado, bem como os conhecimentos, habilidades, saberes e competências necessários para seu processo de atuação. Compreendo que a análise de tais questões podem apontar informações quanto à formação desses sujeitos, indicando onde adquirem e/ou constroem os saberes sobre lazer e recreação e como isso tem

contribuído com sua atuação profissional. Desse modo, os achados podem promover discussões e reflexões quanto aos processos formativos, de atuação e de intervenção nesta área, sendo abordados no próximo capítulo.

### **3 PERFIL DOS RECREADORES E SUAS RELAÇÕES COM A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Este capítulo objetiva discutir as questões relativas ao perfil do profissional que atua no âmbito do lazer e suas relações com os processos de formação e atuação.

Neste sentido, entendo o perfil profissional como o conjunto de competências e habilidades esperadas para que um profissional seja capaz de atuar em determinada área de intervenção. Reitero que essa é uma discussão incipiente, quando relacionada aos profissionais que atuam no campo do lazer e da recreação, pois poucos trabalhos acadêmicos se dedicam a analisar a temática.

Para isso, apresento os dados obtidos por meio da análise do questionário *online*, tendo em vista as questões sobre perfil e visando estabelecer uma conexão com o referencial teórico adotado. Para realizar as discussões referentes ao assunto proposto, trabalhei com três categorias de análise: sujeitos da pesquisa e suas formações; perfil, características, conhecimentos, saberes e competências necessários ao recreador; práticas e experiências de lazer e suas contribuições na formação e atuação profissional.

#### **3.1 Sujeitos da Pesquisa e suas Formações**

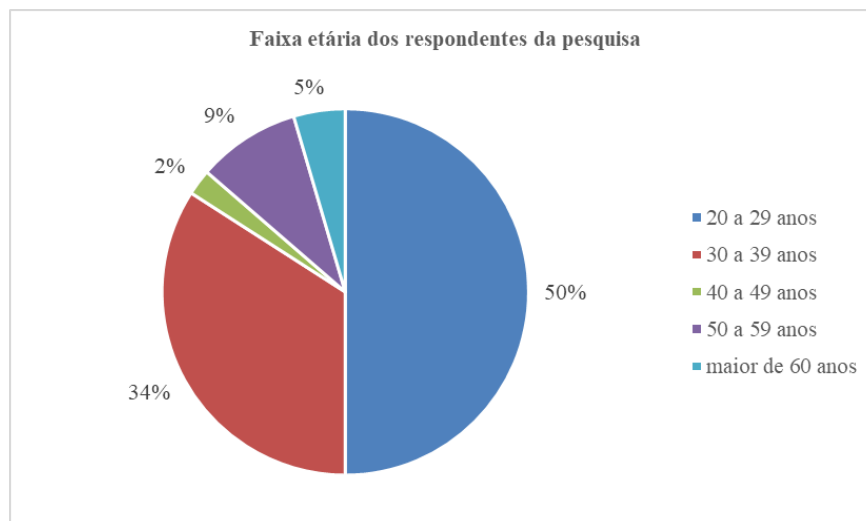
Para analisar as questões sobre o perfil do profissional do lazer e da recreação, inicio caracterizando os sujeitos que responderam ao questionário proposto nesse estudo, trazendo as informações em relação ao sexo, faixa etária, raça e/ou cor, estado/cidade em que residem, grau de formação, tempo de atuação e os motivos que os influenciaram para optarem por uma atuação no campo do lazer e da recreação. Esses dados me orientaram para compreender o universo de atuação em que estes profissionais estão inseridos.

O número de questionários analisados foram 44, com uma amostra homogênea em relação ao sexo, assim, responderam ao questionário 22 indivíduos do sexo masculino e 22 do feminino, ou seja, cinquenta por cento (50%) de cada sexo. Estes dados são similares aos encontrados nos estudos de Moreno (2005), que apresentou sete (7) profissionais do sexo masculino e seis (6) do feminino. E, diferentes do encontrado nos estudos de Pinheiro (2005) e Vitória *et al.* (2012) que tiveram uma maior prevalência do sexo feminino, bem como o de Delgado (2003), que apresentaram um maior número de profissionais do sexo masculino. Outros estudos, como o de Tahara e Schwartz (2003) e o de Célio (2014), apenas descrevem que os sujeitos foram profissionais de ambos os sexos. Desse modo, não podemos afirmar que

exista uma prevalência maior de determinado sexo entre os profissionais de lazer, uma vez que os dados encontrados nos estudos são diferentes.

Em relação à faixa etária dos respondentes da pesquisa, cinquenta por cento (50%) foram sujeitos entre 20 a 29 anos; seguidos de indivíduos entre 30 a 39 anos, com trinta e quatro (34%). As menores porcentagens foram para as faixas etárias de 50 a 59 anos, com nove (9%); maior que 60 anos, com cinco (5%) e 40 a 49 anos, com dois por cento (2%). Sendo assim, a média de idade dos sujeitos foi de 33,7 anos. Os dados são apresentados no gráfico 11.

**GRÁFICO 11** – Faixa etária dos respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Esses resultados demonstram que os profissionais respondentes dessa pesquisa não são constituídos por pessoas jovens. Nesse estudo, fica compreendido como jovem aquelas pessoas com idade entre 15 e 24 anos, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para afirmar isso, avaliei a quantidade de indivíduos que responderam ao questionário e que estavam na faixa etária estabelecida pelo IBGE. Desse modo, apenas cinco (5) profissionais possuem idade correspondente a essa faixa etária, com idades entre 21 e 23 anos. Além disso, reitero que a idade média dos respondentes foi de 33,7 anos.

Quanto às faixas etárias, estes dados são similares aos encontrados por Pinheiro (2005), num estudo em que a maioria dos profissionais tinham entre 20 e 29 anos (60%); outros 28%, entre 30 e 39 anos; enquanto 12% tinham até 19 anos, não sendo encontrado profissional com idade igual ou superior a 40 anos.



Os dados do presente estudo também foram similares aos de Delgado (2003), em relação aos coordenadores entrevistados, cuja faixa etária variou de 20 a 36 anos; porém divergentes no que diz respeito às equipes dos coordenadores entrevistados, compostas por recreadores com idade que variava entre 18 e 27 anos, sendo que (56%) deles tinham idade inferior a 24 anos.

Outro estudo que demonstrou resultados diferentes em relação à idade foi o de Vitória *et al.* (2012), em que (80%) dos recreadores pesquisados tinham idade inferior a 24 anos.

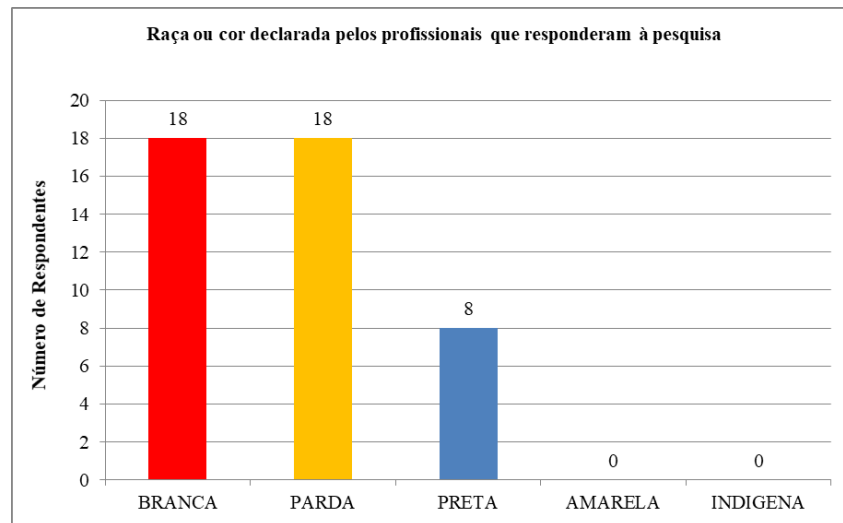
As principais diferenças encontradas por essa pesquisa em relação aos demais estudos é a presença de profissionais com idade igual ou superior a 40 anos e a prevalência de jovens com idade igual ou inferior a 24 anos.

Contudo, existe a discussão de que é uma profissão constituída por pessoas jovens. Delgado (2003) aponta que isso está relacionado com a prevalência de indivíduos jovens, com idade inferior a 24 anos, que ainda não terminaram o ensino superior ou são recém formados. Isso pode acarretar um problema, o fato de o trabalho do recreador ser visto como um “bico”. Para aprofundar a análise, verifiquei o grau de instrução dos respondentes com idade igual ou inferior a 24 anos e de 5 sujeitos, apenas um está cursando Educação Física e o outro possui ensino médio completo. Outros 3 recreadores possuem ensino superior completo em Educação Física. Ou seja, nessa pesquisa, a maior parte dos indivíduos nessa idade já completaram os estudos.

Um outro aspecto levantado para a prevalência de pessoas jovens no mercado de trabalho está relacionado à ideia de que esses são sujeitos mais ativos e possuem mais energia, devido às questões fisiológicas (DELGADO, 2003). Entretanto, essa pesquisa apresentou 7 profissionais com idade igual ou superior a 40 anos, havendo, dentre eles, um recreador com 65 anos de idade.

Neste sentido, corroboro o disposto por Delgado (2003), que afirma que é importante mesclar a faixa etária dentro de uma equipe, a fim de obter um equilíbrio entre responsabilidade, experiência e dinamismo.

No que diz respeito à raça ou cor dos profissionais, não encontrei estudos que levassem em consideração essas variáveis no campo do lazer e da recreação. O presente estudo demonstrou uma homogeneidade em relação à raça/cor branca e à parda, cada uma apresentando um número de dezoito (18) indivíduos; oito (8) respondentes, declararam a raça/cor preta. Não foi encontrada nenhuma resposta para a raça/cor amarela e/ou indígena, como pode ser visualizado no gráfico 12.

**GRÁFICO 12** – Raça ou cor declarada pelos profissionais que responderam à pesquisa

Fonte: Dados da Pesquisa

Não encontrei estudos que demonstrassem a prevalência de raça ou cor dos profissionais do lazer e da recreação. Por isso, para compreender os resultados, busquei por dados no Censo Demográfico Brasileiro de 2010 e pela taxa de desocupação<sup>15</sup> relativa à raça ou cor, pois suas análises nos permitem discutir aspectos relacionados à distribuição da população no mercado de trabalho.

No Censo Demográfico de 2010, 47,7% da população declarou-se branca; 43,1%, parda; 7,6%, preta; 1,1%, amarela e 0,4%, indígena. Em relação à taxa de desocupação, a maior proporção é de indivíduos pardos, 14,5%; seguidos de pretos, 13,6% e de brancos, 9,5%. Essas estatísticas mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial, uma vez que a população preta e parda ainda possui menores possibilidades no mercado de trabalho. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos (GOMES; MARLI, 2018).

<sup>15</sup> É o percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas na força de trabalho:  $[\text{desocupados}/\text{força de trabalho}] \times 100$ . Essa taxa é divulgada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). A PNAD Contínua destina-se a produzir informações contínuas sobre a inserção da população no mercado de trabalho associada a características demográficas e de educação, e, também, para o estudo do desenvolvimento socioeconômico do País. A taxa de desocupação analisada foi relativa ao 4º trimestre de 2017. Essas informações encontram-se disponíveis no *site* do IBGE:

<[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad\\_continua/primeiros\\_resultados/analise01.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/primeiros_resultados/analise01.shtm)>. Acesso em 03 de junho de 2018.

<[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad\\_continua/default.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/default.shtm)>. Acesso em 03 de junho de 2018.

Na avaliação de Luiz Chateaubriand (2018)<sup>16</sup>, estes são um resultado da forma como o mercado se estrutura em função das questões de raça e cor. O autor ainda explica que a população negra e parda tem mais dificuldade de obter emprego, mesmo quando tem o mesmo nível de escolaridade e titulação e, quando consegue, está sub-representada em postos de comando e chefia; além de não ter acesso a bens e propriedades e ganhar salários mais baixos do que a população branca. Também afirma que o racismo é um componente da estruturação do mercado de trabalho e que, sob qualquer aspecto que se observe, a raça pesa, é um condicionante que influencia o lugar do negro nos postos de trabalho.

Cerqueira (2012) verificou que a situação dos negros no mercado de trabalho é praticamente sempre inferior a dos não-negros<sup>17</sup>, principalmente no que diz respeito aos rendimentos, ao nível de hierarquia dentro de uma empresa, à desocupação, ao trabalho infantil, e a outros índices apresentados. A autora aponta que são necessárias medidas cujo objetivo seja nivelar por cima o acesso a oportunidades de emprego e melhores condições de trabalho para os negros, já que a situação atual é fruto de um processo histórico enraizado na sociedade brasileira. De acordo com Otair Fernandes (2018 *apud* GOMES; MARLI, 2018)<sup>18</sup>, a realidade do Brasil ainda é herança do longo período de colonização europeia e do fato de ter sido o último país a acabar com a escravidão. O autor ressalta que ainda é muito difícil para a população negra ascender economicamente no Brasil, pois após a abolição não houve nenhum projeto de inserção do negro na sociedade brasileira, sendo necessário a realização de políticas públicas de afirmação/valorização do negro. Corroboro o pensamento do autor e acredito que as políticas públicas devem ser realizadas com o objetivo de garantir a igualdade de oportunidades, sendo destinadas às pessoas que são vítimas de discriminação racial no país.

Para além disso, sugiro que outras pesquisas sejam fomentadas sobre o mercado de trabalho no campo do lazer e da recreação, relacionado com a raça ou cor dos indivíduos, para que possamos compreender melhor esse universo, problematizá-lo, gerando reflexões que possam ser inseridas no contexto da formação e atuação dos profissionais de lazer e da recreação.

---

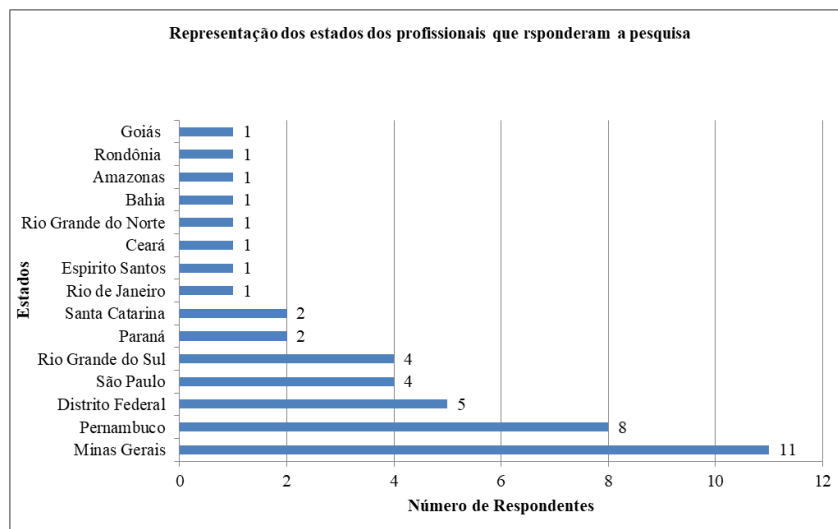
<sup>16</sup> É sociólogo da Superintendência de Estudos Econômicas e Sociais da Bahia e também analista da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

<sup>17</sup> Cerqueira (2012) esclarece que serão utilizados os termos “negros”, que são compostos de “pretos” e “pardos” e “não-negros”, compostos por “brancos” e “amarelos”.

<sup>18</sup> Doutor em Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Leafro/UFRRJ)

Como esse estudo propôs investigar os recreadores em âmbito nacional, perguntamos em qual Estado/Cidade residiam, na tentativa de identificar o local com maior concentração destes profissionais. Foram citados quatorze (14) estados e o Distrito Federal. No gráfico 13, apresento os estados e o número de sujeitos em cada um. O estado com o maior número de respondentes foi Minas Gerais, com onze (11) sujeitos; seguido de Pernambuco, com oito (8) e, depois, do Distrito Federal, com cinco (5) representantes.

**GRÁFICO 13** – Representação dos estados dos profissionais que responderam à pesquisa

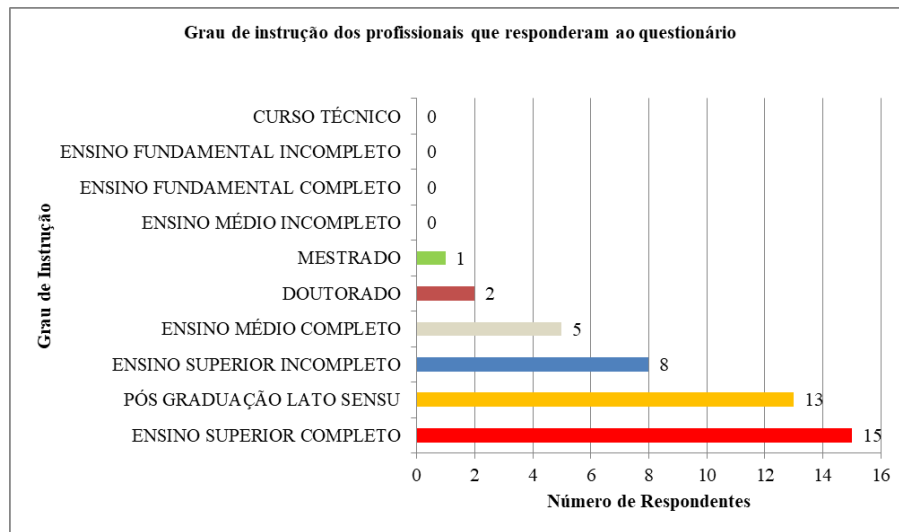


Fonte: Dados da Pesquisa

A presença de uma amostra tão diversa está relacionada às estratégias metodológicas traçadas nessa pesquisa. Reitero que os questionários *online* foram disparados pelo serviço de *mailing* da empresa Clube dos Recreadores e na rede social *Facebook* e, nesse sentido, as respostas devolvidas foram de pessoas que tiveram acesso ao mesmo e que se disponibilizaram a respondê-lo.

### 3.1.1 Formação dos Sujeitos

Quanto ao grau de instrução, quinze (15) dos participantes têm ensino superior completo; treze (13), pós graduação *lato sensu*; oito (8), ensino superior incompleto; cinco (5), ensino médico completo; dois (2) com doutorado e um (1) com mestrado. Não houve respostas para as opções de ensino fundamental completo e/ou incompleto, ensino médio incompleto e curso técnico. Os dados estão representados no gráfico 14.

**GRÁFICO 14** – Grau de instrução dos profissionais que responderam ao questionário

Fonte: Dados da Pesquisa

Estes dados, revelam a prevalência de indivíduos com formação em nível superior, ou seja, com ensino superior completo, pós graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Esse dado corrobora o levantamento realizado por Célio (2014), em que 70% dos sujeitos tinham ensino superior completo.

Entretanto, os dados encontrados por essa pesquisa são diferentes dos achados por Pinheiro (2005), Gomes (2012) e Costa *et al.* (2011), uma vez que estes estudos demonstraram uma maior prevalência de indivíduos com ensino superior incompleto. Em Pinheiro (2005), 60% tinham curso superior incompleto; 24% possuíam curso superior completo; 8%, especialização; 4%, mestrado e outros 4% não atingiram o ensino superior.

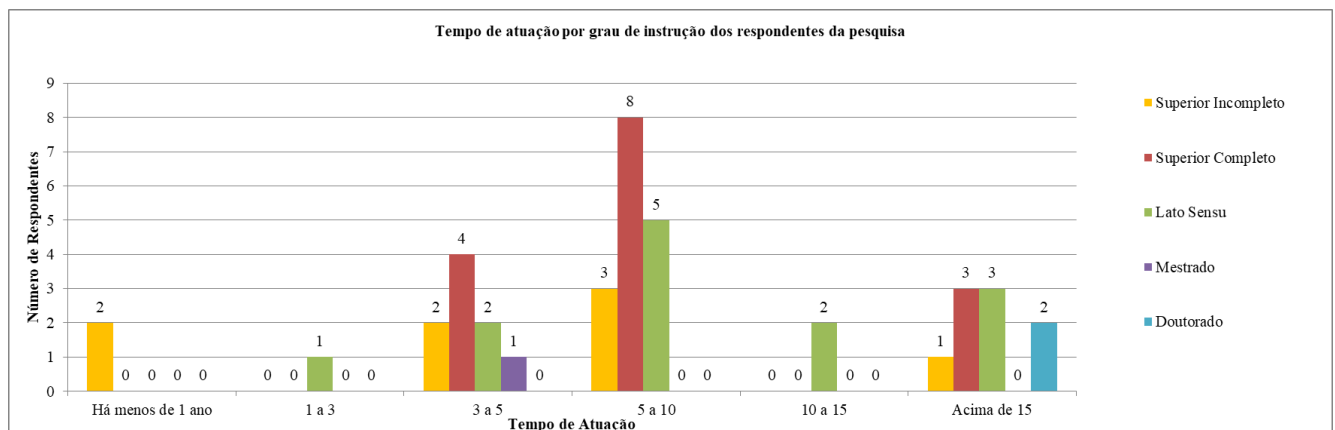
O estudo de Gomes (2012) apontou a presença de indivíduos (4) com ensino superior incompleto, sendo que os outros sujeitos entrevistados pelo autor possuíam: (2) ensino superior completo, (1) ensino médio completo e outros (2) ensino médio incompleto. Já no levantamento de Costa *et al.* (2011), 52% dos entrevistados possuíam ensino superior incompleto; 20%, ensino superior completo; 16%, ensino médio completo e 12% não responderam à questão.

Pensando sobre a presença de um maior número de universitários no mercado de trabalho do lazer e da recreação apresentada nos estudos, correlaciono-os com dois fatores. O primeiro é que os profissionais entendem que o trabalho com o lazer e a recreação é uma maneira fácil e rápida de ganhar dinheiro (TAHARA; SCHWARTZ, 2003), sendo, ainda, uma fonte de renda extra, já que acontece principalmente nos finais de semana, férias e alta temporada (COSTA *et al.*, 2011; VITÓRIA *et al.*, 2012). Ou seja, a profissão acaba sendo

vista como um “bico”. O segundo fator está relacionado com o fato de o trabalho ser realizado em dias e horários alternativos, como nos finais de semana e férias, permitindo ao estudante universitário conciliar seus estudos com o trabalho em lazer e recreação.

Desde modo, busquei compreender a divergência entre essa pesquisa e os estudos citados, a partir do cruzamento dos dados relacionados ao grau de instrução com o tempo de atuação como recreador. Para uma melhor visualização, apresento os dados no gráfico 15.

**GRÁFICO 15** – Tempo de atuação por grau de instrução dos respondentes



Fonte: Dados da Pesquisa

Como podemos visualizar no gráfico 15, tanto no período de 3 a 5 anos de atuação como de 5 a 10 anos há uma prevalência de profissionais com grau de instrução em nível superior, ou seja, sujeitos com ensino superior completo e pós graduação *lato sensu*. Entretanto, os profissionais com nível superior tem uma tendência de se afastarem desse campo após um período de 10 anos de atuação.

No período de 10 a 15 anos de atuação, foram encontrados somente profissionais com pós graduação *lato sensu* e no período acima de 15 anos a prevalência é de recreadores com ensino superior completo e especialização *lato sensu*, sendo verificada a existência de um profissional com ensino superior incompleto e dois, com doutorado.

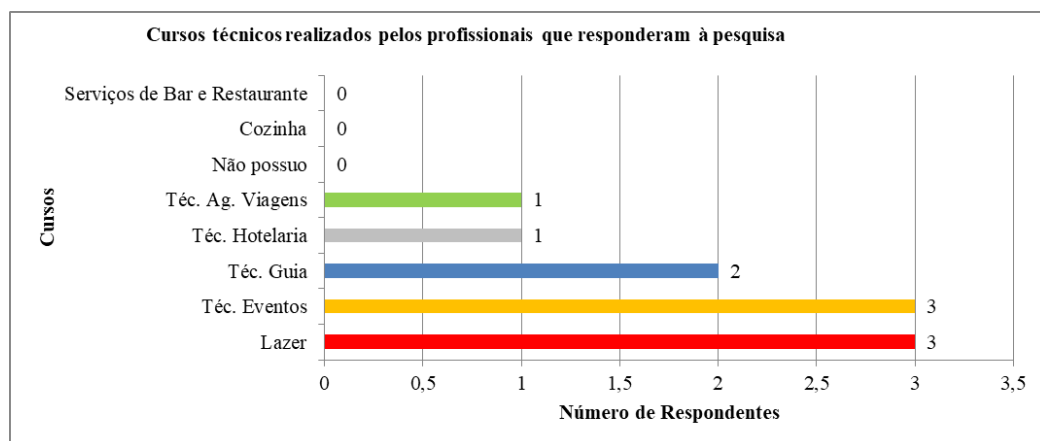
Ao encontrar dois profissionais com doutorado, indaguei quem eram esses sujeitos e qual a sua pretensão em continuar atuando no campo do lazer e da recreação. Um deles atua no setor público, como professor universitário, e tem a pretensão de manter-se atuando na área para o resto de sua vida. O outro atua no setor privado e no terceiro setor e tem a expectativa de manter-se atuando no campo por mais seis meses. Assim, esse sujeito colabora com o padrão, que aponta que os profissionais com grau de instrução superior não mantêm-se no mercado de trabalho por um período maior que 10 anos.

Outro dado que chamou atenção foi o pequeno número de sujeitos atuando pelo período de até 3 anos. Com esse tempo de atuação encontram-se 3 profissionais, sendo 2 com ensino superior incompleto e 1 com pós *lato sensu*. Para uma melhor compreensão desses dados, também cruzei as informações quanto à pretensão de manterem-se atuando no campo do lazer e da recreação. Assim, dos dois (2) sujeitos com ensino superior incompleto, um (1) pretende manter-se atuando na área pelo resto da vida e o outro tem a pretensão de atuar por mais 24 meses. Já o recreador com formação *lato sensu*, possui a expectativa manter-se no campo por mais 12 meses. Desse modo, tanto profissionais com superior incompleto quanto *lato sensu* não possuem expectativas de permanecer na área, ou seja, não é possível afirmar que somente os universitários enxergam a profissão como um bico.

Para entender melhor a formação destes profissionais, perguntei em qual(is) curso(s) se deu a formação do profissional: técnico; superior completo e/ou incompleto; pós graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*.

Com relação ao curso técnico, apesar do mesmo não ter sido apontado por nenhum respondente na questão referente ao grau de instrução, encontrei 9 respostas para a pergunta específica de possuir ou não curso técnico. Isso ocorreu porque esses indivíduos, atualmente, possuem ensino superior completo ou pós graduação *lato sensu*. Assim, três (3) indivíduos realizaram curso técnico em Lazer; outros (3), em Eventos; dois (2), em Guia de Turismo; um (1) em Hotelaria e mais um (1) em Agenciamento de Viagens. Não houve respostas para os cursos de cozinha e serviços de bar e restaurante. Os dados são apresentados no gráfico 16.

**GRÁFICO 16** – Cursos técnicos realizados pelos profissionais que responderam à pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Para compreender esses dados e a inserção dos profissionais com curso técnico no

mercado de trabalho, busquei por estudos que discutissem a temática. Assim, encontrei o de Santos (2018), que teve como objetivo analisar o perfil de formação profissional de duas modalidades de ensino que ofertam formação em lazer no Brasil (graduação e curso técnico), bem como identificar e avaliar a inserção de seus egressos no mercado de trabalho, na tentativa de conhecer os setores de atuação aos quais estão vinculados e as funções que desenvolvem.

A autora demonstrou que dos 16 egressos pesquisados, com formação no curso técnico de Lazer, apenas 2 estão exercendo a profissão. A maioria dos indivíduos justificam que não estão atuando na área pela falta de oportunidade de emprego neste segmento, ou ainda que preferiram investir em uma nova carreira; 60% dos egressos optaram por investir em uma outra formação acadêmica, dado que corrobora os encontrados nessa pesquisa.

Para analisar os cursos realizados pelos profissionais com ensino superior completo e incompleto, optei por organizar os dados separadamente. Entretanto, ressalto que não houve respostas para os cursos<sup>19</sup>: Lazer e Turismo; Administração; Terapia Ocupacional; Ciências Sociais; Serviço Social; Artes Cênicas e Artes Plásticas; independente da formação ser completa e/ou incompleta. Cursos não listados na questão foram apontados pelos sujeitos por meio da opção *outros* e, por isso, foram especificados no gráfico.

Com relação aos cursos realizados pelos indivíduos com ensino superior completo, encontrei uma maior prevalência de respostas para o curso de Educação Física, com vinte e quatro (24) respondentes. Outras quatro (4) respostas foram para Turismo; duas (2), para Pedagogia; duas (2), para Psicologia; duas (2), para Gestão de Recursos Humanos; e uma (1) resposta cada para os cursos de: Matemática, Tecnologia em Processamento de Dados.

Quanto aos cursos realizados pelos sujeitos com ensino superior incompleto, houve um equilíbrio no que diz respeito aos cursos de Educação Física e Pedagogia, com (2) duas respostas para cada curso; uma (1) resposta para Fisioterapia e outra para Medicina Veterinária.

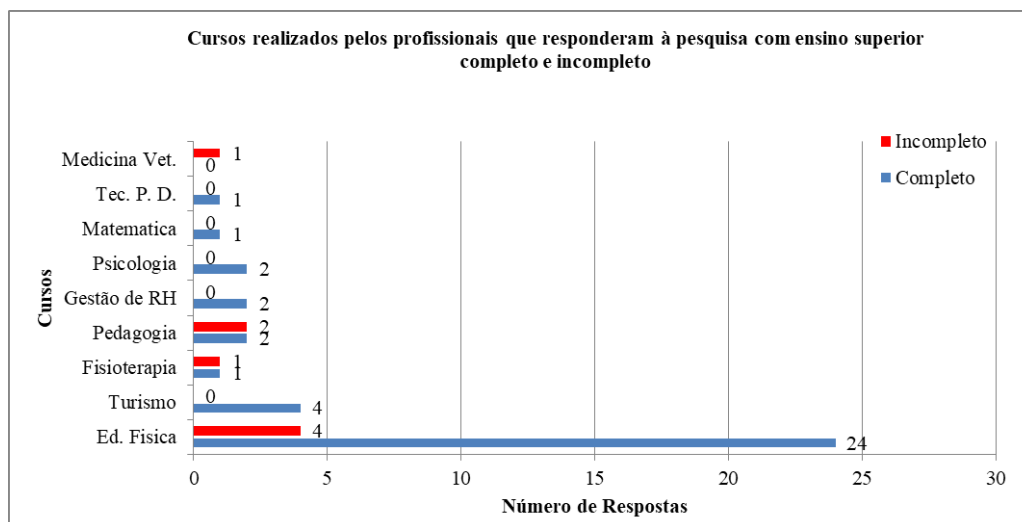
Os dados são apresentados no gráfico 17, ressalto que houve participantes que citaram mais de um curso, fazendo com que a soma dos cursos no gráfico apresentasse um resultado maior que o número de respondentes com grau de instrução em ensino superior completo.

---

<sup>19</sup> Esses cursos não foram contemplados no gráfico 16 para uma melhor organização dos dados apresentados.



**GRÁFICO 17** – Cursos realizados pelos profissionais que responderam à pesquisa com ensino superior completo e incompleto



Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados demonstram a prevalência do curso de Educação Física, fato já esperado, uma vez existe uma associação histórica do lazer com as atividades físicas e esportivas, o que colabora para o envolvimento desses profissionais no mercado de trabalho em recreação e lazer (ISAYAMA, 2009).

Os estudos de Delgado (2003), Gomes (2012) e Célio (2014) também fizeram distinção dos cursos, de acordo com o nível de formação (completa e incompleta). Em Delgado (2003) e Célio (2014) também houve uma prevalência por profissionais formados no Curso de Educação Física e os outros cursos apontados foram Pedagogia e Marketing. Já em Gomes (2012), houve a presença de um graduado em Educação Física e outro em Psicologia.

Pinheiro (2005) e Vitória *et al.* (2012) também demonstraram uma maior incidência para o curso de Educação Física, mas não distinguiram entre ensino superior completo e incompleto. Os demais cursos citados por Pinheiro (2005) foram: Pedagogia e Administração com (8,32%) cada; Turismo, Geografia, Serviço Social e Ciências Sociais com (4,16%) cada um.

Quanto aos cursos realizados pelos sujeitos com ensino superior incompleto, apenas Delgado (2003) demonstrou uma prevalência em Educação Física. Essa prevalência não foi visualizada nessa pesquisa e nem nos estudos de Gomes (2012) e de Célio (2014), sendo contemplados os cursos de Direito, Engenharia Civil e Fisioterapia com uma mesma incidência.

A presença de profissionais de outras áreas, configura o lazer como um campo multidisciplinar, o que contribui de maneira substancial para avanços qualitativos sobre a

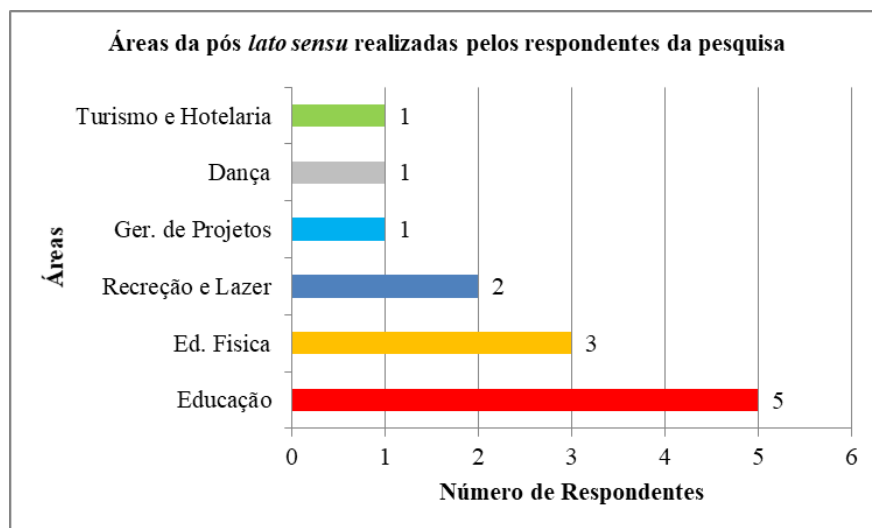
intervenção, estimulando a construção de novas abordagens e o engajamento nas ações referentes à temática. Essa multidisciplinaridade pode fomentar a reflexão e a crítica, referenciando diferentes perspectivas e questionamentos e, assim, contribuindo para o debate e aprofundamento de conhecimentos sobre o lazer, de modo que cada área poderá colaborar com os seus saberes específicos para intervir no âmbito do lazer (ISAYAMA, 2009, 2013).

Contudo, não quero generalizar a multidisciplinaridade, uma vez que profissionais de outras áreas procuram a atuação no campo do lazer e da recreação como um bico, como já discutido nessa pesquisa, principalmente os profissionais que ainda estão cursando o ensino superior.

Em relação à pós *lato sensu* e *stricto sensu*, perguntei em qual(is) área(s) foram realizadas. Quanto à pós *lato sensu*, as áreas listadas foram: Educação, com cinco (5) sujeitos; Educação Física, com três (3); Recreação e Lazer, com dois (2); Turismo e Hotelaria, com um (1); Dança, com um (1) e Gerenciamento de Projetos, com um (1).

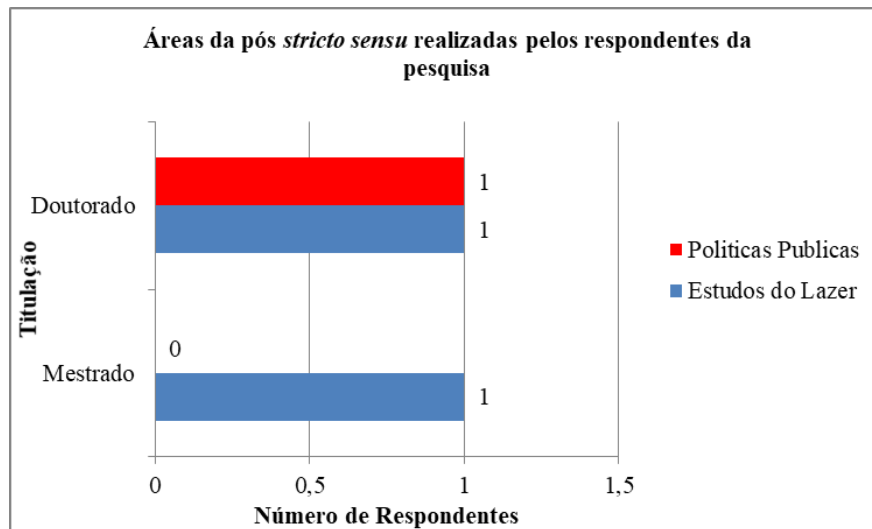
Considerando a formação *stricto sensu*, as áreas contempladas foram: Mestrado em Estudos do Lazer, com um (1) respondente; Doutorado, com dois sujeitos, um (1) em Estudos do Lazer e o outro em Políticas Públicas. Os dados são apresentados, respectivamente, nos gráficos 18 e 19.

**GRÁFICO 18** – Áreas da pós *lato sensu* realizadas pelos respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

**GRÁFICO 19** - Áreas da pós *stricto sensu* realizadas pelos respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Os dados demonstram uma prevalência de profissionais com formação superior *lato sensu* e isso pode estar relacionado à expansão do setor privado e do mercado de trabalho, que demanda novas formas e modalidades de cursos e níveis de ensino. Esses fatores se interligam com a atuação desses profissionais, que ocorre principalmente no setor privado.

Contudo, compreendo que ainda é baixo o número de profissionais com pós graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, e deixo o seguinte questionamento: os profissionais que atuam com o lazer e a recreação não veem essas formações como necessárias?

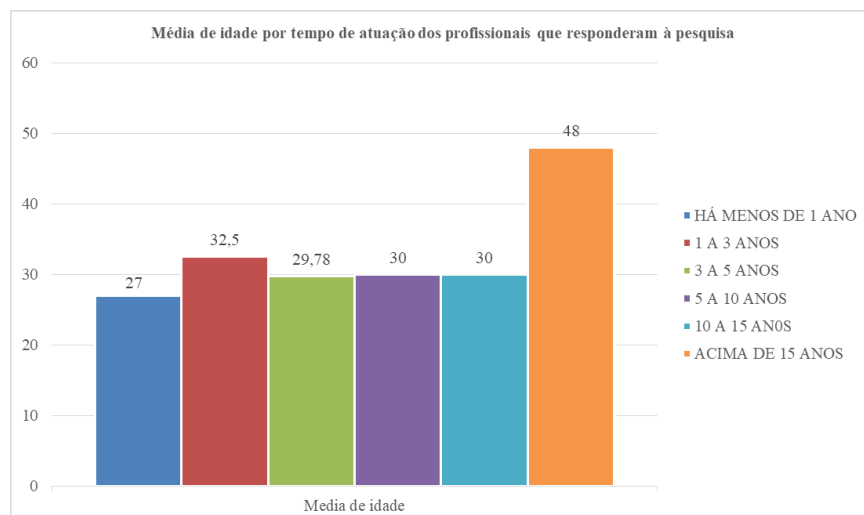
### 3.1.2 Atuação Profissional: tempo e influências na atuação

No que se refere ao tempo de atuação dos recreadores, quarenta e um por cento (41%) dos profissionais atuam há cerca de 5 a 10 anos; vinte por cento (20%) atuam de 3 a 5 anos; outros vinte por cento (20%) há mais de 15 anos; nove por cento (9%), de 1 a 3 anos, cinco por cento, de 10 a 15 anos e outros cinco por cento (5%) atuam há menos de um ano. Os dados são apresentados no gráfico 20.

**GRÁFICO 20** – Tempo de atuação dos profissionais que responderam à pesquisa

Fonte: Dados da Pesquisa

Para uma melhor compreensão desses dados, correlacionei-os com a média de idade dos respondentes da pesquisa. O objetivo de correlacionar os dados foi para verificar dois questionamentos: 1) quem está no campo há pouco tempo (há menos de um ano e no período de 1 a 3 anos) são os mais jovens? 2) qual a média de idade dos profissionais que atuam há mais tempo (de 10 a 15 anos e acima de 15 anos)? A análise desses dados pode nos indicar se os profissionais ficam muito tempo ou não atuando na profissão. No caso de haver mais jovens com menor tempo de atuação, isso pode indicar que a profissão realmente é enxergada como um bico. Esses estão apresentados no gráfico 21.

**GRÁFICO 21** – Média de idade por tempo de atuação dos profissionais que responderam à pesquisa

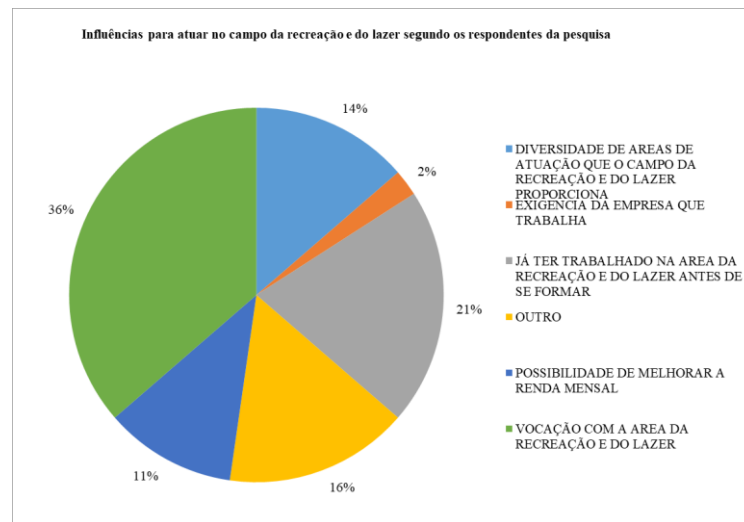
Fonte: Dados da Pesquisa

Para interpretar os dados, esclareço que compreendo jovens como as pessoas com idade de 15 a 24 anos, baseando-me no IBGE. Desse modo, os resultados demonstram que os profissionais possuem média de idade bem próximas, considerando os tempos de atuação, sendo diferente apenas para os profissionais que atuam há mais de 15 anos, cuja média de idade foi de 48 anos. Ou seja, essa pesquisa demonstra que não são os mais jovens que atuam há menos tempo no campo da recreação e do lazer, de modo que esse dado não condiz para afirmar a visão da profissão como um bico.

Os trabalhos de Pinheiro (2005) e Vitória *et al.* (2012) também apontam o tempo de atuação dos profissionais de lazer e da recreação, porém não correlacionam os dados tempo e idade. Em Pinheiro (2005), o maior número de profissionais afirmou atuar no período médio de 1 a 3 anos, com (36%) e um grupo menor afirmou atuar há mais de 10 anos, com (12%). Por outro lado, nos estudos de Vitória *et al.* (2012), a maior parte dos recreadores (55%) possuía menos de 1 ano de atuação e em Célio (2014), cerca de 50% da amostra afirmou atuar há mais de 6 anos.

Em relação aos motivos que influenciaram os profissionais a atuarem no campo do lazer e da recreação, trinta e seis por cento (36%) dos sujeitos relataram possuir vocação para a área da recreação e do lazer; vinte e um por cento (21%) afirmaram já ter trabalhado na área antes de se formar; catorze por cento (14%) se dizem influenciados pela diversidade de áreas de atuação que o campo da recreação e do lazer oferecem; onze por cento (11%) foram influenciados pela possibilidade de melhorar a renda mensal e apenas dois por cento (2%) descreveram que o trabalho foi imposto pela empresa na qual trabalham. Outras influências foram citadas por dezesseis por cento (16%) dos indivíduos, como: incentivo de um amigo para fazer um curso de recreação; ter cursado aulas de circo em um parque temático; obter uma renda extra para ajudar a pagar a faculdade; a formação que teve na graduação em educação física; a influência de alguns mestres e a paixão pela área; o fato de gostar de crianças; e a formação. Os dados estão caracterizados no gráfico 22.

**GRÁFICO 22** – Influências para atuar no campo da recreação e do lazer segundo os respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Os dados demonstram que persiste a ideia de que para atuar no campo do lazer e da recreação é preciso ter uma vocação, um dom. Essa condição também foi citada pelos profissionais pesquisados em relação ao grau de satisfação de suas funções e à renda mensal recebida, que foram discutidas no capítulo 2. Ventola (1997) descreve que é preciso que os indivíduos atuantes na recreação gostem da área e sintam prazer e satisfação pela recreação, pois são fatores necessários para conseguir obter um bom desempenho. O autor relaciona essa questão quando há a exigência de permanecer por muitos dias, dentro do local de atuação, como por exemplo, em um hotel em alta temporada.

Tais apontamentos reforçam ideia de que para atuar na área não é necessário uma formação específica e aprofundada da temática. Esse mal entendimento está atrelado à questão da aceitação da filosofia de trabalho e do perfil que se espera do profissional que atuará na área (STOPPA, 2000).

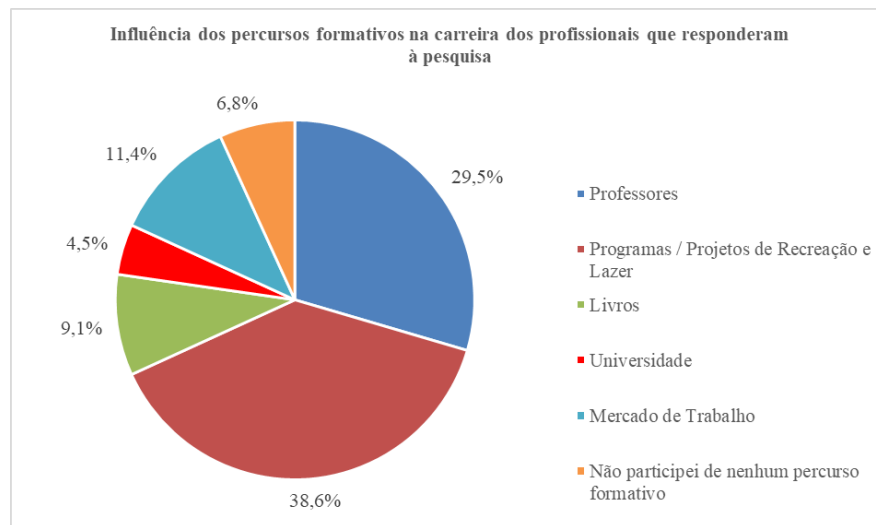
Outro ponto a ser destacado é a influência de já ter trabalhado na área da recreação e do lazer antes de se formar, o que pode indicar que as experiências adquiridas nos espaços de atuação foram positivas e despertaram nos sujeitos o interesse de permanecerem atuando no campo. Além disso, indica que o campo permite a inserção de profissionais no mercado de trabalho antes mesmo que eles concluam seus processos formativos.

A diversidade de áreas de atuação também é indicativa, pois o campo permite que esse profissional insira-se em diferentes setores e locais ao mesmo tempo. Já a possibilidade de melhorar a renda mensal, também já foi discutida em outros momentos nesse estudo, o que pode caracterizar que a atuação ainda é vista como um bico.

Estes resultados corroboram os encontrados por Vitória *et al.* (2012), cujos pesquisados descreveram os motivos que os levaram a atuar na área, a saber: 35% revelaram afinidade com a área; 30% perceberam a atuação como um meio de melhorar a questão financeira (atividade extra); 17,5% sentiram o interesse de se profissionalizar e outros 17,5% afirmaram que a atuação na área foi a única opção de trabalho que surgiu. Costa *et al.* (2011) também identificaram os motivos que levaram os monitores recreacionista a atuarem na área. 35% deles relataram ter bastante prazer e satisfação pessoal em trabalhar na área recreativa; 20% manifestaram o gosto de atuar com muitas pessoas, levando alegria, bem estar e diversão para grandes grupos; 17,5% avaliam que o trabalho representa uma fonte de renda extra, já que acontece principalmente aos finais de semana, feriados e temporadas; 12,5% afirmaram que a atuação na área representou possibilidade de crescimento profissional, a fim de aprender constantemente com inovações e improvisos; 10% avaliaram como ponto positivo a integração com outros monitores / possibilidade de novos aprendizados e 5% passaram a atuar com recreação devido à amizade com gestores dos hotéis, no sentido de ajudá-los quando há lotação dos leitos.

Por fim, para uma melhor compreensão e caracterização dos profissionais pesquisados, perguntei sobre a influência dos percursos formativos na carreira dos mesmos. Compreendo que uma carreira é influenciada por vários aspectos, que vão desde o que o indivíduo vivencia em sua vida pessoal e formativa (escola, universidade, professores, projetos/programas socioculturais), até o vivido em sua vida profissional (mercado de trabalho, colegas de profissão). Nesse sentido, o item mais citado foi a participação em projetos/programas de recreação e lazer, com (38,6%); seguido pela influência de professores, com (29,5%); o mercado de trabalho, com (11,4%); livros, com (9,1%); a universidade, com quatro por cento (4,5%), e não participaram de processos formativos (6,8%) dos sujeitos pesquisados. Os dados estão demonstrados no gráfico 23.

**GRÁFICO 23** – Influência dos percursos formativos na carreira dos profissionais que responderam à pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados demonstram que as influências na carreira destes profissionais estão ligadas a diferentes processos formativos (programas/projetos de recreação e a lazer, a universidade, livros), bem como de pessoas (professores), e de sua própria atuação profissional (mercado de trabalho). Tais influências foram percebidas nos trabalhos de Burnier *et al.* (2007), Silva (2010) e Santos (2013) que investigaram as trajetórias de professores, bem como no estudo de Capi (2016) que analisou a trajetória dos formadores do PELC.

### 3.2 Perfil, características, conhecimentos, saberes e competências necessários ao recreador

Diante de tais apontamentos, apresento e discuto as questões referentes ao perfil destes profissionais. Desde modo, perguntei no questionário se era necessário ter um perfil para atuar com a recreação e com o lazer, e noventa e oito por cento (98%) afirmam que sim, o que corrobora a pesquisa de Célio (2014), em que (100%) dos entrevistados relataram a necessidade de possuir um perfil profissional para atuar neste campo.

Outra questão realizada foi sobre que características são necessárias ao profissional que atua na área. Os resultados apontaram um certo equilíbrio nas respostas coletadas, em relação às características (comunicativo, dinâmico, alegre, educado, amor pelo que faz, simpático e conhecimento teórico sobre recreação e lazer), consideradas indispensáveis ao bom profissional. O menor número de respostas, vinte e seis (26) foi para a opção de conhecimentos específicos em atividades físicas, esportes, dança, ginástica, jogos e



brincadeiras. Outras características também foram citadas pelos sujeitos como: pró atividade; pontualidade; responsabilidade; prezar pela segurança; manter-se atualizado e estudar sempre; enxergar como profissão e não como bico; conhecimento sobre teatro e a necessidade de uma formação cultural ampliada. Os dados estão apresentados no gráfico 24. Ressalto que houve participantes que citaram mais de uma característica, fazendo com que a soma das características no gráfico apresentasse um resultado maior que o número de respondentes.

**GRÁFICO 24** – Características necessárias ao profissional do lazer e da recreação



Fonte: Dados da Pesquisa

Apesar das respostas terem apresentado um certo equilíbrio como apontado, considero importante destacar algumas características.

A comunicação foi a característica mais citada e entendo que o profissional precisa saber comunicar-se no sentido de se expressar, de escutar e entender, além de estabelecer contatos frequentes com outros profissionais e com o público alvo, compreendendo que a sisudez pode dificultar o trabalho (PINA, 2012; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Os profissionais também apontam características estereotipadas, como ser dinâmico, alegre, simpático, ter amor pelo que faz e gostar de crianças. A percepção do profissional para a necessidade de tais características está relacionada à questão da aceitação da filosofia de trabalho e do perfil esperado nos locais em que os profissionais do lazer e da recreação atuam (STOPPA, 2000). Desse modo, ao manter essas características como necessárias a sua atuação, os profissionais reforçam a ideia de que o bom humor supera as competências, e o lazer e a recreação tomam o sentido de um rol de atividades.

Diante de tal situação, Marcellino (2000) aponta que, ao agradar o cliente com o sorriso fácil, a solicitude e o corpo bonito, o profissional do lazer, muitas vezes, oculta a falta de condições de trabalho e de equipamentos, como também a falta de preparação profissional. O autor reforça que a ideia do bom humor na atuação profissional é entendida como fundamental, em detrimento da competência, pois prevalece o argumento de que bom humor não se aprende, mas competência se adquire. É preciso considerar que o bom humor é, antes de tudo, fruto de uma situação geral e profissional adequada, que poderá levar ao prazer. Portanto, para este autor, é do trabalho que deve nascer o bom humor, e não do bom humor estabelecido *a priori*, embora seja preciso considerar que trabalhamos com o público e a sisudez torna as coisas muito difíceis. Contudo, isso não significa “ausência de seriedade, competência, compromisso político; ao contrário, são esses três elementos que dão dignidade ao exercício da profissão” (STOPPA; ISAYAMA, 2001, p. 89).

Para Camargo (1998, p.142), “pouco importa se o animador é extrovertido ou introvertido, do tipo brincalhão ou mais tímido; se extrovertido, não pode ser invasivo; se introvertido ou tímido, não pode ser inseguro”. De acordo com o autor, um animador, seja ele mais sisudo ou tímido, pode revelar-se ineficiente se não conseguir transmitir ao cliente firmeza em suas propostas, sendo necessário ao profissional o respeito pelo universo pessoal de cada cliente e seu eventual desinteresse em participar da atividade proposta.

Outro ponto a ser destacado refere-se ao conhecimento teórico sobre recreação e lazer, que teve trinta e seis (36) respostas. Isso demonstra que os profissionais percebem que é necessário possuir um embasamento teórico para atuarem no campo. A importância dos conhecimentos de diversas técnicas de animação e intervenção, com trinta (30) respostas e conhecimento específico de atividades físicas, esporte, dança, ginástica, jogos, brincadeiras, com vinte e seis (26) respostas, revelam a percepção dos recreadores para a realização de atividades para além dos conteúdos físicos esportivos.

Outras duas características citadas pelos profissionais que merecem destaque é a necessidade do profissional manter-se atualizado e estudar sempre e possuir uma formação cultural ampliada. Apesar dessas características terem sido apontadas de maneira isolada, considero-as importantes, pois demonstram a ampliação do olhar para os aspectos relativos à formação e à atuação profissional. Este pensamento corrobora os ideais de Marcellino (2000), para quem o profissional precisa ser respeitado e se respeitar, acima de tudo; precisa estudar e se aprofundar, percebendo interseções de suas áreas com as demais, evitando, assim, o reforço do estereótipo do sujeito simpático, que sabe “agitar” pura e simplesmente.

As demais características citadas como: ser ético, educado, pontual, responsável e pró ativo, por sua vez, cabem a qualquer profissional, independentemente de sua profissão.

As características encontradas nesse estudo, corroboram os achados de Delgado (2003), Tahara e Schwartz (2003), Gomes (2012) e Célio (2014). Nesses trabalhos, foram citadas algumas outras como: respeito, humildade, saber ouvir, bom senso, ponderação, profissionalismo com horário e atividade, organização, jogo de cintura, segurança, carisma, liderança, responsabilidade, empatia, humildade, descontração, extroversão, domínio de atividades com diferentes públicos, receptividade, paciência, atenção, ser maleável, cuidadoso, imaginação, criatividade, desinibição e ter prazer e postura profissional.

Para um melhor entendimento sobre o perfil que os profissionais do lazer e da recreação devem possuir, trago as reflexões apontadas por Pina (2012) e Melo e Alves Júnior (2012).

Pina (2012) sugere uma outra abordagem sobre o perfil do profissional do lazer, independente da função que exerça, devendo combinar, em maior ou menor grau, as seguintes características: *formação* – a formação superior é desejável, mas não imprescindível, podendo ser realizada em diferentes cursos superiores; *informação* - o profissional do lazer deve ser uma pessoa bem informada, tanto em termos específicos como gerais; *comportamento e atitude* - o profissional deve ter uma boa relação com todas as pessoas, indistintamente, agindo com simpatia e naturalidade; *atualização* - deve ser um profissional atualizado, social e culturalmente; *imaginação e intuição* - deve ser capaz de utilizar no seu trabalho essas duas características humanas inerentes a todos os seres; *criatividade*: o profissional deve ter a capacidade de adaptar-se às circunstâncias, aos recursos disponíveis; *cooperativismo* - o profissional do lazer deve ser sempre capaz de trabalhar ou de atuar em grupo; *dedicação* - deve assumir o que faz ou que pode fazer; *comunicação* - o profissional precisa saber comunicar bem tanto no sentido de se expressar, como no de escutar e entender e, por fim, o profissional precisa ter uma *auto formação permanente* – deve estar sempre procurando aprender, seja em cursos, em participação de eventos ou com os demais profissionais e, também, de modo autodidata, lendo e absorvendo informações transmitidas pela mídia.

Ressalto que essas ideias são interessantes, porém parecem direcionar o entendimento para a noção de empregabilidade, pois enfatizam as características profissionais como uma questão individual, sem levar em consideração os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que constituem nossa realidade, colocando no profissional a responsabilidade de estar disponível e preparado para todas as mudanças requeridas pelo mercado, conforme questionam Dias e Isayama (2014).

Os autores Melo e Alves Júnior (2012) apontam algumas características específicas que devem ser buscadas pelo profissional de lazer, quanto à postura profissional e ao domínio de conteúdos, e que podem servir de parâmetro para os responsáveis pela formação profissional.

No que se refere à postura profissional, estes autores destacam: 1) *formação* - deve romper com os limites de sua formação acadêmica original e estabelecer diálogos com outros profissionais; 2) *liderança* - conduzir equipe para que a participação suceda de maneira crítica, ativa e criativa, buscando construir em conjunto com o público alvo da ação; 3) *comunicação* - deve estabelecer contatos frequentes com outros profissionais e com o público alvo e ter o entendimento de que a solidão pode dificultar o trabalho; 4) *criatividade* - estimular a capacidade de inovar, criar e recriar as propostas desenvolvidas; 5) *organização* - estabelecer a capacidade de planejamento, operacionalização e avaliação dos projetos / programas a curto, médio e longo prazos; 6) *atualização* - deve empenhar-se na busca de atualização permanente, tanto nos aspectos técnicos como no que se refere ao seu cotidiano social; 7) *seno crítico* - capacitar-se para identificar as diferenças sociais e suas influências em seu trabalho, construindo uma prática responsável de inclusão social que contribua para a superação das barreiras sociais.

Quanto ao domínio de conteúdos, Melo e Alves Júnior (2012) destacam: 1) *linguagens* - compreensão das diferentes manifestações culturais como fenômenos culturais, com todas as suas peculiaridades e contradições presentes em uma sociedade que privilegia o consumo; 2) *lazer* - entender a atuação de lazer como uma intervenção pedagógica no âmbito da cultura, que pode contribuir de modo significativo para a melhoria da qualidade de vida do público alvo; 3) *cultura* - compreender a cultura como um conjunto de valores e normas, entendendo suas peculiaridades, importância e as diferentes formas de apresentação presentes na sociedade.

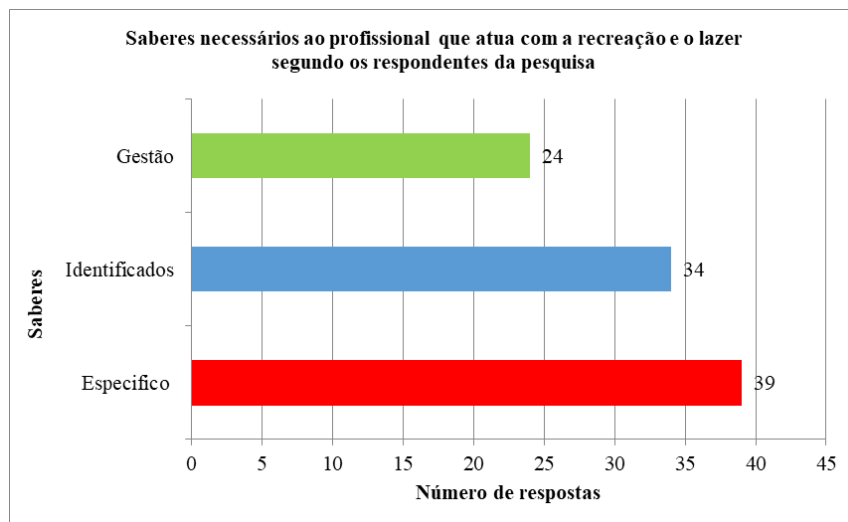
Entendo que o perfil do profissional de lazer e da recreação deve transcender os aspectos técnicos, devendo-se valorizar também os intelectuais e de comportamento. Para isso ser efetivado, o profissional deverá mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes para decidir e agir de acordo com cada situação, pois estamos lidando com um mercado de trabalho em constante mudança, que tem exigido um trabalhador que se distancie daquele perfil mecânico, orientado apenas pela execução e reprodução de tarefas e, sim, que reúna saberes científicos e saberes advindos das experiências pessoais e profissionais. Portanto, um profissional deve reunir competências suficientes não só para executar, como também para criar (PERRENOUD, 2002).

Assim, estas considerações evidenciam a necessidade de compreender os saberes e as competências que alicerçam a ação do profissional no lazer. Para isso, perguntei no questionário *online* qual(is) os saberes e competências necessários ao profissional que atua com o lazer e a recreação, a partir dos dados listados por Ungheri (2014), que procurou identificar e analisar os saberes e competências relacionados à atuação do profissional em políticas públicas de esporte e lazer.

Com relação aos saberes, foi apresentada as seguintes opções de resposta: específicos na área de intervenção (lazer e recreação); identificados (compreensão dos grupos que serão atendidos por seus programas e ações, levando-se em conta as dimensões biológicas e sociais dos sujeitos); gestão (gestão de pessoas, gestão de finanças, estratégia, liderança, elaboração e gestão de projetos).

O maior número de respostas, com trinta e nove (39), foi para o saber específico; seguido do saber identificado, com trinta e quatro (34) e o saber de gestão, com vinte e quatro (24) respostas. Os resultados estão apresentados no gráfico 25. Ressalto que houve participantes que citaram mais de um saber, fazendo com que a soma no gráfico apresente um resultado maior que o número de respondentes.

**GRÁFICO 25** – Saberes necessários ao profissional que atua com a recreação e o lazer segundo os respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Diante dos resultados, percebo que os profissionais apontam a necessidade dos três saberes, mas priorizam o saber específico na área de recreação e lazer e o saber identificado.

Os recreadores, ao sinalizar principalmente a necessidade do saber específico, percebem que é preciso conhecer os conteúdos ligados especificamente ao lazer e à recreação. Nessa perspectiva, é relevante, para a intervenção desse profissional, que ele tenha concepções bem definidas sobre as temáticas, o que poderá auxiliá-lo em sua atuação. Desse modo, entendo que os saberes específicos sobre a temática lazer e recreação devem ser pautados numa dimensão dialógica entre teoria e prática, estabelecida entre ação-reflexão-ação, uma vez que se articulam o tempo todo.

Concordo com Santos *et al.* (2007) quando afirmam que não devemos defender uma a sólida formação teórica e repudiar a formação instrumental, pois o profissional precisa adquirir conhecimentos, competências e habilidades que o auxiliem a instrumentalizar a sua prática, uma vez que uma intervenção de qualidade é caracterizada por uma boa prática profissional, que só existe baseada numa sólida formação teórica. Assim, a formação profissional deve ser pautada “no conhecimento, na cultura e na crítica, que se dá por meio da construção de saberes e competências que devem estar alicerçadas no comprometimento com valores disseminados numa sociedade democrática” (ISAYAMA, 2010, p. 13).

Quanto ao saber identificado, os profissionais, ao apontá-lo como necessário, deverão compreender as características de cada grupo e/ou público (crianças, jovens, adultos, idosos, portadores de necessidades especiais) que será atendido por seus programas, projetos e ações, levando-se em conta não só as dimensões biológicas, mas também as dimensões sociais em que os sujeitos estão inseridos, permitindo a eles uma participação efetiva, crítica e reflexiva nas práticas e experiências de lazer e recreação propostas. Desse modo, é preciso refletir a partir de quais pressupostos está sendo encaminhada a atuação dos profissionais no campo do lazer. Afinal, a atuação deve ultrapassar a mera informação e o simples desenvolvimento de conteúdos técnicos, para que a intervenção com diferentes grupos possa ampliar a troca de experiências, objetivando a efetiva participação cultural (DIAS; ISAYAMA, 2014).

Um menor número de respostas para os saberes ligados à gestão pode estar relacionado ao fato de que esses saberes nem sempre são tratados na formação dos profissionais que atuam no lazer. Porém, compreendo-o como necessário, uma que vez o profissional de lazer pode assumir o cargo de gestor, independentemente do setor em que atua ou irá atuar, exigindo desse profissional um conhecimento acerca dos processos gerenciais, relativos à gestão de pessoas, finanças, estratégias, liderança e elaboração de projetos.

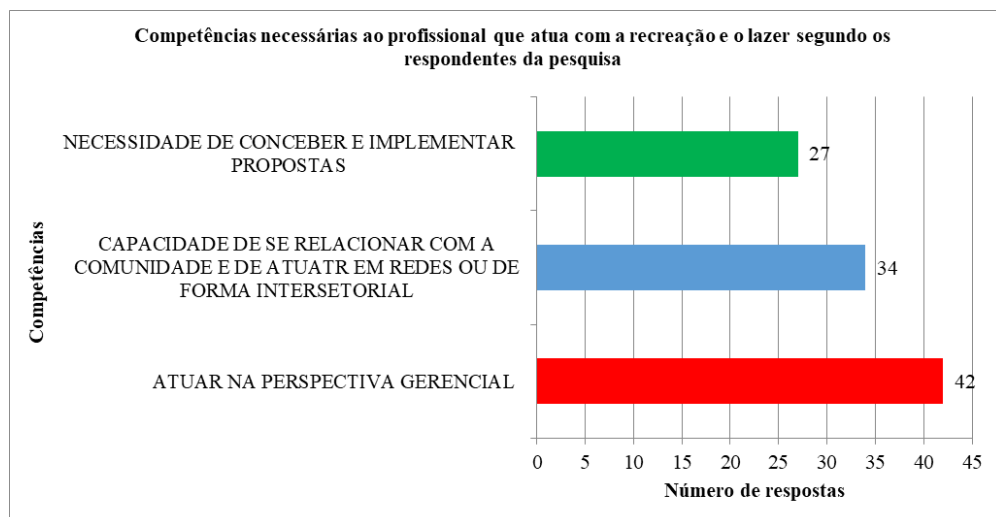
Neste contexto, corroboro o pensamento de Ungheri (2014), para quem vale compreender que os saberes se traduzem no domínio de conhecimentos sobre determinado

tema, findando-se, assim, nos conteúdos relacionados a ele. E esses saberes, quando concretizados em ações, se traduzem nas competências necessárias para a intervenção profissional no cotidiano.

Tratando das competências, temos as seguintes opções de respostas: capacidade de se relacionar com a comunidade e de atuar em redes ou de forma intersetorial; necessidade de conceber e implementar propostas; capacidade de atuar na perspectiva gerencial (planejar, organizar, dirigir e controlar as atividades próprias e de outras pessoas, ou seja, liderar pessoas, lidar com alocação de recursos, elaborar projetos, formar e capacitar quadros profissionais).

A competência elencada com o maior número de respostas foi a de atuar na perspectiva gerencial, com quarenta e duas (42) respostas; seguida da capacidade de se relacionar com a comunidade e de atuar em redes ou de forma intersetorial, com trinta e quatro (34) respostas e, por fim, a necessidade de conceber e implementar propostas, com vinte e sete (27) respostas. Para uma melhor compreensão dos resultados, eles estão apresentados no gráfico 26, ressaltando que houve participantes que citaram mais de uma competência, fazendo com que a soma no gráfico apresente um resultado maior que o número de respondentes.

**GRÁFICO 26** – Competências necessárias ao profissional que atua com a recreação e o lazer segundo os respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

O maior número de respostas para a competência de atuar na perspectiva gerencial pode estar relacionado à percepção que os profissionais possuem quanto às funções que desenvolvem, como: planejamento, organização, elaboração e coordenação de atividades e/ou

de pessoas. Compreendo que essa competência deve estar presente na atuação do profissional, seja no setor privado, no público ou no terceiro setor. Tal compreensão vai ao encontro das considerações de Ungheri (2014), que aponta que na competência gerencial deve estar presente a capacidade de se relacionar (com) e liderar pessoas, realizar *feedbacks*, formar e capacitar um quadro de profissionais, lidar com administração e alocação de recursos, escrever projetos, entre outras.

A segunda competência mais citada foi a capacidade de se relacionar com a comunidade e de atuar em redes ou de forma intersetorial, o que demonstra a visão do profissional quanto às possibilidades de seu processo de atuação, no sentido de trabalhar em conjunto com a comunidade/público atendido, com os profissionais envolvidos e com os demais setores que, de alguma forma, possam auxiliar ou interferir no andamento dos projetos e ações a serem desenvolvidos. Essa percepção dos sujeitos também pode estar relacionada ao fato de o lazer ser um campo multidisciplinar, em que o profissional entende que é necessário dialogar, atuar e/ou promover ações em conjunto com todos os profissionais envolvidos no processo. Quanto a essa competência, Ungheri (2014) apontou que ela foi recorrente, no que tange à preocupação de associar as políticas públicas de esporte e lazer às demais políticas de governo, identificando, ainda, uma demanda pela interdisciplinaridade nas ações públicas. O autor também aponta que se trata de reconhecer que esporte e lazer não são campos específicos de intervenção da Educação Física, havendo a necessidade de se valorizar os conhecimentos desenvolvidos por profissionais de outras áreas.

A competência necessidade de conceber e implementar propostas apresentou o menor número de respostas, o que pode estar relacionado com o fato de que nem sempre quem planeja é quem executa e, com isso, os sujeitos possuem entendimentos diferentes quanto à importância e/ou à necessidade de tal competência. Isso também foi característico no estudo de Lopes (2009), que demonstrou que nem todos os entrevistados participam do planejamento das ações desenvolvidas em seus setores e que alguns sujeitos optam por não seguir o planejamento elaborado, por acreditarem que ele não se aplica ao seu local de trabalho.

Desta maneira, corroboro as convicções de Isayama (2009) em relação à atuação na esfera do lazer que, segundo o autor, deve acontecer a partir de:

Uma formação alicerçada na construção de saberes e competências, que devem estar relacionados aos valores de uma sociedade democrática; na compreensão do papel social da educação para o lazer; ao domínio de conteúdos que devem ser socializados, procurando entender seus significados em diferentes contextos e articulações interdisciplinares; e por fim, ter conhecimento de processos de



investigação que auxiliem no aperfeiçoamento da prática pedagógica e gerenciamento do próprio desenvolvimento de ações educativas lúdicas (p. 408).

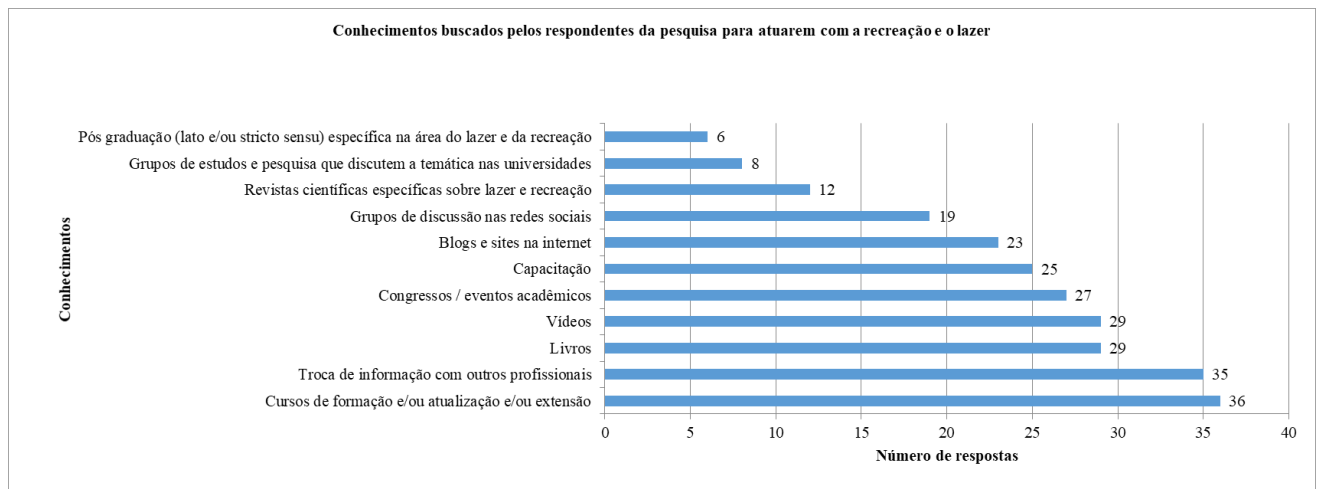
De acordo com Gomes (2011a), na formação em lazer é fundamental “buscar saberes para a autonomia, estimulando o pensar crítico e a criatividade, articulando os aspectos profissionais com os sociais, políticos, culturais, pedagógicos, éticos, epistemológicos e ambientais de maneira sistêmica” (p. 38). Assim, a formação possibilita maior domínio dos conteúdos e entendimentos dos seus significados em diferentes contextos de atuação, permitindo que os profissionais se reconheçam como parte fundamental do processo de construção de saberes no campo do lazer, pois são considerados produtores de saberes em seu processo de intervenção profissional (DORES, 2016).

O processo de formação profissional para atuação no lazer apresenta-se em diferentes modalidades, como: cursos de capacitação, de extensão, de qualificação, técnico, tecnológico, graduação e pós graduação *lato e stricto sensu*. Essas opções variam em termos de carga horária e conteúdo, podendo, ainda, haver um aprofundamento sobre a temática por meio de projetos de pesquisa e extensão. Além disso, considero como espaço de formação profissional em lazer: grupos de pesquisa/estudo; eventos técnico-científicos; publicações e leitura de artigos sobre lazer, bem como a criação de listas de discussão e *blogs* na internet. Assim, apresento, no próximo tópico, como os profissionais buscam os conhecimentos para atuarem no campo do lazer e da recreação; bem como a frequência em cursos (de extensão/congressos e/ou eventos acadêmicos) e o contato com literatura pertinente.

### 3.2.1 Conhecimentos e o campo de atuação

Em relação à busca de conhecimentos para atuar com a recreação e o lazer, os profissionais apontaram principalmente duas formas: a primeira é a frequência em cursos de formação e/ou extensão e/ou atualização, que teve trinta e seis (36) respostas; e a segunda, acontece por meio de troca de informações com outros profissionais, com trinta e cinco (35) respostas. O menor número de respostas foi para as opções: revistas científicas específicas sobre lazer e recreação, com doze (12); grupos de estudo e pesquisa que discutem a temática nas universidades, com oito (8); e, por último, a pós graduação (*lato sensu e/ou stricto sensu*) específica na área do lazer e da recreação, com seis (6) respostas. Para uma melhor compreensão, os resultados são apresentados no gráfico 27.

## GRÁFICO 27 - Conhecimentos buscados pelos respondentes da pesquisa para atuarem com a recreação e o lazer



Fonte: Dados da Pesquisa

O fato dos profissionais buscarem principalmente por conhecimento em cursos de formação e/ou atualização e/ou extensão está relacionado à oferta significativa deste tipo de formação no mercado, podendo os mesmos serem realizados presencialmente ou *online*, em alguns casos. Ressalto que o profissional deve estar atento ao que está sendo aplicado nesses cursos, uma vez que muitos deles destacam conteúdos meramente técnicos, com ênfase na reprodução de atividades diversas, mediante o ensino de uma variedade de jogos e brincadeiras, disponibilizando um “rol de atividades”, não superando, nesse sentido, a tradição prática e revelando dificuldades de fomentar a sistematização de conhecimentos efetivamente teórico-práticos (DIAS; ISAYAMA, 2014).

Nesse cenário, algumas propostas investem na formação rápida e técnica, enfocando habilidades específicas para que os profissionais possam atuar em espaços de lazer. Preocupado com essa realidade, Isayama (2005) contextualiza os caminhos da formação profissional em lazer, afirmando que

No Brasil, a formação profissional, no âmbito do lazer, vem se concretizando, principalmente, a partir de duas perspectivas: a primeira tem como ênfase a preocupação em formar um profissional mais técnico, que tem como orientação primordial o domínio de conteúdos específicos e metodologias. Nesse caso, a formação privilegia a familiarização com as práticas e as atividades que se apresentam no dia a dia do animador cultural. A segunda perspectiva aponta como prioridade a formação centrada no conhecimento, na cultura e na crítica, que se dá por meio da construção de saberes e competências (p. 12-13).

De acordo com Costa (1997), é necessário tentar buscar alternativas que tentem romper com a perspectiva técnica de formação, que apresenta fórmulas e soluções

desenvolvidas fora do contexto cultural dos sujeitos, desconectadas de sua experiência social e voltadas para a reprodução, ao invés da construção e reconstrução dos conhecimentos.

O segundo tipo de conhecimento mais buscado pelos recreadores foi a troca de informação com outros profissionais, o que corrobora as ideias de Carvalho (1997), quando afirma que o trabalho de interação e a troca de informações entre pessoas e os grupos são essências para a atuação baseada na perspectiva da animação sociocultural. O autor defende que este processo proporciona a conscientização das pessoas a respeito do individual e do coletivo, a elaboração das ações concretas a partir da opinião de todo o grupo, a abertura de novos canais de comunicação, bem como a reflexão sobre a necessidade da autêntica participação de todos os sujeitos no processo de emancipação.

Outro ponto a ser discutido é a busca por conhecimento a partir da participação em congressos/eventos acadêmicos, que teve vinte e sete respostas (27), constituindo-se como uma outra possibilidade de formação profissional. Destaco, portanto, os congressos/eventos acadêmicos que abordam a temática do lazer, como: o Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL); o seminário “O lazer em debate”, que acontece junto com o Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL); o Congresso do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE); o encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR); o Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana (UNESP/RC). Conforme afirma Melo (1999), as temáticas abordadas nesses eventos têm mostrado a abrangência do tema e a necessidade de qualificarmos o conhecimento produzido no campo.

As demais ferramentas citadas, como vídeos, *blogs*, internet e grupos de discussão nas redes sociais, de certa forma, facilitam o acesso a conhecimentos teórico-práticos. Contudo, ao pesquisar por grupos que discutiam a temática, a fim de realizar a divulgação do questionário desta pesquisa, percebi que a publicação em vários grupos era apenas de divulgação dos trabalhos dos profissionais e/ou de cursos na área. Diante dessa percepção, acredito que seja relevante um estudo que possa identificar e analisar as discussões promovidas nesses grupos, o que poderá trazer informações quanto ao conhecimento produzido nesses ambientes virtuais e, conseqüentemente, ampliar as discussões acerca dos modelos formativos.

Neste sentido, levanto uma problemática: porque os profissionais buscam por mais conhecimento em vídeos, *blogs* e grupos de discussão nas redes sociais e não fazem essa busca, numa proporção próxima, em revistas científicas específicas sobre lazer e recreação, uma vez que as mesmas disponibilizam seus exemplares em seus *sites*, facilitando o acesso

aos artigos publicados? Levanto este questionamento ao analisar a diferença do número de respostas que foi dado para cada um, uma vez que a busca por revistas científicas apresentou apenas 12 respostas. Não acredito que isso ocorra pelo desconhecimento da existência das revistas, pois a maior parte dos sujeitos dessa pesquisa possuem ensino superior completo e/ou incompleto. Portanto, é preciso questionar que tipo de conhecimento está sendo buscado por esses profissionais nestes meios formativos. No que se refere às revistas científicas específicas da temática, temos, na realidade, duas brasileiras, a revista *Licere* e a Revista Brasileira de Estudos do Lazer.

Outra questão a ser discutida é o baixo número de respostas para a participação em grupos de estudos e pesquisa que discutem a temática nas universidades, que apresentou oito (8) respostas, bem como a busca por pós graduação (*lato e/ou stricto sensu*) específica na área do lazer e da recreação, que teve seis (6) respostas.

Sobre os grupos de pesquisa e estudos que discutem o tema nas universidades, Marinho *et al.* (2011), numa espécie de mapeamento, encontraram duzentos e onze (211) grupos que estudam o lazer no Brasil, direta ou indiretamente e, apesar desse número significativo, a procura dos profissionais por este conhecimento ainda é baixa, havendo a necessidade de uma maior aproximação dos pesquisadores com os profissionais que atuam diretamente com o lazer e fazem dele seu dia a dia.

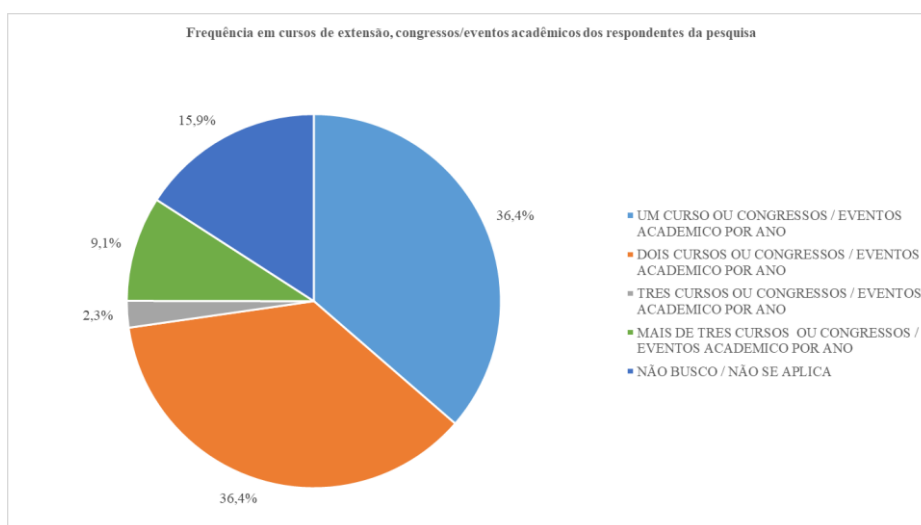
Em relação às pós graduações *lato e/ou stricto sensu*, ainda é pequeno o número de cursos ofertados, comparando-se com o número de profissionais interessados em aprofundar conhecimentos nesse âmbito. Desse modo, essa pesquisa demonstrou que os profissionais que buscaram estes processos formativos, os fizeram, em sua maior parte, em áreas afins como a Educação e a Educação Física.

Os resultados aqui encontrados corroboram os de Célio (2014), cujo estudo apontou que a maioria dos participantes afirmou formar-se por meio da troca de informações com outros profissionais, bem como por meio da utilização de vídeos, blogs e *sites* na internet.

Para uma melhor compreensão dos conhecimentos buscados pelos profissionais, perguntei sobre a frequência em congressos/eventos acadêmicos e em cursos de extensão e ainda como os conhecimentos adquiridos nesses e em outros espaços (associação, projetos, programas, lazer, trabalho) contribuem com a atuação profissional. Nesse sentido, outra pergunta realizada foi sobre a frequência de leitura de livros, artigos, dissertação e teses sobre recreação e lazer.

No que se refere à frequência em cursos de extensão, congressos/eventos acadêmicos, 72,8% dos respondentes participam de 1 a 2 por ano, sendo que metade (36,4%) participa de 1 por ano e a outra (36,4%) de 2 por ano. Outros (15,9%) não buscam por esse tipo de formação; (9,1%) frequentam mais de 3 por ano e (2,3%) participam de 3 cursos e/ou congressos por ano. Os dados estão apresentados no gráfico 28.

**GRÁFICO 28** – Frequência em cursos de extensão, congressos/eventos acadêmicos dos respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

A partir da análise dos dados, compreendo que os profissionais possuem uma boa frequência em cursos de extensão, congressos/eventos acadêmicos.

Para compreender quem não buscava por este meio formativo (15,9%), o que equivale a sete (7) sujeitos, cruzei esse dado com o grau de instrução dos mesmos, pois questionei se a falta de interesse pela participação em cursos ou eventos estaria relacionada ao nível acadêmico dos sujeitos. Desses sete (7), cinco (5) possuem ensino superior completo; dois (2), ensino médio completo e um (1), ensino superior incompleto. Ou seja, os profissionais, independente do seu grau de formação, optam ou não por buscar este processo formativo.

Para ampliar a leitura sobre os conhecimentos dos recreadores, busquei compreender de que maneira os conhecimentos adquiridos em cursos, programas, projetos, associação, lazer e trabalho têm contribuído com a atuação dos mesmos. As possibilidades citadas pelos sujeitos foram: desempenho e aprendizado, com oito (8) respostas; atualização e qualificação profissional, com seis (6) respostas cada; novas ideias, com cinco (5); ampliação de atividades, com quatro (4); aprendizagem de novas perspectivas para o profissional e para

o mercado de trabalho, com três (3); ampliação da bagagem cultural e conhecimento, com três (3); troca de saberes/experiências, com (3); promoção de *network*, com duas respostas; melhora e do currículo e pensar a própria prática, com uma resposta cada. Assim, apresento algumas falas que confirmam a presente distribuição das respostas:

Aumentado meu *network* e conhecer formas de atuação diferentes (Sujeito 7).

Para aplicar o que outros colegas da área estão fazendo seus trabalhos, a troca de experiência, sempre adequando a sua realidade (Sujeito 19).

Trazendo novas perspectivas para o profissional e mercado de atuação; bons contatos profissionais e troca de saberes (Sujeito 23).

Tem contribuído para minha qualificação profissional. Com a participação em cursos posso aplicar, entender e melhorar avaliar o planejamento das minhas ações e atuação (Sujeito 25).

Por me fazer pensar sobre a minha prática, que ela não é neutra e nem desinteressada, pois está permeada por minha visão de mundo (Sujeito 38).

No meu aprendizado, melhora do desempenho do dia a dia comigo e a minha equipe (Sujeito 41).

Ao analisar as falas relacionadas ao desempenho e aprendizado, é possível perceber que os sujeitos demonstram a contribuição no sentido pessoal e profissional, que atua influenciando no desempenho de seu trabalho e de suas equipes.

Em relação à atualização e à qualificação profissional, os sujeitos afirmam que é importante manter-se atualizado, pois isso qualifica a ação profissional. A fala do sujeito 25 foi destacada por demonstrar que os conhecimentos interferem no entendimento e na avaliação de suas ações, ou seja, ela realiza um processo reflexivo de seu trabalho. Esse fato também é demonstrado com a fala do indivíduo 38, que revela o exercício de pensar sobre sua própria prática, que está ligada ao seu contexto vivido, tanto pessoal quanto profissional. Nesse sentido, o sujeito reconhece que nenhum conhecimento é neutro e desinteressado, pois eles estão imbricados com as questões sociais e culturais que nos cercam.

Para tratar as contribuições relacionadas à ampliação de atividades, novas perspectivas para o profissional e o mercado, e as trocas de saberes e experiências, procurei buscar falas que dialogassem com tais temáticas. Desse modo, mediante as falas, percebo que os profissionais têm refletido quanto à busca de novas atividades, não somente em busca de um rol prático, mas compreendendo que essas devem ser utilizadas dentro do contexto vivido em sua prática profissional. Além disso, os conhecimentos despertam para novas

possibilidades de atuação e do próprio mercado de trabalho. Tais situações permitem, assim, a troca de saberes e experiências entre os profissionais.

Outro aspecto destacado é a contribuição no sentido de promover *networks*, ou seja, a possibilidade de estabelecer contatos com indivíduos que partilham conhecimentos, serviços e informações em comum, o que pode levar a troca de saberes e experiências. Nesse sentido, três recreadores problematizam a maneira de buscar conhecimento e o porquê. O sujeito 11 aborda questões sobre o conhecimento e suas relações com o mercado e a valorização do profissional por parte dos gestores das empresas. O recreador 20 relata que adquire conhecimento por intermédio da internet, devido à baixa remuneração. E, por fim, descreve que adquire conhecimento mediante do trabalho e troca com outros profissionais, por não terem o acesso a esses conhecimentos em sua região. As falas estão descritas abaixo:

Quando me formei em Educação Física e vivenciei a disciplina Recreação e Lazer na universidade, entendi o que realmente estava fazendo. Faltava conhecimento teórico para poder alavancar a fidelização de clientes. A busca por conhecimento gera um gasto, por isso que bato na tecla que o gestor necessita valorizar o seu profissional freelancer. Não fazendo a minha parte como empreendedor, o profissional não consegue arcar com investimentos em cursos, palestras ou livros (Sujeito 11).

Vejo mais pela internet, porque como a remuneração é baixa fica inviável investir (Sujeito 20).

Acontece pouco por aqui. É mais fácil a gente aprender com os próprios profissionais daqui mesmo (Sujeito 40).

Desde modo, as falas apontam as dificuldades que os profissionais encontram para vivenciar um processo contínuo de formação. Isayama (2009, p. 18) destaca que essas dificuldades são inúmeras, tais como:

as longas jornadas de trabalho que não possibilitam esse tipo de ação, bem como a limitação financeira, os preconceitos vinculados as visões restritas de lazer, a prestação de serviços que envolve a competição e a insegurança no mercado de trabalho, entre outros aspectos relevantes.

Outra questão apontada é a necessidade de valorização dos profissionais por parte dos gestores das empresas. Nesse sentido, Isayama (2009, p. 22) aponta que é necessário “corresponsabilizar as instituições pela formação profissional continuada, investindo na produção de conhecimento sobre essa formação e nas mudanças que isso pode gerar nos processos de atuação profissional, objetivando a efetiva participação cultural”. Assim, é

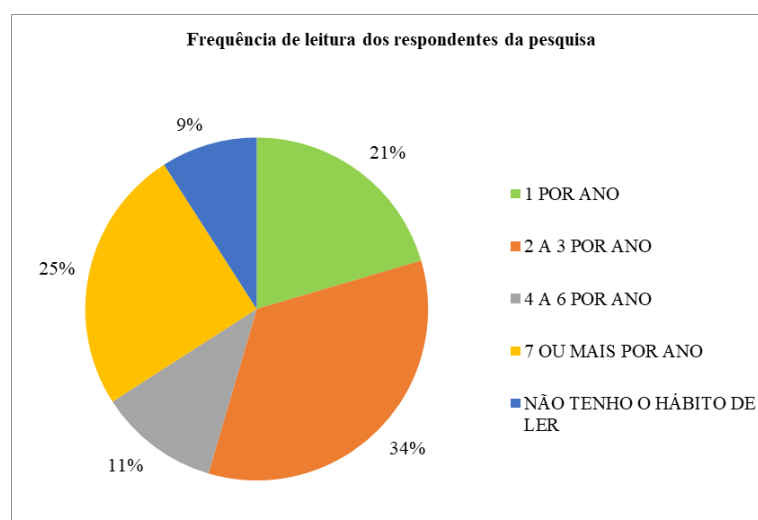
preciso haver uma negociação entre profissionais e seus respectivos locais de intervenção, procurando atender tanto os interesses dos profissionais como os das empresas.

Um outro fator que me chamou a atenção foi a dificuldade do acesso aos processos formativos, que não ocorrem com frequência e/ou não são ofertado com regularidade em uma dada região do país.

Compreendo que, se não houver a superação destes fatores, isso poderá reforçar a inserção de uma mão de obra desqualificada no mercado de trabalho, contribuindo para que os profissionais mantenham visões restritas sobre o lazer e a recreação como um simples desenvolvimento de conteúdos e técnicas, sem uma efetiva participação crítica e criativa na construção de suas ações.

Neste sentido, entendo que os conhecimentos podem ser adquiridos não só por intermédio de cursos, mas também por meio de leituras que os profissionais fazem, seja por livros, artigos, dissertações e teses. A partir de tal entendimento, perguntei qual a frequência de leitura anual dos profissionais sobre os temas lazer e recreação. Trinta e quatro por cento (34%) leem de 2 a 3 livros, artigos, dissertações e/ou teses; vinte e cinco por cento (25%) têm uma leitura de mais de 7 livros; vinte e um por cento (21%) leem 1 livro por ano; onze por cento (11%), de 4 a 6 e apenas nove por cento (9%) não possuem o hábito de ler. Os dados estão apresentados no gráfico 29.

**GRÁFICO 29** – Frequência de leitura dos respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da Pesquisa

Estes dados demonstram que os profissionais possuem um volume de leitura significativo sobre os temas lazer e recreação. Entretanto, infiro que essa leitura é baixa ao se



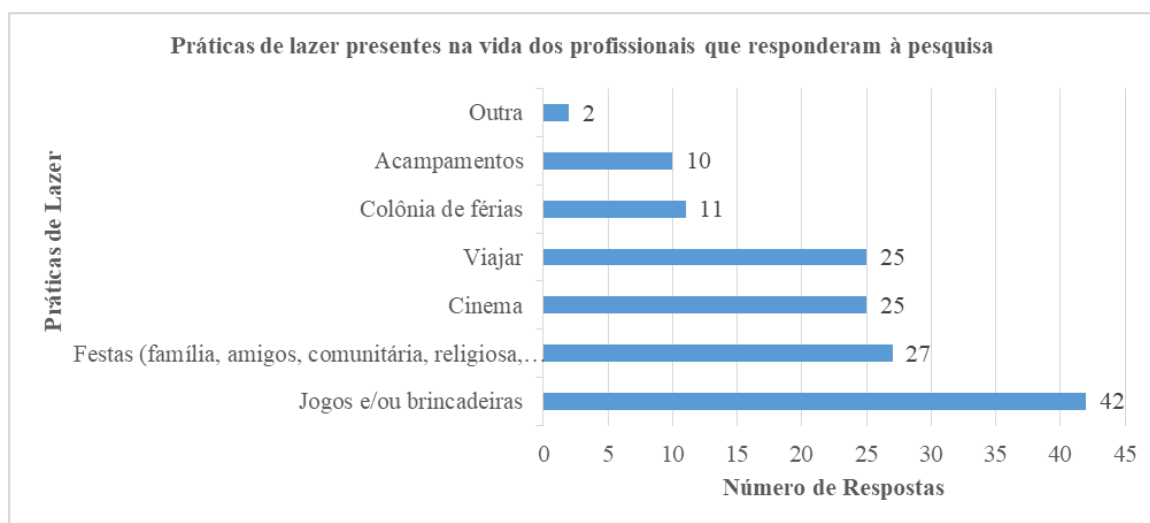
tratar de artigos, uma vez que encontrei um baixo número de respostas para a busca de conhecimentos em revistas científicas específicas da temática. Esses dados podem ser comparados com os encontrados por Pinheiro (2005), que abordou a frequência anual de livros sobre lazer e recreação e verificou que 40% dos profissionais leem de dois a três livros por ano; 24%, apenas um livro; 20% não têm o hábito de leitura; 8% leem de quatro a seis e outros 8%, mais de sete livros.

Entendo que a construção de conhecimentos baseia-se no que os sujeitos experimentam em suas trajetórias pessoal, acadêmica e profissional. Assim, apresento, no próximo tópico, as influências das práticas e experiências pessoais de lazer na atuação profissional dos recreadores pesquisados.

### 3.3 Práticas e experiências de lazer e suas contribuições na formação e atuação profissional

Para compreender as contribuições das práticas e das experiências de lazer dos profissionais, perguntei qual(is) práticas de lazer os mesmos consideram presentes em sua vida, bem como se suas experiências pessoais de lazer contribuíram ou contribuem para a formação e atuação no campo do lazer e da recreação. O que estes sujeitos experimentaram em suas trajetórias refletem em seu modo de ser, agir e conduzir sua prática profissional, de modo que conhecer as dimensões coletivas dessas experiências pode contribuir para a compreensão da construção dos saberes por eles produzidos.

Com relação às práticas de lazer, os recreadores apontaram a presença de jogos e/ou brincadeiras, com quarenta e duas (42) respostas; depois foram as festas (em família, de amigos, comunitária, religiosa), com vinte e sete (27); seguidos de cinema e viagens, com o mesmo número de respostas, vinte e cinco cada (25); e, por fim, as práticas em colônias de férias, com onze (11) e acampamentos, com dez (10). Apenas dois sujeitos descreveram outras práticas não contempladas nas opções listadas, como o vídeo game e a dança. Os dados foram sistematizados e apresentados no gráfico 30 e ressalto que houve profissionais que apontaram mais de uma prática, fazendo com que o número de resposta seja maior do que o de respondentes.

**GRÁFICO 30** – Práticas de lazer presentes na vida dos profissionais

Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados demonstram que os profissionais possuem contato com diferentes manifestações culturais e linguagens, o que pode desencadear em construção de saberes sobre lazer e recreação, pois se relacionam a possíveis conteúdos a serem trabalhados na atuação profissional. Desse modo, corroboro as considerações de Paraíso (2010, p. 29-30), para quem as práticas de lazer constituem-se como textos culturais,

textos que produzem sentidos e significados sobre o mundo, e que suas narrativas e seus significados nos ensinam, nos formam e nos constituem como sujeitos de determinados tipos teremos que lutar muito para fazer o currículo - esse que forma os profissionais em lazer, por exemplo -, contar outras histórias, incorporar outros saberes, outras narrativas, produzir outros significados e estabelecer outros problemas. Saberes e significados que permitam aos seus futuros profissionais olhar o lazer como “prática cultural” que possui uma política e uma pedagogia; uma prática cultural que ensina e forma; uma prática cultural que governa condutas e produz sujeitos de determinados tipos.

Os resultados aqui encontrados corroboram os estudos de Capi (2016), que inventariou as experiências de lazer na trajetória da formação dos formadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e identificou que a maioria deles vivenciou brincadeiras, jogos, esportes e atividades artísticas em diferentes espaços, tempos e momentos. O estudo de Silva (2010) também demonstrou que as vivências lúdicas e as experiências de lazer da infância marcaram a trajetória e construção do saber dos professores universitários do campo do Lazer, por meio de brincadeiras, jogos, festas, atividade física, cinema e teatro, entre outras.

Em relação às contribuições das experiências pessoais de lazer, trinta e três respondentes (33) disseram que tais experiências contribuem ou contribuíram para sua formação e atuação e onze (11) relatam que não houve contribuição. Os sujeitos que destacam as contribuições das experiências pessoais de lazer mencionam as práticas de lazer vivenciadas na infância, tais como jogos, brincadeiras, viagens e colônias de férias, ou seja, a fase da infância na trajetória dos recreadores demonstra um vínculo significativo com as experiências do brincar, propiciando a vivência do lúdico. Isayama e Gomes (2008, p. 160) anunciam que o brincar na infância, por se manifestar na dimensão do simbólico, permite à criança a inserção cultural, portanto, o brincar “se expressa como linguagem e como processo de elaboração de significados e sentidos coletivos, contextualizados e enraizados no universo social que o legitima”.

Assim, apresento algumas falas nesse sentido:

Modifico as brincadeiras que gostava na infância (Sujeito 14).

Resgato as brincadeiras que tive na infância (Sujeito 20).

Os lugares que eu conheço (Sujeito 25).

Segui essa carreira por causa de uma prof. da colônia (Sujeito 26)

A partir delas estou na formação de Ed. Física (Sujeito 43).

As falas dos sujeitos demonstram que as experiências de lazer contribuem em sua formação e atuação profissional, a partir do momento em que utilizam em suas ações o que foi vivenciado na infância, como o resgate de brincadeiras. Além disso, os sujeitos 26 e 43 apontam que essas experiências influenciaram na escolha do curso superior e na escolha da profissão.

Outros dois (2) recreadores destacaram que tais experiências contribuem para sua atuação em projetos sociais e no planejamento e organização de eventos, como se pode verificar por meio das seguintes falas:

Atuação em Projetos sociais (Sujeito 19).

No planejamento dos eventos, organização e etc. (Sujeito 27).

Nesse sentido, entendo que estes sujeitos ampliaram suas possibilidades de atuação profissional, a partir do que foi vivenciado em sua infância. O sujeito 27 descreve que suas experiências de lazer auxiliam no planejamento e na organização de suas ações, que

podem ocorrer numa perspectiva reflexiva. O sujeito 19 aponta sua atuação em projetos sociais, considerados por Mello *et al.* (2009), como lugares para as pessoas aprenderem atividades, conviverem no coletivo e construírem identidades a partir de saberes.

Portanto, entendo que os saberes são frutos de experiências coletivas, influenciados e provenientes de diferentes âmbitos, que vão desde a história individual de cada um, da sociedade, de sua própria ação profissional, entre outras. Desse modo, penso que, ao investigar a trajetória dos recreadores, podemos compreender como constroem seus saberes e suas influências em seu processo de formação/atuação profissional.

Para ampliar o debate sobre a temática, os conceitos de trajetória, trajetória de vida e construção de saberes serão discutidos no próximo capítulo, onde tais concepções serão vistas como uma possibilidade de formação no campo do lazer, pelo olhar de recreadores que atuam na empresa Ciranda de Roda, que desenvolve ações na cidade de Belo Horizonte – MG.

#### **4 TRAJETÓRIA DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE SABERES: O CASO DE RECREADORES QUE ATUAM EM BELO HORIZONTE**

Neste capítulo, discuto as questões referentes à trajetória de vida e à construção de saberes ao longo do percurso pessoal e profissional de recreadores, articulando com as experiências, vivências e saberes adquiridos por esses profissionais, tendo como referência a sua atuação no contexto do lazer e da recreação.

Assim, pensar sobre trajetória é considerar os percursos pessoais e profissionais, tanto de formação como de atuação, que podem servir como ponto de partida para compreender a construção de saberes e experiências de um determinado profissional, possibilitando-lhe uma reflexão sobre sua própria trajetória, formação e as influências desses processos em sua ação profissional. Nesse contexto, entendo a trajetória como um caminho permeado por acontecimentos vivenciados nas experiências pessoal e profissional dos sujeitos.

Para isso, realizo esta discussão a partir da análise das entrevistas concedidas pelos recreadores da empresa “Ciranda de Rodas de Belo Horizonte”. Reafirmo que a escolha da empresa se deu devido à proximidade da pesquisadora com uma das gestoras e pelo fato de a empresa localizar-se na cidade de Belo Horizonte - MG. Outros fatores que contribuíram para a escolha desta empresa são: o fato de buscar qualidade, diversidade e troca sincera nos trabalhos recreativos e atrações artísticas; possuir visão e valores que a impulsionam na constituição de um grupo qualificado e brincante de recreação de festas e eventos infantis em Belo Horizonte e região; além de promover a valorização do trabalho de recreação infantil, o brincar livre, a parceria, a simplicidade, o trabalho em equipe e a experiência.

A proposta foi identificar os saberes mobilizados pelos recreadores, bem como compreender como esses são construídos e articulados ao longo de sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

A técnica de entrevista semiestruturada foi utilizada com cinco recreadores que se disponibilizaram a participar da pesquisa voluntariamente, sendo quatro mulheres e um homem, com idades entre 21 e 24 anos. O roteiro de entrevista foi construído a partir das seguintes temáticas: 1) trajetória pessoal, acadêmica e profissional; 2) por que e onde iniciaram a atuação profissional com a recreação e o lazer; 3) experiências pessoais e profissionais de lazer; 4) saberes mobilizados por processos formativos; 4) conhecimentos e habilidades necessários ao recreador.

Diante disso, estabeleci algumas categorias para analisar e compreender a construção dos saberes sobre lazer dos recreadores da empresa “Ciranda de Roda”: 1 - Manifestações culturais - vivências no decorrer da vida e os saberes sobre lazer; 2 - Formação inicial e os saberes sobre lazer; 3 - Percorso profissional: experiências e saberes mobilizados na trajetória de recreadores; 4 - Conhecimento e habilidades requeridas ao profissional que atua com a recreação.

Desse modo, procurei compreender a construção de saber sobre lazer e recreação a partir do lugar ocupado por esses profissionais e, assim, foi possível refletir sobre outros sentidos e significados para a formação e atuação profissional no campo.

#### 4.1 Reflexão sobre trajetória e construção de saberes

Para iniciar a reflexão proposta, busquei dialogar com os trabalhos produzidos sobre os temas trajetória e construção de saberes nas áreas da Educação e nos Estudos do Lazer. Esse diálogo justifica-se porque nos aproxima dos estudos que concebem a construção de saberes dos professores como uma intervenção que deve ser pautada na análise da realidade, portanto, que deve oferecer, nos espaços de formação e atuação, situações e momentos que representam a “imagem realista dos problemas que eles precisam resolver todos os dias, dos dilemas que enfrentam, das decisões que tomam, dos gestos profissionais que realizam” (PERRENOUD, 2007, p. 17).

Neste sentido, entendo que os estudos na área da educação podem servir como uma possibilidade de pensar e refletir sobre os saberes na atuação em outros campos profissionais de intervenção que agem por intermédio da cultura, como o lazer.

A trajetória de vida pode ser descrita como um “conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, sendo normalmente determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida” (BORN, 2001, p. 243). Assim, entendo que a localização dos acontecimentos e a duração da existência no transcurso de uma vida são normalmente o resultado de informações que perpassam o indivíduo, tanto no âmbito pessoal, de formação (escolar/universidade) como em sua atuação profissional por meio da troca de experiências com colegas de profissão e pelo mercado de trabalho.

Segundo Santos (2000), embora a história de vida possa estar centrada em um único indivíduo, ela abrange relações estabelecidas num determinado contexto da época e inclui, em sua narrativa, outros atores importantes. O autor ainda esclarece que

Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois, transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial. Os papéis sociais definem atitudes e experiências do entrevistado, e estão relacionados aos diferentes momentos da existência de cada um (p.6).

Desse modo, a trajetória que os profissionais percorrem, desde a infância, passando pela adolescência, o momento de formação acadêmica ou técnica até a etapa da sua atuação, apresenta fatores que exercem influência em suas ações durante seu exercício profissional. Assim, concordo com Oliveira (2000) quando descreve que

as aprendizagens situadas em tempos e espaços determinados e precisos atravessam a vida dos sujeitos. O acesso ao modo como cada pessoa se forma, com a sua subjetividade é produzida, permite-nos conhecer a singularidade da sua história, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos (p. 17).

Consequentemente, a trajetória profissional está relacionada à trajetória pessoal, à forma como se vive o presente e, ao mesmo tempo, como se projeta o futuro. Para Tardif e Raymond (2000, p. 225), a carreira, em conexão com a história de vida e a socialização,

permite, ao mesmo tempo, perceber melhor a dimensão historicamente construída dos saberes, do saber-fazer e do saber-se do professor, na medida em que estes são incorporados às suas atitudes e comportamentos por intermédio de sua socialização profissional. Desse ponto de vista, ela permite fundamentar a prática do professor – o que ele é e faz – em sua história profissional.

A partir disso, compreendo que os profissionais do lazer, também chamados de recreadores, são atores fundamentais nessa articulação e que os saberes desses sujeitos integram saberes pessoais aos saberes provenientes da formação, da sociedade, do currículo, das instituições, dos lugares de formação e da sua própria experiência. Entendo, portanto, que a construção do saber dos recreadores pode constituir-se em diversos contextos de sua trajetória, tendo em vista as experiências vivenciadas desde a infância até a velhice, sem deixar de levar em conta os contextos culturais, hábitos e costumes, acesso à educação, ao esporte e lazer, que permearam essas fases da vida.

Ao analisar os estudos sobre a construção de saberes, identifiquei pesquisas de autores como Pimenta (2002), Tardif (2002) e Tardif e Raymond (2000), que apontam para a diversidade de saberes construídos pelos professores em suas diferentes experiências em sala de aula. Para eles, existe um volume significativo de pesquisas de cunho qualitativo sobre essa temática e parte dos estudos tem classificado os saberes docentes em diferentes formas e tipos.

O estudo de Pimenta (2002) apresenta quatro categorias de saberes: experiência, área de conhecimento, pedagógico e didático. A primeira, retrata o modo como o professor apropriou-se de ser professor ao longo da sua vida (vida de aluno - desde o seu ingresso primeiro na escola), considerando também as experiências vividas como professor, ou seja, esse processo categoriza-se como uma formação que se desenvolve por meio da ação reflexiva (ação/reflexão/ação), abrindo um caminho para a construção da identidade dos professores.

A segunda categoria, denominada saberes da área do conhecimento, estabelece que o conhecer concretiza-se em três estágios: o primeiro como o momento da aquisição de informação; o segundo como o estágio de classificar, analisar e contextualizar essa informação e o terceiro como o momento da relação da informação com a inteligência (produzir novas formas de progresso e desenvolvimento), a consciência ou a sabedoria (reflexão como capacidade de produzir novas formas de existência, de humanização). Para Puentes *et al.* (2009), essa categoria proposta por pelo autor caracteriza-se como um processo de busca dos conhecimentos específicos e científicos a serem adquiridos pelo professor durante o curso que os capacita a ensinar.

O saber pedagógico, caracteriza-se como o saber responsável por pensar o ensino como uma prática social da educação, considerando as diferentes direções de sentido (área da psicologia e da sociologia educacionais e dos renovados métodos e sistemas de organização e funcionamento das escolas) que buscam superar a tradicional fragmentação dos saberes da docência em direção à valorização da formação do humano. Por fim, o saber didático tem o objetivo de ensinar nas situações contextualizadas, por meio da articulação do conhecimento da teoria da educação com o conhecimento da teoria de ensino.

Tardif (2002) discute outras quatro categorias de saberes: 1) saberes da formação profissional: são constituídos das ciências da educação e da ideologia pedagógica, transmitidos pelas instituições responsáveis pela formação inicial e continuada de professores, que são construídos principalmente durante a socialização dos conhecimentos; 2) saberes disciplinares: correspondem aos saberes sociais sistematizados e tematizados nas instituições escolares e universitárias, provenientes dos diferentes campos do conhecimento e dos conteúdos específicos ensinados, como matemática, história, educação física, dentre outras; 3) saberes curriculares: são compostos por discursos, conteúdos, métodos e objetivos, ou seja, conhecimentos selecionados pela escola, sociedade, para serem construídos e transmitidos na construção de projetos, programas de ensino e formas de avaliação dos alunos; 4) saberes das experiências: são desenvolvidos pelo professor no exercício de sua profissão - a partir das



situações vivenciadas em sua atividade profissional; produzidos no espaço da escola e nas relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão. O autor considera que é no saber da experiência que os outros três saberes (formação profissional, disciplinar e curricular) se concretizam.

Nesta discussão, um debate importante é que não são somente os saberes disciplinares e curriculares que influenciam, mas também os profissionais e das experiências, contribuindo, assim, para romper com a dicotomia teoria e prática, bem como pensar em propostas de formação que considerem a pluralidade dos saberes.

Tardif e Raymond (2000) propõem uma tipologia para classificar os saberes dos professores, com o objetivo de impedir a compreensão dividida e compartimentada desses saberes, classificando-os em cinco tipos: 1) pessoais dos professores, adquiridos na família, no ambiente de vida, pela educação no sentido *lato* e integrado no trabalho docente pela história de vida e pela socialização primária; 2) provenientes da formação escolar anterior, adquiridos na escola primária e secundária e nos estudos pós-secundários não especializados, integrados pela formação e pela socialização pré-profissional; 3) provenientes da formação profissional para o magistério, adquiridos nos estabelecimentos de formação de professores, nos estágios, nos cursos de reciclagem e integrados pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores; 4) provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho, adquiridos na utilização das ferramentas dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercício, fichas, e integrados pela utilização de ferramentas de trabalho e sua adaptação às tarefas e 5) provenientes de sua própria experiência na profissão, adquiridos na prática do ofício na escola e na sala de aula e integrados pela prática do trabalho e pela socialização profissional.

Esta tipologia de Tardif e Raymond (2000) avança em relação à classificação anterior porque se propõe a compreender os saberes dos professores como plurais - não mais restritos aos aspectos sociais e temporais, uma vez que os processos de aprendizagem e de socialização atravessam tanto a história de vida quanto a carreira dos professores.

Após apresentar esse retrato das tipologias de saberes provenientes dos estudos da educação, verifica-se que eles servem de pano de fundo para algumas investigações sobre a construção dos saberes na área da própria Educação e dos Estudos do Lazer. Reconheço que, por vezes, esses contextos trazem diferenças, mas o que destaco é o processo de construção dos saberes na formação e atuação dos profissionais de lazer, que pode contribuir para a constituição de práticas que revelem significações sobre a área de estudo e sobre os recreadores.

Na Educação, verifica-se essa conexão com alguns estudos como o de Torres (2006) e Oliveira (2007). Silva (2010) retratou a construção do saber docente de professores universitários, especificamente, do campo do lazer.

Torres (2006) discutiu os saberes docentes dos professores universitários do curso de Direito, com o objetivo de compreendê-los no discurso e na ação docente desenvolvida por esses professores. O autor identificou limites e possibilidades na direção de uma prática emergente, sob os condicionamentos sociopolíticos relativos às reformas educativas oficiais e institucionais, à própria identidade de ser pessoal e profissional docente. Como conclusões, o estudo demonstra que a forma da construção do saber docente da maioria dos professores de direito revelou uma identidade (in)definida quanto ao ser docente universitário, que envolve o exercitar da docência com um maior compromisso político, maior investimento com a carreira universitária, melhoria salarial e valorização docente, acompanhamento pedagógico e oportunidades de recontextualização dos saberes específicos do Direito pela mediação dos saberes pedagógicos.

O estudo de Oliveira (2007) investigou como e onde se formam professores universitários, além de refletir como eles vêm se produzindo como professores, a partir da concepção de formação como um “*continuum*”, como um processo onde as experiências “se dão a nós” e “nós a elas”. A autora conclui que existem outras possibilidades de reflexão sobre a formação, para além da afirmação que se trata de um processo “*continuum*”, que não tem início na formação acadêmica, podendo ter o seu começo nas referências dos professores nos primeiros processos de escolarização e que, revisitados através do trabalho da memória, acabam por reverenciar perfis profissionais e pessoais que marcaram e que ficaram como possíveis “modelos”.

Silva (2010) analisou como se constituiu a construção do saber docente de professores universitários do campo do lazer ao longo de suas trajetórias. Para isso, pautou-se na tipologia dos saberes de Tardif (2002), além de analisar o saber sobre o lazer na perspectiva do poder-saber de Foucault. O autor concluiu que o discurso desses sujeitos revela a carência na formação pedagógica do professor universitário do campo do lazer. Além disso, o trabalho demonstrou que as experiências que marcaram a construção de saberes dos professores se diversificam e são encontradas em diferentes ambientes e fases da vida, por meio de vivências positivas, de angústias e barreiras encontradas no percurso dos professores e que todos parecem mobilizar saberes a partir de suas vivências pessoais de Lazer.

Esses trabalhos propuseram investigar o saber docente de professores universitários a partir de metodologias diferentes, concluindo que estes saberes são

construídos ao longo de seus percursos pessoal, formativo, profissional e de atuação. Entretanto, Silva (2010) deixou algumas provocações em relação à formação profissional em lazer, considerando a formação pedagógica, o currículo, as disciplinas e que tipo de experiência espera-se que os professores universitários, assim como outros profissionais do campo do lazer, obtenham. Torres (2006) afirma que há um peso significativo da ordem de ser profissional liberal sob a condição de ser docente e que a formação e ação docentes não são sólidas em termos de conhecimento pedagógico. Além disso, há tendência a uma prática docente tradicional que exacerba o conteúdo específico, o saber da experiência em detrimento do pedagógico. Por fim, Oliveira (2007) demonstrou que tem experienciado à docência universitária como um tempo/espaço de aprendizagens de inovações pedagógicas, em que as novas gerações trazem outras formas, outras linguagens de relação com a vida, com o conhecimento, com o ensino e com a aprendizagem. Assim, as gerações que tiveram um processo de formação inicial em outros tempos sócio históricos precisam se movimentar, ressignificando as concepções e representações sobre o que circula neste espaço.

Nesse debate, encontram-se possibilidades de extrapolar a ação docente e pensar a atuação com o apoio de saberes de outros campos profissionais que agem por intermédio da cultura, abrindo caminhos para o desenvolvimento da formação profissional em diferentes contextos, profissões e sujeitos. Retratando este contexto, cito os trabalhos de Ungheri (2014), Santos (2013) e França (2003, 2010), os quais propuseram discutir a construção de saberes no campo do lazer.

A pesquisa de Ungheri (2014) consistiu em identificar e analisar os saberes e as competências necessárias para a atuação de profissionais na elaboração, implementação, desenvolvimento e avaliação de políticas públicas de esporte e lazer. Para o autor, os profissionais que atuam na gestão dessas políticas públicas devem possuir saberes específicos sobre esporte e lazer, bem como devem conhecer as características do público a ser beneficiado por essas políticas, com o objetivo de aproximá-las das demandas da sociedade

Santos (2013) destacou os saberes mobilizados pelos oficinairos do projeto Fica Vivo!, de Belo Horizonte, que decorrem da articulação entre a teoria e a prática, saberes acadêmicos e saberes culturais que se entrelaçam às realidades, identidades e subjetividades vivenciadas na sua trajetória acadêmica, profissional, de vida e das experiências concretas da atuação. Para o autor, as tipologias elaboradas na educação influenciam tanto a área da Educação Física como a dos Estudos do Lazer, pois os profissionais da primeira área possuem relação direta e histórica com a segunda, seja na formação e atuação profissional como no âmbito das pesquisas, portanto, na construção de saberes sobre lazer.

França (2003, 2010) analisou a construção do saber da experiência cultural do profissional do lazer, ao longo da sua formação. Nessa investigação, o autor aproximou-se da categoria saber da experiência, proposta por Tardif (2002). O estudo tem como enfoque a fenomenologia que busca estabelecer outra noção para o saber da experiência, não estando ligada somente às situações do cotidiano do trabalho do professor. Nesse sentido, França (2003, p. 191) propõe a categoria da experiência cultural, como aquela que “se constitui de toda e qualquer experiência vivida pelo professor em todo o seu contexto”, portanto, na relação com o estilo de vida, a ludicidade, a festividade, os olhares diferenciados e as múltiplas experiências das pessoas.

Diante do exposto, consideramos que o profissional deve se reconhecer como parte fundamental do processo de construção dos saberes no âmbito do lazer, pois é considerado um produtor de saberes no processo da intervenção profissional, em que a formação possibilita um maior domínio dos conteúdos e entendimentos dos seus significados em diferentes contextos de atuação, bem como articulações entre os profissionais, visto que o lazer é um campo interdisciplinar (DORES, 2016). Portanto, profissionais oriundos de diferentes áreas de formação, atuando no âmbito do lazer, podem propiciar o compartilhamento de saberes, fortalecendo, qualificando e ampliando sua atuação, a partir das especificidades de cada profissional.

Nesse sentido, não são somente os saberes disciplinares e curriculares influenciam, mas também os profissionais e das experiências, contribuindo, assim, para romper com a dicotomia teoria e prática, por meio do ensino reflexivo e da possibilidade de pensar em propostas de formação que considerem a pluralidade dos saberes. Assim, recorro a Borges (1996), que considera impossível dividir processo de formação da construção de saberes reflexivos, isto é, separar a formação acadêmica da atuação profissional. Segundo a autora, é importante perceber as experiências profissionais e sua relação com a cultura, de modo a repensar a dicotomia teoria e prática na formação acadêmica, valorizando os saberes da experiência pela problematização. Para ela, isso significa viabilizar a cultura docente em ação, dar voz ao professor, ouvir a respeito do saberes acadêmicos, profissionais e das experiências pessoais.

Somente esse caminho permitirá que os recreadores repensem sua trajetória pessoal e profissional, fazendo com que trabalhem suas significações e saberes, para que possam refletir sobre os mesmos e ressignificá-los. Acredito que isto possa provocar um processo de autoformação, por meio da análise reflexiva que o indivíduo faz de si mesmo,

possibilitando outro olhar sobre suas próprias concepções e saberes, visando a uma nova perspectiva em relação a sua prática, enfim, refletindo no processo formativo.

#### 4.2 Manifestações culturais - vivências no decorrer da vida e os saberes sobre lazer

Ao inventariar as experiências de lazer dos recreadores entrevistados, identifiquei que a maioria deles vivenciou brincadeiras, esportes e atividades artísticas em diferentes espaços, tempos e momentos. No primeiro momento, apresento as experiências vivenciadas no período da infância e da adolescência, dividindo-as da seguinte maneira: brincar e sua relação com o espaço urbano (rua); práticas esportivas; atividades artísticas nos diferentes espaços (escola, igreja, programa social). Já no segundo momento, apresento as experiências pessoais de lazer dos recreadores e suas contribuições na atuação profissional.

Com relação às experiências sobre o brincar, os recreadores R1 e R2 destacam que as mesmas estiveram presentes na infância e na adolescência e ocorreram principalmente no espaço da rua:

Eu tive uma infância muito curta. A minha adolescência eu lembro mais, eu aproveitei mais, eu vivi mais, ela foi mais longa, eu tive mais experiências assim. Mas a minha infância eu não lembro muito não tenho muita lembrança, mais eu sempre gostei muito de brincar, de fazer piada, de estar na rua, de socializar (R1 – Entrevista).

É engraçado que quando você fala de experiência de lazer, eu só lembro da minha infância. Eu ficava inventando brincadeiras da minha cabeça que até então nem existia e a gente fazia existir, de ficar inventando roupas. Eu lembro que eu adorava pegar sacolas e criar figurinos, roupas pra mim e para meus irmãos, vestir meus irmãos de personagens que apareciam na televisão e fazer essa brincadeira e eu acho que eu continuei isso na minha vida. Era minha brincadeira favorita, que era estar ali no meio da rua brincando com as crianças, sempre propondo (R3 – Entrevista).

As fases da infância e da adolescência na trajetória desses recreadores demonstraram um vínculo significativo com as experiências do brincar, propiciando a vivência do lúdico. Para Marcellino (2007, p. 72), a vivência plena do lúdico na infância concretiza-se na brincadeira, no brinquedo, jogo, experiências que, permeadas pelo prazer, “possibilitam à criança a vivência da sua faixa etária e ainda contribuem, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive”.

Isayama e Gomes (2008, p. 160) corroboram esse debate em que o brincar “se expressa como linguagem e como processo de elaboração de significados e sentidos coletivos,

contextualizados e enraizados no universo social que o legitima”. Desse modo, os autores partem do pressuposto de que o lúdico é a própria “linguagem do brincar” e que, por isso, não deveria ser encarado como algo próprio e restrito apenas à infância, mas como uma essência que deveria contagiar o lazer em todas as etapas da vida. Para estes autores, o brincar, ao ser contextualizado material e simbolicamente, “carrega as marcas da nossa vida cotidiana: sentidos e significados, tradições, inovações, papéis sociais, desejos, necessidades, sonhos prazeres, descobertas, anseios, receios, limites, contradições” (ISAYAMA; GOMES, 2008, p. 161).

Corroboro o disposto por Isayama e Gomes (2008), quando dizem que o brincar é uma construção cultural e deve ser compreendido como processo de inserção em um tempo/espaço de aprendizados demarcadamente sociais. Os estudos sobre lazer consideram o espaço urbano como essencial para as atividades de lazer. Para Marcellino *et al.* (2008, p. 135), o espaço da cidade constitui-se como o equipamento mais apropriado para o desenvolvimento do lazer, visto que “é aí, onde se localizam os grandes contingentes da população, que a produção cultural pode ser devidamente estimulada e veiculada, atingindo um público significativo”.

Nesse contexto, destaco a rua como um espaço de lazer, que pode se constituir em um espaço de envolvimento com diferentes manifestações culturais, seja por meio do brincar (brincadeiras e/ou brinquedos); das práticas esportivas (caminhada, ciclismo, corrida, *skate*, *le parkour*, entre outras); da dança/música (*hip hop*, *street dance*); das marchas (LGBT<sup>20</sup>; evangélicas); ou por meio das manifestações políticas.

De acordo com Tanno (2009), a rua enquanto espaço público tem sido usufruída para as mais diferentes funções ao longo dos séculos. O autor aponta que a rua foi construída para

servir como via de circulação para pessoas e veículos, tornou-se também lugar privilegiado para manifestações políticas e culturais dos mais diversos grupos sociais. Embora ganhe visibilidade por essas dimensões é, também, um espaço de lazer, para conhecer pessoas, para chamar atenção para si ou para as ideias ali veiculadas por diferentes protagonistas (p.64).

Assim, corroboro as ideias de Magnani (2016) quando diz que a rua

É um espaço de disputa e negociação dos atores sociais. É um lugar de disputa da cidade inteirinha. Quando você sai do ambiente doméstico e vai para a rua, você

---

<sup>20</sup> LGBT (ou LGBTTTT) é a sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais.

encontra o diferente, a diversidade. Seja o café da manhã ou a possibilidade de caminhar pela rua de lazer, a graça e o imprevisto são encontrar a diversidade (s/p.).

Desse modo, compreendo que as crianças e os jovens, ao apropriarem-se da rua como um espaço para vivenciar o lazer, são levados à criação e ao fortalecimento de vínculos sociais. Acredito que, por meio de experiências lúdicas no meio urbano, é possível dar sentido e significado ao mundo que nos cerca, tecendo as relações sociais, renovando comportamentos e valores que fundamentam os princípios éticos, estéticos e políticos que regem a sociedade (RECHIA, 2015).

Neste sentido, entendo que o componente lúdico experimentado nessa fase da vida dos recreadores contribuiu para a sua produção cultural, o que colaborou com a consolidação da sua criatividade, desenvolvimento pessoal e social e participação cultural, superando a formação requerida pelos padrões de “produtividade social” impostos pela sociedade (MARCELLINO, 2007).

Em conformidade com este contexto, entendo que os momentos de brincar experimentados pelos recreadores no período da infância e adolescência constituem-se em saberes sobre lazer, porque permitem a esses profissionais abordarem nos seus espaços de atuação os temas sobre infância, brincar, lúdico, criança, teatro, tempo e espaço. Isso é identificado no discurso de R3, que destaca as marcas do brincar experimentadas na infância e que ficaram para a sua vida cotidiana, inclusive para ajudá-lo a pensar e a construir saberes sobre o lazer no processo de atuação profissional.

Porque eu acho que eu sou uma eterna brincadeira, eu acho que eu misturo muito lazer com profissionalismo. Mas eu consigo lembrar muito da minha infância, que são os momentos que fala muito da onde eu estou. Eu acho que a brincadeira me ensinou a simplicidade da relação, o quanto é simples se relacionar, o quanto é simples errar, o quanto que a vida é fazer, é agir e estar proposto. Brincadeira é um universo que você se propõe a viver. Então acho que para mim todas as experiências me ajudaram a descobrir isso e profissionalmente querer trabalhar e estar no meio de coisa, onde essas coisas possam se confundir. E isso reflete com minha atuação de querer ser atriz, de estar fazendo recreação, de estar cada dia mais inserida, e de pesquisando o teatro popular, as manifestações populares e de misturar também o lazer com a vida, né? (R3 – Entrevista).

Tratando das experiências relacionadas ao esporte, os recreadores destacaram que elas ocorreram dentro e fora do contexto escolar.

Até a quinta série eu sempre estudei em escola particular na rede do Sesi eu tinha mais acessos a esportes e o Sesi também levava a gente pro clube, aí tinha dentro da escola tinha recreação, tinha uns dias que era recreação, cama elástica, pula-pula, algumas dinâmicas. Eu tive algumas experiências, que meu pai era doido para eu

fazer alguma luta, então ele sempre me levava, eu começava a ter experiência e eu corria porque não tinha nada a ver comigo (R2 – Entrevista).

Eu sempre gostei muito de Educação Física. Então o esporte, especificamente, eu tentei, eu não sou tão fã de futebol, mas me permiti experimentar o futebol com os meninos, com as meninas também, tinha essa questão da mescla de gêneros e isso é interessante. No vôlei e no basquete eu me encontrei bastante porque era um era um tipo de esporte que dava certo prazer que eu tinha mais domínio assim sabe (R4 – Entrevista).

Eu jogava vôlei na escola, participava de campeonatos estudantis, jogava futebol também, mas nada que eu adorasse mesmo, era só pelo prazer de praticar um esporte (R5 – Entrevista).

Os relatos sobre o envolvimento com o esporte na escola apontam que a educação física escolar foi abordada sob diferentes aspectos, como prática esportiva, de lazer e de recreação. Na fala de R2, é possível perceber que no âmbito escolar ofereceu a oportunidade de vivenciar o esporte, o lazer e a recreação, por meio de idas ao clube e de algumas dinâmicas e brincadeiras. O recreador R4 aponta o conteúdo esportivo, como a prática do futebol, vôlei e basquete e relata que o mais interessante era a visão do professor, que realizava a mescla de gêneros, principalmente, no futebol; rompendo, assim, com a associação de que alguns esportes só podem ou poderiam ser práticos por um gênero específico. Já na fala do recreador R5, percebe-se que houve o privilégio do conteúdo esportivo na perspectiva do treinamento, porém nota-se que a apropriação do esporte está relacionado com o prazer em praticá-lo, no sentido de realizar uma atividade física.

Outras experiências vividas pelos recreadores estão relacionadas às atividades artísticas, como o teatro, a dança e a música, sendo que essas experiências aconteceram no espaço da escola, na igreja e por intermédio de programas culturais, como demonstrado nas falas:

Desde pequena eu gostei muito de fazer teatro e quando eu tive 15 anos eu tive a oportunidade de iniciar num curso de teatro que era um curso livre, e eu iniciei no SESI (R1 – Entrevista).

Quando eu tinha 16 anos, eu ingressei num programa, num curso livre de teatro e de artes em geral que chama Valores de Minas<sup>21</sup>. E lá eu tinha muito contato com a

---

<sup>21</sup> O Valores de Minas é um programa do Servas e do Governo de Minas que oferece a jovens de 14 a 24 anos das escolas estaduais oficinas de arte com o objetivo de possibilitar aos estudantes formação cidadã e crescimento pessoal, aliados ao desenvolvimento cultural e artístico de cada jovem, para que eles possam desenvolver seu próprio caminho e transformar positivamente a realidade que os rodeia. São oferecidas oficinas de teatro, circo, música, dança, artes plásticas. Também constam do currículo aulas de história da arte, literatura, ética e cidadania. Os alunos participam ainda da vida cultural da cidade. Nos finais de semana são oferecidas aulas de reforço escolar. Essas informações estão presentes no site <<https://valoresdeminas.wordpress.com/>>. Acesso em 09 de junho de 2016.



cidadania também, assim por meio da arte, por meio dessa experiência que era muito branda, no sentido de teatro, circo, artes visuais e tudo (R3 – Entrevista).

E eu sempre gostei de dançar e cantar, então eu cantava no coral da igreja e eu dançava e era responsável por todas as apresentações da escola, da minha sala no caso, entendeu? (R5 – Entrevista).

Essas falas destacam que a escola pode constituir-se como um espaço que possibilita aos alunos o envolvimento com atividades de diferentes linguagens culturais, o que pode contribuir com a educação para o lazer. Nesse sentido, Marcellino *et al.* (2008, p. 137) entendem que a escola deve ser vista como equipamento e organização de educadores, funcionando com centro de cultura popular que tem “entre seus vários componentes, a sua tarefa educativa no que compete ao espaço, ultrapassando os limites dos muros dos prédios escolares, estendendo-se a outros equipamentos da comunidade próxima”.

Tendo em vista tais reflexões, entendo que os diferentes interesses (culturais e artísticos) vivido pelos recreadores em seu cotidiano, no espaço escolar e fora dele, podem contribuir para uma educação para o lazer e também ajudá-los na construção de seus saberes. Assim, concordo com Oliveira (2000) quando descreve que

As aprendizagens situadas em tempos e espaços determinados e precisos atravessam a vida dos sujeitos. O acesso ao modo como cada pessoa se forma, com a sua subjetividade é produzida, permite-nos conhecer a singularidade da sua história, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos (p. 17).

Desse modo, compreendo que os recreadores tiveram em comum as vivências do brincar, as práticas esportivas e as manifestações culturais, como o teatro e a dança e isso permitiu-lhes o próprio entendimento enquanto sujeitos capazes de agir em seu cotidiano pessoal e profissional, a partir dos saberes que aprenderam por si próprios, pelas experiências de lazer e por meio da educação que vivenciaram no período da infância e da adolescência. Assim, no próximo tópico, discuto as contribuições das experiências pessoais de lazer dos recreadores e sua influência na atuação profissional.

Ao inventariar as experiências pessoais de lazer dos entrevistados, identifiquei que elas também perpassam pelo brincar, pelas brincadeiras, os jogos teatrais, a ida ao teatro, a espaços públicos e/ou privados como praças e bares, dançar e a música. Ou seja, os recreadores mantém ativas as vivências que tiveram nas fases da infância e da adolescência.

A recreadora R1 menciona o brincar, a conversa e a socialização como experiências de lazer e diz que elas a ajudaram a perceber que tinha jeito para trabalhar com

recreação infantil, como uma oportunidade de negócio e, conseqüentemente, auxiliaram na sua profissionalização.

Eu acho que das minhas experiências de lazer, eu sempre fui de brincar, de fazer piada, de estar na rua, sempre gostei de conversar, de socializar. Eu acho que na verdade talvez não tenha me influenciado tanto, mas talvez tenha mais me ajudado. Como eu estava no teatro e vi uma oportunidade de negócio dentro da recreação infantil, o que me influenciou foi descobrir que eu tinha jeito, que eu tinha paciência, que eu tinha dedicação e que era um universo muito melhor do que todo mundo dizia. E enquanto o tempo foi passando, eu fui descobrindo um valor muito grande do meu trabalho, eu achava que eu fazia muito também por causa do dinheiro, mais depois que eu fui me valorizando, eu fui vendo - gente, brincar é sensacional, sabe (R1 – Entrevista).

A recreadora R3 menciona que suas experiências pessoais de lazer estão relacionadas com a sua atuação profissional e sua fala demonstra que, para ela, lazer e trabalho se confundem. A entrevistada entende que suas atividades laborais fazem parte de seus momentos de lazer, aspecto que pode gerar confusão entre as relações trabalho e lazer.

Se me perguntar o que eu faço de lazer, por exemplo? Eu sou uma pessoa do teatro, de brincante e os momentos que eu não estou trabalhando, que eu não estou fazendo oficina, que eu não estou estudando, que pra mim já é um lazer, se lazer for nesse sentido, se for considerado brincar, isso tudo, eu já faço isso 24 horas da minha vida. Quando fala de lazer na minha vida atualmente é trabalhar, é fazer uma música, aprender tocar um novo instrumento, é ler um livro. E lazer pra mim é mais um momento de recolhimento do que de expansão, porque como eu estou o tempo todo muito pra fora, então lazer pra mim é o momento que eu vou me colocar pra dentro. E isso reflete a minha atuação de querer ser atriz, de estar fazendo recreação. Embora tem dias que são muito difíceis, que é muito trabalho, que tem dia que o desgaste chega: corporal, mental e físico, mas que eu sei que eu estou fazendo, trabalhando e que todo aquele cansaço ele é válido porque ele está sendo realizado como liberdade (R3 – Entrevista).

A distinção entre lazer e trabalho para o profissional de lazer não é tão delineada quanto se pode observar em outras áreas de atuação, de modo que o profissional pode confundir seu trabalho com as experiências de liberdade e criação que caracterizam o lazer. Desse modo, o profissional, por ter contato com situações lúdicas e prazerosas em suas atividades laborais, acaba acreditando que o seu trabalho é o seu lazer. Segundo Stoppa e Isayama (1999, p. 170), essa é uma característica comum entre os profissionais do lazer, que “tem seu ritmo de vida totalmente diferenciado em relação aos outros profissionais, pois suas vivências de lazer fogem à regra social estabelecida culturalmente para a maioria das pessoas”.

O entrevistado R4 menciona o cinema, o teatro e as oficinas de jogos teatrais como experiências pessoais de lazer que contribuíram para sua atuação profissional.

Olha, eu vou no cinema muito, eu vou ao teatro e em oficinas de jogos teatrais. Recentemente, por exemplo, eu fui assistir esse grupo serelepe no teatro, então o público era basicamente mães e crianças, né. E aí eu fui não só para me divertir, né, eu fui com uma questão a mais, eu fui, eu vou me divertir, vou ali para assistir mesmo peça, mas isso vai ser muito bom para mim, que vai dar material de trabalho para mim muito amplo. Como a gente é ator, é recreador e a gente vê o mundo de outras formas, né, a gente não só se diverte, então você pode estar ali vendo um filme, mas você fala: olha que interessante essa questão que tá passando nesse filme aqui, me provoca de certa forma que eu posso utilizar na brincadeira ou transpor isso para minha cena, né, então acho que nosso radarzinho artístico ele nunca fica desligado (R4 – Entrevista).

Mediante a fala do recreador, percebe-se que ele vivencia os momentos de lazer sempre buscando um aprendizado para utilizar em sua atuação profissional. Contudo, o recreador também demonstra que está sempre trabalhando, até nos seus momentos de lazer, pois existe uma tentativa de observar as coisas acontecendo e avaliar como isso pode servir para o seu trabalho. Isso é percebido na fala abaixo:

Então tudo é trabalho, tudo é material de trabalho, então você tem que ser muito observador, e eu acho que até na vida quando você vai descansar mesmo, vou descansar no lugar tal [uma viagem] você está atento a essas questões e as que estão acontecendo ali naquele momento e o que você pode utilizar também ou não na sua vida artística, na recreação (R4 – Entrevista).

Diante dos discursos do recreador R4, considero fundamental que o profissional se envolva de forma crítica e criativa com as suas experiências pessoais de lazer e, por intermédio delas, busque ampliar sua atuação profissional, porém, ele deve tentar minimizar as barreiras que pode enfrentar no seu próprio lazer, diversificando as possibilidades de vivência desse momento para aspectos não relacionados meramente ao trabalho, permitindo, assim, usufruir o lazer enquanto sujeito, em seu modo singular.

A recreadora R5 menciona que tem como experiência pessoal de lazer ler e ir ao cinema. Entretanto, acredita que tais experiências não contribuíram para sua atuação profissional. Para R5, os trabalhos que desempenha aparecem como uma barreira que dificulta a sua própria vivência do lazer, devido à falta de tempo e à necessidade de trabalhar em mais de um local.

Não que contribuiu ou influenciou. Eu gosto muito de ler, mas eu gosto de ler romances, ação. Eu amo assistir filme, ir no cinema, mas nada que envolva crianças. Eu hoje quase não faço nada, porque eu não tenho tempo pra nada, eu estou sempre trabalhando em vários lugares ao mesmo tempo e intercalando com o que dá (R5 – Entrevista).

O discurso da entrevistada demonstra que a falta de tempo e o volume de trabalho dificultam a vivência de lazer. Stoppa e Isayama (1999) apontam que os profissionais do lazer enfrentam três problemas que limitam o seu acesso ao lazer: o primeiro, é que a maioria das opções de atividades acontecem no tempo em que eles estão trabalhando; o segundo é que esse desajuste provoca o distanciamento de seus familiares, e o último é que a falta de divisão clara entre os momentos de lazer e trabalho causa desgaste institucional. Perante esses problemas, concordo com Dias e Isayama (2014), quando descrevem que é preciso que o profissional lute por melhores condições de trabalho e de lazer, o que é fundamental para qualquer área e também para o profissional do lazer. Isso inclui a busca pela redução da jornada diária de trabalho, inclusive, com revezamento entre os profissionais, para que todos tenham tempo livre e possam satisfazer suas próprias necessidades de lazer.

Contudo, de forma geral, é possível afirmar que as experiências pessoais de lazer dos recreadores contribuíram para a sua atuação profissional. Os estudos de Melo (2003, 2006), Isayama (2009), Silva (2010), França (2010), Santos e Isayama (2015) anunciam a relevância da formação cultural na qualificação do processo de formação e atuação dos profissionais.

Assim, corroboro os apontamentos de Paraíso (2010), ao considerar as práticas de lazer como um currículo, como textos que produzem sentidos e significados sobre o mundo, possibilitando a construção de “saberes e significados que permitem aos futuros profissionais olhar o lazer como “prática cultural” que possui uma política e uma pedagogia; uma prática cultural que ensina e forma; uma prática cultural que governa condutas e produz sujeitos de determinados tipos” (p. 30).

#### 4.3 Formação inicial e os saberes sobre lazer

Ao analisar formação inicial na trajetória destes profissionais, identifiquei que quatro possuem formação técnica em Teatro, pela UFMG; sendo que dois, atualmente, fazem graduação em Teatro, na UFMG, e outro realiza graduação em Comunicação. A única recreadora que não possui formação técnica em teatro iniciou o curso superior de Direito, porém abandonou o mesmo por ter descoberto que não queria seguir a carreira.

A partir de tal análise, observei, no discurso de quatro recreadores, que o ingresso na formação inicial em teatro recebeu influência do envolvimento com o teatro na trajetória anterior a essa fase, por meio de outros espaços formativos e de suas experiências pessoais de lazer.

Desde pequena eu gostei muito de fazer teatro e quando eu tinha 15 anos eu tive a oportunidade de iniciar num curso de teatro, e eu iniciei no SESI. E aí lá eu decidi que eu queria trabalhar com teatro, que eu queria entrar no curso técnico e seguir isso como carreira de atriz e todas as coisas que tinham em volta, porque o teatro também tem várias outras gavetas e possibilidades. E aí eu entrei para o TU [Teatro Universitário da UFM], quando eu tinha 18 anos. Sempre gostei de conversar, de socializar, tanto que eu faço comunicação (R1 – Entrevista).

Aí a forma que eu tinha de soltar mais esse lado mais criativo, era apresentação de trabalhos, e aí fui nesse período dessa escola que fui pro teatro. Aí eu fiz um curso, e aí eu fui descobrir o Valores de Minas, e fiz teatro lá. Aí eu passei pelo módulo um e aí eu falei eu não vou pro módulo 2 eu já quero tentar a graduação e o curso técnico. Aí eu entrei pra faculdade de teatro (R2 – Entrevista).

Em 2013 eu ingressei num programa, eu tinha 16 anos, num curso Livre de Teatro e de artes em geral que chama Valores de Minas, fui mais do que uma aluna assim, consegui montar na época trabalhos com grupos de teatro de lá, com pessoas que estavam lá e criar projetos e aí eu fiquei 3 anos lá nesse lugar. Me ingressei na universidade no teatro universitário buscando a formação de ator (R3 – Entrevista).

Eu tinha feito um curso oferecido pela prefeitura de Belo Horizonte que é o Arena da Cultura, é um curso, que oferece sete áreas de Formação, que é a dança, o teatro, circo, a música, designer popular, patrimônio se eu não me engano. E foi a partir do Arena que eu comecei a ter os estudos artísticos, fiz um módulo semestral lá e passei na federal. Eu tenho formação em teatro na federal, eu comecei em 2015 com o curso técnico de teatro e atualmente faço a graduação também em teatro pela UFMG (R4 – Entrevista).

Comecei a fazer faculdade de direito e comecei três vezes e eu abandonei três vezes porque eu queria fazer outra coisa e não sabia o que (R5 – Entrevista).

Os depoimentos dos entrevistados corroboram os estudos de França (2003), Silva (2010) e Capi (2016) em que os sujeitos demonstraram que a escolha de suas formações iniciais teve relação com experiências anteriores a essa fase.

Assim, para refletir sobre a formação inicial dos recreadores e a construção de saberes sobre lazer e recreação, desenvolvo as análises da seguinte maneira: conteúdos aprendidos de forma geral e em disciplinas e sua influência na atuação profissional; estágios realizados; a influência dos professores em seu processo formativo.

Em relação aos conteúdos aprendidos na formação inicial, seja por meio de disciplinas ou de forma geral, os recreadores descrevem que eles ocorreram a partir das técnicas teatrais; de jogos, brincadeiras e brinquedos; e de diferentes manifestações artísticas, como o circo, a dança e a música.

Na faculdade a gente tinha circo, dança, musicalização, brincadeiras (R2 – Entrevista).

Jogos teatrais, os jogos boal, as brincadeiras populares, o boneco mamulengo, o maracatu, que aprendi em todos os cursos de formação e também no TU (R3 – Entrevista).

Na própria Universidade também a gente tem algumas disciplinas que tem utilização de instrumentos, eu aprendi muitas brincadeiras diferentes, brincadeiras que não são tão tradicionais (R4 – Entrevista).

A recreadora R1 menciona que os conteúdos práticos adquiridos no teatro universitário influenciaram-na enquanto recreadora e empresária no ramo da recreação:

Primeiramente o teatro. A minha base, a base da recreação infantil pra mim e para minha empresa ela está muito ligada ao teatro, as artes cênicas e a ludicidade assim, são praticamente os três pilares que a gente tem. Técnicas teatrais, jogos de improvisação tudo que eu aprendi no TU eu levava para lá e botava um teste e repassava para os meninos [recreadores da empresa] (R1 – Entrevista).

Desse modo, percebi que os conteúdos aprendidos pelos recreadores no decorrer de seus processos formativos iniciais desenvolveram-se a partir de conhecimentos acerca do brincar, do brinquedo, dos jogos e das diferentes manifestações artísticas, os quais estão presentes nas diversas formas e práticas de vivenciar o lazer. Assim, entendo que tal situação pode ampliar a formação e o entendimento do lazer, desde que ele seja compreendido como uma dimensão da cultura e/ou da cultura vivenciada, o que o estabeleceria como uma prática cultural, um texto cultural ou ainda uma prática de significação e uma prática produtiva (PARAÍSO, 2010).

A fala da recreadora R2 chama atenção por relatar sua experiência em estágios em escolas e no centro pedagógico da UFMG.

Já na faculdade estagiei em escolas, no centro pedagógico da UFMG e esses estágios sempre foram voltados pra área do teatro. Eu tive essa experiências em escolas, umas muito boas outras nem tanto. O centro pedagógico eu amei, inclusive, foi com o grupo de teatro, de alunos mesmo bem focados e lá tem toda uma estrutura, onde tem teatro na grade curricular que tem uma diferença, então são pessoas que já tem outra visão, lidam de outra forma com teatro, tem prazer em fazer, dão valor em teatro como dão valor a matemática (R2 – Entrevista).

Percebe-se, pela fala da recreadora, que as experiências foram significativas por esse espaço possuir em sua grade curricular disciplinas específicas do teatro. Esse aspecto facilitou o interesse dos alunos e mobilizou conhecimentos teóricos adquiridos em sua formação e prática profissional.

Os estágios podem acontecer como atividades curriculares e extracurriculares presentes nos currículos de formação (técnica, graduação e/ou pós graduação *lato/stricto sensu*). De acordo com Pimenta (1995), o estágio é um componente do currículo que traz elementos da prática para serem objetos de reflexão em diálogo com a teoria e deve acontecer

numa perspectiva investigativa, que permita ao estudante a reflexão do vivido no real a partir dos pressupostos teóricos da área. Desse modo, o estágio, ao ser concebido como parte integrante do currículo, acontece na perspectiva da prática reflexiva proposta por Moreira (1995), passando a ser um espaço em que o futuro profissional pode aprender a ser o pesquisador da sua própria prática, além de poder tornar-se um elemento motivador para outras atividades formativas ao longo da carreira do profissional.

Os recreadores R2 e R4 demonstram que os professores que tiveram ao longo de seu percurso formativo marcaram suas trajetórias pessoais e profissionais. É possível perceber, pelas falas, a valorização que os recreadores dão ao papel do professor, buscando referências para exercerem suas ações profissionais. É visível que a influência dos professores não aconteceu apenas por meio de conhecimentos técnicos, teóricos ou como uma forma de transmissão de saberes, mas, também, por meio da ideia de uma construção coletiva e reflexiva de sua formação, refletindo, assim, na sua atuação como recreadores. Isso despertou nos recreadores a admiração e o desejo de se tornarem professores.

Tem professores que me marcaram muito, que eu tenho como referência mesmo, até porque, quando você está se formando na área de licenciatura, você olha o perfil de professores, porque você imagina é aquele professor que eu quero ser, da minha forma, do meu jeito, com a minha personalidade, mas com aquele comprometimento. (R2 – Entrevista).

Olha, alguns professores da Sociologia e da Filosofia no ensino médio, eles abriram outros campos de pensamento em mim. Os meus professores da Universidade do teatro universitário me proporcionaram muitas coisas, a arte da experimentação e também permitir experimentar. Porque às vezes a gente crítica os professores e a gente não se coloca no lugar deles e quando começamos a dar uma oficina, óbvio que a gente não é professor, mas a gente pode colocar como oficinairos, mas a gente vê que o lugar do professor. Estou organizando uma coisa e é aqui que o professor fica, é nesse lugar que ele fica. Então você começa aprender e a respeitar esse lugar de professor, de ensinar, de orientar. Esses professores eles me ensinaram cada vez mais que você não consegue fazer muita coisa sozinho não, então os meus professores são muito importantes nessa minha formação de recreação e artística (R4 – Entrevista).

Em contra partida, a recreadora R1 relata que sentiu falta de apoio do meio acadêmico em sua trajetória formativa e profissional, tendo em vista sua atuação como recreadora:

Eu gostaria de deixar bem claro que não tive nenhum apoio da academia [curso técnico do Teatro Universitário] de onde eu tava. Eu gostaria de deixar bem claro que tudo o que eu conquistei não tem nada a ver com que eles me construíram lá ou com interesse que eles tinham em me desdobrar sobre isso, eu tive que ver tudo do lado de fora, inclusive eu fui criticada lá dentro. Porque eu já ouvi coisas inclusive de professores, dizendo coisas para mim absurdas assim, como se o que eu tivesse

fazendo fosse um serviço de segunda classe. E hoje eu insisti e transformei em uma coisa potente (R1 – Entrevista).

O discurso da entrevistada permite perceber que houve um distanciamento de sua formação acadêmica com a prática profissional e isso pode estar relacionado a uma formação baseada na visão dicotômica entre teoria e prática. Desse modo, concordo com Gomes (1998), que se refere à questão da relação entre teoria e prática como um dos problemas que integra a problemática da formação profissional. A autora descreve que a teoria/prática constitui uma das questões básicas da formação do educador e um dos pontos centrais de reflexão na busca de alternativas para a formação profissional. É a partir da reflexão sobre a relação entre teoria e prática que se pode evidenciar os problemas e as contradições da sociedade que privilegia a oposição entre os trabalhos intelectual e manual. Isso pode justificar a falta de apoio por parte de alguns professores em relação à atuação profissional no âmbito do lazer e da recreação exercida pela recreadora R1.

Assim, fica claro que a formação inicial não responde a todos os desafios apresentados no contexto da intervenção profissional, uma vez que os saberes construídos e compartilhados entre os profissionais podem qualificar os processos de intervenção no âmbito do lazer. Por isso, discuto, a seguir, os saberes construídos pelos recreadores a partir de outros espaços formativos.

#### 4.4 Percurso profissional: experiências e saberes mobilizados na trajetória de recreadores

Ao analisar os percursos profissionais dos recreadores, procurei identificar em quais lugares eles ocorreram, quais pessoas, grupos e/ou momentos marcaram suas trajetórias e, conseqüentemente, verificar quais experiências e saberes foram adquiridos nesse contexto e, assim, compreender como tudo isso contribuiu ou influenciou o processo de formação e atuação como recreadores. Realizo essa discussão sobre o viés da formação e da atuação, de maneira conjunta, porque os recreadores entrevistados ainda estão realizando sua formação inicial e, a partir dela, iniciaram seu processo de atuação profissional no campo da recreação e do lazer, de modo que os saberes construídos em ambos os processos inter-relacionam-se o tempo todo.

Em relação ao percurso profissional dos recreadores entrevistados, existe algo em comum, que é a atuação com a fase da infância. Isso ocorre porque a empresa Ciranda de Roda trabalha exclusivamente com a recreação infantil.



Tratando da trajetória profissional, os recreadores citaram os locais em que atuaram: colônias de férias, empresas associadas ou não à recreação, *buffet* infantil, programas/projetos socioculturais, instituições públicas e privadas. Desse modo, trago a seguir as falas dos recreadores, por meio das quais é possível identificar esses locais e as experiências e/ou saberes adquiridos e como eles influenciaram na atuação profissional dos recreadores.

A recreadora R1 atuou em colônias de férias, *buffet* e outras empresas de recreação, por isso descrevo esses locais e as experiências adquiridas nos mesmos, nas falas abaixo:

Quando eu fiz a minha primeira experiência, que foi trabalhar com a questão da colônia de férias, eu acho que o que eu aprendi de mais importante é que eu posso ganhar dinheiro fazendo uma coisa que eu gostava e que de alguma forma eu tinha algum tipo de vocação. Quando eu fui para *buffet* eu aprendi lá, que trabalho em equipe era muito importante, era muito importante ter uma boa comunicação. E se você não desenvolve um bom relacionamento com a sua equipe que é a base da Ciranda de Roda, é o trabalho em equipe e a valorização do trabalho da recreação infantil. Com a Rosilda da “Arte com Alegria”, eu acho que eu aprendi de mais importante além de brincadeiras, eu aprendi uma recreação humanizada, ela foi uma referência muito importante pro que Ciranda de Roda é hoje. No Tio Girafa, que era questão do show, eu aprendi como vender, a dar valor de mercado, eu aprendi a fazer uma escala para poder convocar os recreadores para fazer o evento, mandar uma coisa formal, eu aprendi a ter mais contato com o contrato, com *check list* de material pra passar para o recreador, ele me ensinou a profissionalizar, digamos assim, a coisa, e tornar ela mercadológica (R1 – Entrevista).

Perante a fala da recreadora R1, percebe-se que as experiências adquiridas nesses locais foram significativos para sua atuação como recreadora e também para a construção dos valores de sua empresa de recreação infantil. As experiências destacadas estão relacionadas às questões técnicas/logísticas da atuação profissional, como a operacionalização, organização e ordenação das etapas e dos recursos de trabalho e de sua equipe. Isso demonstra a preocupação de um fazer técnico, com base no domínio de conteúdos específicos e metodologia adequada, sem uma aprendizagem técnica, científica e pedagógica (ISAYAMA, 2009).

A recreadora também aponta que, a partir de suas experiências, percebeu que a área da recreação é um nicho de mercado e que pode ganhar dinheiro fazendo o que gosta. Nesse sentido, a recreadora e empresária possui uma visão crítica em relação ao mercado de trabalho da recreação, pois seu discurso apresenta uma preocupação relacionada à necessidade de profissionalizar sua empresa, no sentido de trazê-la para a formalidade do mercado, não trabalhando de modo informal. Além disso, a recreadora também demonstra uma preocupação

quanto à valorização do trabalho da recreação infantil, do trabalho em equipe e da comunicação com os seus colaboradores e clientes. Essas questões relacionadas à empresa são visualizadas na fala dos outros recreadores.

Os recreadores R2, R3 e R4 atuaram com a recreação apenas na empresa “Ciranda de Rodas”, mas demonstram que as experiências provenientes de outros percursos repercutiram na sua atuação como recreadores e em sua formação como pessoa, indivíduo e profissional. R5 relatou ter trabalhado em outras empresas de recreação, mas descreve que esse percurso não foi tão significativo.

Com a recreação eu só trabalhei na Ciranda de Roda. Mas também tive experiência como estagiária no Patrimônio Cultural do Arena da Cultura<sup>22</sup> e no PlugM Minas<sup>23</sup> no Núcleo de Planejamento e Gestão<sup>24</sup>. E aí de todas essas experiências que eu adquirir nos espaços, que eu trouxe pra Ciranda foi o contato com outro e a escuta mas eu acho que da minha experiência no estágio de gestão essa coisa de mediar relações veio para recreação. Então assim, esse diálogo, essa coisa de gerir, de entender, de produzir, de chegar eu trouxe desse lugar de gestão. E eu acho que do Patrimônio e dos outros estágios, mais artisticamente sabe, eu trouxe música, ludicidade, proposta de jogo mais isso assim (R2 – Entrevista).

Eu comecei a trabalhar com 16 anos, eu fiz um estágio na Prefeitura de BH [Belo Horizonte] então para mim eu conheci BH toda a partir desse trabalho e aprendei também a lidar com público, de uma certa forma que vai te dando material para trabalhos posteriores sabe? Eu também trabalhei como jovem aprendiz no CEDUC Virgílio Resi, esse tipo de empresa também te prepara também para o atendimento ao público, e eu acho que isso especificamente me ajudou bastante antes de entrar para recreação, a questão da comunicação para mim nunca foi um problema e eu acho que essa minha história de trabalhos me formaram em lidar com pessoas e me proporcionou ter uma preparação melhor quando eu cheguei na Ciranda de Roda. A Ciranda ela te capacita muito com as brincadeiras, aprendi duas coisas que eu nunca tinha feito a minha vida que foi a pintura divertida, que é uma pintura corporal ou facial e bichinho de balão, foi muito legal assim, e isso me capacitou (R4 – Entrevista).

A Ciranda me ensinou a ser pontual, a ser paciente e ela tirou um pouco dessa timidez minha, não sei como eu posso descrever isso pra você, mas eu preciso cantar

<sup>22</sup> O Arena da Cultura, programa da Fundação Municipal de Cultura, de formação artística e cultural, oferece oficinas em diversas áreas.

<sup>23</sup> PlugMinas - Centro de Formação e Experimentação Digital é um projeto da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais direcionado aos jovens que estudam ou se formaram na rede pública de ensino fundamental e médio de Belo Horizonte ou Região Metropolitana. Tem como objetivo ampliar as oportunidades dos jovens estudantes, abrindo novos caminhos para seus repertórios de conhecimento e pesquisa e propiciar inovações pedagógicas aos professores que vivenciam o cotidiano da escola integral/integrada. Essas informações estão disponíveis no site <<http://www.plugminas.mg.gov.br/index.php/home/o-que-e-o-plugminas>>. Acesso em 08 de junho de 2018.

<sup>24</sup> Núcleo de Planejamento e Gestão (NPG) é responsável pela gestão operacional do PlugMinas. O Núcleo elabora e implementa ações, atividades e programas com a ideia de aperfeiçoar o trabalho desenvolvido, além de pensar novas possibilidades e práticas. Também faz parte da rotina do Núcleo buscar novas oportunidades e propor parcerias com empresas e instituições que possam contribuir com o Projeto. A equipe do NPG dá suporte aos parceiros e estabelece uma conexão entre os vários núcleos e atividades que acontecem no espaço, alinhando todo o trabalho do Projeto. Essas informações estão disponíveis no site <<http://www.plugminas.mg.gov.br/index.php/nucleos/nucleo-de-planejamento-e-gestao-npg>>. Acesso em 08 de junho de 2018.

alto com as crianças, eu preciso pegar fogo com elas e ao mesmo tempo conversar com o pai, Aprendi muito com as outras empresas [de recreação], mas não foi tão significativo quanto a Ciranda (R5 – Entrevista).

As falas dos recreadores demonstram que as experiências nesses locais os formaram como sujeitos e profissionais e isso influenciou, de modo significativo, suas atuações no âmbito da recreação e do lazer. Percebo que as experiências relatadas estão relacionadas aos conhecimentos técnicos e/ou práticos (brincadeiras, música, jogos, bichinho de balão e pintura divertida), e também às questões gerais de qualquer profissão, como a construção de relações interpessoais, a troca de experiências com profissionais de outras áreas de formação, e ainda a aquisição de conhecimentos e/ou características sobre gestão, comunicação, responsabilidade, paciência, empatia e pontualidade. Desse modo, entendo que os recreadores mantêm-se vinculados a um fazer técnico, com uma familiarização com as práticas e atividades que se apresentam no dia a dia do profissional do lazer, não sendo mobilizadas experiências que envolvam conhecimentos teóricos sobre lazer e recreação. Assim, concordo com Isayama (2010), para quem a formação e atuação do profissional do lazer deve pautar-se na consolidação de um sólido referencial teórico, pois o mesmo possibilita a compreensão da prática por meio de novos olhares, permitindo a consolidação da *práxis*, a partir de uma perspectiva dialética entre teoria e prática, sem que uma se sobressaia a outra. Dessa forma, a relação entre teoria/prática adquire uma função muito diferente de um simples fazer mecânico e técnico.

Tratando-se das pessoas, grupos e/ou momentos que marcaram a trajetória dos recreadores, alguns são comuns entre eles, como a universidade, programas/ projetos culturais, empresas e/ou grupos de recreação ou teatro. Alguns colegas de trabalho que acompanham ou acompanharam a formação e/ou atuação dos recreadores entrevistados são citados e considerados importantes por terem contribuído para o processo de construção de saber sobre a recreação, possibilitando a troca de saberes e experiências em suas trajetórias.

Neste sentido, os recreadores demonstram que o espaço de intervenção também é um espaço de formação, pois possibilita as trocas de saberes e experiências. Isayama (2010) aponta para a necessidade de formação continuada no campo do lazer a partir de três eixos:

o espaço de intervenção deve ser o lócus privilegiado de formação; a formação continuada tem de ter como referência o saber profissional, o reconhecimento e a valorização desse saber; as diferentes etapas do desenvolvimento profissional do projeto precisam estar presentes para que ele se dê adequadamente, já que não podemos tratar do mesmo modo o animador em fase inicial do exercício profissional e aquele que já se encaminha para a aposentadoria (p.17).

Assim, entendo que o local da prática pode constituir-se como um espaço formativo, a partir do momento que essa prática seja reflexiva, ou seja, capaz de identificar problemas e tentar buscar soluções para eles, além de considerar a subjetividade dos sujeitos que estão intervindo (ISAYAMA, 2010). Nessa perspectiva, Caldeira (2001) afirma que considerar a subjetividade do profissional no seu processo de formação, é reconhecer que os próprios indivíduos contribuem para tal processo e para a transformação dos seus contextos.

Outras pessoas e grupos também marcaram a trajetória e a construção do saber dos recreadores, sendo mencionados a família, a escola e o grupo relacionado ao exercício profissional. Tal constatação vai ao encontro da afirmação de Torres (2006) sobre a influência da trajetória pessoal e do contexto social no entendimento das trajetórias e socialização dos professores. Ressalto que os sujeitos aqui entrevistados não são professores, mas parece que o mesmo referencial se aplica a esses profissionais (recreadores).

A recreadora R1 cita, dentre os grupos, pessoas ou espaços que marcaram sua trajetória, *blogs* que discutem os temas relacionados à maternidade, à família e ao lazer; outras empresas de recreação; bandas e pessoas que trabalham com musicalização infantil; além da família; amigos; colegas do próprio teatro universitário (TU/UFMG) e suas vivências no mercado de trabalho.

Desde o princípio, eu sempre corri muito atrás dos *blogs* que existem aqui em Belo Horizonte relacionados à maternidade, à família e ao lazer. Esses *blogs* foram muito importantes para a gente tanto no quesito comercial, quanto no quesito de entender o que é uma festa no parque, o que é uma dinâmica de fazer para um público maior. Eu tive referência de várias outras empresas de recreação, como também de bandas e pessoas que trabalham com musicalização infantil “Companhia Pé-de-Moleque”, “O Quintal da Guegué”, “Coração Palpita”, são pessoas que a gente se referênciava muito no trabalho deles. Tirando todo mundo que estava junto na trajetória que foram todos os meus amigos e colegas do TU que embarcaram nesse desafio da Ciranda de Roda comigo, muitos colegas meus já trabalharam comigo na Ciranda, muitos ainda trabalham, e eu fui me baseando assim, principalmente no apoio que eu tive da minha família e dos meus amigos e colaboradores na época e de coisas que eu fui vivendo no mercado (R1 – Entrevista).

As falas da recreadora R3 revelam o quanto os projetos e grupos de teatro influenciaram sua trajetória profissional e sua vida pessoal, sendo significativos na sua construção enquanto sujeito.

No Valores [de Minas], foi um momento muito importante para mim de autoconhecimento, de ver outras possibilidades para minha vida, de sentir um sujeito, me desenvolvendo lá, artisticamente e teatralmente. E eu acho que essa experiência também que eu tive com os jogos teatrais, estudando teatro, toda essa pesquisa que permeia, de recursos, ferramentas que o ator tem, são nesse lugar de autoconhecimento, de convivência, da brincadeira, são experiências marcantes e

claro a Trupe a Torto e a Direito sem dúvida assim, as brincadeiras populares que a gente apresenta para as crianças, essas manifestações populares, acho que todas as experiências que foram me formando (R3 – Entrevista).

Além disso, a entrevistada demonstra que essas influências repercutiram em sua percepção em relação à profissão e à dificuldade de acesso à recreação e ao lazer por meio da cultura e da arte.

E vejo que eu posso viver com minha arte, a partir do momento que eu acordo de manhã vou para a rua e faço uma intervenção que eu acredito, que as vezes eu nem vou cobrar nada, mas eu estou realizando o meu trabalho, eu estou promovendo convivência. Como um trabalho diário e não como um trabalho que coloca mais paredes sociais ainda, que a mídia, que perpassa por meio do teatro, da arte, que é colocar ali o lugar do estrela, como um lugar distante da comunidade e não, é o lugar que está próximo. E isso me influenciou na atuação como recreadora, acho que é ir com esse pensamento e com essa proposta de atenção assim, de ir para trabalhar querendo ter um encontro. É eu não esquecer a minha humanidade, da humanidade daquelas crianças, que eu estou num trabalho de promover experiências e de brincar. Eu me vejo como recreadora, mas eu me vejo muito como brincante, como um profissional brincante que gosta de brincar, que acredita na brincadeira tanto na posteridade como na sua verdade (R3 – Entrevista).

O recreador R4 destaca grupos de pesquisa e teatrais, e a própria empresa em que atua como fundamentais em seu processo de construção do saber. É perceptível que estes meios marcaram tanto a sua trajetória pessoal, como formativa e profissional.

Na Ciranda, no teatro eu consegui perceber que o coletivo é muito importante. Grupos também que tem pesquisas infantis, por exemplo, na universidade, tem o Serelepe da UFMG. São grupos também teatrais específicos que também vão te dando o material e é importante para sua trajetória artística. A Ciranda ela me trouxe a possibilidade de habilidades que eu nunca sabia que eu poderia praticar assim sabe. A ciranda abriu a porta e aí eu tive interesse de pesquisar esses outros grupos e eles abriram muito mais o meu leque. Esses grupos também me ajudaram muito como artista e também como recreador. Esses grupos me influenciaram principalmente na minha pro atividade, às vezes a gente fica numa certa bolha, engessa seu trabalho, e esses grupos e pesquisas me provocam muito porque não é o mais do mesmo, eles sempre estão se reinventando (R4 – Entrevista).

A recreadora R5 revela a influência de colegas da Ciranda de Rodas e do seu outro trabalho como recepcionista e auxiliar administrativo em uma casa de jogos de fuga e raciocínio da vida real (Escape Zone Brasil).

A [XXX] é uma pessoa maravilhosa, tudo que eu preciso, questão de curso, de ensinamento, de *feedback* que eu peço pra ela me dá do meu serviço, ela me ajuda, me dá um apoio. A [XXX], a [XXX] são pessoas maravilhosas, que me ensinaram tudo que eu precisei aprender. A Ciranda de Roda, principalmente, mudou a minha vida completamente, mudou a minha visão. E o que eu aprendi com a Ciranda foi que imprevistos acontecem e eu preciso aprender a lidar com eles. O brincar, eu

brincar, isso eu não tinha e a ciranda me ensinou e eu levei pro meu emprego [Escape]. O Escape, auxilia no meu trabalho também como recreadora. A ciranda e o escape me complementam como recreadora (R5 – Entrevista).

Diante dos discursos apresentados, compreendo que os recreadores constroem saberes na medida em que fazem escolhas, durante a convivência com as pessoas, os espaços e o contato com as realidades da profissão. Pode-se perceber que esses saberes são provenientes não só dos saberes curriculares e disciplinares, mas, também, dos profissionais e dos percursos no decorrer de sua atuação na área da recreação e do lazer, ou seja, dos saberes da experiência.

Tratando-se do saber da experiência, recorro a Bondía (2002), que reflete sobre a experiência e o saber da experiência, fazendo-nos pensar sobre certos significados dessas duas palavras em distintos contextos. Para o autor, “a experiência é aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 24). Dessa forma, entendo que a experiência tem a capacidade de nos formar ou de nos transformar enquanto sujeitos e/ou profissionais.

O saber da experiência é “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”. Assim, o saber da experiência “é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (BONDÍA, 2002, p. 27).

Nesse sentido, compreendo que a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permitem apropriar-nos de nossa própria vida, em que o saber da experiência se dá na relação do conhecimento e a vida humana, por meio dos sentidos que damos ao que nos acontece, seja em nosso contexto pessoal, acadêmico ou profissional.

Para Therrien (1995), os saberes da experiência

Se caracterizam por serem originados na prática cotidiana da profissão, sendo validados pela mesma, podem refletir tanto a dimensão da razão instrumental que implica num saber-fazer ou saber-agir tais como habilidades e técnicas que orientam a postura do sujeito, como a dimensão da razão interativa que permite supor, julgar decidir, modificar e adaptar de acordo com os condicionamentos de situações complexas (p.3).

Diante disso, considero que os recreadores constroem seus saberes a partir do que vivenciaram e experimentaram em sua trajetória pessoal, de lazer, acadêmica, profissional e de trabalho. Assim, compreendo que esses saberes devem ser construídos por meio do saber da experiência cultural proposta por França (2003). A autora aponta que os saberes

provenientes da experiência cultural são produzidos e vividos pelo profissional a partir do resgate da cultura vivida e mediada pelo conhecimento da corporeidade. Nesse sentido, ela reconhece o poder do conhecimento gerado no cotidiano, articulado na *práxis* educativa e que retorna à vida cotidiana determinando elementos para a permanente construção do humano. Para França (2003), a experiência amplia-se para além da “prática cotidiana da profissão”, são experiências da vida cultural, pois

Não basta ser conhecedor de um universo de conteúdos a serem tratados e/ou transmitidos, ser talentoso e dominar bem as técnicas de animação, usar de bom senso querendo que a prática lúdico-educativa configure um mundo unitário, ter sensibilidade para seguir a intuição dirigindo as ações tão somente pelos caminhos indicados pela própria razão. O importante é construir e (re)construir o universo cultural, ou seja, pautar ações no domínio do saber cultural como uma das possíveis manifestações de excelência para desenvolver a real e a concreta *práxis* (FRANÇA, 2003, p.47).

Assim, considero importante compreender de que maneira os saberes mobilizados por cursos, associação, projetos, programas e lazer dos recreadores entrevistados contribuem para a sua ação profissional no campo e no mercado de trabalho.

Entendo que a formação profissional nos campos do lazer e da recreação pode acontecer por intermédio de vários formatos: cursos de aperfeiçoamento e atualização; cursos técnicos; ensino superior em diferentes cursos; em pós graduações *lato* e *stricto sensu*; grupos de estudo e pesquisa; eventos técnico-científicos; revistas científicas; livros; grupos de discussão, entre outros. Contudo, esses processos formativos devem estar interligados com o local da prática como um *locus* privilegiado, a partir de uma prática reflexiva, pois, dessa forma, o profissional exercerá uma formação contínua do seu desenvolvimento profissional.

Neste sentido, concordo com França (2003), que afirma que é necessário que a *práxis* seja provida por saberes que potencializam e qualificam a formação em qualquer campo de intervenção, inclusive no lazer, em que buscar os saberes significa fomentar reflexões referentes à própria razão de escolha por esta ou aquela maneira de vivê-lo, caracterizando-se pela valorização do vivido. Para a autora, destacar o saber da experiência cultural no âmbito lazer é substancial à *práxis* do mesmo, pois “qualificar essa *práxis* pela via das próprias experiências representa articular os demais saberes para viver um momento ímpar e singular” (p. 49).

França (2003) afirma que os saberes da experiência cultural conformam um eixo formador, para além das experiências resultantes no campo profissional, que norteiam o processo formativo e atuante no âmbito do lazer, atribuindo outros sentidos e significados aos

saberes científicos, disciplinares e curriculares, possibilitando a construção de um profissional que exerce um papel crítico e criativo em suas ações, promovendo alternativas sobre o próprio saber. O saber da experiência cultural pode favorecer aos sujeitos

um saber sincrético e plural, com um repertório de conhecimentos sobre o *saber fazer*, segundo conceitos variáveis e contingentes da prática de lazer; um saber heterogêneo que mobiliza conhecimentos e formas de *saber fazer* com diversas referências a lugares, história, carreira e experiência de trabalho; um saber complexo, não analítico, um saber aberto, poroso, permeável, que integra experiências novas; um saber experiencial, ligado não somente à experiência do trabalho, mas sobretudo à experiência de vida, na qual exprimem vivências da cotidianidade, de suas identidades, do agir do ser; um saber com temporalidade e especialidade, do *que fazer* evolutivo e dinâmico; um saber sociocultural construído pelo autor em plena interação com a diversidade, com a complexidade, com a ludicidade, ou seja, com a expressão da corporeidade proveniente da cultura circundante (FRANÇA, 2010, p. 121).

A partir do exposto, trago os saberes mobilizados pelos recreadores a partir das experiências adquiridas em processos de formação, para além de sua formação inicial.

A recreadora R1 destaca os cursos de capacitação realizados em outras empresas de recreação no início de sua atuação e os cursos promovidos por sua própria empresa. Além disso, relata os saberes adquiridos com as leituras de livros e artigos e discursa sobre a relação entre teoria e prática, por meio de um olhar reflexivo, retratando as questões referentes ao campo da recreação, da atuação do recreador e da interdisciplinaridade existente na área.

Com relação aos cursos de capacitação realizados, a recreadora destaca que os mesmos tinham o intuito de formação e de seleção para entrar nas empresas e que seus conteúdos estão relacionados ao fazer técnico, aprendizagem de brincadeiras e habilidades específicas, como pintura facial, bichinhos de balão. Ou seja, nesses cursos de capacitação não foram mobilizados conhecimentos teóricos sobre a recreação e o lazer.

Eu fiz curso no Tio Girafa para entrar porque ele não aceitava entrar sem ter o curso, é um tipo de curso voltado para entrada na empresa, mas que você ia ser formado com recreação infantil. Esse curso formava e também integrava as pessoas pra poder entrar na empresa. Então ele [Tio Girafa] tinha um curso que era todo dividido assim: entre protocolo da empresa, a gente aprende a fazer a pintura facial/corporal, bichinhos de balão, que é mais ou menos a base da recreação infantil, nos pacotes mais tradicionais. Ai ele [Tio Girafa] dava algumas brincadeiras específicas, brincadeiras dançantes, brincadeiras de coreografia, brincadeira com material e sem material e aí a gente tinha que mostrar uma brincadeira que a gente conhecia. Para Rosilda eu tive que fazer uma entrevista, fazer de certa forma, mostrar uma parte das minhas habilidades (R1 – Entrevista).

Tratando dos cursos que são oferecidos pela sua empresa, a recreadora destaca que os mesmos têm o intuito de capacitar e formar a equipe, sendo realizados de uma



formação prática, porém com embasamento teórico de quem ministra. Esses cursos tiveram início no ano passado e são pagos pela empresa.

Desde o ano passado a gente faz um curso obrigatório para equipe, a Ciranda de Roda paga, ano passado a oficina foi de improvisação teatral. Esse ano provavelmente a gente vai fazer uma oficina de percussão que é para os meninos aprender a tocar, mesmo não tendo pacote só com a música. Então oficina que ele [o profissional] vai dar por exemplo, ela é prática, mas o embasamento dele é teórico. Eu acho que isso que é importante que não pode esquecer que a gente parte da prática, mas precisa retornar pra teoria, pra depois voltar pra prática de novo e eu acho que é bem por aí (R1 – Entrevista).

A recreadora R1 revela, ainda, que acredita que as leituras que realizou auxiliam na construção dos cursos realizados dentro de sua empresa e contribuem para o estreitamento entre teoria e prática:

Li trocentos livros sobre educação, eu li todos os livros da Mariana Marcondes Machado que é uma pesquisadora do teatro que trabalha com o brincar lúdico na infância. Leio artigos, almanaque que sai, pesquisa, aí gero cursos dentro da ciranda de roda também. É preciso ler, é preciso saber o que o pedagogo está dizendo, o que o Winnicott tá dizendo, o que enfim vários pesquisadores estão dizendo por aí. Tem que ler, a prática só eu não acho que é suficiente, é uma coisa que um reforço na minha empresa, se for para ter a prática que geralmente o que é de mais fácil acesso inclusive pros meus recreadores, vai a prática mas eu vou botar um profissional que estudou a teoria. Eu acho que a parte teórica é muito importante, porque o recreador infantil, eu acho que no mercado como um todo, eu acho que ele não lê, ele não estuda, ele não se capacita, não vai ver uma palestra que às vezes que vai falar sei lá, sobre a sua área mesmo, assim o que é o lazer na fisioterapia, com certeza que vai acrescentar muito pra gente que trabalha com recreação, porque é como eu te disse, o movimento está presente, ele faz interseção com os dois campos (R1 – Entrevista).

Para refletir sobre a fala da recreadora em relação à teoria / prática, é preciso reportar-nos à origem da palavra *theória*, que é derivada do grego e significa contemplação, observação, reflexão. A palavra prática deriva de *práigma*, que também deriva do grego, significa agir, e está relacionada à ação. Sendo assim, a relação entre teoria e prática deveria ser algo constante e que pudesse nortear todo o trabalho pedagógico (SHIGUNOV, 2002).

Para Marcellino (2010), existe uma teoria do lazer desconhecida da maioria dos profissionais que atuam na área, a qual foi formulada desde a filosofia clássica, que ganhou impulso com o desenvolvimento das ciências humanas, na segunda metade do século XVIII e na primeira metade do século XIX, e que vem recebendo contribuições constantes da antropologia, sociologia, arquitetura etc. Assim, o profissional, ao desconhecer esta teoria, pode confundir a prática do lazer com a prática profissional que o lazer requer, não estabelecendo uma prática e sim um “tarefismo”.

Assim, concordo com Gomes (1998), quando afirma que

a teoria é crucial à medida que se enraíza nas experiências de vida, nas questões e nas práticas reais, e precisa analisar as questões e eventos que conferem significados à nossa vida cotidiana. Contudo, ao levar em consideração essa prática, não estamos privilegiando o pragmático em oposição à teoria, mas vendo a ação cotidiana inspirar-se em considerações teóricas reflexivas e, ao mesmo tempo, transformar a teoria (p. 4).

Desse modo, teoria e prática devem andar juntas e ser consideradas o núcleo articulador da formação de profissionais no campo do lazer, em que o referencial teórico é tão fundamental quanto o prático (ISAYAMA, 2010).

Assim, teoria e prática devem ser pensadas de forma dialética e por meio de um processo reflexivo presente na ação e na construção dos saberes. Por isso, recorro a Schön (2000) e destaco que, apesar de muitos de seus trabalhos serem voltados para pensar a formação docente, suas ideias trazem contribuições para pensar o contexto de formação e atuação do profissional do lazer. O autor retrata o processo reflexivo e a construção de saberes e considera que o profissional se depara com diferentes desafios no decorrer de sua trajetória, sendo alguns mais simples e outros de complexidade caótica e confusa. O autor questiona a formação profissional fundamentada na solução de problemas de forma instrumental e que valoriza apenas estratégias técnicas para propósitos específicos.

Schön (2000) propõe que a formação deve voltar-se para o saber experiencial do professor e que a construção do conhecimento, a formação de professores deve passar de uma formação centrada no saber teórico, científico, acadêmico para uma formação centrada na prática reflexiva, centrada na reflexão-na-ação. Ainda, de acordo com Schön (2000),

quando aprendemos a fazer algo, realizamos a tarefa sem pensar muito a respeito, somos aptos a nos impulsionar espontaneamente à realização das tarefas, nem sempre sendo dessa forma. Todas as experiências, sejam agradáveis ou não, contêm um elemento de surpresa, quando algo não está de acordo com nossas expectativas, podemos responder à ação colocando a situação de lado, ou podemos responder a ela por meio da reflexão, tendo esse processo duas formas: refletir sobre a ação, examinando retrospectivamente o que aconteceu e tentando descobrir como nossa ação pode ter contribuído para o resultado, ou refletir no meio da ação, sem interrompê-la, chamando esse processo de reflexão na ação. Nesse momento, o pensar pode dar nova forma ao que se está fazendo ainda quando se está fazendo (p. 32).

Nesse sentido, concordo com Bustamante e Rangel (2002), é importante “analisar a formação profissional a partir das propostas de reflexão sobre as ações, questionamentos e relações interdisciplinares enriquecedoras que poderiam refletir no contexto da realidade

prática” (p.112). Para as autoras, o profissional em formação seria estimulado a refletir na e sobre a ação, e os confrontos com os problemas da realidade estabeleceriam diálogo com as teorias da área, construindo, assim, soluções para diferentes situações, propiciando o desenvolvimento de competências para a futura atuação. Uma outra possibilidade apresentada pelas autoras acima é de “considerar a prática como eixo norteador do currículo, equilibrando os conhecimentos teóricos com os dados da realidade, num processo de ajustamento e reformulação constante da proposta de ensino” (BUSTAMANTE; RANGEL, 2002, p. 112).

A entrevistada R2 relata que os saberes mobilizados contribuem no sentido de produção de repertórios de atividades (artístico, brincadeiras, jogos), ou seja, na construção de sua prática profissional. A entrevistada relata que esses favoreceram sua relação com o outro, bem como a construção de uma visão humanizada das relações pessoais, profissionais e sociais.

Repertório artístico principalmente, repertório de brincadeiras – o patrimônio cultural tinha muitas, muitos jogos, jogos regionais, cultura mesmo. Então acho que artisticamente esse percurso me trouxe assim, a relação com o outro, não é só um contato de eu estar conversando com você, é um contato de toque, a gente se toca, a gente se olha, a gente se abraça, a gente senta, faz um lanche comunitário e conversa sobre várias coisas, então é essa relação próxima, humana. Eu acho que é isso, eu trouxe isso e repertório para a recreação (R2 – Entrevista).

A recreadora R5 comenta sobre os cursos de formação / capacitação realizados na empresa Ciranda de Roda, além de cursos de informática e administração realizados e como contribuíram para a sua atuação profissional, não somente enquanto recreadora, mas em outros trabalhos que desenvolve.

Eu fiz dois cursos na ciranda um inicial e um de teatro que foi maravilhoso também porque eu estava precisando muito me soltar e puxar as brincadeiras e eu já estava começando a ter *feedback* negativo dos meus companheiros porque eu não tinha iniciativa. E os cursos da Ciranda me auxiliou muito pra minha própria atuação na ciranda quanto pro Escape. Fiz um Curso de informática e um curso de administração de microempresas no Sebrae que é o que está me ajudando e me mantendo nesse emprego que eu estou agora [Escape] e o que eu faço hoje no escape está me ajudando no trabalho de faxineira que eu nunca imaginei, pois eu faço planilha, tudo bonitinho, porque eu gosto muito de ser organizada para eu ter o equilíbrio para saber o que falta, o que é urgente, então tudo isso. Então cada curso me auxiliou pra uma coisa, e eu estou levando um pro outro, parece que não encaixa, mas tem me ajudado a ser mais organizada (R5 – Entrevistada).

É inegável que os saberes da experiência tiveram influência na formação e atuação dos recreadores. Podemos entender esse saber como o saber da experiência cultural, uma vez que a cultura interferiu no processo de constituição e de intervenção dos

profissionais entrevistados. Por isso, saberes, experiências e cultura devem ser considerados no domínio dos estudos do lazer, conforme aponta Melo (2010), pois as experiências constituem reflexões, discursos e representações sobre as realidades.

França (2003) reforça o entendimento sobre a construção de saberes dos profissionais de lazer, afirmando que

o saber orienta a visão de mundo extraída de realidades concretas que descrevem os cenários políticos e socioeducativos das experiências formativas, curriculares, disciplinares, mas, sobretudo, culturais da experiência vivida pelo profissional, o que significa socializar pensamentos que distinguem e unem descobertas do lazer por meio de práticas livres, críticas, autocríativas, criadoras e culturais; significa propor ideias de cunho revolucionário nas quais os sujeitos, autores do seu *que fazer*, elaboram, sistematizam e recriam práticas nas mais diferentes formas (p. 107).

Desse modo, considero que os saberes dos recreadores originaram-se em processos teóricos, práticos, subjetivos, culturais, sociais, sendo resultantes das experiências pessoal, formativa e profissional que vivenciaram ao longo de suas trajetórias de vida. Entendo que os recreadores devam se envolver com a formação cultural, buscando estímulo para as suas ações, valorizando as diferenças e os diversos olhares sobre uma realidade, pois a cultura, ao ser considerada e tratada como um dos eixos centrais na formação no lazer, permite o questionamento de conhecimentos, de saberes, do currículo e da educação produzidos na vida dos sujeitos.

Nesse movimento de entender a construção de saberes sobre lazer na trajetória dos recreadores, é necessário discutir os conhecimentos e habilidades que os profissionais julgam necessários à sua prática profissional.

#### 4.5 Conhecimento e Habilidades requeridas ao profissional que atua com recreação

Com relação aos conhecimentos e habilidades que os recreadores (profissionais de lazer) devem possuir, entendo que eles devem ser baseados em aspectos técnicos, conhecimentos teóricos e científicos sobre o campo, além dos adquiridos por uma formação cultural sólida, com amplo conhecimento sobre as dimensões do ser e da vida humana. Acima de tudo, esse profissional deve ser uma pessoa comprometida em aprender, transformando suas vivências em conceitos e vice-versa.

Ao elencar os conhecimentos e habilidades que os entrevistados julgam necessários ao recreador, eles mencionam que não há necessidade de um conhecimento prévio sobre recreação, pois o mesmo pode ser adquirido na atuação. Citam que é preciso ter o

conhecimento sobre o brincar, brincadeiras e a criança, além de ser necessário: o trabalho em equipe; uma boa projeção vocal e desenvoltura de fala; além de conhecimentos sobre gestão.

Outras questões apontadas pelos recreadores relacionam-se à desvalorização da profissão e à visão estereotipada das características que são esperadas desses profissionais.

Assim, para uma melhor compreensão e discussão dos conhecimentos e habilidades listados pelos recreadores, separo-os em subcategorias como: conhecimento sobre recreação; habilidade para trabalhar em grupo; habilidade para falar em público; conhecimento sobre gestão; falta de valorização profissional; características.

Em relação aos conhecimentos sobre recreação, os recreadores afirmam não ser necessário, pois acreditam que tais conhecimentos podem ser adquiridos no processo de atuação, a partir de trocas entre os profissionais ou, por exemplo, meio de cursos de capacitação, leituras, palestras e seminários.

Eu acho que a princípio todo mundo pode ser recreador contanto que você goste do que faça como em todas as profissão. Então eu acho assim, se você não tem alguma habilidade, eu acho que você pode vim muito cru, contanto que você tenha disposição. Porque por exemplo, se você está numa empresa bem estruturada que te dar um treinamento, você vai ter a possibilidade de fazer diálogo com leitura, com curso interno, com curso de reciclagem, com palestras, com seminários, dentro da empresa, fora da empresa. Por isso que eu digo que não tem a ver com conhecimento prévio, mas a partir do momento que você entra no mercado você precisa se capacitar em todos os níveis, da prática da teoria, de ir trabalhar em mais de uma empresa se possível, pra ver como é que é (R1 – Entrevista).

Ah, não tem habilidade, não tem competência, eu acho que isso tudo você, você se entende no percurso do trabalho. A gente pega recreadores extremamente crus e que as vezes não tinha jeito nenhum e que virou um dos melhores recreadores, que se entendeu com a troca em festa, com os colegas mais experientes, através de diálogos do que a gente já experimentou, e a partir desse momento se forma. (R2 – Entrevista).

Eu não acho que é prioritário os conhecimentos teóricos sobre lazer e recreação, mas acho que todo conhecimento é válido e que irá agregar ao profissional, mas que ele precisa se capacitar (R5 – Entrevista).

A importância dada pelos recreadores à troca de experiências e informações corrobora o pensamento de Carvalho (1997), que afirma que o trabalho de interação e a troca de informações entre pessoas e os grupos são essenciais para a atuação baseada na perspectiva da animação sociocultural. O autor defende que este processo proporciona a conscientização das pessoas a respeito do individual e do coletivo, a elaboração das ações concretas a partir da opinião de todo o grupo, a abertura de novos canais de comunicação, bem como a reflexão sobre a necessidade da autêntica participação de todos os sujeitos no processo de emancipação.

Desse modo, acredito que a prática dos recreadores configura-se como um espaço formativo de aprendizagem que possibilita a produção de conhecimentos e saberes, por meio de suas vivências, e que isso contribui para a atuação profissional. Contudo, considero que o local da prática deve se constituir a partir da práxis, ou seja, a partir de uma perspectiva dialética entre teoria e prática, sem que uma se sobressaia a outra. Por isso, é importante relacionar os saberes oriundos da prática profissional com os saberes acadêmicos e científicos, pois os mesmos podem permitir ao profissional extrapolar a atuação centrada no senso comum e, uma vez fundamentado, encontrar brechas para intervir no campo do lazer, quebrando a ideia de que o profissional deste campo é um mero executor de tarefas ou de uma programação pré estabelecida, além de romper com o discurso de que para atuar nessa área não é preciso formação, apenas ter o dom.

Neste sentido, os recreadores apontam que os conhecimentos sobre recreação estão direcionados ao brincar, às brincadeiras, à infância e à aquisição de habilidades técnicas, como pintura divertida (pintura facial/corporal), bichinho de balão, teatro, teatro de fantoches, contação de histórias. Ressalto que a ênfase no discurso dos recreadores em relação aos conhecimentos sobre a infância está relacionada ao fato da empresa atuar exclusivamente com o público infantil.

Habilidades que a gente coloca na prática mesmo, bota pincel, bichinho de balão, as brincadeiras (R2- Entrevista).

Eu acho que é importante, é descobrir os vies das brincadeiras, o que que é brincar? eu acho que é importante, se tivesse uma matéria assim, vamos descobrir a história de cadeira no Brasil, a história de brincadeira, o que que é brincar para o homem desde quando ele veio. Também abranger as pesquisas das brincadeiras que existem ainda, as cadeiras de comunidade, as brincadeiras culturais. Eu acho que isso é importante, porque eu acho que a raiz de brincar e uma necessidade crucial e vital, o que que a gente faz é vital, brincar é vital. Então se é, vamos pesquisar eu acho que tem que ter o aprofundamento no sentido da brincadeira, o que é brincar, para que a gente não confunda e não se perca (R3 – Entrevista).

Precisa ter / saber um rol de atividades em geral, é preciso aprender e pesquisar sobre brincadeiras, aprender fazer bichinho de balão, pintura divertida, contação de histórias, teatro, teatro de fantoche. Precisa ter conhecimento sobre a criança em si, de maneira geral, sobre o processo de desenvolvimento da criança, de atividades para cada idade (R5 – Entrevistada).

No discurso da recreadora R3, percebo a tentativa de apresenta o brincar e as brincadeiras para além de rol de atividades a serem executadas, demonstrando a necessidade de conhecimentos teóricos sobre essas manifestações. Desse modo, noto uma carência dos recreadores em relação a conhecimentos teóricos acerca dessa temática e suas relações com o campo da recreação e do lazer. Por isso, apresento duas pesquisas que discutem estas relações.

Faria e Rosa (2000) realizam apontamentos sobre as práticas lúdicas da infância nos espaços da rua e da escola, ressaltando o brincar como prática cultural e possibilidade de construção de resistência as determinações culturais, as quais, também, a infância está exposta. Silva e Debortoli (2012) relatam a apropriação do brincar no tempo/espaço de lazer das crianças. Os autores afirmam que o brincar se apresenta enquanto uma das possibilidades de vivenciar o lazer, da mesma forma que a festa, o passeio, a viagem, as diversas práticas corporais, a dança, o cinema, o teatro, entre outras formas.

Desse modo, considero que os recreadores devem buscar conhecimentos teóricos sobre o brincar e as brincadeiras nos seus mais variados contextos (escola, lazer, por exemplo) e espaços, pois isso pode gerar mudanças sobre os sentidos e significados que possuem estas manifestações, bem como permitir a reflexão sobre elas em suas ações profissionais.

Partindo disto, compreendi que a ênfase que os recreadores dão aos conteúdos técnicos está relacionada com o desconhecimento que os mesmos possuem em relação à produção acadêmica e de pesquisas específicas no âmbito do lazer e da recreação, pois ainda acham que as áreas ainda não se constituíram enquanto um campo de estudo e ainda destacam o distanciamento entre o meio acadêmico e os profissionais que atuam com o lazer e a recreação na prática, no dia a dia.

O problema é na verdade que eu acho que a recreação ainda não tem campo de estudo, não existe uma graduação em recreação infantil, a recreação é só prática. Por isso, eu queria reforçar a importância do seu trabalho, de você ter sido disponibilizado pra está aqui para falar sobre isso. Eu quero deixar meu testemunho de novo que falta teoria mesmo (R1 – Entrevista).

Olha teoria embasada academicamente não. Até mesmo porque pra a gente foi até uma surpresa você fazer essa pesquisa (R2 – Entrevista).

Falta muito sobre conhecimento teórico sobre recreação – todos os nossos jogos tem cunho pedagógicos, todo nosso trabalho é guiado, nos ensinamos a criança o tempo todo...não é só deixar a criança no pula-pula por exemplo (R5 – Entrevista).

Desta forma, há a necessidade dos recreadores buscarem por mais conhecimento teórico sobre recreação e lazer. Tais buscas podem acontecer por meio de leituras de livros, artigos, dissertações e teses, participação em congressos, eventos científicos, grupos de pesquisa e estudos nas universidades que propõem discussões sobre o tema. Entendo que isso pode levar à ampliação dos sentidos e significados sobre a recreação, o que pode contribuir com a ruptura do tecnicismo nas ações profissionais.

Assim, concordo com Isayama (2010), que afirma que é preciso que os profissionais que atuam com o lazer tenham uma sólida formação teórica e cultural, sendo

necessário, por parte dos animadores, a busca de conhecimentos que envolvam os estudos sobre lazer, tornando seu trabalho mais coerente com os objetivos propostos. Assim, considero importante que exista uma aproximação entre os profissionais de lazer em atuação e o meio acadêmico, pois acredito que isso possa provocar discussões e reflexões acerca da formação e da atuação dos profissionais.

Desse modo, corroboro o que é defendido por Werneck (2004), quando diz que a recreação deve ser vista como vivência social e culturalmente construída, buscando aprofundar o conhecimento teórico prático sobre as manifestações culturais como os jogos, brincadeiras e brinquedos, substituindo a estratégia de “reprodução cultural” pela de “produção cultural”, sistematizando, assim, novas ações e pesquisas sobre o assunto. Nesse sentido, é possível construir um caminho para refletir sobre como se dá o processo de construção das linguagens culturais vivenciadas na recreação e se as pessoas incorporam essas práticas num viés passivo ou ativo, em contraposição aos interesses hegemônicos que buscam a manutenção do *status quo*.

Os recreadores apontam para a necessidade de trabalhar em equipe e compreendem que essa relação deve acontecer entre os próprios profissionais da equipe, como também com os profissionais do espaço onde está acontecendo a recreação. Para além disso, há o entendimento de que o trabalho em equipe deve acontecer no sentido de gerenciamento e liderança de todo o processo de trabalho.

Trabalho em equipe. A pessoa precisa trabalhar em equipe, porque mesmo quando a pessoa ela está sozinha, ela as vezes tá com muitos adultos, crianças, que ela precisa ter essa gestão de entendimento, de quantidade de pessoas, de como gerir, de quem vai liderar, de quem vai guiar, de quem não quer brincar, aí tem que consegui fazer esse trabalho em equipe, além de conseguir trabalhar com garçom, com seu parceiro recreador com todo mundo (R1 – Entrevista).

É preciso saber escutar o seu parceiro que está no evento, saber escutar as crianças que estão ali, a demanda do cliente, os retornos que a gente dá para melhoria (R2 – Entrevista).

Então assim a proposta que a [XXX] faz na empresa dela é o trabalho em dupla e em equipe. O recreador ali, a gente tá para brincar, trabalhar junto, mas se acontecer algum problema tem uma outra pessoa [equipe de apoio] para te ajudar sabe. Então é um olhar que você tem as vezes com a pessoa que você não precisa nem falar o que ela tem que fazer, a pessoa já pega a coisa e resolve sabe (R4 – Entrevista).

Essa percepção dos recreadores quanto ao trabalho em grupo corrobora a postura profissional apontada por Melo e Alves Júnior (2012), que considera que é necessário ao profissional do lazer a liderança, no sentido de conduzir equipes e permitir a participação



sucedam de maneira crítica, ativa e criativa, buscando construir em conjunto com o público alvo da ação.

Outra habilidade que os recreadores destacam é a comunicação que, segundo eles, deve acontecer por meio de diálogo entre a equipe e o público alvo. Destacam também que para isso é preciso ter uma projeção vocal, ou seja, um conhecimento técnico a respeito da entonação da voz; esse aspecto técnico está relacionado com a formação em teatro, que os recreadores possuem.

Quando você chega numa festa você não chega já montando suas coisas; você tem um diálogo/comunicação com o cliente, diálogo com os meninos [as crianças] (R2 – Entrevista).

O recreador, aí sim, eu acho que ele tem que ter, vou falar assim, um termo mais técnico, uma expressão/projeção vocal muito boa, porque a criança ela te exige muito vocalmente sabe. Ter desenvoltura na fala também né, essas habilidades que eu acho assim, que que dá uma segurada na recreação sabe (R4 – Entrevista).

Aprender a conversar com as pessoas, aprender a ter jogo de cintura para conversar com cliente, com a criança, baixar ou aumentar tom da voz, dependendo da necessidade (R5 – Entrevista).

O entendimento que os entrevistados apresentam em relação à comunicação vai ao encontro do que é proposto por Pina (2012), que considera que profissional precisa saber comunicar bem tanto no sentido de se expressar, como no de escutar e entender; e também por Melo e Alves Júnior (2012), que acreditam na necessidade de estabelecimento de contatos frequentes com outros profissionais e com o público alvo e ter o entendimento de que a sissudez pode dificultar o trabalho.

Tratando dos conhecimentos sobre gestão, os recreadores apontam a necessidade não só de aspectos técnicos (administrativos, finanças, estratégias, planejamento, *marketing*), como também de questões relacionadas à gestão, no sentido de gerenciamento e liderança de pessoas, da equipe e do público alvo.

Eu acho, que falta competência técnica da gestão. Eu acho que o que falta na verdade no mercado de recreação infantil é profissionalização da raiz, da empresa. É entender que qualquer negócio, não é só de recreação infantil, não depende saber só de recreação infantil, você precisa de um profissional de comunicação, de um profissional de marketing, você precisa de um vendedor, de um profissional de gestão de qualidade. A “Ciranda de Roda” tem sistema de *feedback* de cliente, *feedback* de recreador, a gente tem sistema de remuneração tudo dentro do quadro direitinho, recebimento de *e-mail* pra pagamento, treinamento oficial, treinamento pra treinar outras pessoas de fora. A agente abre fórum, a gente abre debate, faz as vezes reunião só pra discutir internamente problemas, os recreadores levantam demanda de pacote que a gente tem que criar para atender as festas, assim vai e volta o tempo inteiro (R1 – Entrevista).

Depois de um tempo na ciranda eu virei gestora de equipe justamente para traçar diálogos. Assim, pra gerar diálogos entre a empresa, a equipe, o cliente - pegar retornos enfim. Então assim, esse diálogo, essa coisa de gerir, de entender, de produzir, de chegar (R2 – Entrevista).

A percepção relacionada aos conhecimentos sobre gestão vai ao encontro dos achados por meio do questionário *online*, em que os profissionais destacaram a necessidade de saberes sobre gestão (gestão de pessoas, de finanças, de estratégias, liderança) e afirmaram importância de atuar na perspectiva gerencial (capaz de planejar, organizar, dirigir e controlar as atividades próprias e de outras pessoas, ou seja, liderar pessoas, lidar com alocação de recursos, elaborar projetos, formar e capacitar quadros profissionais). Questões essas que corroboram o estudo de Ungheri (2014).

A importância dada a este conhecimento pode estar relacionada às funções que os recreadores assumem ou possam vir a assumir em sua atuação, ocupando os cargos de gestão, por exemplo. Um ponto de destaque na fala da recreadora R1 é que nem sempre os profissionais possuem esses conhecimentos em sua formação, sendo necessário, portanto, a contratação de profissionais específicos das áreas de comunicação, marketing e de vendas.

Desta forma, considero importante destacar a fala do recreador R4 quanto à gestão da “Ciranda de Roda”, pois demonstra que os conhecimentos que a empresária e a gestora apresentam são condizentes com a forma de gerir a empresa. Nesse sentido, o entrevistado relata uma aproximação entre gestão e recreadores e entende que isso é possível porque as gestoras também atuam como recreadoras.

Porque a [XXX] também é recreadora, também é brincante, assim como a [XXX] e elas sabem como é que. Agora elas estão num cargo de gestão, de administração de empresa, mas elas entendem, e isso é interessante, o próprio gestor ter participado disso e ter visto isso na prática, porque às vezes fica aquela coisa o gestor ali, lá no topo e você lá em baixo na ponta, e nossa que loucura, a gestão não tá entendendo. Então por isso que eu falo da importância delas terem começado como recreadoras e depois terem alcançado um nível de gestão é que realmente elas sabem o que acontece de fato nas festas, então elas entendem os recreadores (R4 – Entrevista).

Neste contexto, Trigo aponta que o profissional de Recreação e Lazer necessita de uma formação para eficácia e sucesso do trabalho em seu empreendimento.

A educação necessária para formar planejadores, gestores e pessoal operacional na área de lazer e entretenimento em geral envolve vários tipos de conhecimento: uma cultura geral sólida ou “conhecimentos atualizados sobre problemas estruturais e conjunturais”. Conhecer as técnicas e teorias de gestão, a administração de recursos humanos, marketing, contabilidade, problemas de informática, captação de recursos, qualidade e planejamento estratégico. Conhecer a literatura específica sobre o lazer,

entretenimento e áreas correlatas como turismo, hotelaria, gastronomia, meio ambiente etc. (TRIGO, 2000, p. 51).

Os recreadores apontam questões relacionadas à desvalorização da profissão por dois aspectos: o primeiro relaciona-se com a falta de valorização da profissão pela sociedade; o segundo, está relacionado com a presença de mão de obra não qualificada no mercado. A falta de valorização profissional também foi destacada pelos recreadores pesquisados no questionário *online*.

Assim, para uma melhor ilustração dos discursos dos profissionais, apresento, primeiramente, as falas relacionadas à desvalorização pela sociedade:

Quando a gente tiver um mercado de trabalho mais respeitado e mais valorizado, mas ainda é muito desvalorizado, muito visto uma coisa menor, como uma coisa pequena, uma coisa que você precisa ter um trabalho sério para ser valorizado. Então eu acho, por exemplo, você falar para uma pessoa que vai fazer recreação infantil, não ser desrespeitado. Você não ser cobrado, você não ser apontado o dedo pelas escolhas que você faz, pela forma com que você ganha dinheiro, eu acho que isso é que faz diferença (R1 – Entrevista).

Eu acho que o que eu sinto mais falta mesmo é de valorização, como eu falei as pessoas proíbem muito essa área. Eu acho que as pessoas tem que entender que todo emprego é válido, gera renda, paga contas. As pessoas entenderem essa valorização, que prestador de serviço ele tá ali pra fazer o melhor, ele não é escravo. Então tem gente que contrata o recreador, acha que é babá, que é um bico, que estou pagando um dinheirinho ali mesmo e pra fazer qualquer coisa, é só pra ficar com os meninos (R2 – Entrevista).

Se eu pudesse fazer um apelo eu gostaria de pedir as pessoas para se colocarem em nosso lugar. Porque eles acham que nós somos a ralé, fui contratada pra fazer um serviço e minha obrigação é servir apenas, entendeu? Então é se colocar no meu lugar, no lugar da [XXX], de quem está fazendo a apresentação e de quem está cuidando dos seus filhos porque aquela pessoa se dispôs a isso, se ela tá ali é porque ela quer, porque ela gosta e a pessoa precisa ter a visão sobre isso (R5 – Entrevista).

Com relação à falta de valorização da profissão por parte da sociedade, em geral, ainda carregamos os resquícios da estigmatização associada às atividades de lazer e de recreação, consideradas como de segunda categoria em relação às atividades produtivas e laborais. Ou seja, o senso comum acaba por marginalizar a ação do profissional de lazer, provocando uma desvalorização que ocorre tanto em termos de reconhecimento, quanto em relação à questão financeira e, conseqüentemente, promovendo uma atuação calcada em estereótipos (SANTOS, 2011).

Stoppa e Isayama (1999) apontam que este tipo de ocupação nem sempre é reconhecida como uma ação profissional, ocorrendo insinuações frequentes sobre a atuação dos profissionais do lazer, como se este exercício não devesse ser caracterizado como

trabalho, mas como lazer. Por esse motivo, muitas pessoas tendem a restringir o entendimento sobre a intervenção profissional no lazer, considerando-a, muitas vezes, como um trabalho “fácil” e “gostoso” de ser realizado, em comparação com aqueles que não apresentam nenhuma possibilidade lúdica.

Tratando da falta de valorização devido à presença de mão de obra não qualificada no mercado, as recriadoras destacam a presença de profissionais que se capacitam e cobram um valor barato pelo seu trabalho. A entrevistada R1 ainda destaca que é função da empresa dar condições para que o profissional capacite-se, enquanto a R2 demonstra que é preciso que o profissional enxergue a sua atividade como uma profissão e não como um bico.

Porque se você não estuda, não se capacita, você não consegue cobrar um preço digno do seu trabalho. Então você vai ficar no mesmo ciclo de recreação infantil mediana, e trabalhar com recreação e com profissionais medianos. Porque eu acho que as empresas nunca vão também consegui remunerar melhor um profissional que ele também não tá melhor entendeu? Mas é de responsabilidade da empresa que ele melhore, não é responsabilidade do profissional. O profissional ele precisa ter condição de estudar, condição de trabalhar, se não, não adianta. Se a empresa ela não um curso de formação, de capacitação, eu acho que ela precisa pagar os seus funcionários e irem buscar em outro lugar. Se ela não dá conta de pagar eu acho que ela tem que fazer por exemplo, uma publicação do grupo do *Whatsapp*, do *Facebook* e falar: gente vocês viram que vai ter que uma palestra de fulano de tal, vocês viram que vai ter uma experiência de brincadeira nova com o fulano de tal, que vai ter o espetáculo de teatro que é todo feito por brincantes, que ele é todo baseado em brincadeira tradicional. Eu acho que precisa a ter estímulo por parte das empresas (R1 – Entrevista).

Às vezes fica difícil, porque você vende um pacote e você tem noção da sua qualidade, da sua formação, que você se valoriza e aí chega uma pessoa que por R\$ 200,00 fecha dois brinquedos, que já é um absurdo dois brinquedos por esse valor, mais recreação, mais pintura, mais bichinho de balão e mais brincadeira, mas como uma péssima qualidade, divulgação e formação. Agente se especializa, a gente se dedica, a gente faz formação, tem um investimento, tem uma profissionalização então a gente não pode aceitar qualquer coisa. Precisamos olhar para a recreação como uma profissão e não como um bico, porque se for por um bico (R2 – Entrevista).

Desse modo, é preciso pensar também na própria qualidade do trabalho desempenhado pelos profissionais imersos no mercado do lazer e da recreação, uma vez que foi possível perceber, por meio das falas dos recriadores pesquisados, uma desmotivação ligada à qualificação profissional. Nesse contexto, Marcellino (2000) pondera que muitas equipes são compostas por profissionais despreparados e desqualificados para atuar nesta área, apresentando um comportamento estereotipado, como forma de camuflar a falta de qualidade dos trabalhos executados e reforçar o significado do lazer como uma prática alienada.

Quanto à valorização do profissional pela empresa, Isayama (2009, p. 22) aponta que é necessário “corresponsabilizar as instituições pela formação profissional continuada, investindo na produção de conhecimento sobre essa formação e nas mudanças que isso pode gerar nos processos de atuação profissional, objetivando a efetiva participação cultural”. Assim, é preciso haver uma negociação entre profissionais e seus respectivos locais de intervenção, procurando atender tanto os interesses dos profissionais como os das empresas.

Um fator que chamou a atenção foi a questão dos recreadores entrevistados terem apontado que não é necessário o recreador possuir um perfil relacionado a características como: ser alegre, divertido, extrovertido. Essa visão rompe com paradigmas existentes e condicionados aos profissionais do lazer e da recreação. Os recreadores entrevistados, inclusive, fazem críticas a esse perfil. Tal fato é divergente dos resultados encontrados por essa pesquisa quando consideramos os respondentes do questionário *online*.

Essas características educado, alegre, divertido, eu acho assim, as pessoas sinceramente, deviam parar de usar esse tipo de característica como se fosse alguma coisa para elencar um profissional para entrar na recreação ou em qualquer área. Como que você vai conseguir colocar as pessoas numa caixinha da felicidade, numa caixinha de bobo da corte? (R1 – entrevista)

Eu não acredito em perfil não, perfil me dá ranço, às vezes. Essa questão de perfil passa por uma questão estética, estrutural e isso pra mim é terrível. Eu acho que a gente não está precisando de perfil não, eu acho que a gente está precisando de pessoas que têm desejo. Eu não acredito em perfil, eu sou uma pessoa desacreditada em perfil, porque se eu fosse olhar meu perfil eu não estaria onde eu estou. É engraçado que isso [características, ser alegre, extrovertido] é valorizado, que é um carisma falso, é um carisma que chega de forma técnica, eu não acredito nisso porque isso é um valor técnico, usado aí, como se fosse uma competência (R3 – Entrevista)

Tem aquela ideia que o recreador tem que tá rindo sempre. Nossa, o recreador ele tem que chegar na festa com o sorriso na orelha. Mas a gente é humano também, pode ter acontecido várias coisas com você recreador ao longo do seu dia, para você chegar na festa, você pode ter perdido um ônibus, pode ter acontecido um problema familiar e como é que você chega na festa assim, sabe? E eu acho que esse modelo comercial, ele é falso assim, sabe (R4 – Entrevista).

A percepção dos recreadores corroboram com o pensamento de Camargo (1998), Marcellino (2000) e Stoppa e Isayama (1999), os quais foram apresentados e discutidos no capítulo 3 deste estudo.

Neste sentido, corroboro com a ideia de Perrenoud (2002) quando diz que o perfil do profissional de lazer deve transcender os aspectos técnicos, devendo-se valorizar também os intelectuais e de comportamento. Para isso, o profissional deverá mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes para decidir e agir de acordo com cada situação, pois estamos lidando

com um mercado de trabalho em constante mudança, que tem exigido um trabalhador que se distancie daquele perfil mecânico, orientado apenas pela execução e reprodução de tarefas e, sim, que reúna saberes científicos e saberes advindos das experiências pessoais e profissionais. Portanto, um profissional deve reunir competências suficientes não só para executar, como também para criar (PERRENOUD, 2002).

Diante do exposto, noto que os conhecimentos e a construção de saberes sobre lazer e recreação presentes na fala dos recreadores entrevistados foram constituídos pelos meios formativos (escola, universidade), em programas e projetos culturais, por suas experiências pessoais e profissionais, baseadas, principalmente, no plano cultural, por meio de práticas reflexivas que os fizeram entender-se como sujeitos, capazes de questionar a sua formação e atuação profissional.

Nesse viés, Gomes (2010) aponta que a sociedade contemporânea passa por transformações que alteram a maneira de produção e apropriação dos saberes, de modo que a “formação pode representar uma possibilidade concreta para que os profissionais do lazer se comprometam com a construção do saber” (GOMES, 2010, p. 100). Dessa maneira, a pesquisa não pode ser entendida apenas como prática de cientistas qualificados e, sim, como recurso capaz de qualificar a formação e a atuação dos profissionais de lazer.

Para Gomes (2011a), é fundamental que a formação esteja comprometida com a busca de fundamentos que possam subsidiar a atuação no campo do lazer, preparando os profissionais para rever as posições simplistas e sem questionamento, por meio de uma atitude reflexiva, fazendo do lazer não um mero e alienante produto a ser consumido, mas uma possibilidade lúdica, crítica e criativa a ser vivenciada com autonomia e responsabilidade. A autora considera mais adequado tratar a formação profissional em lazer a partir dos “saberes”, por entender que

eles constituem pressupostos mais amplos e que dizem respeito aos conhecimentos formais e informais dos sujeitos, considerando: os contextos, espaços e tempos socioculturais, políticos e econômicos; as transformações técnicas e organizacionais; os impactos ambientais; as contradições da sociedade; os laços coletivos e de solidariedade, sendo significativo avaliar também as influências de agrupamento social, de gênero, crença, etnia e grupos geracionais, entre outras (GOMES, 2011a, p.38).

Compartilho as ideias de Capi (2016), para quem essas possibilidades de formação são como um *continuum*, que acontecem durante toda a carreira do profissional, que se constituem pela alternância entre o trabalho prático e a formação continuada. Assim, a formação continuada auxiliaria o profissional, promovendo a atualização, o aprofundamento

de conhecimentos, bem como o intercâmbio de experiências. Esse processo torna-se importante por ser comum encontrar profissionais do lazer realizando as mesmas “atividades” durante anos, indiferente às situações do contexto em que atuam. Para Perez-Gomes (1992),

quando a prática, pela usura do tempo, se torna repetitiva e rotineira e o conhecimento-na-ação é cada vez mais tácito, inconsciente e mecânico, o profissional corre o risco de reproduzir automaticamente a sua aparente competência prática e de perder valiosas oportunidades de aprendizagem pela reflexão na e sobre a ação. Fica incapacitado de entabular o diálogo criativo com a complexa situação real (p.105).

A formação continuada no campo do lazer pode não só conscientizar os profissionais sobre seus saberes práticos, mas também os auxiliar e estimular a refletir sobre eles. Desta forma, o conhecimento prático pode ser (re)construído, socializado e analisado sob diversas perspectivas, pois os processos de formação constituem-se para além daqueles ofertados em universidades e/ou instituições. Assim, os profissionais de lazer, os pesquisadores e a universidade precisam articular discussões com a participação de ambas as partes, para que a formação profissional seja direcionada para o exercício constante da reflexão, preparando os indivíduos para serem cidadãos críticos e criativos.

Diante do exposto, percebo que o processo de formação profissional é contínuo, inacabado e se expressa por meio da apropriação de saberes constituídos da formação inicial, da prática profissional e social. Entendo, portanto, que a formação deve ser concebida por meio de propostas que se aproveitem do vínculo que os indivíduos experimentam, em suas dimensões pessoal, profissional, cultural e social, com os saberes, os conhecimentos e a subjetividade produzidos nessas dimensões, por meio de um viés reflexivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio a que me propus nesta dissertação consistiu em analisar a trajetória profissional de recreadores; descrever o perfil dos mesmos; analisar as condições do mercado de trabalho na atuação profissional; compreender como os saberes pessoais e da formação profissional (considerando a relação com as pessoas, grupos, programas, projetos, as instituições e as experiências) foram construídos e articulados com a trajetória na atuação como recreador; discutir e analisar os limites e as possibilidades na intervenção profissional no campo da recreação e do lazer.

Iniciei a trajetória da pesquisa buscando entender os pressupostos dos temas que se relacionam com o objeto central da pesquisa e, concomitantemente, estabelecendo estratégias metodológicas que me ajudassem a encontrar possíveis respostas que revelassem o que os recreadores vivenciaram e experimentaram em seu percurso formativo e profissional e em outros momentos da vida, incluindo as vivências de lazer nas diferentes fases.

Este estudo possibilitou identificar diferenças e semelhanças na trajetória dos recreadores pesquisados, tanto pelo questionário *online* quanto pela entrevista semiestruturada. Tais diferenças justificam-se, porque o processo formativo, de formação acadêmica e profissional dos sujeitos, ocorreu em espaços, tempos, contextos sociais e territórios diversos. Similaridades, porque a trajetória, as experiências, as escolhas e a busca por saberes sobre lazer e recreação os levaram a atuar como recreadores.

Em relação à trajetória profissional, os recreadores entrevistados reelaboraram o próprio percurso, tendo a empresa de recreação “Ciranda de Roda” como o âmbito principal do percurso profissional desses sujeitos. Contudo, os recreadores citaram outros locais de atuação como: colônias de férias, *buffet* infantil, programas/projetos culturais ou específicos de lazer e recreação, instituições públicas e privadas associadas ou não à recreação. Os recreadores destacaram que as experiências nesses locais os formaram como sujeitos e profissionais e isso influenciou de modo significativo em suas atuações no âmbito da recreação e do lazer.

Neste sentido, procurei compreender como os saberes pessoais e da formação profissional foram construídos e articulados com a trajetória na atuação como recreador. Assim, parti do pressuposto que a atuação do profissional no âmbito do lazer e da recreação acontece no plano cultural, entendendo que os momentos vivenciados nas diferentes fases da vida e em diferentes contextos são relevantes.



Analisei as experiências no período da infância e/ou adolescência e identifiquei que, ao longo dessas fases da vida, os recreadores construíram saberes sobre brincar, brincadeiras, jogos, esportes, dança, música, teatro, cinema vivenciados nos diferentes espaços e contextos. Notei que as experiências de lazer foram destacadas como momentos significativos para o processo de construção dos saberes sobre lazer e recreação, pois os recreadores possuem uma formação cultural manifestada por meio de atividades ligadas às diversas linguagens e manifestações culturais (arte, teatro, música, dança, brincadeiras, cinema, viagens).

Em relação à formação inicial dos recreadores, identifiquei que as experiências com as práticas do brincar e das manifestações culturais e artísticas em diferentes espaços (escola, rua, programas/projetos culturais) foram decisivas na escolha do Teatro e da Educação Física como áreas de formação profissional. Os saberes sobre lazer e recreação, construídos no decorrer do curso, aconteceram de forma restrita para os recreadores, cujos conhecimentos estão relacionados com o brincar, as brincadeiras, jogos e conteúdos teatrais, não tendo destaque discussões teóricas acerca da temática lazer e recreação.

Tratando-se das pessoas, grupos e/ou momentos que marcaram a trajetória dos recreadores, foram citados os professores que tiveram ao longo do seus percursos formativos; programas/projetos culturais ou de lazer e recreação; a universidade; empresas e/ou grupos de recreação ou teatro; os próprios colegas de profissão; o mercado de trabalho; a família e os amigos. Neste contexto, os recreadores descreveram que essas pessoas e grupos contribuíram para o processo de construção de saber sobre a recreação e, nesse sentido, demonstraram que o espaço de intervenção também é um espaço de formação, a partir das trocas de saberes e experiências. Assim, concordo com Isayama (2010), para quem o espaço de intervenção deve ser *locus* privilegiado de formação, desde que essa prática seja reflexiva, sendo capaz de identificar os problemas e tentar buscar soluções para eles.

É possível afirmar que as experiências e a construção de saberes dos recreadores são provenientes de sua trajetória pessoal, de sua atuação e da formação profissional, que lhes possibilitaram o acesso aos saberes sobre lazer e recreação. Essas experiências os formaram como sujeitos (social, político e cultural) e isso influenciou, de modo significativo, suas atuações enquanto recreadores. Percebe-se que as experiências e os saberes construídos foram além do aprendizado de conhecimentos técnicos e/ou práticos (brincadeiras, música, jogos, bichinho de balão e pintura divertida), sendo construídas relações interpessoais, troca de experiências com profissionais de outras áreas de formação e aquisição de conhecimentos sobre gestão.

Desse modo, compreendi que o que os recreadores experimentaram em sua trajetória, desde a infância até o momento atual, refletiu no seu modo de ser, estar, agir e de conduzir sua vida e profissão. Percebe-se, portanto, que os seus saberes foram oriundos dos saberes curriculares, disciplinares, mas, principalmente, de suas experiências pessoais e dos saberes da experiência adquiridos em sua atuação profissional.

Com relação ao perfil dos recreadores, identifiquei que quatro dos recreadores entrevistados possuem formação técnica em Teatro, sendo que dois deles estão cursando também a graduação em Teatro e outro realiza graduação em Comunicação, e apenas um profissional possui ensino superior incompleto em Direito. Já em relação aos profissionais que responderam aos questionários *online*, o predomínio de formação foi em Educação Física, seguidos dos cursos de Turismo, Pedagogia, Fisioterapia, Psicologia, Gestão e Recursos Humanos, Matemática e Medicina Veterinária. Em relação ao grau de instrução, trinta e quatro por cento (34%) dos sujeitos possuem ensino superior completo e trinta por cento (30%) têm pós graduação *lato sensu*.

Os recreadores relataram a necessidade de possuir um perfil profissional para atuar neste campo, apontando que os mesmos devem ter ou possuir características como: comunicativo; dinâmico; alegre; educado; simpático; amor pelo que faz; pro ativo; pontualidade, trabalho em equipe; responsabilidade; ética. Os recreadores, ao considerar algumas dessas características como necessárias, podem contribuir para o reforço da ideia de um comportamento estereotipado, que considera que o bom profissional é aquele capaz de fazer todos caírem na gargalhada.

Contudo, os recreadores também citaram a necessidade de o profissional ter conhecimento teórico sobre recreação e lazer; ter conhecimento sobre teatro, brincadeiras e jogos; ter que se manter sempre atualizando e estudando, ou seja, manter-se em um processo de formação continuada e, além disso, apontaram a necessidade de uma formação cultural ampliada. Nessa perspectiva, é relevante, para a intervenção desse profissional, que ele tenha concepções bem definidas sobre as temáticas, o que poderá auxiliá-lo em sua atuação. Desse modo, entendo que os saberes específicos sobre a temática lazer e recreação devem ser pautados numa dimensão dialógica entre teoria e prática, estabelecida entre ação-reflexão-ação, uma vez que se articulam o tempo todo.

Sabemos que o mercado de trabalho no âmbito do lazer e da recreação é diversificado, que apresenta potencialidades, mas também limites a serem superados. A principal potencialidade deste mercado é que ele possibilita a inserção de profissionais

oriundos de diferentes áreas de formação, podendo o profissional atuar tanto no setor público, privado e/ou terceiro setor e exercer uma multiplicidade de funções e/ou cargos.

Desse modo, a maioria dos profissionais pesquisados atua no setor privado (empresas de eventos, colônias de férias e clubes) e exerce múltiplas funções. Apesar dessa abrangência ser interessante, ela também é complicada, na medida em que exige do profissional um domínio amplo de fundamentos, competências e habilidades nem sempre trabalhados adequadamente na formação profissional (DIAS; ISAYAMA, 2014).

Em relação ao vínculo de trabalho, a maioria dos sujeitos é assalariada (com vínculo empregatício) ou atua como microempreendedor individual (MEI). Contudo, não posso deixar de refletir que ser um MEI é ser um prestador de serviços e a prestação de serviços tem seu trabalho pautado no montante de serviços prestados e não no tempo dedicado ao trabalho. Nesse sentido, os profissionais de lazer tendem a trabalhar mais, procurando ganhar o suficiente para manter um padrão mínimo e desejável de vida.

A principal fonte de renda dos recreadores está associada a outros campos não ligados ao lazer e a recreação. Este dado pode trazer duas considerações: a primeira, que é preciso complementar a fonte de renda recebida com o trabalho da recreação e do lazer; e a segunda, que o trabalho com a recreação e o lazer pode ser visto apenas com uma possibilidade de complementação de renda. No que diz respeito à renda mensal recebida apenas com o trabalho desenvolvido no campo da recreação e do lazer, a maioria dos profissionais (25%) recebe de 1 a 2 salários mínimos e apenas (2%) deles recebe de 4 a 6 e de 5 a 6 salários mínimos.

Com relação aos limites presentes no mercado de trabalho, esta pesquisa aponta que eles estão relacionados com a insatisfação dos profissionais quanto à remuneração recebida e com a desvalorização da profissão, tendo em vista dois aspectos: o primeiro relaciona-se com a falta de valorização do profissional pela sociedade; o segundo, está relacionado com a presença de mão de obra não qualificada no mercado.

Quanto à falta de valorização da profissão por parte da sociedade em geral, ainda carregamos os resquícios da estigmatização associada às atividades de lazer e de recreação, consideradas como de segunda categoria em relação às atividades produtivas e laborais. Este tipo de ocupação nem sempre é reconhecida como uma ação profissional, ocorrendo insinuações frequentes sobre a atuação dos profissionais do lazer, como se este exercício não devesse ser caracterizado como trabalho, mas como lazer. Por esse motivo, muitas pessoas tendem a restringir o entendimento sobre a intervenção profissional no lazer, considerando-a, muitas vezes, como um trabalho “fácil” e “gostoso” de ser realizado, em comparação com

aqueles que não apresentam nenhuma possibilidade lúdica (STOPPA; ISAYAMA, 1999). Desse modo, a visão de senso comum acaba por marginalizar a ação do profissional de lazer, provocando uma desvalorização, que ocorre tanto em termos de reconhecimento, quanto em relação à questão financeira e, conseqüentemente, uma atuação calcada em estereótipos (SANTOS, 2011).

No que diz respeito à desvalorização da profissional devido à presença de mão de obra não qualificada no mercado de trabalho, Marcellino (2000) pondera que muitas equipes são compostas por profissionais despreparados e desqualificados para atuar nesta área, apresentando um comportamento estereotipado, como forma de camuflar a falta de qualidade dos trabalhos executados e reforçar o significado do lazer como uma prática alienada. Apesar disso, esse estudo verificou que a maioria dos recreadores possui formação e qualificação profissional.

Diante disso, compreendo que a atuação do profissional do lazer e da recreação deve ultrapassar o simples desenvolvimento de conteúdos e técnicas e a mera informação. Para que isso ocorra, o profissional deve pautar sua atuação numa atitude reflexiva, enxergando o lazer e a recreação como uma possibilidade lúdica, crítica e criativa, levando os sujeitos a ampliarem suas vivências de lazer.

Portanto, considero que a pesquisa sobre perfil, trajetória e construção de saberes dos recreadores, quando consideradas as questões de sua formação e atuação profissional, pode qualificar as ações profissionais e favorecer o cruzamento de diálogos entre teoria e prática, saberes acadêmicos e saberes que emergem das práticas pessoais e culturais em diversos contextos. Assim, os recreadores, os pesquisadores e a universidade precisam articular discussões com a participação de ambas as partes, para que a formação e a atuação profissional sejam direcionadas para o exercício constante da reflexão, preparando os indivíduos para serem cidadãos críticos e criativos.

Desta forma, acredito que esta pesquisa abre caminhos para novos estudos e pesquisas cujos interessados podem aprofundar a temática dos saberes formativos, profissionais e da experiência e ainda promover novas análises e discussões acerca do perfil profissional e das possibilidades de intervenção no campo de atuação.

Para além disso, considero que novas pesquisas devem ser realizadas no sentido de identificar e mapear o número de profissionais de lazer e da recreação no Brasil, pois não foram encontrados dados que pudessem indicar a quantidade de profissionais atuantes no mercado de trabalho brasileiro, uma vez que a maioria dos estudos relacionados aos profissionais atuantes destas áreas compreende ensaios e apresenta uma abrangência local,

com poucos dados que demonstrem o universo de profissionais de lazer e/ou recreação atuantes no país.

## REFERÊNCIAS

ALTET, M. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: PAQUAY, L *et al.* **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 23-35.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERNABÉ, A. P.; NATALI, P. M. Formação e atuação de recreadores: o caso da equipe de recreação e lazer da cidade de Maringá – PR nos anos de 2001 a 2004. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 1-19, mar. 2014.

BETTI, I. C. R.; MIZUKAMI, M. da G. N. História de Vida: Trajetória de uma Professora de Educação Física. **Motriz**. v. 3, n. 2, dez. 1997.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.) **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação escritas de teses e dissertações**. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

BISQUERRA, R.; SARRIERA, J. C.; MARTÍNEZ, F. **Introdução à Estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19., jan./abr., 2002.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 6 jan. 2018.

BORGES, C. M. F. Formação e prática pedagógica do professor de educação física: a construção do saber docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 19., 1996. **Anais...** 1996.

BORGES, C. M. F. **O professor de Educação Física e a construção do saber**. Campinas: Papirus, 1998.

BORN, C. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 240-265, jan./ jun. 2001.

BRAMANTE, A. C. Lazer: Concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, set. 1998.

BRAMANTE, A. C. A administração do lazer nos clubes social-recreativos: Perpetuando os vícios do setor público. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 59-73, 1999.

BRAMANTE, A. C. Lazer: o público e o privado – superando as “grandes dicotomias”. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 172-177, 2002.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4.302 de 1998**. Altera dispositivos da Lei nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974. Diário Oficial da União, Senado Federal. Brasília, 1990. Acesso em: 05 mai. 2018.

BRÊTAS, A. Recreação e a Psicologia Sociohistórica: novas bases, novos caminhos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Gráfica e Editora Potência, 1997. p. 1050-1056.

BRUHNS, H. (Org.). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

BURNIER, S. *et al.* História de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 343-358, mai./ ago. 2007.

BUSTAMENTE, G. O.; RANGEL, I. C. A. Por Uma Vivência Reflexiva de Lazer. **Motriz**, v. 8, n.3, p. 109 – 114, set./ dez. 2002.

CALDEIRA, Ana Maria Salgueiro. A formação de professores de educação física: quais saberes e quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 87-103, mai./ 2001.

CAMARGO, Luiz O. de L. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 28-36, 1998.

CABI, A. H. C. **Uma análise sobre a trajetória e a formação de formadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC)**. 244 f. 2016. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CARVALHO, A. M. **Cultura física e desenvolvimento**. Lisboa: Compendium, 1997.

CÉLIO, I. M. B. **A recreação por diferentes visões: um estudo com pessoas atuantes na recreação na cidade de Campina Grande.** 2014. 22 f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

CEREGATTO, L.; NETO, S. S. **Os saberes da experiência discente na Educação Física.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

CERQUEIRA, V. L. **A inserção do negro no mercado de trabalho brasileiro na década passada.** 2002. 61 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CHATEUBRIAND, L. **Pesquisa constata discriminação racial recorrente no mercado de trabalho.** Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/07/23/interna\\_gerais,885946/negros-ainda-sofrem-desigualdade-no-mercado-de-trabalho.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/07/23/interna_gerais,885946/negros-ainda-sofrem-desigualdade-no-mercado-de-trabalho.shtml)>. Acesso em: 8 jun. 2018.

COSTA, V. L. de M. Formação universitária do profissional de Educação Física: a discussão sobre a andragogia. In: COSTA, V. L. de M. (Org.). **Formação profissional universitária em Educação Física.** Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1997. p. 17-54.

COSTA, C. S.; TAHARA, A.; K. FILHO, S. C. Recreação em hotéis: a concepção de hóspedes e monitores recreacionistas. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, set. 2011.

DELGADO, M. **Conteúdos culturais do lazer: presença e aplicabilidade na hotelaria.** 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

DIAS, C.; ISAYAMA, H. F. **Organização de atividades de lazer e recreação.** São Paulo: Érica, 2014.

DORES, L. A. **Programa BH em Férias: os desafios de uma política intersetorial e os saberes dos profissionais.** 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FARIA, E. L.; ROSA, M. C. Produzindo espaços, apropriando se de lugares: o brincar da rua e da escola a partir das contribuições de Michel de Certeau. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 46-60, 2000.



FÉLIX, J. Entrevistas *online* ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. (Orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 135-154.

FERREIRA, A. B. de H. **O novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, R. A.; SILVA, C. L. Formação profissional em lazer: produção acadêmica no período de 2005 A 2009. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, set. 2012.

FIDALGO, F. S.; MACHADO, L. R. de S. **Dicionário da educação profissional**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação, 2000.

FILHO, M. L. de A.; RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professora de educação física. **Revista Brasileira Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223-38, abr./ jun. 2010.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLLE, A. *et al.* Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 25-29, jan./ mar. 2009.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

FRANÇA, T. L. **Educação-Corporeidade-Lazer: Saber da Experiência Cultural em Prelúdio**. 2003. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

FRANÇA, T. L. A construção do saber na formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas, SP: Papyrus, 2010. p. 103-126.

GAUTHIER, C. *et al.* **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2 ed. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2006.

GOMES, C. L. Lazer e formação profissional na sociedade atual: Repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, p. 47-65, 1998.

GOMES, C. L. Reflexões sobre os significados de recreação e lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). **Conexões**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 115-224, 2003.

GOMES, C. L. AMARAL, M. T. M. **Estudos Avançados do Lazer: metodologia de pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: SISI/DN, 2005.

GOMES, C. L. A contribuição da pesquisa para a formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

GOMES, C. L. Lazer e Formação Profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, J.; GOMES, C.; ELIZALDE, R. (Orgs.). **Desafios e Perspectivas da Educação para o Lazer/Desafíos y Perspectivas de la Educación para el Ocio/Challenges and prospectes of Education for Leisure**. Belo Horizonte: SESC/Otium, 2011a, p. 33-46.

GOMES, C. L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**. Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-25, set. 2011b. Disponível em: <<http://www.anima.eefd.ufrrj.br/licere/sumario.html?ed=29>> Acesso em: 13 mar. 2017.

GOMES, C. L. Lazer como necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 1, n. 1, jan./ abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/327>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

GOMES, I.; MARLI, M. As cores da desigualdade. **Revista Retrato**. n. 11, mai. 2018. p. 14-19. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/revista-retratos.html>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

GOMES, R. de O. **Lazer e atuação profissional: análise do perfil dos profissionais do SESC/MG de Bom Despacho**. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 13., 2012, Belo Horizonte. **Coletânea**. Belo Horizonte: SEER/UFMG, 2012.

ISAYAMA, H. F. **Recreação e lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física**. 2002. 197 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ISAYAMA, H. F. Um olhar sobre a formação profissional no lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 11-19, 2005.

ISAYAMA, H. F. Atuação do Profissional de Educação Física no âmbito do Lazer: a perspectiva da animação cultural. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 407-413, abr./ jun. 2009.

ISAYAMA, H. F. A formação profissional no âmbito do lazer: desafios e perspectivas. In: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010, p. 9-25.

ISAYAMA, H. F. O profissional do lazer. **Sinais Sociais**, n. 23, p. 37-62, set./ dez. 2013.

ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. Lazer e as fases da vida. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008, p. 155-174.

LIMA, J. F. **Ethel Bauzer Medeiros**: Trajetória no campo da recreação e do lazer. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LOPES, T. B. **Sobre o fazer técnico e o fazer político**: a atuação do profissional de lazer no serviço público municipal. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MAFFEI JUNIOR, J. **Valores, lazer e recreação na sociedade contemporânea**. 2004. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MAGNANI, J. G. **Ocupação das ruas para lazer começou com protestos de 2013, diz professor**. 2016. Entrevista concedida à Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/ocupacao-das-ruas-para-lazer-comecou-com-protestos-de-2013-diz-professor>. Acesso em: 18 mai. 2018.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1990.

MARCELLINO, N. C. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação e atuação profissional. **Licere**. Belo Horizonte, n. 1, v. 3, p. 125-133, 2000.

MARCELLINO, N. C. Políticas de lazer: mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas. Autores Associados, 2001, p. 5-29.

MARCELLINO, N. C. Eu corpo: O que gosto, o que posso, o que faço. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. (Orgs.). **O esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Ed. da UNIMEP, p. 269-276, 2002b.

MARCELLINO, N. C. A formação e o desenvolvimento de pessoal em políticas públicas de lazer e esporte. In: MARCELLINO, N. C. **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. São Paulo: Papirus, 2003. p. 9-18.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da Animação**. 8 ed. Campinas: Papirus, 2007.

MARCELLINO, N. C. A relação entre teoria e prática na formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas, SP: Papirus, 2010. (Coleção Fazer/Lazer).

MARCELLINO, N. C.; BARBOSA, F. S.; MARIANO, S. H. Espaços e equipamentos de lazer: apontamentos para uma política pública. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas de lazer**. Campinas: Editora Alínea, 2008, p. 133-152.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARINHO, I. P. *et al.* **Manual de recreação: orientação dos Jazeres do trabalhador**. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1952.

MARINHO, A. *et al.* Grupos de pesquisa em lazer e intercâmbios internacionais. **Licere**. Belo Horizonte, v. 14, n.3, p. 1-21, set. 2011.

MELLO, A. S.; NETO, A. F.; VOTTRE, S. J. Intervenção da Educação Física em Projetos Sociais: Uma Experiência de Cidadania e Esporte em Vila Velha. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 31, n. 1, p. 75-291, set. 2009.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. 2 ed. São Paulo: Manole, 2012.

MELO, V. A. Lazer: Intervenção e conhecimento. In: CONGRESSO REGIONAL SUDESTE DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 1999, Campinas. **Anais...** Campinas: FEF-Unicampo, 1999. p. 17-21.

MELO, V. A. Lazer e Educação Física: Problemas Historicamente Construídos, Saídas Possíveis: Um Enfoque na Questão da Formação. In: WERNECK, C. L. G; ISAYAMA, H. F. **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: autêntica, 2003. p. 57-80.

MELO, V. A. A animação cultural, os estudos do lazer e o estudos culturais: diálogos. **Licere**, v. 7, n. 2, p. 86-103, 2004.

MELO, V. A. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papyrus, 2006.

MELO, V. A. Animação cultural: um ponto de vista desde o Brasil, um ponto de vista desde a América latina. **Revista Iberoamericana**, v. 1, n. 1, out. 2006/ fev. 2007.

MELO, V. A. Contribuições da História para o Estudo do Lazer. In: MELO, V. A. **Lazer: olhares multidisciplinares**. Campinas: Alínea. 2010. p. 12-18.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Temas Sociais).

MORENO, S. T. S. **Lazer/Recreação e Formação Profissional**. 2005. 69 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MRECH, L. M. **Psicanálise e educação: novos operadores de leituras**. São Paulo: Pioneira, 1999.

MRECH, L. *et al.* Conhecimento e saber em experiências de formação de professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23., 2016, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0818t.PDF>. Acesso em: 13 nov. 2016.

OLIVEIRA, V. F de. (Org.). A formação de professores revisita os repertórios guardados na memória. In OLIVEIRA, V. F. de. (Org.) **Imagens de Professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

OLIVEIRA, V. F. Em que espelhos andamos nos projetando? Entre representações e saberes – o professor universitário. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 4, n. 43, p. 1 -10, jul. 2007.

PARAÍSO, M. A. Currículo e formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer em estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010. p. 27 - 58.

PÉREZ-GOMEZ, A. O pensamento prático do professor - a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org.), **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PERRENOUD, P. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, P. *et al.* **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=t\\_nZpaOwj1YC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=t_nZpaOwj1YC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 14 abr. 2018.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. **Cadernos de pesquisa**, n. 94, p. 58-73, 1995. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/839/845>. Acesso em: 03 mai. 2018.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34.

PIMENTEL, G. G. de A. **Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional**. Maringá: Bertoni, 2002, 80 p.

PINA, L. W. Multiplicidade de profissionais e de funções. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer: formação e atuação profissional**. 10 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 117-130.

PINHEIRO, R. R. Um estudo sobre o perfil dos profissionais de lazer e recreação de Florianópolis. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 132-144, dez. 2005.

PINTO, L. M. S. M. **A Recreação/Lazer e a Educação Física: a manobra da autenticidade do jogo**. 1992. Tese (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Em busca do corpo esportista brincante. In: BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Esportes. **O lúdico e as políticas públicas: realidade e perspectivas**. Belo Horizonte, 1995. p. 43-51.

PINTO, L. M. S. M. Lazer e mercado. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1 p.182-188, 2000.

PRADO, A. C. M. **Educação física de tempo livre: tendências para capacitação profissional**. 1988. Tese (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

PUNTES, R. V.; AQUINO, O. F.; NETO, A. Q. Profissionalização dos Professores: Conhecimentos, Saberes e Competências. **Educar**, Curitiba, n. 34, p. 169-184, 2009.

RECHIA, S. Cidadania e o direito ao lazer nas cidades brasileiras: da fábula à realidade. In: GOMES, C.L.; ISAYAMA, H.F. (org.) **O Direito social ao lazer no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2015.

RIBEIRO, O. C. F. O Profissional do lazer nos cruzeiros marítimos: entrei de gaiato no navio? In: CARVALHO, J. E. (Org.). **Lazer no Espaço Urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 279 -289.

RIBEIRO, O. C. F. Os profissionais do lazer nos cruzeiros marítimos: “Navegar é preciso?”. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UAM, 2007.

RIBEIRO, O. C. F. Os navios de cruzeiros marítimos enquanto campo de atuação profissional no lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, mar. 2011.

SALES, F. C. **Perfil dos gestores das empresas de recreação e lazer de Florianópolis**. 2016. 58 f. Trabalho (Graduação) – Escola de Educação Física, Universidade do Sul Santa Catarina, 2016.

SANTOS, A. C. A. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. **Revista Via Atlântica**, n. 4, 1-10, 2000.

SANTOS, C.A.N.L. **O currículo dos cursos técnicos de lazer no Brasil: um estudo de caso da formação profissional**. 2011. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, C. A. N. L. **Formação e atuação profissional**: um estudo comparativo com egressos de cursos técnicos e de graduação em lazer. 2018. 152 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SANTOS, S. **A intervenção no lazer na política de segurança pública**: a construção de saberes de oficinairos no Programa Fica Vivo! 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 2013.

SANTOS, S.; ISAYAMA, H. F. Formação profissional em lazer: a construção e a mobilização de saberes em contextos de violência. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 2, n. 1, p. 89-112, jan./ abr. 2015, Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/1486> Acesso em: 03 mai. 2018.

SANTOS, M. O. *et al.* Estação comunitária do Jardim Gonzaga: processos educativos vivenciados na prática social do lazer In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE: Saberes Docentes, 7., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2007. p. 1543-1555.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SHIGUNOV, A. N. V. (Org.). **Educação Física**: conhecimento teórico e prática pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SILVA, G.S.C. **Acampamentos de férias e lazer**: uma análise de currículos de formação profissional. 2016, 134 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, A. G. **Trajetórias e Construção do Saber Docente de Professores Universitários do Campo do Lazer**. 2010, 125 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, D.A.M.; *et al.* Conceitos e significados de lazer e recreação. In: **Importância da recreação e do lazer**, Brasília, 2011, 52 p. (Cadernos interativos – elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersetoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo).



SILVA, L. T.; DEBORTOLI, J. A. O. O lazer e o brincar. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 18., 2012, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2012, 504 p.

SPINDOLA, T. SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?) **Rev. Esc. Enferm USP**, v. 37, n. 2, p. 119-26, 2003.

STOPPA, E. A. Lazer e mercado de trabalho. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 176-181, 2000.

STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Org.). Lazer e empresa: a questão do lazer dos profissionais do lazer. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer & empresa: Múltiplos olhares**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 163-175.

STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. Lazer, Mercado de Trabalho e Atuação Profissional. In: WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. **Lazer e Mercado**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 71-100.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M. As emoções da prática lúdica nos hotéis de lazer: atuação do profissional recreacionista. **Corpoconsciência**, Santo André, n. 12, p. 71-84, jul./dez. 2003.

TANNO, J.L. A rua como espaço de socialização e lazer. São Paulo (1920-1945). **Patrimônio e Memória**, UNESP, v. 5, n. 1, p. 64-60, out. 2009.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 73, dez. 2000.

TAVARES, L. R. C. *et al.* Distribuição territorial de fisioterapeutas no Brasil: análise do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde CNES/2010. **ConScientia e Saúde**, v. 15, n. 1, p. 53-61, 2016.

TERRIEN, J. **Uma abordagem para o estudo do saber da experiência das práticas educativas**. Fortaleza: FACED-UFC, 1995.

TORRES, V. B. de A. **Os saberes docentes do professor universitário do curso de direito expressos no discurso e na prática: limites e possibilidades**. 2006. 167 f. Mestrado (Dissertação em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

TRIGO, L. G. G. A educação e lazer, turismo e hotelaria nas sociedades atuais. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer e empresa**. Campinas: Papirus, 2000. p. 51-63.

UNGHERI, B. O. **A atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer: saberes e competências**. 2014. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

WERNECK, C. L G. Lazer e diversidade cultural: Perspectivas na formação e no mercado profissional. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 9., 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/EEF/Celar, 1997. p. 189-198.

WERNECK, C. L G. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

WERNECK, C. L. G. Lazer e Mercado: Panorama Atual e implicações na sociedade brasileira. In: WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. **Lazer e Mercado**. Campinas: Papirus, 2001, p. 13-44.

WERNECK, C. L G. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. In: WERNECK, C. L G.; ISAYAMA, H. F. (ORG.). **Lazer, Recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

WENECK, C.L.G.; ISAYAMA, H.F. Lazer, cultura, indústria cultural e consumo. In: WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. **Lazer e Mercado**. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 45-70.

VITORIA, E. M. *et al.* Perfil dos profissionais atuantes na área de recreação hoteleira do município de Foz do Iguaçu, PR. EFDeportes.com, **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 17, n. 168, mai. 2012. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

VENTOLA, L. R. **A conduta lúdica de crianças em hotéis e acampamentos na visão dos monitores**. 1997. 50 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

## APÊNDICE A – TERMO DE ANUÊNCIA AO CLUBE DOS RECREADORES

A mestranda Larissa Silva Guimarães, enviou este termo para a empresa CLUBE DOS RECREADORES convidando-os para colaborar com a pesquisa vinculada ao Curso de Mestrado em Estudos do lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada: “Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho”.

A pesquisa tem como objetivo descrever e analisar a trajetória e a construção de saberes de recreadores ligados a empresa CLUBE DOS RECREADORES, identificando as relações no âmbito da atuação profissional no lazer. Para esta investigação faz-se necessário analisar a trajetória profissional dos recreadores; compreender como os saberes pessoais e profissionais são construídos e articulados com a sua trajetória de atuação como recreador; analisar as experiências e pessoas que influenciaram a construção de saber de recreadores; discutir e analisar os limites e as possibilidades na intervenção profissional no campo da recreação e do lazer. Estudar a trajetória de vida e da atuação dos recreadores se justifica porque fenômeno lazer e a construção dos saberes podem apresentar diferentes concepções e apropriações pelos sujeitos envolvidos, além de poder estreitar os vínculos entre a universidade e os demais profissionais atuantes no campo da recreação e do lazer. Conhecer quem são esses profissionais e como desenvolvem sua trajetória pode contribuir para a reflexão do processo de formação e atuação profissional no campo do lazer.

Logo, estamos cientes da realização, de forma voluntária, da aplicação de questionário digital, autoaplicável, a ser enviado a todos sujeitos ligados ao Clube dos Recreadores. Será garantido, ainda, o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações que só serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa, para isso, os dados coletados serão mantidos no Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer (ORICOLÉ). A instituição e os sujeitos serão apresentados apenas por nome fictício ou número escolhido pela equipe de pesquisadores, preservando suas identidades. A coleta de dados se iniciará após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade da mestranda, e não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os participantes ou para a instituição. Os voluntários deste estudo estarão livres para se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízos quaisquer.

Temos conhecimento da realização da pesquisa proposta pela mestranda e coordenada pelo Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama. Sabemos também que estes pesquisadores

podem ser contatos pelos telefones (31) 99238-4890 e (31) 99278-9501 / (31) 3409-2337, respectivamente ou pelos e-mails [larasguimaraes@hotmail.com](mailto:larasguimaraes@hotmail.com) e [helderisayama@yahoo.com.br](mailto:helderisayama@yahoo.com.br).

Por meio deste consentimento, declaramos que fomos informados dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, autorizando assim a participação voluntária Do Clube dos Recreadores

Autorização:

---

Clube dos Recreadores

Responsáveis pela Pesquisa:

---

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama  
Prof. Orientador da Pesquisa

---

Larissa Silva Guimarães Arruda  
Aluna do Programa de Mestrado

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –  
QUESTIONÁRIO *ONLINE***

**Pesquisa: PERFIL E TRAJETÓRIA DE RECREADORES: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO MERCADO DE TRABALHO**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho” da mestrandia Larissa Silva Guimarães Arruda e coordenado pelo pesquisador responsável Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama, ambos do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa tem o objetivo de descrever e analisar a trajetória e a construção de saberes de recreadores brasileiros, identificando as relações no âmbito da atuação profissional no lazer. E ainda, analisar a trajetória profissional dos recreadores; compreender como os saberes pessoais e profissionais são construídos e articulados com a sua trajetória de atuação como recreador; analisar as experiências e pessoas que influenciaram a construção de saber de recreadores; discutir e analisar os limites e as possibilidades na intervenção profissional no campo da recreação e do lazer. Entendemos que este estudo poderá contribuir para a compreensão de como os recreadores desenvolvem sua trajetória, trazendo reflexões para o processo de formação e atuação profissional no campo do lazer.

Para a coleta de dados utilizaremos questionário *online* com os recreadores atuantes no âmbito nacional que serão analisados para fins desse estudo como fonte de informações. Os resultados serão arquivadas no Oricolé – Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer da UFMG por um período de cinco anos. Os respondentes serão identificados apenas por um número ou nome fictício escolhido pela equipe de pesquisadores e suas identidades não serão reveladas publicamente. A coleta de dados foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFMG, garantindo a eticidade da pesquisa e o respeito à dignidade e autonomia dos participantes.

Esta pesquisa, ao solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido aos sujeitos garante o anonimato dos participantes e o sigilo no tratamento das informações obtidas e ainda prevê que não acarretará malefícios aos participantes. Considerando os fundamentos éticos e científicos, os pesquisadores garantem que os riscos e desconfortos previsíveis da resposta ao questionário, como constrangimentos, serão evitados. Além disso, os voluntários deste estudo estarão livres para se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízos quaisquer.

Entendemos que este estudo poderá contribuir para a compreensão de como os recreadores desenvolvem sua trajetória, trazendo reflexões para o processo de formação e atuação profissional no campo do lazer. Nesse sentido, a participação dos recreadores brasileiros na coleta de dados é fundamental. Assumimos o dever de tornar público o resultado desta pesquisa e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer etapa do estudo. Disponibilizamos-nos por meio do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Oricolé – laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte - MG, (31) 3409-2337 e divulgamos os dados do Comitê de Ética da UFMG (COEP) para esclarecimentos estritamente relacionados às dúvidas de ordem ética: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592. E com os endereços eletrônicos: Larissa Silva Guimarães Arruda – [larasguimaraes@hotmail.com](mailto:larasguimaraes@hotmail.com) e Hélder F. Isayama – [helderisayama@yahoo.com.br](mailto:helderisayama@yahoo.com.br).

Declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, da pesquisa acima descrita.

Caso concorde em participar, clique em iniciar a pesquisa agora.

**APÊNDICE C – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO *ONLINE***

Todas as perguntas possuem caráter obrigatório de resposta.

**DADOS PESSOAIS:****Nome Completo:****Sexo:**

- Feminino
- Masculino

**Idade:****A sua raça ou cor é:**

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena

**Cidade em que reside:** \_\_\_\_\_**FORMAÇÃO ACADÊMICA****1) Qual o seu grau de formação?**

- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Médio Completo.
- Ensino Médio Incompleto.
- Curso Técnico
- Ensino Superior Completo.
- Ensino Superior Incompleto.
- Pós Graduação Latu Sensu.
- Mestrado.
- Doutorado

**2) Caso tenha ensino superior completo e/ou incompleto, qual o curso? (Você pode selecionar mais de uma opção)**

- Educação Física
- Lazer e Turismo
- Pedagogia
- Administração

- Terapia Ocupacional
- Fisioterapia
- Ciências Sociais
- Turismo
- Serviço Social
- Artes Cênicas
- Artes Plásticas
- Outra: \_\_\_\_\_

**3) Caso tenha pós graduação *latu sensu*, mestrado e/ou doutorado, em qual área? (Você pode selecionar mais de uma opção)**

- Estudos do Lazer
- Recreação e Lazer
- Educação Física
- Educação
- Turismo e Hotelaria
- Outra: \_\_\_\_\_

**4) Caso tenha ensino técnico, qual curso? (Você pode selecionar mais de uma opção)**

- Técnico em lazer
- Técnico em Guia de Turismo
- Técnico em Hotelaria
- Técnico em Eventos
- Técnico em agenciamentos de viagens
- Técnico em cozinha
- Técnico em serviços de bar e restaurante

**DADOS PROFISSIONAIS:**

**5) Há quanto tempo atua como recreador?**

- Há menos de 1 ano
- De 1 a 3 anos
- De 3 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- De 10 a 15 anos
- Acima de mais de 15anos
- Outro: \_\_\_\_\_



**6) Qual a sua expectativa / pretensão de permanecer atuando no campo da recreação e do lazer?**

- Nos próximos 6 meses
- Por mais de 12 meses
- Por mais de 24 meses
- Para o resto da vida
- Até encontrar outro emprego
- Não tem expectativa de permanecer na área

**7) Em qual setor você atua? (Você pode assinalar mais de uma opção)**

- Setor Privado (Clube / Hotel / Resort / Escola / Shopping / Buffet)
- Setor Público (Secretaria de Esporte e Lazer / Outra Secretaria / Programa ou Projeto / Eventos)
- Terceiro Setor (Organização Não Governamental)

**8) Local de Atuação (Você pode assinalar mais de uma opção)**

- Empresa de Eventos
- Hotel
- Resorts
- Spas
- Clube
- Colônia de Férias
- Acampamento
- Academia
- Brinquedoteca
- Parque Temático
- Cruzeiro marítimo
- Museu
- Centro Cultural
- Hospital
- Centro de Reabilitação
- Prefeitura
- Organização Não Governamental (ONG)
- Secretária Estadual
- Projetos ou Programas Federais
- Cooperativas

- Condomínio
- Shoppings
- Entidade Patronal (SESC, SESI, SENAI, SENAT)
- Parque Público
- Outro: \_\_\_\_\_

**9) Qual cargo você ocupa?**

- Coordenador(a)
- Gestor(a)
- Diretor(a)
- Recreador (a)
- Animador(a)
- Monitor(a)
- Outro: \_\_\_\_\_

**10) Qual função ou funções você desenvolve neste setor? (Você pode assinalar mais de uma opção)**

- Organiza eventos
- Elabora atividades de recreação e lazer
- Executa atividades de recreação e lazer
- Coordena atividades de recreação e lazer
- Avalia atividades de recreação e lazer
- Planeja atividades de recreação e lazer
- Supervisiona estagiários na área de recreação e lazer
- Consultorias sobre recreação e lazer
- Assessoria sobre recreação e lazer
- Realiza cursos / treinamentos sobre recreação e lazer
- Elabora informes técnicos, científicos e/ou pedagógicos sobre recreação e lazer
- Ministra aulas sobre recreação e/ou lazer
- Administram equipamentos e materiais para recreação e lazer
- Outro: \_\_\_\_\_

**11) Como você se sente com a função que desempenha?**

**Porque você sente da maneira como descreveu?**

**12) Vínculo de Trabalho**

- Freelancer (contratação esporádica, sem vínculo empregatício)
- Autônomo (prestador de serviço, sem vínculo empregatício)

- Assalariado (com vínculo empregatício)
- Terceirizado (composição do quadro de prestadores de serviço possuindo ou não vínculo empregatício)
- Concursado (cargo público)
- Micro Empreendedor Individual (MEI)
- Cargo de Confiança (Setor Público)
- Outro: \_\_\_\_\_

**13) Qual a sua renda salarial mensal (apenas com o trabalho desenvolvido no campo da recreação e do lazer)**

- Menos de um salário mínimo
- 1 salário mínimo
- De 1 a 2 salários mínimos
- De 2 a 3 salários mínimos
- De 3 a 4 salários mínimos
- De 4 a 5 salários mínimos
- De 5 a 6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

**14) Como você se sente em relação a remuneração recebida por seu trabalho?**

**Porque você sente da maneira como descreveu?**

**15) O trabalho no campo da recreação e do lazer é a sua única fonte de renda?**

- Sim
- Não

Em casa negativo, especifique qual outro trabalho desenvolve: \_\_\_\_\_

**16) Qual (is) pontos positivos do trabalho com a recreação e o lazer?**

- Satisfação pessoal
- Trabalho ser divertido
- Trabalho ser dinâmico
- Trabalhar com pessoas de diferentes áreas e/ou formação
- Possibilidade de exercer a criatividade durante o trabalho
- Possibilidade de exercer mais de uma função no trabalho
- Possibilidade de conhecer pessoas
- Possibilidade de atender ou trabalhar com diferentes públicos (criança, jovens, adultos e idosos)
- Possibilidade de atuar em lugares diferentes

Remuneração

Outros: \_\_\_\_\_

**17) Qual (is) pontos negativos do trabalho com a recreação e o lazer?**

Baixa remuneração

Trabalho concentrado nas férias e finais de semana

Excesso de mão de obra desqualificada no mercado

Longas jornadas de trabalho

Sazonalidade do mercado de trabalho

Pouca valorização do profissional pela sociedade

Outros: \_\_\_\_\_

**18) É necessário ter um perfil para atuar com a recreação e com o lazer?**

Sim

Não

**19) Que características o profissional que atua com recreação e lazer precisa ter? (Você pode assinalar mais de uma opção)**

Comunicativo

Simpático

Alegre

Dinâmico

Educado

Ético

Gostar de crianças

Amor pelo que faz

Conhecimento teórico sobre recreação e lazer

Conhecimento de diversas técnicas de animação e de intervenção

Conhecimentos específicos em atividades físicas, esportes, dança, ginástica, jogos, brincadeiras

Outro: \_\_\_\_\_

**20) Há quanto tempo é associado a ABRE?**

Há menos de 1 ano

De 2 a 3 anos

De 3 a 4 anos

De 4 a 5 anos

De 5 a 6 anos

- De 6 a 7 anos
- De 7 a 8 anos
- De 8 a 9 anos
- De 9 a 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Outro: \_\_\_\_\_

**21) Como conheceu a ABRE?**

- Por indicação de profissionais
- Meios de comunicação (Internet, Jornais, TV, Rádio)
- Participação em eventos promovidos pela instituição
- Outro: \_\_\_\_\_

**22) Qual (is) motivo (s) levaram você associar a ABRE? (Você pode assinalar mais de uma opção)**

- Contato com outros profissionais
- Ampliar conhecimentos na área
- Busca de formação / informação / capacitação
- Busca de materiais para a formação como recreador
- Busca por eventos voltados para a formação e atuação profissional
- Valorização como recreador
- Outro: \_\_\_\_\_

**RELAÇÃO FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

**23) Você acredita ser necessário possuir uma formação acadêmica e/ou profissional para atuar com a recreação e o lazer?**

- Sim
- Não

**24) Caso tenha participado dos percursos formativos no campo do lazer e da recreação, quais dos itens a seguir você considera que influenciaram sua carreira:**

- Livros
- Professores
- Mercado de Trabalho
- Associação
- Universidade
- Projetos / Programas de Recreação e Lazer

**25) O que mais o / a influenciou para atuar no campo da recreação e do lazer?**

- Já ter trabalhado na área da recreação e do lazer antes de se formar
- Vocação com a área da recreação e do lazer
- Possibilidade de melhorar a renda mensal
- Diversidade de áreas de atuação que o campo da recreação e do lazer proporciona
- Exigência da empresa que trabalha
- Outro: \_\_\_\_\_

**26) Como você busca conhecimento para atuar com a recreação e o lazer?**

- Troca de informações com outros profissionais
- Cursos de extensão
- Congressos / eventos acadêmicos
- Livros
- Vídeos
- Blogs e sites na internet
- Capacitação
- Outro: \_\_\_\_\_

**27) Caso você busque conhecimento em cursos de extensão, congressos /eventos acadêmicos, isso ocorre com qual frequência?**

- Um curso e/ou congresso / evento acadêmico por ano
- Dois cursos e/ou congresso / evento acadêmico por ano
- Três cursos e/ou congresso / evento acadêmico por ano
- Mais de três cursos e/ou congresso / evento acadêmico por ano

**28) De que maneira os conhecimentos adquiridos em (cursos, associação, projetos, programas, lazer, trabalho) tem contribuído com a sua atuação profissional?**

**29) Qual a frequência de sua leitura (livros, artigos, dissertação, teses) sobre a recreação e lazer?**

- Não tenho o hábito de ler
- Um por ano
- De 2 a 3 por ano
- De 4 a 6 por ano
- De 7 ou mais por ano

**30) Qual (is) práticas de lazer você considera presentes em sua vida, desde a infância?**

(Você pode assinalar mais de uma opção)

- Cinema
- Colônia de férias

- Acampamentos
- Festas (família, amigos, comunitária, religiosa, churrascos)
- Jogos e/ou brincadeiras
- Viajar
- Outra: \_\_\_\_\_

**31) Suas experiências pessoais de Lazer contribuem ou já contribuíram de alguma forma para sua formação e atuação no campo da recreação e do lazer?**

- Sim
- Não

De que maneira: \_\_\_\_\_

**32) Qual (is) saberes e competências você julga necessários a um profissional que atua com a recreação e com o lazer? (Você pode assinalar mais de uma opção)**

Saberes:

- Específicos na área de intervenção (recreação e lazer)
- Identificados (compreensão dos grupos que serão atendidos por seus programas e ações, levando-se em conta as dimensões biológicas e sociais dos sujeitos)
- Gestão (gestão de pessoas, gestão de finanças, estratégia, liderança, elaboração e gestão de projetos).

Competências:

- Capacidade de se relacionar com a comunidade e de se atuar em redes ou de forma intersetorial.
- Necessidade de se conceber e implementar propostas.
- Atuar na perspectiva gerencial (capaz de planejar, organizar, dirigir e controlar as atividades próprias e de outras pessoas, ou seja, liderar pessoas, lidar com alocação de recursos, elaborar projetos, formar e capacitar quadros profissionais).

## APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA

### **Título da pesquisa: PERFIL E TRAJETÓRIA DE RECREADORES: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO MERCADO DE TRABALHO**

Nome

Idade

Local da entrevista

Data da entrevista

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Escolaridade e Área de Formação:

- 1) Fale sobre a sua trajetória pessoal – formação escolar/acadêmica, lazer, esporte, atividades artísticas
- 2) Porque e onde você iniciou sua atuação profissional com a recreação e o lazer?
- 3) Levando em consideração seu percurso profissional, em quais lugares trabalhou e quais experiências adquiriu nesses locais?
- 4) Em sua opinião, quais pessoas, grupos e/ou momentos, marcaram a sua trajetória? Como eles contribuíram ou influenciaram para sua formação e atuação profissional como recreador(a)?
- 5) Suas experiências pessoais de Lazer contribuem ou já contribuíram de alguma forma para sua formação e atuação no campo da recreação e do lazer? Se sim, de que maneira?
- 6) De que maneira os saberes mobilizados por (cursos, associação, projetos, programas, lazer, trabalho) tem contribuído com a sua atuação profissional?
- 7) Quais conhecimentos, competências ou habilidades você julga necessários a um profissional que atua com a recreação e com o lazer?
- 8) Você sente falta de algum tipo de conhecimento que julga necessário para sua atuação profissional?
- 9) Você gostaria de fazer mais alguma consideração? (Algo que não foi contemplado e que você considera importante).



## APÊNDICE E – TERMO DE ANUÊNCIA CIRANDA DE RODA

A mestranda Larissa Silva Guimarães, enviou este termo para a empresa Ciranda de Roda convidando-os para colaborar com a pesquisa vinculada ao Curso de Mestrado em Estudos do lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada: “Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho”.

A pesquisa tem como objetivo descrever e analisar a trajetória e a construção de saberes de recreadores ligados a empresa Ciranda de Roda, identificando as relações no âmbito da atuação profissional no lazer. Para esta investigação faz-se necessário analisar a trajetória profissional dos recreadores; compreender como os saberes pessoais e profissionais são construídos e articulados com a sua trajetória de atuação como recreador; analisar as experiências e pessoas que influenciaram a construção de saber de recreadores; discutir e analisar os limites e as possibilidades na intervenção profissional no campo da recreação e do lazer. Estudar a trajetória de vida e da atuação dos recreadores se justifica porque fenômeno lazer e a construção dos saberes podem apresentar diferentes concepções e apropriações pelos sujeitos envolvidos, além de poder estreitar os vínculos entre a universidade e os demais profissionais atuantes no campo da recreação e do lazer. Conhecer quem são esses profissionais e como desenvolvem sua trajetória pode contribuir para a reflexão do processo de formação e atuação profissional no campo do lazer.

Logo, estamos cientes da realização, de forma voluntária, da aplicação de entrevista semiestruturada realizada com os recreadores da empresa, todas previamente marcada de acordo com a disponibilidade de cada recreador. Será garantido, ainda, o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações que só serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa, para isso, os dados coletados serão mantidos no Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer (ORICOLÉ). A instituição e os sujeitos serão apresentados apenas por nome fictício ou número escolhido pela equipe de pesquisadores, preservando suas identidades. A coleta de dados se iniciará após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade da mestranda, e não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os participantes ou para a instituição. Os voluntários deste estudo estarão livres para se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízos quaisquer.

Temos conhecimento da realização da pesquisa proposta pela mestranda e coordenada pelo Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama. Sabemos também que estes pesquisadores

podem ser contatos pelos telefones (31) 99238-4890 e (31) 99278-9501 / (31) 3409-2337, respectivamente ou pelos e-mails [larasguimaraes@hotmail.com](mailto:larasguimaraes@hotmail.com) e [helderisayama@yahoo.com.br](mailto:helderisayama@yahoo.com.br).

Por meio deste consentimento, declaramos que fomos informados dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, autorizando assim a participação voluntária da Ciranda de Roda.

Autorização:

---

Ciranda de Rodas

Responsáveis pela Pesquisa:

---

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama  
Orientador da Pesquisa

---

Larissa Silva Guimarães Arruda  
Aluna do Programa de Mestrado

**APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**Pesquisa: PERFIL E TRAJETÓRIA DE RECREADORES: UMA ANÁLISE DA**  
**ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO MERCADO DE TRABALHO**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Perfil e trajetória de recreadores: uma análise da atuação profissional no mercado de trabalho”, da mestranda Larissa Silva Guimarães Arruda e coordenado pelo pesquisador responsável Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama, ambos do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa tem o objetivo de descrever e analisar a trajetória e a construção de saberes de recreadores brasileiros, identificando as relações no âmbito da atuação profissional no lazer. E ainda, analisar a trajetória profissional dos recreadores; compreender como os saberes pessoais e profissionais são construídos e articulados com a sua trajetória de atuação como recreador; analisar as experiências e pessoas que influenciaram a construção de saber de recreadores; discutir e analisar os limites e as possibilidades na intervenção profissional no campo da recreação e do lazer. Entendemos que este estudo poderá contribuir para a compreensão de como os recreadores desenvolvem sua trajetória, trazendo reflexões para o processo de formação e atuação profissional no campo do lazer.

Para a coleta de dados utilizaremos entrevistas semiestruturadas com os recreadores atuantes na cidade de Belo Horizonte - MG. As entrevistas serão gravadas, transcritas e analisadas para fins desse estudo como fonte de informações. As gravações das entrevistas serão arquivadas no Oricolé – Laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer da UFMG por um período de cinco anos. As entrevistas serão realizadas pessoalmente pela mestranda pesquisadora que irá ao encontro do entrevistado recreador, no local que este indicar para a realização da mesma. As entrevistas tem previsão de durabilidade de 30 a 60 minutos. Comprometemos garantir o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações que só serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa. Os entrevistados serão identificados apenas por um número ou nome fictício e suas identidades não serão reveladas publicamente.

Assim esclarecemos que podemos previamente prever os riscos de exposição e consequente desconforto do voluntário resultantes do processo de entrevista, dessa forma os entrevistados devem ficar à vontade para participar da pesquisa. Esclarecemos que todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade da mestranda, não havendo qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Asseguramos total liberdade

aos participantes que poderão recusar a participar ou mesmo retirar seu consentimento sem qualquer tipo de ônus para ambas as partes envolvidas (pesquisado e pesquisador). Após a análise dos dados os resultados da pesquisa serão divulgados somente no meio acadêmico (congressos, seminários, periódicos). Assumimos o dever de tornar público o resultado desta pesquisa e reiteramos nossa disponibilidade na prestação de esclarecimentos, em qualquer etapa do estudo. Disponibilizamos-nos por meio do endereço Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Oricolé – laboratório sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG, (31) 3409-2337 e divulgamos os dados do Comitê de Ética da UFMG (COEP) para esclarecimentos estritamente relacionados às dúvidas de ordem ética: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592. E com os endereços eletrônicos: Larissa Silva Guimarães Arruda – [larasguimaraes@hotmail.com](mailto:larasguimaraes@hotmail.com) e Hélder F. Isayama – [helderisayama@yahoo.com.br](mailto:helderisayama@yahoo.com.br).

O Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) segue em duas vias, sendo uma cópia para o entrevistado voluntário e uma cópia para pesquisadora.

Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e concorda em ser voluntário favor assinar o protocolo abaixo dando o seu consentimento formal.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do recreador(a) voluntário (a)

Responsáveis pela Pesquisa:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama  
Orientador da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Larissa Silva Guimarães Arruda  
Aluna do Programa de Mestrado